

"Nancy Pickard tem o dom de contar belas histórias." *The New York Times Book Review*

Nancy Pickard
DIAS DE CHUVA
E TEMPESTADE

Há segredos que não devem ser revelados.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DIAS DE CHUVA
E TEMPESTADE



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Nancy Pickard

DIAS DE CHUVA
E TEMPESTADE



Título original: *The Scent of Rain and Lightning*
Copyright © 2010 por Nancy Pickard
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Ballantine Books, um selo da
Random House Publishing Group, uma divisão da Random House, Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução:

Marcello Lino

preparo de originais:

Felipe Harrison

revisão:

José Tedin e Luis Américo Costa

diagramação:

Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa:

Rodrigo Rodrigues

imagem de capa:

Laurence Winram / Trevillion Images

epub:

Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P661d

Pickard, Nancy

Dias de chuva e tempestade [recurso eletrônico] / Nancy Pickard [tradução de Marcello
Lino]. São Paulo: Arqueiro, 2012.

recurso digital

Tradução de: *The scent of rain and lightning*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-062-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lino, Marcello. II. Título.

12-2027

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Com amor e apreço pelas bibliotecas grandes e pequenas

9 de junho de 2009

ATÉ OS 26 ANOS, Jody Linder desconfiava da felicidade. A jovem odiava esse estado de espírito que costumava estragar os momentos agradáveis, mas, afinal de contas, ela morava em Rose, no Kansas.

No ano anterior, um tornado tinha matado três pessoas a poucos quilômetros de sua cidade natal. Um tornado enquanto o sol brilhava no céu! No inverno havia tempestades de granizo e no verão, incêndios. Conhecidos decretavam falência, perdiam suas casas, fazendas e seus empregos. Ou morriam inesperadamente.

Uma pessoa podia pertencer a uma família honesta que levava uma vida pacata em uma pequena cidade no meio do nada e, em uma inocente noite de sábado, homens surgiam como tornados e transformavam os moradores honestos em protagonistas mortos de um livro de Truman Capote. Coisas desse tipo aconteciam, não era paranoia. Era um *fato* terrível que Jody conhecia melhor do que ninguém, ou, pelo menos, melhor do que qualquer pessoa que não teve o pai assassinado aos três anos e a mãe desaparecida na mesma noite.

Coisas desse tipo aconteciam e ela estava ali para mostrar. Portanto, com o passado a provar que o presente não era confiável, a felicidade deixava Jody Linder ansiosa. O sentido de proteção fazia com que ela inspecionasse os cantos, levantasse as tampas das lixeiras e abrisse as cortinas do chuveiro com medo de que pudesse haver alguém escondido. Afinal, podia acontecer de um assassino estar escondido em um canto, insetos ficarem à espreita nas lixeiras e aranhas pularem das banheiras.

A felicidade era frágil, preciosa e suspeita. *Depois da ascensão vem a queda*, ela acreditava, o que explicava suas palpitações enquanto estava nua na cama com Red Bosch no meio de uma linda tarde do Kansas. O ar tinha um cheiro bom para um dia quente e a luz penetrando pelas cortinas de ilhoses parecia suave para o horário. Um presságio ainda pior era o fato de o sexo com aquele homem que ela não amava ter sido bom a ponto de ele merecer algum tipo de confiança após os momentos de satisfação de ambos. Ela permanecera de olhos abertos, pois tinha visto o sorriso malicioso de Red, satisfeito consigo mesmo.

Não se vanglorie, Jody quase deixou escapar, mas pensou que, primeiro, não era gentil da parte dela e ele não merecia aquelas palavras e, segundo, não havia *motivo* para Red não se vangloriar. Ele sabia montar a cavalo, arrebanhar gado, colher feno e fazer aquilo. Ela não conseguia imaginar melhores talentos em um homem.

– Garota bonita – murmurou Red, passando um dedo preguiçoso pelo peito.

– Garota suada – rebateu Jody, retirando a mão dele e colocando-a de volta sobre sua barriga úmida.

Ele riu, com um rugido de autossatisfação que vinha do fundo do peito. Uma brisa quente com cheiro de pólen entrou pela janela aberta. Ela sentiu um perfume de madressilvas, que ainda estavam fora de época, e de lilases, que haviam florescido e murchado. Aquilo era impossível, fruto de sua imaginação, típica ilusão que o menor sentimento de alegria provocava.

O casal estava deitado de costas, como filhotes bem alimentados que tiveram suas barrigas acariciadas por meia hora. A poucos centímetros de Red, para que seus corpos não se tocassem nem ficassem pegajosos, Jody suspirou de prazer. Imediatamente quis inspirar o ar de volta para seus pulmões, porque ninguém no universo poderia saber daquilo.

Depois da ascensão vem a queda...

O barulho de um carro entrando na sua rua fez com que ela se virasse para a janela, pronta para uma surpresa desagradável.

– Você ouviu isso, Red?

– O quê?

– Shh!

O barulho de um motor foi seguido pelo de um segundo, acompanhado por um terceiro, o que multiplicou exponencialmente seu estado de alerta. Ela apoiou os cotovelos na cama e levantou a cabeça para ouvir melhor. Aquele movimento talvez passasse despercebido em um lugar como Kansas City, 550 quilômetros ao leste, ou em Denver, 400 quilômetros ao oeste. Mas aquela era uma das ruas mais silenciosas de uma cidade tão pequena a ponto de Jody ouvir os vizinhos darem a partida nos carros em suas garagens do outro lado da rua e saber se estavam atrasados para o trabalho.

– Alguém estacionou lá fora.

– Quem?

Ela lançou um olhar de reprovação para ele.

Às vezes Jody se perguntava se Red não tinha um parafuso a menos.

– *O quê?* – repetiu ele com um meio sorriso.

Red era 13 anos mais velho, porém Jody se achava mais amadurecida. Ela se levantou de seus novos lençóis brancos e desceu da velha cama de nogueira com seus travesseiros, cobertores e colchão de molas. Quando seus pés tocaram as tábuas enceradas do piso, ela correu até a janela, muito mais alta do que seu 1,60 m, para ver o que estava acontecendo. Funcionários da prefeitura? Era improvável, já que aquela rua estava esquecida havia tempo pela administração municipal.

Jody olhou para fora e entrou em pânico.

– Meu Deus, Red! Levante-se e vá se vestir! Você tem de ir embora agora!

Do segundo andar onde estava, viu a imagem assustadora de seus três tios estacionando suas picapes na frente da casa de seus pais. Jody ainda se referia àquele lugar como a casa dos pais, apesar de Hugh-Jay e Laurie Jo Linder estarem ausentes durante a maior parte de sua vida. Aquela ainda era a casa deles para a filha única do casal, sobrevivente de uma noite violenta 23 anos antes, e para toda a população do condado de Henderson, que levava o nome do bisavô materno de seu pai.

– O que é essa coisa terrível que estou vendo? – sussurrou ela diante da janela alta, repetindo o verso de Shakespeare. Seu mestrado em literatura inglesa havia sido uma grande conquista, mas ela logo teve dúvidas quanto à sua utilidade.

– Quem é? Seu outro namorado?

O tom de Red era de brincadeira, mas com uma ponta de insegurança.

– Não tenho outro namorado. Não tenho *nenhum* namorado.

A rispidez de sua fala deu àquelas palavras uma conotação maldosa e ela imediatamente se arrependeu.

– O que eu sou então? – perguntou Red baixinho.

O adjetivo *conveniente* veio à mente de Jody, mas ela preferiu ficar quieta. Além de conveniente, ele era o único homem disponível em um raio de quilômetros que não fosse novo ou velho demais. Ou um parente. Olhou novamente para a figura esbelta do amante esparramada sobre os lençóis. Os dedos de Jody sabiam que aquele corpo comprido era marcado por cicatrizes, hematomas e pequenas feridas recentes.

Red não era o mais cuidadoso dos vaqueiros. Ele costumava ser atirado ao chão, sacudido e pisoteado com mais frequência do que os peões de rodeios, algo de que ele nem participava mais. Ele agora não passava de um ajudante de fazenda. Às vezes Jody pensava que talvez fosse por isso que gostasse dele, por Red ser um vaqueiro sem maiores pretensões. Também era verdade que os corpos de outros homens – dos contadores ou advogados (ainda que ela nunca tivesse tido um caso com um deles) – eram sem graça quando comparados ao interessante relevo de um vaqueiro.

– Então? – ele a desafiou.

Jody lançou um olhar de raiva para Red: a pergunta a irritara e ela não conseguia pensar em nenhuma resposta verdadeira que não fosse magoá-lo. Virou as costas e fixou a atenção na imagem inquietante do outro lado da janela, escondendo seu corpo atrás das novas cortinas brancas. A brisa quente soprava perigosamente à sua volta, ameaçando expor sua nudez a qualquer um de seus tios que por acaso olhasse para cima.

Jody mordeu o lábio superior.

Red tinha chupado uma bala de menta depois do almoço no Café Rose. Jody ainda sentia o gosto dela, além do molho de pimenta e do sabor picante da boca do vaqueiro. Sentia também o toque áspero na sua pele, uma sensação tão vívida que podia jurar que as mãos calejadas dele ainda estavam sobre ela. E aquela era a última coisa que gostaria de sentir ao ver seus tios chegando.

Experiência também foi a última coisa que a escola local procurou em seu currículo ao contratá-la como nova professora de inglês. Ela ficara exultante ao conseguir o emprego, mas logo conteve a euforia. Afinal, qual era a garantia de se manter empregada em um momento econômico tão incerto? E se ela não fosse uma boa professora, se as crianças a odiassem e se os pais se opusessem à leitura de *O apanhador no campo de centeio*?

As portas de três picapes foram fechadas – *bum, bum, bum* – com o baque característico de veículos bem construídos. Seus tios se reuniram na calçada. *O que eles estão fazendo aqui e por que eu não sei nada a respeito?* O tio Chase deveria estar no Colorado, administrando a fazenda da família ao leste das montanhas Rochosas. O lugar de tio Bobby era em Nebraska, à frente da terceira fazenda da família, na região de Sand Hills. Por fim, ela imaginava o tio Meryl em seu escritório de advocacia em Henderson City, capital do condado, a 40 quilômetros dali.

– Ei – disse Red, com a voz de um homem que se sente ignorado.

– Shh!

De seu esconderijo privilegiado, ela observava tudo com pavor crescente. Seus tios estavam reunidos na calçada em frente à varanda, formando um trio alto e de ombros largos. Tio Chase esmagou uma guimba no chão e depois a guardou no bolso da camisa. Ele não era um homem cuidadoso, porém, como qualquer fazendeiro, tinha medo de incêndios.

Os três começaram a andar em direção à porta da casa: homens grandes com botas de vaqueiro, calças justas, camisas de algodão e seus melhores chapéus no estilo caubói, próprios para o verão. Os chapéus por si só eram um sinal preocupante. O trio usava seus melhores chapéus em casamentos, funerais e feiras agropecuárias, preferindo bonés no dia a dia. Meryl ainda

usava uma gravata e um dos terríveis paletós quadriculados que a tia Belle não conseguia fazer sumir de seu guarda-roupa. Ele combinara a peça com uma calça de poliéster marrom, fazendo com que a sobrinha, um andar acima, torcesse o nariz. Jody sabia o que o tio diria caso ela brincasse com seu modo de vestir: daquela maneira ele tapeava os advogados de outras cidades, que achavam, para azar deles e sorte dos seus clientes, que ele era um caipira.

As três picapes também estavam muito limpas, como se aquela fosse uma visita formal. Havia algo estranho no ar. As visitas formais dos tios eram precedidas por banho e pela escolha de roupas limpas. A avó de Jody, mãe de dois daqueles homens e quase mãe do terceiro, não deixava por menos. Um homem da família tinha que estar cheirando a sabonete para entrar na casa de alguém. O tio Bobby estava com 41 anos, o tio Chase, com 44, e o tio Meryl, que não nascera naquela família porém havia sido agregado após um casamento, tinha 46, mas nada disso importava: eles viviam segundo as leis que regiam a vida de qualquer Linder, os mandamentos estabelecidos por Hugh Senior e Annabelle Linder, os avós de Jody. Você não vai à igreja fedendo a cavalo nem entra nas salas de estar das pessoas com as botas sujas de esterco de vaca. E existia uma regra de ouro: você não pode aparecer na casa de alguém sem ligar antes, mesmo que esse alguém seja sua sobrinha.

Eles não telefonaram antes, portanto Jody não sabia que receberia visitas. E assustaram-na de verdade ao tocarem a campainha. Depois daquela aparição inesperada, ela ouviu a porta se abrir e a voz rouca de barítono de tio Chase:

– Josephus?

Aquele era o apelido usado pelos três tios. Seu nome era Laurie Jo, como o de sua mãe. Ela protegeu os seios nus com as duas mãos: será que havia acontecido alguma coisa na fazenda? Algum problema com seu avô ou com sua avó? Jody não saberia o que fazer sem os dois. Eles eram o alicerce de sua vida desde a morte de seus pais.

– Jody? – Chase chamou mais alto. – Minha querida, você está em casa?

Ele parecia nervoso, o que não era típico de seu tio mais extrovertido. Jody rapidamente pensou nas mulheres, ex-mulheres, filhos e enteados dos tios, que eram seus primos ou meios primos. Acidentes aconteciam em uma fazenda. Havia muitas maneiras de se machucar, de acabar em hospitais e funerárias, de destruir corações e famílias. Ela não conseguia pensar em nenhuma pequena fatalidade que fizesse com que os tios a visitassem daquela maneira. Devia ser algo sério, que não pudesse ser dito ao telefone e, pior ainda, que os fizesse decidir que a notícia deveria ser dada pelos três juntos.

– Meu Deus! – murmurou ela quase em uma prece enquanto corria e apanhava as roupas para cobrir o corpo.

Jody estava espantada, embora não sentisse a menor surpresa, pois acreditava que os acontecimentos ruins se sucedem aos bons assim como a vida é seguida pela morte. O segredo, ela concluíra quando mais jovem, era tentar antecipá-los para amenizar o golpe. O problema era que essa abordagem nunca funcionava: Jody sempre era surpreendida. Por mais à frente que tentasse enxergar, as más notícias nunca deixavam de machucá-la. Com um sobressalto, ela percebeu que não havia respondido, então gritou:

– Estou em casa, tio Chase! Estou aqui em cima e já vou descer!

– Quer que a gente suba? – berrou ele de volta.

– Não! – respondeu ela ainda mais alto.

Pelo amor de Deus, não!

Na cama, Red havia se sentado ao primeiro som daquela voz, que pertencia a um dos integrantes da família de seus patrões. Ouviu a assustadora proposta do tio de Jody sobre subir as escadas e estava tentando se levantar da cama para se vestir depressa e em silêncio.

– Desça pela escada dos fundos! – sussurrou Jody a ele, que não escutou.

– Que diabos Chase está fazendo aqui?

Ela olhou para o rosto do vaqueiro, bronzeado até a marca do chapéu e enrugado de preocupação, e se deu conta de que teria de fazer algo a respeito de Red Bosch. Da primeira vez que foram para a cama, ela achou que eles fossem apenas um casal sedento de sexo em um condado em que

parceiros amorosos eram tão raros quanto ursos polares. Sem falar no fato de ele não ser casado e ela ter alguns critérios de qualidade. Mas, ultimamente, Red apresentava um comportamento possessivo como o de um namorado, algo que a preocupava.

– Sei lá! E Bobby e Meryl também estão aí! Vá embora agora!

Red se atrapalhou ao pegar sua calça jeans e a deixou cair no chão. A enorme fivela de metal do cinto bateu com força no piso de madeira. Os dois se entreolharam assustados e continuaram a se vestir às pressas.

– Eles vão me amarrar no celeiro se me pegarem aqui! – sussurrou Red.

– Isso é pouco! Eles vão pendurá-lo no teto!

Ele deu um sorriso amarelo. Punições físicas não o preocupavam: ele não ia levar uma surra dos três homens por dormir com a sobrinha deles. O risco era ser despejado em um momento em que várias fazendas estavam fechando.

Jody vestiu rapidamente a calça jeans, o sutiã, a camiseta e calçou as meias com as botas de vaqueiro, enquanto Red colocava todas as roupas dele, pegava os sapatos e descia a escada que ia dar na cozinha e na porta dos fundos. Ela esperava que ele tivesse tido o bom senso de estacionar sua picape em algum lugar discreto. Passou uma escova nos cabelos, conseguindo arrumar alguns cachos que os dedos compridos de Red haviam despenteado.

Mesmo diante de uma emergência, Jody não conseguia se apresentar na frente dos tios desarrumada, sobretudo à tarde, quando todos os Linder que se prezassem, bem como seus empregados, deveriam estar trabalhando. Poucas coisas passavam despercebidas pelos tios, mas não um touro que ousasse pular a cerca atrás de uma vaca nem uma sobrinha que tentasse esconder seus casos amorosos. Além disso, sua avó acabaria sabendo de tudo, inclusive das roupas da neta, caso os tios achassem que havia algo de estranho nela.

– Já vou! – berrou ela.

Ela finalmente desceu rapidamente a escada, apoiando-se no corrimão, pulando os degraus na barulhenta corrida até o primeiro andar.

– O que está acontecendo? – perguntou sem fôlego.

Os três chapéus estavam pendurados em ganchos na parede. Eram idênticos a não ser pelo detalhe das fitas: o de Meryl tinha uma fita prata, o de Chase era marcado por uma fita de couro preto trançado e o de Bobby não tinha fita alguma.

Ali estavam eles, as bênçãos e as desgraças de sua vida. Chase, que a cada ano ficava mais bonito, como se seu comportamento comedido de alguma forma alargasse seus ombros, dissolvesse as rugas de seu belo rosto e iluminasse o azul de seus olhos. Bobby, musculoso e sério, com um rosto largo tão monótono quanto as planícies que o cercavam. Meryl, com seus olhos bondosos e espertos e uma barriga que era o resultado do frango frito de tia Belle e de sua vida de advogado atrás de uma mesa. Dois deles eram os irmãos mais novos de seu falecido pai, ao passo que Meryl havia sido como um irmão para ele.

Os olhos de tio Meryl a assustaram, pois estavam úmidos. Meryl Tapper fora o melhor amigo do pai de Jody muito antes de se casar com tia Belle. Sua numerosa família não dava valor à ambição e ao estudo, então ele acabou se aproximando dos Linder, que prezavam esses valores e gostavam dele.

Os olhos de tio Chase se escondiam atrás de óculos de sol, o que Jody achou estranho, pois o vestíbulo estava mal iluminado. Com aqueles óculos da moda, a camisa branca com o monograma bordado, as calças sob medida, a fivela do cinto gravada e as botas pretas, Chase parecia um vaqueiro de cinema, mas ele era um vaqueiro de verdade, e muito bom por sinal. Jody sempre ouviu que, quando jovem, ele conquistava as pessoas com seu jeito brincalhão, mas, após a morte do irmão, sua alegria morreu também. Ela o considerava um homem disciplinador, obstinado, sarcástico e mandão.

Bobby, com o aspecto robusto do vaqueiro que ele fora um dia e a prudência do soldado que também havia sido quando jovem, estava diante da porta de tela. Ela não conseguia ver seu rosto, mas podia enxergar a manga esquerda da camisa pendendo no vazio e o punho preso ao cinto. Ele

havia perdido o braço no Iraque durante a primeira Guerra do Golfo, uma batalha de que ele não imaginava participar quando se alistou no Exército logo após o assassinato do irmão. Em pé na porta de entrada, Bobby parecia esperar alguém ou observar alguma coisa.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

Jody começou a pensar se aquela frase não fora dita 23 anos antes, no dia em que seu pai fora assassinado e sua mãe desaparecera. Ao ver os olhos dos vizinhos cheios de lágrimas, será que seus parentes não fizeram aquela mesma pergunta, com o coração aos pulos e a voz tremida? *O que aconteceu? Qual é o problema?* Rose era uma cidade minúscula. Segundo alguns moradores, a cidade estava morrendo e por isso uns cuidavam dos outros. Ela havia sido criada sem os pais, mas amparada por uma cidade inteira.

– A pena de Billy Crosby foi suspensa – disse Chase com seu tom brusco. Jody balançou a cabeça sem entender nada.

– O quê?

William F. “Billy” Crosby estava preso pelo assassinato do pai dela.

– Ele vai ser solto, Jody – Meryl, o advogado, repetiu, soltando a segunda bomba em seguida. – O governador o liberou hoje de manhã. – Então veio o golpe final. – Ele chega a Rose esta tarde.

Algo na sua reação àquela notícia fez com que Chase estendesse a mão para segurar seu braço.

– Suspensa?

Jody repetiu a palavra como se não compreendesse seu verdadeiro significado. Billy Crosby tinha ficado preso 23 anos. Segundo disseram e prometeram a Jody, ele não seria libertado tão cedo. Os tios esperaram que ela absorvesse a informação. Jody franziu a testa, ainda sem entender.

– Vocês estão me dizendo que eles o deixaram sair da prisão?

Meryl assentiu.

– Sim. É isso mesmo que estamos dizendo.

Ofegante, ela olhou para cada um deles.

– Ele está *solto*? Está voltando para *cá*, para *Rose*?

Ainda à porta, Bobby virou o rosto para a sobrinha, viu seus olhos incrédulos e balançou a cabeça. Então falou com sua voz profunda, que às vezes era confundida com raiva.

– Isso não significa que ele vá ficar na cidade – sentenciou enquanto seus lábios se curvavam para baixo. – Vou matá-lo primeiro.

– Eu arrumo a arma para você – disse Jody, tentando demonstrar coragem. – Não! – exclamou em seguida, levando as mãos à boca e começando a chorar. – Como isso pôde acontecer? *Como vocês deixaram que isso acontecesse?* – gritou ela com os olhos tomados de tristeza, medo e raiva.

2

2 de setembro de 1986

ALGUMAS PESSOAS DIZIAM QUE O assassinato do pai de Jody ocorreu por causa de um incidente desagradável que evoluiu até tomar proporções inimagináveis. Comentavam que ninguém poderia prever o que iria acontecer. Mas outras afirmavam que o problema foi se agravando ao longo do tempo, que o avô de Jody deveria ter sido mais esperto e que, na realidade, ele estava atrás de confusão. Segundo elas, tudo foi resultado da tentativa de mudar pessoas que não queriam mudar. Também diziam que Hugh Linder Senior tinha uma personalidade ímpar: um homem inteligente, honesto e durão, mas um tanto seguro de si quando um pouco de humildade talvez pudesse ter mudado o trágico curso dos acontecimentos.

A despeito de qual teoria fosse verdadeira – um simples acesso de fúria ou um ressentimento de longa data –, todos concordavam que o ato final foi desencadeado no dia fatídico em que o fazendeiro passou pelo curral e

flagrou Billy Crosby descontando sua raiva em uma vaca. Era o início da tarde de uma terça-feira. Os funcionários da fazenda High Rock estavam separando os novilhos de suas mães e aplicando injeções para evitar que eles ficassem doentes durante o estressante processo de separação. As vacas, novamente prenhes, estavam sendo vacinadas contra uma doença chamada manqueira.

A vaca em questão era um animal velho e saudável, acostumado com a rotina dos funcionários, portanto era de imaginar que teria melhor comportamento. Durante anos fora uma reprodutora confiável e boa mãe, mas talvez aquela cabeça enorme e pesada estivesse um pouco senil, algo comum a humanos e a vacas. Naquele dia, ela não queria andar, virava na direção errada, impedindo o avanço do rebanho rumo ao curral. Ela mugia alto por causa de seu filhote, girando os olhos violentamente, espumando pela boca. A temperatura daquela tarde de setembro cozinhava homens e animais como se eles estivessem dentro de uma fornalha. As duas espécies estavam agitadas e com raiva uma da outra. O cheiro de gado e de esterco fresco empestava o ar. O barulho dos cascos na terra, o choro dos novilhos procurando suas mães e os gritos dos homens produziam um rugido comparável ao de um trovão num dia claro.

– Vamos, sua *desgraçada*!

Hugh Senior viu seu funcionário atingir várias vezes a lateral da vaca com um agulhão elétrico. Billy era uma das “crias” do fazendeiro, um dos rapazes da região que ele empregava por achar que não havia nada como trabalho com animais e máquinas para colocar nos trilhos um trem que parece prestes a descarrilar. Mas Billy não era um jovem fácil.

O motivo talvez fosse o alcoolismo do pai e da mãe, e não de apenas um deles, como era comum com outros garotos que tomavam jeito após serem acolhidos por Hugh e Annabelle Linder. Ou talvez porque Billy não fosse o “touro” mais inteligente do rebanho ou porque seu temperamento fosse bastante instável. Independentemente do motivo, na opinião dos moradores da cidade o regime de trabalho duro de Hugh Linder não estava surtindo efeito.

A habilitação de Billy fora suspensa novamente depois de sua segunda condenação por dirigir embriagado. Sua esposa havia aparecido com um hematoma no rosto na semana anterior. O filho de sete anos do casal era muito calado e apresentava um comportamento não condizente com sua idade. Além disso, Billy Crosby continuava a beber e a agir de maneira agressiva, perseguindo as mulheres e falando palavrões onde não devia. As pessoas comentavam que os Linder deveriam ter desistido do rapaz como qualquer um teria feito.

Hugh Senior viu que o velho animal não ia obedecer a Billy. A vaca tinha empacado, mas o funcionário continuava a feri-la com o aguilhão. O fazendeiro percebeu que o rapaz estava irritado e descontava sua raiva no animal. Hugh gritou, mas o barulho do rebanho era alto. Correu até Billy, porém não conseguiu evitar que o vaqueiro subisse na cerca do curral e desse um chute na cabeça da vaca. O salto de sua bota acertou o olho esquerdo do animal. Por maior que fosse a vaca, o golpe a desequilibrou. A cabeça pendeu para o lado, os joelhos cederam e ela caiu sobre outro animal. Em poucos segundos se levantou, sacudindo a cabeça e mugindo alto. As vacas à sua volta ficaram agitadas, debatendo-se contra a cerca do curral.

Billy encolheu a perna para chutá-la novamente. Antes que pudesse desferir o golpe, Hugh Senior puxou-o pela camisa e o derrubou no chão.

– Vá se acalmar, Billy! – disse Hugh Senior, apontando para a sede da fazenda.

O tom de voz do homem era alto e sério.

– Por que o senhor fez isso, Sr. Linder?

O empregado levou a mão ao ombro e recuou enquanto se levantava. O rapaz de 24 anos e o homem de 54 se encararam por alguns segundos, fazendo com que várias testemunhas daquela cena pensassem na imagem de um touro jovem desafiando um animal mais velho no pasto. Ninguém conseguia ouvir o que eles diziam em função do barulho dos animais, mas a linguagem corporal não deixava dúvidas. Embora Billy tivesse 1,85m de altura, seu patrão era 10 centímetros mais alto, além de ser mais forte. O fazendeiro tinha o cabelo claro e os olhos azuis dos antepassados alemães.

As feições do funcionário eram morenas e angulosas como as do pai, cuja beleza tinha se afogado em cerveja e uísque.

– Eu não fiz nada! – protestou o rapaz.

– Você estava maltratando meus animais, Billy. – A voz do fazendeiro era de nítida reprovação.

– Aquela maldita vaca vai morrer mesmo!

– Mas isso não significa que você possa torturá-la.

– Não é justo! – resmungou o funcionário. – Já vi outros homens fazerem a mesma coisa.

– Se eu os vir, vou fazer a mesma coisa. De qualquer maneira, acho melhor você ir para casa.

As palavras de Hugh Senior poderiam dar a ideia de uma sugestão, mas o tom foi de ordem.

– Como vou para casa se não tenho carro?

Billy mais uma vez mostrava que não sabia o momento de ficar calado. O fazendeiro perdeu a pouca paciência que ainda tinha:

– Saia já deste curral, Billy. Agora! Vá beber uma água. Aproveite e esfrie a cabeça. Espere no celeiro até Hugh-Jay aparecer e pegue uma carona com ele. E não incomode a Sra. Linder.

– Eu preciso mesmo beber alguma coisa – reclamou Billy.

– Essa é a última coisa de que você precisa – rebateu o fazendeiro, sabendo que ele se referia a bebida alcoólica.

Limpando a terra do rosto, o vaqueiro saiu mancando, sendo observado pelo fazendeiro e pelos outros homens que cuidavam dos animais naquele dia. Todos os filhos de Hugh estavam lá – Hugh-Jay, Chase e Bobby –, além de vizinhos e do veterinário. Billy olhou para alguns deles, mas só Chase abriu a boca:

– Já vai tarde.

Isso foi tudo o que aconteceu, conforme os presentes testemunhariam mais tarde. Não foi nada e ao mesmo tempo foi o bastante.

Duas horas depois, Hugh-Jay Linder levou Billy Crosby de volta a Rose, onde os dois moravam com suas mulheres e os filhos. No último minuto, Chase subiu no banco traseiro da picape prateada. Cinco quilômetros de estrada asfaltada separavam a fazenda dos limites da cidade. Os pastos da High Rock se espalhavam pelos dois lados da pista ao longo dos três primeiros quilômetros, seguidos por um cemitério de um lado e uma fazenda de bisões à direita, antes que casas começassem a aparecer nos arredores de Rose.

– Que diabos está irritando seu pai? – perguntou Billy aos dois irmãos.

Eram quatro e meia da tarde e fazia calor, embora a previsão para o dia seguinte fosse de chuva. A cabine da picape estava tão quente que Hugh-Jay dirigia com as luvas de trabalho para não queimar as mãos. O ar-condicionado não refrescaria o carro até eles chegarem à cidade, então o motorista deixou as janelas abaixadas enquanto o aparelho amenizava a atmosfera escaldante. Pôs a ventilação no máximo, o que obrigava os três homens a levantar a voz devido ao barulho do ar-condicionado, ao ruído dos pneus e ao vento quente que entrava pelas janelas. O rosto e as roupas deles estavam imundos por causa do trabalho. As botas e as calças fediam a esterco, um cheiro que eles mal sentiam por trabalhar a vida inteira com aquilo.

– Você – brincou Chase do banco de trás. – Você está irritando meu pai.

Os três estudaram juntos nas escolas do condado. Billy havia abandonado os estudos após repetir pela terceira vez o primeiro ano do ensino médio na mesma época em que Belle Linder se formava, Chase estava no segundo ano, Bobby se encontrava no sexto ano do ensino fundamental e Hugh-Jay frequentava a Universidade Estadual do Kansas.

Com o olhar fixo na estrada à sua frente, Hugh-Jay disse em tom sério:

– Acho que você sabe, Billy.

Billy era teimoso.

– Eu não sei de nada!

Enfiou a mão embaixo do banco e uma lata de cerveja apareceu como em um passe de mágica.

– De onde saiu isso? – perguntou Hugh-Jay olhando para ele.

– Tem outra? – emendou Chase interessado.

Billy deu um sorrisinho sarcástico.

– Eu a trouxe comigo.

Hugh-Jay o levara de carona até a fazenda.

Billy abriu a lata e o cheiro da bebida se espalhou pela cabine.

– Como você consegue beber isso quente? – perguntou Hugh-Jay.

Billy tomou um gole, limpou a boca com a manga suja da camisa e encolheu os ombros.

– Cerveja é cerveja, não é, Chase?

No banco de trás, Chase preferiu ficar quieto.

– Meu pai disse que você maltratou um animal – continuou Hugh-Jay, recusando-se a mudar de assunto. – Você sabe o que ele acha disso.

– Pelo amor de Deus, Jay. Era uma vaca. Uma maldita vaca! Ela estava atravancando o curral. Nenhum animal conseguia passar, então alguém precisava fazer alguma coisa. Eu só dei umas cutucadas e um chute. Você nunca chutou uma vaca? – perguntou, virando-se para trás. – Nunca, Chase?

– Não como você – respondeu Chase, apoiando a cabeça no banco e olhando para o teto.

– Eu não a machuquei. Além do mais, era apenas uma *vaca*!

– E não sua esposa, você quer dizer – rebateu Chase, arrastando as palavras e ainda olhando para cima.

O silêncio tomou conta do veículo, mas logo foi interrompido pelo grito de Billy:

– O quê? – Ele se virou para encarar Chase. – O que você disse?

Pelo retrovisor, Hugh-Jay olhou para o irmão mais novo, que continuava encarando o teto do veículo.

– Soube que o xerife foi algumas vezes à sua casa porque as pessoas acham que você anda batendo na sua mulher. Você também usa o agulhão com a Val, Billy?

– Vá se ferrar, Chase Linder! Vocês são incríveis! Eu nunca machuquei a Val!

Hugh-Jay não disse nada, mas suas mãos apertaram o volante com força.

– Nunca – murmurou Billy antes de tomar outro gole da cerveja quente. Os três homens percorreram um longo trecho da estrada em silêncio.

– Talvez você queira pedir desculpas ao meu pai – falou Hugh-Jay finalmente.

– Por quê? Eu já disse que não fiz nada! – exclamou Billy, lançando um olhar incrédulo para Jay. – Seu pai não vai me despedir por causa *disso*.

– Eu não teria tanta certeza. Esse tipo de coisa é importante para ele.

– Vaca de merda!

– Você sabe que ele não gosta desse vocabulário.

Billy engoliu o palavrão. Os três continuaram em silêncio até que Billy jogou a lata de cerveja pela janela, mirando um bisão próximo à estrada. A lata voou por dois metros e caiu em uma vala. Hugh-Jay freou e Billy foi arremessado para a frente, quase batendo com o rosto no painel. Chase se segurou para não cair do banco.

– Que diabos foi isso? – gritou Billy.

Ele e Chase foram lançados contra o encosto de seus assentos quando Hugh-Jay engatou a ré e arrancou. Percorreu poucos metros e pisou no freio, virando-se para os passageiros.

– Saia e vá pegá-la, Billy.

– *O quê?*

– A lata de cerveja, Billy. Qual é seu problema?

– Sou eu quem pergunto. Afinal, desde quando vocês se importam com esse tipo de bobagem?

– Pegue a lata ou eu o deixo no meio da estrada.

O vaqueiro desceu do carro, pegou a lata e a jogou com tanta força na caçamba da picape que o barulho foi semelhante ao de um tiro de fuzil. Quando entrou novamente no carro batendo a porta, Hugh-Jay perguntou:

– Aquela lata estava vazia?

– Você acha que eu ia jogar cerveja fora?

Billy passou o restante da viagem emburrado.

Do banco traseiro, Chase ficou olhando a nuca dos dois homens e depois fechou os olhos.

À medida que o limite de velocidade diminuía ao se aproximarem da cidade, Hugh-Jay foi reduzindo a marcha para 30 quilômetros por hora. Passaram por silos de grãos, uma loja de conveniência, uma pizzaria, um restaurante chinês, uma estação de trem abandonada e uma oficina que tinha uma padaria anexa, a única de Rose. Hugh-Jay virou à direita na rua principal, um corredor com quatro faixas ladeadas por casas modestas de madeira e alvenaria, e cruzou o centro com seus três quarteirões cheios de pequenas lojas.

Passaram diante da biblioteca pública com suas três salas, da prefeitura com suas duas salas, do centro cultural da terceira idade, de uma galeria de arte que só abria mediante agendamento, do antigo banco onde Belle, a irmã de Hugh-Jay e Chase, iria inaugurar um museu histórico e do Restaurante Bailey, que era na verdade um bar e o único lugar de Rose onde uma pessoa podia comer um filé decente enquanto tomava uma cerveja. Quando cruzavam com outros carros, Hugh-Jay levantava a mão para cumprimentar os motoristas, que retribuía o gesto. Sua casa ficava ao norte, em uma região de mansões, mas ele virou para o sul a fim de chegar ao bairro mais pobre no qual Billy morava e onde parecia haver mais carros velhos do que grama nas calçadas.

Quando estacionou em frente à pequena casa branca na qual Billy morava com Valentine e o filho, Hugh-Jay disse:

– Quer o dinheiro do serviço de hoje?

– Quero – respondeu Billy emburrado.

Hugh-Jay pegou a carteira e contou as notas daquela jornada de trabalho. Normalmente, sem que ninguém da família soubesse, ele daria 10 dólares de gorjeta, mas não seria o caso naquele dia. Entregou o dinheiro a Billy, que o pegou com um gesto de raiva e decepção e perguntou:

– Você acha que seu pai vai me dar outra chance, Hugh-Jay?

– Não sei. Mas acho bom você não repetir o que fez hoje.

Billy saltou da picape, bateu a porta e gritou pela janela aberta:

– Eu não fiz nada de errado!

Em seguida apoiou os dois braços no teto do carro e, olhando para o banco traseiro, falou:

– Não pense que vou esquecer o que você disse, Chase.

– Não é para esquecer mesmo – respondeu Chase, apertando os olhos.

Assim que o carro deu a partida, Hugh-Jay perguntou:

– Por que você disse aquilo para ele?

– Sobre o fato de ele bater na Val? Ué, porque é verdade!

– Tem certeza?

– Quase certeza.

– Quase não é suficiente para fazer uma acusação dessas.

– Bem, isso é você quem está dizendo.

Hugh-Jay olhou para trás, surpreso com o tom sarcástico de Chase. Em vez de continuar o assunto, perguntou:

– Você acha que a reação de papai foi exagerada?

– Não. Acho que ele deveria ter dispensado o Billy há muito tempo.

Hugh-Jay assentiu.

– Quer passar para a frente?

– Não, estou bem aqui. Não vamos longe, vamos?

Hugh-Jay suspirou.

– Você está achando que vai jantar comigo e com Laurie?

Chase, que tinha o dom de retomar rapidamente seu bom humor natural, sorriu para o retrovisor.

– Eu soube que Laurie Jo sempre coloca um prato a mais na mesa para o caso de eu aparecer.

Chase e Bobby Linder comiam com tanta frequência na casa do irmão e da cunhada que já deixavam uma muda de roupa limpa no quarto de hóspedes para trocar para quando chegassem sujos da fazenda. De repente, Chase voltou a ficar sério.

– Você acha que Billy vai descontar na Val ou no filho?

Hugh-Jay ficou pensando no assunto por meio quarteirão e resolveu dar meia-volta.

– Vamos tirar a dúvida – disse.

3

QUANDO ESTACIONARAM NOVAMENTE DIANTE da pequena casa branca, a mulher e o filho de Billy estavam no quintal. Na pouca grama que havia sob os pés da mãe, Collin brincava com uma arma de plástico, girando-a com o indicador esquerdo, fazendo mira e voltando a girá-la. Valentine não passava de uma garota pálida, magra e com cabelos tão louros que pareciam brancos sob o sol. O menino puxara ao pai: moreno, bonito e com traços angulosos.

Collin percebeu a chegada do carro antes da mãe e levantou os olhos. Como se houvessem combinado, os dois irmãos desceram da picape ao mesmo tempo, batendo as portas atrás de si. Apenas quando estava próximo de Valentine e do menino, Hugh-Jay percebeu que Chase ficara para trás, encostado no carro, ainda que a lataria estivesse fervendo.

– Oi, Valentine – disse ele educadamente, piscando ao mesmo tempo para o garoto.

O menino de sete anos inclinou a cabeça como se avaliasse o gesto e em seguida baixou os olhos até a arma de plástico, interrompendo a brincadeira com a postura séria que costumava preocupar as pessoas.

– Nunca os vi aqui fora – comentou Hugh-Jay.

– Achei que vocês fossem entrar – retrucou a mulher com um ar de expectativa.

Hugh-Jay não sabia o motivo de ela ter pensado naquela possibilidade, uma vez que ele nunca entrava na casa de Billy. Ele deu uma olhada nas próprias roupas.

– Estou muito sujo.

– Billy quis que nós viéssemos aqui para fora.

Valentine não parecia ressentida. Sua voz tinha um tom de resignação como se ela estivesse acostumada àquele pedido. Mãe e filho cheiravam a sabonete, como se Valentine houvesse tido o trabalho de arrumar a si própria e ao filho antes que Billy chegasse em casa. *Se é que isso serve de alguma coisa para eles*, Hugh-Jay pensou. Sua mulher, Laurie, não fazia nada daquilo por ele. Mas, por outro lado, ela não tinha de se arrumar para ser desejada pelo marido.

– Ele foi para o quarto tirar um cochilo – comentou Val. – Billy quer um pouco de paz.

Hugh-Jay franziu a testa, mas preferiu ficar calado com medo de constrangê-la.

Ele não achava Valentine Crosby atraente, embora vários homens pensassem o contrário. Certa vez, Hugh-Jay ouvira Laurie comentar com Belle que Val ficaria mais bonita se usasse maquiagem e “desse um jeito naqueles cabelos sem vida”. Em sua opinião, nada daquilo adiantaria. Apesar dos seios fartos, aquela mulher era muito magra. As olheiras tampouco valorizavam seu rosto, ao contrário de Laurie, que contornava o problema utilizando maquiagem. Procurou o suposto hematoma no maxilar de Valentine, mas não viu nenhum sinal de violência. De repente sentiu-se culpado e orgulhoso porque sua mulher nunca iria se parecer com aquela garota e porque sua filha jamais teria o olhar cansado daquele menino.

Valentine Crosby levantou timidamente os olhos para ele, que era uns 30 centímetros mais alto do que ela. Ao contrário do marido, Valentine não havia crescido em Rose. Billy a conhecera em Scott City, capital do condado vizinho, enquanto trabalhava em uma fazenda. Aos 16 anos ela era auxiliar de escritório e logo engravidou e se casou com Billy, mudando-se com ele para Rose.

– Quantos anos ele tem? – perguntou Hugh-Jay, ainda que soubesse a resposta.

– Sete.

Ela deu um passo para o lado e olhou a picape na qual Chase estava encostado. Hugh-Jay assentiu, incapaz de pensar em outra coisa para dizer e sem ter ideia de como perguntar o que queria saber. Sua vontade era esmurrar Chase por ele não estar ao seu lado.

– Com vai sua filha? – perguntou ela com sua voz alta e suave. Sempre que falava, Valentine olhava para a picape.

– Jody está bem, obrigado – respondeu ele, mordendo o lábio inferior. – Bem, seu marido teve um dia difícil, acho que você deve estar sabendo.

– O que aconteceu?

– Ele aborreceu meu pai.

– Seu pai?

Os olhos pálidos de Valentine se arregalaram em uma expressão de pânico que pegou Hugh-Jay desprevenido.

– Mas sua mãe e seu pai são as últimas pessoas que ainda o chamam para trabalhar! Será que seu pai não vai querer mais saber dele?

Ele queria tranquilizá-la, mas não havia o que fazer.

– Não sei.

– Ah, meu Deus! – exclamou a mulher, levando as mãos à boca. – O que vamos fazer?

– As coisas estão tão mal assim? – perguntou ele sem jeito.

Os olhos de Valentine se encheram de lágrimas.

– É impossível viver com meu salário de caixa da mercearia. E Billy se recusa a receber ajuda do governo. Ele odeia caridade.

Mas não recusa uma cerveja, Hugh-Jay pensou, nem minhas gorjetas.

Ele se deu conta de que o dinheiro extra devia ficar para Billy, sem que Valentine e o filho fossem beneficiados. Hugh-Jay pegou a carteira, tirou todas as notas que estavam dentro e as entregou à mulher.

– Tome isto, mas não conte a ele. Não é muito, mas de qualquer maneira vou conversar com meu pai para que Billy não seja dispensado.

Ela, sem dizer nada, pegou o dinheiro e o guardou no bolso da calça.

– Obrigada – sussurrou. – Sua família sempre foi boa para Billy. – E disse uma coisa que causou arrepios em Hugh-Jay: – Vendi a picape de Billy agora

há pouco. Ele ainda não sabe de nada. O que você acha que ele vai fazer?

– Você vendeu a picape dele? – perguntou ele, surpreso.

O menino olhou para os dois franzindo a testa, com o revólver de brinquedo pendendo de sua mão.

– Na verdade não era dele. O carro estava no meu nome.

Isso não significa que Billy ache que a picape não seja dele, Hugh-Jay pensou. Começou a imaginar quem teria a coragem ou seria louco para comprar um carro de Billy Crosby.

– Para quem você vendeu o carro?

Ela pareceu surpresa com a pergunta.

– Para seu pai!

Hugh-Jay olhou para Valentine como se não acreditasse no que ela acabara de dizer.

– Meu pai?

– É, ele ligou há pouco e fez uma oferta. Eu não achei que valesse tanto – disse ela inocentemente.

– Ele falou por que queria o carro?

Ela mais uma vez ficou surpresa.

– Acho que ele está precisando de uma picape. Ele comentou que você estava trazendo Billy e me pediu que lhe dissesse para levar o carro até sua casa – explicou ela, levando a mão até os olhos para protegê-los do sol. – Falei que não precisava esperar a burocracia da documentação. Pode levá-lo agora. A chave está na ignição. Você consegue sair sem acordar o Billy?

Que excelente ideia!, Hugh-Jay pensou com ironia.

– O que você vai fazer?

– Eu?

– Sim, você, com relação ao carro?

– Collin e eu só andamos a pé – respondeu, olhando em direção à casa. – E a partir de hoje *ele* também.

– Ouça... – falou Hugh-Jay sem saber como continuar a frase.

Quando Valentine franziu a testa, ele completou:

– Se você precisar de ajuda... quero dizer, se você precisar de *qualquer* coisa, ligue para Laurie ou para mim, está bem?

Ele ficou angustiado por envolver sua mulher, sobretudo por se tratar de alguém de quem ela não gostava nem um pouco. Mas eles moravam a apenas três quarteirões de Val e Billy. Laurie com certeza não se recusaria a ajudar caso Valentine realmente precisasse.

Ele ouviu um carro em alta velocidade a algumas quadras de distância. Em seguida, percebeu que alguma criança, que talvez fosse da banda da escola, tocava um instrumento que parecia uma tuba. O som era uma mistura de guinchos e rangidos. Hugh-Jay ficou imaginando se o maestro conseguiria preparar o jovem “músico” para a apresentação de fim de ano.

Rose é mesmo muito pequena, ele pensou.

Val Crosby olhou para o lado, envergonhada com o fato de que ela talvez precisasse de ajuda, mas assentiu em seguida e olhou para o filho. O menino estava concentrado em seu revólver de brinquedo e, naquele momento, apontou na direção de onde vinha o ruído de tuba e disparou a arma.

– *Bum!* – disse o menino. – *Bum, bum!* Você morreu, mas só de mentirinha.

– Só de mentirinha? – perguntou Hugh-Jay.

Collin olhou para cima, na direção do homem.

– Sim, como na televisão. Eles atiram, mas ninguém morre. É tudo brincadeira.

– Armas de verdade não são brincadeira – advertiu Hugh-Jay.

– Eu sei – retrucou o menino com uma expressão séria. Em seguida apontou o brinquedo para a própria cabeça e puxou o gatilho.

– Collin! – gritou Valentine. – Nunca mais faça isso!

– Nem de brincadeira – acrescentou Hugh-Jay, horrorizado com o gesto do menino e com sua indiferença perante a reação da mãe. – Nunca. Nem de mentirinha, nem de brincadeira. Não faça isso com ninguém nem consigo mesmo.

– Desculpe – disse o menino, sério.

Quando voltou ao carro, Hugh-Jay encontrou o irmão no banco do passageiro.

– Você viu aquilo?

– A gente fazia a mesma coisa. – disse Chase, sorrindo e se lembrando de como ele implicava com a irmã. – Era divertido, você não se lembra?

– Nós não brincávamos assim.

– Brincávamos, sim.

Hugh-Jay balançou a cabeça sem acreditar, mas sentindo-se aliviado. Afinal, todos os irmãos estavam vivos. Talvez aquela brincadeira não tivesse nenhum significado.

– Papai teria nos matado – argumentou ele, cético. – Mamãe teria nos matado duas vezes.

– Só se eles nos vissem.

– A propósito, você foi de grande ajuda agora há pouco – disse Hugh-Jay com um leve sarcasmo.

Comentou com o irmão sobre a compra da picape e disse que Chase teria de descer e pegar o carro.

– Você pode estacioná-lo nos fundos da casa. Eu só espero não estarmos piorando as coisas para a Val.

– Piorando mais uma vez – comentou Chase, colocando a mão na maçaneta. – É, também espero.

– O que você quer dizer com “mais uma vez”?

– Exatamente o que eu disse antes: espero não estar piorando as coisas.

Hugh-Jay lançou um olhar de desconfiança para Chase.

– Você está transando com ela?

– Com a mulher de Billy? Claro que não!

– Vi que ela ficava olhando para você.

– É porque ela tem bom gosto.

Hugh-Jay deu uma risada e Chase sorriu para ele.

– acredite em mim – disse o irmão mais novo.

– Por que motivo? Por respeitar o casamento de outro homem?

Chase sorriu mais uma vez enquanto abria a porta do carro.

– Não, por ter bom gosto quando o assunto é mulher.

O comentário irritou Hugh-Jay, que ficou chateado com o irmão.

– Vamos para casa – disse mal-humorado. – Para *minha* casa. Quero ver *minha* esposa, comer *meu* jantar e ver *minha* televisão.

– Ih! – Chase brincou ao descer. – Está possessivo hoje?

Aquele fim de tarde foi tranquilo em Rose e nas fazendas dos arredores. Chase estacionou a picape de Billy nos fundos da garagem do irmão e deixou as chaves na mesa da cozinha, onde os dois ficaram até ele receber a ordem de pegar os pratos e os talheres no armário. Comeu o jantar de sua cunhada e depois brincou com Jody, sua sobrinha de três anos, no balanço do quintal. Em seguida foi até o Restaurante Bailey tomar umas cervejas e depois voltou para o quarto de hóspedes na casa do irmão.

Hugh-Jay ligou para o pai para saber sobre a picape. Hugh Senior disse:

– Valentine contou à sua mãe na semana passada que, apesar da habilitação suspensa, Billy continua dirigindo. Às vezes ele bebe e sai com o filho de carro. Falei com sua mãe e concordamos que, em sã consciência, não podíamos permitir que isso continuasse. Então decidimos tirar a picape dele da maneira mais adequada para ajudar a mulher e o filho. Poderíamos tê-lo entregado ao xerife, mas isso só dificultaria as coisas para Valentine. Afinal, como ela iria pagar o aluguel? Mas a venda da picape pelo preço que pagamos irá ajudá-los, além de evitar que Billy tire a própria vida e a de mais alguém.

Hugh-Jay não tinha como contestar a lógica dos pais. Orgulhou-se deles por terem tido aquela atitude.

Na fazenda High Rock, Annabelle e Hugh Linder jantaram frango frito na companhia do filho mais novo, Bobby. Belle tinha ido ao museu, onde acertaria a compra de uma cabeça de búfalo empalhada. Enquanto comia a salada de feijão-verde e de rabanete, Hugh fez um sermão para o filho sobre as vantagens do ensino superior, e este respondeu com um sermão sobre as várias chances dadas a “fracassados como Billy Crosby”. Por fim, Annabelle mandou que eles parassem com a conversa, senão os dois ficariam sem o

bolo de baunilha e chocolate, a sobremesa favorita de ambos. Uma vez que aquele era o preço da tranquilidade, pai e filho se acalmaram.

Na pequena casa branca a três quarteirões de distância de onde estavam Hugh-Jay, Laurie e Chase, Billy Crosby acordou no início da noite e saiu atrás da picape. Collin ouviu o pai gritar e a mãe chorar. Depois, escutou o pai bater a porta da frente e voltou a ler o livro para crianças dois anos mais velhas, porque sua professora sabia reconhecer um QI alto quando se deparava com um. Seu coração batia forte e ele sabia que, se conseguisse mergulhar naquela história, sua tristeza talvez desaparecesse. O livro era sobre um cavaleiro corajoso que sai em uma cruzada para matar um monstro a fim de se casar com uma princesa e herdar seu reino. Collin leu até seus olhos arderem, mas continuou até chegar ao final feliz.

4

O DIA SEGUINTE TAMBÉM nasceu quente naquele ano de seca no condado de Henderson. Os reservatórios de alguns fazendeiros já estavam vazios e a água era transportada a um custo alto até os rebanhos. As plantações ficaram marrons antes da época da colheita.

Annabelle, a mulher de Hugh Senior, percebeu que as coisas não andavam bem naquela manhã quando viu o marido dar ordens a Hugh-Jay, Chase, Bobby e Belle como se seus quatro filhos adultos ainda fossem crianças. Ele provavelmente teria feito o mesmo com Annabelle se ela não tivesse lançado um olhar de reprovação para o marido.

– Vá até a cidade e faça os depósitos bancários – ordenou ele a Chase, que chegara cedo com Hugh-Jay para receber as instruções do dia.

Chase havia cometido o erro de cumprimentar os pais com um “bom-dia” ao entrar na cozinha em busca de café para complementar os ovos com linguiça que a cunhada lhe havia servido.

– Você deveria ter feito isso ontem – rosnou o pai.

– Pai! – exclamou Chase, levantando os braços em um gesto irônico de defesa. – Eu estava trabalhando com você no curral ontem!

– Você não consegue fazer duas coisas no mesmo dia?

Se Chase estivesse entre os amigos, talvez respondesse brincando: “Só se uma for uma loura e outra uma morena.” Contudo, ele sorriu para a mãe, que levou o indicador até os lábios aconselhando-o a não discutir nem brincar com o pai naquela manhã. “Faça e pronto”, era o que aquele gesto queria dizer. Chase era inteligente o bastante para reconhecer um bom conselho. Pegou os envelopes com os cheques dos compradores de gado e abriu mão de um segundo café da manhã em nome da paz familiar.

Quando o filho mais velho entrou na cozinha, foi a vez de ele ouvir.

– Você vai ao Colorado hoje à noite – informou o pai a Hugh-Jay.

A família tinha uma fazenda naquele estado e uma terceira propriedade ao norte, em Nebraska.

– Por quê? – Hugh-Jay cometeu o erro de perguntar em um tom de voz respeitoso.

Na opinião da mãe, ele era o melhor vaqueiro da família e o mais educado entre seus quatro filhos. Hugh-Jay era gentil com as pessoas, tranquilo no trato com as vacas e melhor ainda com os cavalos. No entanto, o pai parecia determinado a mantê-lo afastado dos currais e envolvido com a burocracia, que era o tipo de coisa para a qual ele não tinha a menor habilidade. Chase e Belle eram bons com números e contas. O primogênito tinha o perfil mais diplomático. Já Bobby... bem, ninguém sabia ao certo para o que ele levava jeito.

– Pai – disse Hugh-Jay calmamente –, quero levar aquela égua manca ao veterinário.

– Ela pode ficar mancando mais alguns dias.

Hugh-Jay parecia assustado com a indiferença do pai. Ele se virou para a mãe e franziu a testa, um gesto que ela interpretou como preocupação pela égua e perplexidade diante da hipocrisia do pai quanto ao bem-estar dos animais. Preferiu simplesmente perguntar:

– O que está acontecendo com a fazenda do Colorado?

– É isso que eu quero que descubra. Tem algo estranho naquelas contas. Vá até lá e veja se ele está escondendo alguma coisa.

O “ele” ao qual o pai se referia era o administrador da fazenda.

– Pai – retorquiu Hugh-Jay com gentileza –, ele é um bom homem.

– Talvez, mas não custa verificar.

Annabelle fez gestos rápidos atrás do marido, orientando o filho a obedecer ao pai.

– Sim, senhor – disse Hugh-Jay com um suspiro –, mas só posso ir à tarde.

– Por quê?

Ele sorriu para o pai e para a mãe enquanto colocava um boné vermelho sobre sua cabeça loura. Tinha um rosto delicado e pálido que irradiava sua natureza generosa e que ficava levemente corado sob o sol.

– Acredite se quiser, pai, tenho uma vida fora desta fazenda.

Ele era o único irmão casado e já tinha uma filha.

– Nenhum de nós terá uma vida se não cuidarmos *desta* fazenda – repreendeu o pai.

Hugh Linder era uma versão mais corpulenta e bela do filho mais velho. Tinha uma liderança natural que nenhum dos filhos conquistara. Em vez de discutir, Hugh-Jay piscou para a mãe e começou a sair da cozinha.

– Filho?

Ele olhou para Annabelle, que perguntou:

– Você está bem?

Hugh-Jay encarou a mãe com uma expressão de tranquilidade e surpresa.

– Claro. Por que não estaria, mãe?

Depois de hesitar por alguns segundos, ela assentiu e não disse mais nada. Por sua vez, o pai se mostrou um pouco mais compreensivo:

– Não se preocupe com aquela égua, filho.

– Por que não?

– Se necessário, eu mesmo a levo ao veterinário.

Hugh-Jay sorriu, despediu-se dos pais e foi até a porta, fechando-a cuidadosamente em vez de batê-la, como qualquer um de seus irmãos teria

feito. Belle tinha aparecido em casa para tomar um banho. Mas, quando estava saindo para o museu, ouviu o pai gritar:

– Belle! A que horas você voltou ontem à noite?

A filha abriu a porta da cozinha e respondeu:

– Não voltei, pai, fiquei na cidade. E, pelo amor de Deus, já tenho 23 anos!

A expressão da jovem deixava claro que ela não gostara da pergunta.

– Porque você precisa ter mais consideração com sua mãe.

– O que eu fiz com ela?

– Ela fez um prato para você, que não apareceu.

– Não pedi nada a ela. Pedi, mãe?

– Você vai se atrasar para o trabalho – disse ele, mudando de assunto.

– O quê? Você nem considera aquilo um trabalho, pai.

– Qualquer coisa que mantenha a mente de meus...

– Mãe, mande-o parar com isso.

A jovem parecia chateada. Annabelle sorriu para a filha, que era loura e grande como o pai, Hugh-Jay e Bobby. Se estivesse ao seu alcance, Annabelle faria de tudo para que sua filha fosse bonita e feliz na mesma medida em que era séria e sensível. Na opinião da mãe, ela era séria e sensível em relação a coisas insignificantes, mas talvez isso fosse o resultado de ser uma garota que crescera no meio de irmãos mais novos que sempre implicavam com ela.

Se Belle não entendia algo, ela imediatamente perguntava. No entanto, não era de sua natureza se esforçar para entender as coisas. Era mais provável que ela saísse correndo, batesse uma porta e ficasse remoendo seus pensamentos até ter uma reação explosiva. Annabelle disse tranquilamente:

– Não, você não me pediu para preparar seu prato. Mas, se tivesse aparecido, com certeza reclamaria por eu não o ter feito.

Belle olhou para o teto. A mãe observou sua reação, mas manteve a calma. Com uma ponta de ironia, continuou:

– Diga ao seu pai que, se ele não gosta de seus horários, pode comprar uma casinha para você na cidade, Belle. Assim, ele não vai ficar sabendo o que os pais não deveriam saber.

– Você sabe que não ganho o bastante para pagar um aluguel! – reagiu a filha.

– Mas quem falou em aluguel? – brincou Annabelle.

– Não me trate como se eu fosse uma irresponsável – replicou Belle.

– O quê? Belle, eu nunca chamaria você de...

A filha a interrompeu:

– Pai, comprei a cabeça de búfalo que eu estava procurando. Você poderia fazer um cheque e deixar no meu quarto?

Em seguida saiu porta afora.

– Não posso dizer *nada* para aquela garota – reclamou Annabelle com o marido depois que a filha foi embora.

– Não sei por que ela gosta tanto daquele lugar – resmungou Hugh. – Aquele museu vai receber no máximo cinco turistas por ano. Acho que ela está fazendo isso apenas para que eu gaste dinheiro.

Hugh Linder estava financiando o projeto da filha, que na opinião dele não passava de um hobby. Sua esperança era que o museu fosse o primeiro passo para que ela conseguisse um emprego de verdade.

– Agora ela quer que eu pague por uma cabeça de búfalo velha e sarnenta?

– Pare com isso – Annabelle o repreendeu. – Ela está certa. Você reclama que aquilo não é um emprego e depois quer que ela aja como se fosse. Para piorar, você se oferece para financiar o projeto e então reclama quando ela aceita!

Annabelle dobrou a manga da camisa do marido. Para ela, Hugh, que acabara de fazer 50 anos, estava cada vez mais elegante com seus cabelos grisalhos. Ela também achava que os filhos ficariam chocados (sobretudo Belle) se soubessem como ela ainda adorava ficar sozinha com o marido no quarto. Quando Hugh se virou, Annabelle sorriu e disse:

– Por que será que não conseguimos nos livrar de nossos filhos?

Chase, Bobby e Belle ainda passavam a maior parte do tempo na fazenda.

Ele sorriu para a esposa e respondeu:

– Bem, estou fazendo o possível para mantê-los longe daqui.

Quando ela riu, Hugh se inclinou e a beijou na boca.

– Alguma vez eu disse que você é a mulher mais bonita da cidade?

– Da cidade? E por que não do condado?

Chase herdara a beleza e o charme da mãe, que logo após o casamento se mudara de Dallas para Rose. Naquela família de louros, só ela e Chase tinham cabelos escuros, olhos azuis e pele morena. O fato de Annabelle ser simpática era motivo de orgulho em todo o condado. As pessoas gostavam dela e de toda a família Linder: “Pessoas boas e com dinheiro que não têm o nariz empinado, com exceção daquela garota com quem Hugh-Jay se casou.”

Hugh Senior deu um beijo demorado na esposa. Annabelle abraçou a cintura do marido, que também pôs os braços em volta dela.

– É por isso que você está tão rabugento – murmurou rindo ao sentir o efeito daquele gesto no corpo dele.

Ele também achou graça e afastou os cabelos de Annabelle para beijar seu pescoço. Suavemente, ela o empurrou para trás.

– Você está de mau humor por causa de Billy Crosby?

Ele não teve chance de responder, porque naquele momento Bobby apareceu para tomar café.

– Parem com isso – disse o rapaz com uma expressão de nojo diante daquela demonstração de afeto.

Em seguida levantou as mãos e disse ao pai:

– Não grite comigo como você fez com os outros, está bem? Só estou atrás do bacon, que eu mesmo posso preparar.

– É bom mesmo – retrucou o pai enquanto se desvencilhava dos braços de Annabelle.

Hugh Senior se virou de costas para esconder do filho qualquer sinal visível de seu desejo pela esposa. Na pia, fingindo que lavava as mãos, ele disse:

– Filho meu que não gosta de estudar tem que aprender a se virar sozinho. Não vou sustentá-lo pelo resto da vida.

– Hugh – Annabelle o censurou –, não seja malvado.

– É um inútil – murmurou ele enquanto pegava um pano de prato para enxugar as mãos.

Depois saiu da cozinha esbarrando intencionalmente no ombro de Bobby, fazendo com que o rapaz de 18 anos dissesse com sarcasmo:

– Desculpe, papai!

Annabelle começou a fritar bacon para o filho, tentando compensar os modos do pai.

– Qual é o problema dele? – perguntou Bobby.

– Não sei – respondeu ela, embora também quisesse saber.

Annabelle esperava que o motivo do mau humor do marido fosse Billy Crosby ou o longo tempo desde a última vez que fizeram sexo. Rezava para que não tivesse nenhuma relação com o que a estava preocupando, algo que ela não havia contado e que, com sorte, nunca precisaria dizer a ele. Ela se sentou em frente ao caçula enquanto ele comia.

– Bobby, você não *pensa* em pelo menos se candidatar à Universidade Estadual de Emporia?

Quando mãe e filho se sentaram à mesa da cozinha e conversaram sobre estudo, eram sete e quinze da manhã e eles estavam a menos de 24 horas de uma grande tragédia.

5

DEPOIS QUE TODA A SUA família saiu de casa, Annabelle preparou um bolo de carne e o colocou para assar no forno antes que o dia ficasse quente para cozinhar. Ela iria deixá-lo esfriar para então servir o sanduíche favorito de Hugh Senior: pão caseiro com recheio de bolo de carne, maionese, alface e a salada de feijão-verde e rabanete do dia anterior.

Annabelle limpou a cozinha, varreu as varandas da frente, dos fundos e das laterais, colocou os lençóis na máquina de lavar do porão, telefonou para seu círculo da igreja, ligou para um amigo idoso a fim de saber se ele estava

bem, atendeu alguns telefonemas de compradores de gado e deu comida para os gatos no celeiro. Como havia muito não apareciam ratos, os felinos estavam magros. Em seguida regou as plantas que ficavam dentro de casa. Desde julho, ela desistira de cuidar do jardim. Por fim, subiu para vestir seu traje de montaria, que se resumia a uma calça jeans, uma camisa de manga comprida, botas, óculos de sol e um chapéu de palha para proteger-se do sol. Ela queria unir responsabilidade e prazer.

Quando se encaminhava para selar seu cavalo, que se chamava Dallas em homenagem à sua cidade natal, Annabelle pegou uma banana para comer. Já era tarde para uma cavalgada, pois o dia estava esquentando. Mas ela sentia necessidade de fugir do ambiente de tensão que se instalara em sua casa naquele dia. Precisava pensar em algumas coisas, entre as quais no mau humor do marido. Hugh Senior raramente a tratava com aspereza, porém Annabelle achava que a idade o estava tornando mais inflexível. Os bons princípios que ele tinha na juventude, e que fizeram com que os pais de Annabelle aprovassem o casamento, haviam se tornado linhas profundas que as pessoas atravessavam à custa de nunca mais voltarem a cair nas graças de Hugh.

Essa dureza cada vez maior a assustava. Quando as pessoas percebiam essa característica nele, era como se batessem contra um muro e fossem arremessadas violentamente para trás. Após o choque, elas o olhavam como se o enxergassem sob uma nova perspectiva. Ao tentar nova aproximação, encontravam uma formalidade hostil que as mantinha afastadas para sempre. Se o administrador da fazenda no Colorado estivesse roubando apenas alguns centavos, ele bateria com tanta força contra o muro que acabaria arremessado para longe e teria de procurar outro emprego. Ela esperava que não fosse aquele o caso.

Annabelle achava irônico que a aspereza do marido houvesse aumentado com a criação de três filhos que ele tanto amava e com a ajuda aos rapazes que Hugh e ela haviam acolhido nas duas décadas anteriores. Ela sempre se preocupou em dar carinho aos meninos, ouvi-los com atenção e fazer os bolos de que gostavam. Hugh era o disciplinador, que se importava tanto

com os filhos a ponto de dizer “não” quando necessário e se manter firme em sua decisão. Ele tinha sido duro com Belle e o resultado não foi bom. A única filha do casal herdara a filosofia de trabalho da família, mas não tinha a resistência emocional dos meninos. Quando Belle era “derrubada”, sua tendência era ficar no chão.

O medo de Annabelle com relação à mudança de Hugh Senior não dizia respeito a si mesma (ela achava que o marido lhe perdoaria qualquer coisa), mas aos filhos. Eles, inclusive os mais velhos, desafiavam o pai. Em sua opinião, aquilo era inevitável e até desejável. Mas ela ficaria desapontada se eles perdessem o respeito pelo pai e temia que Bobby não fosse o único a seguir esse caminho.

Depois de montar em Dallas, Annabelle levou o cavalo até uma trilha, apoiou as rédeas na sela e o deixou livre enquanto descascava sua banana. O capim sob os cascos do animal parecia morto, já que não chovia desde maio. Como não queria depender da natureza para alimentar o gado, a fazenda era forçada a comprar feno para alguns animais.

A manhã tinha um cheiro de vegetação queimada, embora nenhum fazendeiro em sã consciência pensasse em riscar um fósforo para queimar os pastos naquelas condições. Havia risco de incêndios ao oeste: a ameaça de raios, pois havia algumas nuvens carregadas. Àquela altura, uma tempestade seria uma bênção contraditória: providencial por causa da chuva, desde que a precipitação não fosse exagerada, e perigosa devido aos raios que a acompanhavam.

Chegaram a uma porteira e Annabelle teve de descer do cavalo para abri-la, convencê-lo a atravessá-la, fechá-la novamente e voltar a montar no animal.

Ela procurava um grupo específico em meio ao gado: as vacas prenhes que os homens separaram dos novilhos no dia anterior. Annabelle ficou surpresa por não ouvir o mugido das mães nem dos novilhos. Geralmente ela encontraria os bezerros enfileirados de um lado da cerca, gritando, e as vacas reunidas do outro, mugindo para seus filhotes.

Mas o pasto estava silencioso naquela manhã, a ponto de ela ouvir os pássaros piando, Dallas esmagando cascalho embaixo das ferraduras, o ruído de um avião no céu e a buzina de um caminhão na estrada.

Desta vez o desmame foi tranquilo, Annabelle pensou. Contudo, à medida que Dallas a levava até o rebanho, ela via o motivo daquela calma incomum: os novilhos desmamados tinham voltado para as mães. Alguns mamavam, outros brincavam dando cabeçadas e um grupo não se desgrudava de suas mães.

– Ah, não! – resmungou Annabelle para Dallas. – Alguma cerca deve ter caído.

Aquilo não melhoraria em nada o ânimo de seu marido, pois significava mais um dia de trabalho, mais gastos com empregados e mais estresse para os animais. Ela pensou em Billy Crosby e disse a si mesma, chateada:

– Um empregado a menos.

De repente as orelhas de Dallas apontaram para a frente, chamando a atenção de Annabelle. Quando ela olhou, viu uma grande saliência avermelhada no meio do pasto. O cavalo bateu com as patas no chão, como se estivesse nervoso. Annabelle teve de esporeá-lo com força para que ele se movesse.

Era uma vaca, porém havia algo errado. Os animais passavam muito tempo deitados, mas não daquela maneira, com as pernas esticadas e a cabeça apoiada de lado na terra. Nenhuma vaca costuma ficar naquela posição.

Annabelle achou que ela devia ter se deitado e morrido ali. Todas as criaturas de Deus morriam e nem todos os animais da fazenda High Rock chegavam até o abatedouro. Alguns perdiam a vida à moda antiga, como parecia ter acontecido com aquela vaca.

Annabelle percebeu que o pelo de Dallas estava arrepiado. Ela apeou novamente e caminhou na direção do animal. O cavalo recuou, mas Annabelle se virou e disse:

– Fique aí!

Ela não o culpava por querer ir embora. O cheiro estava terrível por causa do calor e a vaca esvaziara os intestinos e a bexiga, além de o sangue ter coagulado.

– Sangue? – Annabelle sentiu uma ponta de medo.

Aquele era um pasto para vacas prenhes recém-separadas de seus novilhos. Será que aquele animal sofrera um aborto espontâneo e sangrara até morrer? Qual seria outro motivo para aquele...

Havia uma poça ao redor da vaca, como se todo o sangue tivesse sido drenado. A terra sob o animal estava tão seca e dura que uma viscosa massa vermelha tinha se formado, atraindo moscas que também zumbiam em torno dos orifícios da vaca.

– Ah, não! – murmurou Annabelle enquanto se aproximava do animal.

O líquido vermelho não era da parte traseira, como teria acontecido no caso de um aborto espontâneo, mas da dianteira. Ele havia escoado pela cabeça e por um talho que atravessava a garganta. Os coiotes eram os únicos predadores daquela região, mas Annabelle sabia que eles não atacavam animais daquele tamanho. Até os novilhos estavam grandes o bastante para não se tornarem presas. Talvez o clima seco estivesse mudando a ordem natural das coisas.

Ou talvez a vaca tivesse morrido primeiro e depois o coiote...

Mas por que a carcaça não estava dilacerada? Tampouco havia touros ali.

Nada daquilo fazia sentido para Annabelle, que tentava entender aquela cena. Como todas as vacas naquele pasto, aquela estava prenhe, o que significava que a fazenda perdera duas vidas valiosas, não apenas uma.

Com certo espanto, ela se deu conta de que animal era aquele. Aquela vaca havia causado toda a confusão do dia anterior, a reprodutora que Billy Crosby chutara em seu acesso de raiva.

Annabelle tinha ido até ali para ver aquele animal, ter certeza de que Billy não havia causado nenhum dano ao seu olho e de que não precisariam chamar o veterinário. Ela não conhecia todos os animais da fazenda, já que a propriedade era muito grande. Contudo, gostava das vacas mais antigas, especialmente aquelas que ela chamava carinhosamente de “velhas garotas”

e “boas mães”. Assim como os seres humanos, os cachorros e os gatos, alguns bovinos eram chamados de “lindo” ou “gracinha”. Aquela vaca era um desses animais.

– Sinto muito, minha querida – murmurou ela enquanto prendia a respiração para não sentir o cheiro da morte.

Onde está seu filhote?, Annabelle pensou.

Olhou ao redor, mas era impossível saber qual entre os novilhos estava sem a companhia da mãe, uma vez que todos se encontravam espalhados. Provavelmente, o animal ficara assustado, tentara empurrar a mãe para que ela se levantasse, mas acabara se afastando.

Annabelle gostaria de passar a mão na vaca, acariciar seu pelo grosso e descobrir se seu corpo estava frio ou se a morte era recente a ponto de a carcaça ainda estar morna. Mas ela não queria pisar no sangue, por isso não se aproximou. Preferiu recuar, montar em Dallas e ir para casa dar a má notícia ao marido.

Ao contrário da esposa, Hugh Senior não hesitou em pisar no sangue ou em tocar na ferida, descobrindo que a vaca não tinha sido morta por um coioete.

– Annabelle – disse ele encarando a mulher –, alguém cortou a garganta dela.

– Ah, Hugh, não é possível! Você tem certeza?

Ele nem se deu ao trabalho de responder e então ela percebeu que devia ser óbvio. Hugh Senior se limitou a dizer:

– Sabemos exatamente quem fez isso, não?

Lágrimas brotaram dos olhos de Annabelle. Sua tristeza não dizia respeito apenas ao animal, mas também a Billy Crosby, e ela pensou: *Billy, o que você fez?*

Lembrou-se das vezes em que se sentara com o rapaz para conversar sobre a importância dos estudos, do emprego, do papel de marido e de pai. Estava enjoada por causa do cheiro de podre, do sangue e por causa dele também. Sentiu ânsia de vômito e se inclinou sobre a vegetação, mas nada

aconteceu. Foi quando se deu conta do cheiro de queimado que tinha sentido mais cedo.

– Hugh! – gritou Annabelle tapando a boca com a mão e apontando para o chão. – Ele começou a atear fogo aqui.

Hugh se aproximou e examinou o terreno com atenção.

– Ele tentou fazer uma fogueira para queimar a carcaça. O desgraçado estava pouco se importando se a fazenda podia pegar fogo, matando a gente e os animais.

Ele se levantou e Annabelle viu a figura do marido enquadrada pelas nuvens ao fundo.

– Eu me pergunto por que o fogo não pegou.

– Porque o sangue dela o apagou antes! Foi por isso!

A tristeza de Annabelle se transformou em raiva diante daquele fato.

– Isso é horrível! Como ele teve coragem, Hugh? *Me responda!*

– Billy é assim, Annabelle. Lamento não ter percebido isso antes.

Alguns minutos depois, enquanto os dois voltavam para casa, a raiva dela diminuiu.

– Hugh, talvez não tenha sido Billy – disse ela, oferecendo pela última vez o benefício da dúvida ao rapaz. – Pode ter sido outra pessoa. Algum maluco, um estranho, um caçador.

O marido olhou incrédulo para ela.

– E um maluco iria exatamente àquele pasto e mataria aquela vaca em meio a tantos animais? Você não pode estar falando sério, Annabelle. Você sabe tão bem quanto eu que foi Billy. As impressões digitais dele devem estar por toda parte. Aposto que aquele rapaz é tão burro que deixou um monte de provas.

– O que vai acontecer com ele? E com sua família?

– A família vai ficar melhor sem um sujeito como ele.

Ela assentiu, percebendo que estava prestes a chorar.

– Todos nós vamos ficar melhor sem Billy Crosby – disse Hugh, e Annabelle reconheceu aquele tom, que significava que a decisão estava

tomada.

– As pessoas vão dizer que nunca deveríamos tê-lo ajudado.

– O problema é delas – retrucou o homem. – Talvez tenhamos evitado que algo pior acontecesse.

– É verdade.

Annabelle se sentiu mais tranquila, pois percebeu que a ajuda que deram a Billy talvez tenha evitado coisas ainda piores. Eles não tiveram sucesso com aquele rapaz, mas como não se lembrar de Meryl Tapper, o melhor amigo de Hugh-Jay, que encontrara apoio entre os Linder? Ele iria se tornar advogado e talvez se casasse com a filha deles, algo que não teria acontecido sem a intervenção deles na problemática vida do rapaz. *Ele* não andava por aí incendiando pastos, assim como nenhum dos rapazes que eles ajudaram havia feito algo parecido.

– Mas a coisa poderia ter sido pior – murmurou Annabelle.

Eles descobririam dali a algumas horas o significado de “pior”.

6

POUCO ANTES DO MEIO-DIA, alheio ao que se passava na fazenda, Hugh-Jay estacionou sua picape no quintal atrás de sua casa. O lugar onde ele e Laurie moravam era bem diferente da casa de seus pais.

Na fazenda, sua mãe e seu pai tinham uma charmosa casa de madeira de dois andares, perfeita para o trabalho que era realizado ali. Em Rose, Hugh-Jay e Laurie moravam em uma sólida mansão de 120 anos. Ao longo de quase um século e meio a natureza pouco interferira nos enormes retângulos de arenito de sua fachada ou na cerca de pedra construída à mão que contornava o terreno.

Era uma atração turística da cidade, uma fortaleza do século XIX, violável apenas se Hugh-Jay e Laurie deixassem as portas abertas, o que eles, assim como todos os moradores de Rose, faziam com seus carros e residências.

Invasões, assassinatos ou roubos de carro não existiam naquela cidade, embora houvesse casos de ferramentas que desapareciam de garagens abertas, episódios que eram atribuídos a vizinhos que se esqueciam de devolvê-las.

Hugh-Jay poderia ter construído uma casa próxima à dos pais na fazenda, (ou longe, já que a propriedade era enorme), mas Laurie era uma típica garota da cidade. Ela logo se interessou pela enorme casa que o avô de Hugh-Jay havia construído para a esposa. A propriedade ficou um bom tempo vazia porque Annabelle não quis morar lá e não havia ninguém na família para ocupá-la. Mas os Linder nunca cogitaram vendê-la.

Com sua fachada de 30 centímetros de espessura, suas vigas cortadas à mão e sua mobília de nogueira maciça, foi difícil não perdê-la para o Patrimônio Histórico Nacional. A família tinha o desejo de preservá-la, porém não queria que as pessoas dissessem como deveriam fazê-lo. O avô de Hugh-Jay construíra aquela casa para aquecer, refrescar, proteger e impressionar, não necessariamente nessa ordem.

No início, Hugh-Jay resistira à insistência da esposa. Ele preferia uma casa simples na fazenda, semelhante à de seus pais, porém um pouco menor.

– Dê à sua noiva o que ela quer – aconselhou-o Annabelle antes que ele se casasse com Laurie. – Foi o que seu pai fez comigo quando eu disse que *não* queria morar lá. Mas veja como ficou tudo bem!

O pai, ao ouvir aquela conversa, riu.

– Pois é, eu só tive de construir uma casa novinha para sua mãe.

Hugh Senior abraçou Annabelle e apertou sua cintura, gesto que ela retribuiu com carinho. O filho queria ter um casamento tão *saudável* quanto o de seus pais, portanto aceitou mudar-se para uma casa que ele achava desconfortável e pretensiosa. À época, sua mulher debochou dele:

– Hugh-Jay, esta casa foi construída para homens do seu tamanho!

Mas ele achava que aquela mansão fora construída mais para grandes egos do que para pessoas enormes. Ele se sentia envergonhado por morar ali, quando a maioria das pessoas que conhecia estava lutando para sobreviver.

Hugh-Jay saltou da picape e olhou para o céu ao oeste, onde nuvens se formavam. Seus dois labradores pretos correram em sua direção, abanando o rabo e com a língua para fora, querendo cheirar sua mão, sua calça e suas botas.

– Parece que está chovendo no Colorado – disse ele. – Já estava na hora.

Os cachorros saíram em disparada até a sombra de uma árvore e se deitaram novamente.

Alguns dias antes, ele vira um idiota jogar um cigarro aceso pela janela de um carro. Hugh-Jay perseguiu o veículo e forçou o motorista a parar no acostamento, assustando os quatro passageiros. Ele falou sobre o perigo de atirar guimbas acesas pela janela.

– Vocês gostam de churrasco? – gritou ao se aproximar do carro.

Quatro rostos que pareciam da cidade grande ficaram olhando para ele. Hugh-Jay tinha uma aparência imponente. Era daquilo que ele precisava. Esperava que a visão de um vaqueiro de 1,90m surgindo do nada amedrontasse aqueles ignorantes.

– Porque, se vocês gostam de carne assada – gritou ele, aproximando-se ainda mais –, é só esperar que logo, logo aquele cigarro vai matar todo o meu rebanho.

Mais tarde, ele percebeu que tivera sorte de não ter levado um tiro. Aquelas pessoas poderiam estar armadas, pois os ocupantes do carro tinham cara de gostar de armas de fogo e certamente não as usavam para caçar alces ou faisões. Qualquer um deles poderia ter atirado em legítima defesa, já que Hugh-Jay agira como um louco. Por outro lado, tiveram sorte por ele não ter aberto a porta do carro, arrancado o motorista para fora e arrastado o sujeito pela estrada para que ele apagasse o cigarro com a testa.

Hugh-Jay preferiu voltar para sua picape, engatar a ré e apagar por conta própria a guimba enquanto o carro sumia na estrada deserta. Ele não comentou o incidente com Laurie nem com ninguém. Na realidade, com quase ninguém. Ligou para o veterinário para falar sobre a égua manca e acabou contando a história. O médico pareceu surpreso não com o comportamento das pessoas que jogavam cigarros acesos pela janela, mas

com a indignação de Hugh-Jay. Ninguém esperaria dele uma reação como aquela. Foram dois incidentes em 48 horas: primeiro, com Billy Crosby e sua lata de cerveja; depois, com aquele carro na estrada.

Hugh-Jay balançou a cabeça pensando no seu comportamento instável. Colocou as mãos no teto da picape e suspirou, tentando encontrar o homem calmo e sensato que todos achavam que ele era, que *ele* achava que era. Apesar das luvas que usava, o calor o obrigou a tirar as mãos da lataria. Viu que as palmas revestidas de couro de bezerro haviam ficado esbranquiçadas, indicando que a poeira viajara com ele desde as planícies e dos monumentos rochosos ao oeste da cidade. Ele viu a marca de suas luvas no teto empoeirado do carro.

Época ruim para os criminosos, ele pensou. Bateu a poeira das mãos e se virou para olhar a porta dos fundos da própria casa. Hugh-Jay sentia uma forte azia. Não sabia se iria conseguir comer a refeição que Laurie havia preparado. Quando estava na casa dos pais ou cuidando das questões relativas à fazenda, ele se distraía e evitava pensar em assuntos incômodos, mas naquele momento isso não era possível.

Foi para casa almoçar sem avisar à mulher. Aquele tampouco era um comportamento que ela esperava do marido e por isso mesmo ele estava agindo daquela maneira. Percebeu que era sua terceira atitude estranha em 48 horas. Pensou no que a mãe lhe perguntara inesperadamente aquela manhã: “Você está bem?” A resposta sincera foi: “Não, eu não estou bem.” Hugh-Jay não se sentia bem. Estava preocupado e aquilo lhe fazia mal.

E a ordem do pai para que ele viajasse até o Colorado não melhorou as coisas. Ao ouvir as palavras de Hugh Senior, ele teve um mau pressentimento. Conseguiu esconder sua reação do pai, mas a mãe não se deixava enganar. Ele nunca conseguia enganá-la como Chase, que a bajulava, ou como Bobby e Belle, que se recusavam a falar sobre determinados assuntos. Ficou se perguntando quando sua mãe faria a mesma pergunta novamente.

Uma rajada de vento que precedia a chuva balançou os sinos da varanda. Esperando não precisar de coragem para ir até a porta dos fundos da

própria casa, Hugh-Jay se obrigou a ir em frente. Tirou as botas e entrou na cozinha em silêncio, sabendo que teria alguns minutos até Laurie perceber sua chegada.

O cheiro de torta assada tomava conta da velha cozinha. Hugh-Jay viu Laurie em seu vestido amarelo favorito, com os cabelos escuros e curtos grudados na nuca por causa do suor. Viu os braços nus, as pernas bem torneadas à mostra, os pés descalços. Os ossos dos tornozelos eram tão finos que parecia que iriam se quebrar com um beliscão. Sensuais e perfeitas, suas unhas dos pés pintadas de vermelho fizeram Hugh-Jay sentir um aperto no coração. Ele poderia brincar com os pés dela durante um dia inteiro.

Ele a observou em silêncio enquanto ela lavava a louça. Laurie tinha 22 anos, dois a menos do que ele, e era tão bonita que, ao se casarem, ele mal acreditava que aquela mulher seria sua pelo resto da vida. Ela abandonara a faculdade para se casar, o que poderia parecer um sacrifício para quem não tivesse visto suas notas. Laurie Linder não era ignorante, porém nunca teve interesse em aprender qualquer coisa que não estivesse relacionada a maquiagem, roupas e fofocas.

Hugh-Jay não se importava. Ele sempre gostara dela, era fascinado por sua beleza, seu andar sensual e seu espírito exuberante, e esperou até Laurie ter idade para sair sozinha. Ele sabia que, caso seus pais não fossem os moradores mais ricos de Rose e ele não tivesse uma casa como aquela para oferecer, ela nunca teria olhado para ele.

Ele não ligava. Estava feliz por chamá-la de “minha esposa”. Seus pais não gostavam dela, consideravam-na uma mulher fútil e egocêntrica. Hugh-Jay sabia disso. Eles tentavam esconder, mas, quando Hugh Senior ou Annabelle Linder torciam o nariz para alguém, era difícil não perceber. Por isso, ele se achava na obrigação de proteger a esposa.

– Papai! – gritou Jody, de três anos de idade, disparando pelo corredor em direção a ele.

A menina pulou no colo do pai com os dois braços abertos, confiante que ele a pegaria no ar. Em poucos segundos ela estava agarrada a ele, com a

cabeça encostada em seu ombro e falando sobre seu dia. Jody usava um vestidinho azul e estava suada e pegajosa, sinal de que brincara durante toda a manhã, provavelmente subindo e descendo as escadas, seu passatempo favorito naqueles dias, sem falar de quando passava horas rodopiando para ver a saia flutuar à sua volta. Os pés da menina, assim como os da mãe, estavam descalços e as unhas também tinham sido pintadas de vermelho.

– Ei! – disse ele baixinho quando a filha parou para tomar fôlego.

Laurie se virara para trás ao som de “papai!”, deixando a faca cair dentro da pia.

– Papai chegou! – gritou Jody para a mãe, com a alegria tomando conta de sua voz oscilante.

– Hugh-Jay, você quase me matou de susto! O que está fazendo aqui?

Ele sorriu, esperando que o gesto não parecesse forçado.

– Não posso almoçar com minha mulher e minha filha?

– Pode, papai! – berrou Jody abraçando o pescoço dele.

Hugh-Jay olhou para a esposa na esperança de que ela dissesse a mesma coisa. Ela se virou de costas e voltou a cortar cenouras. Ele pôs a filha no chão e deu um tapinha em sua cabeça enquanto a menina saía correndo para pegar algo no quarto. Com a respiração ofegante, Hugh-Jay foi em direção à esposa.

• • •

Laurie ficou assustada por Hugh-Jay ter aparecido em casa sem ter avisado antes. Ela conhecia a rotina do marido ao chegar: ele raspava as solas das botas no capacho antes de batê-las uma contra a outra para soltar a terra e então as deixava junto à porta dos fundos. Laurie sabia que os sapatos do marido sempre ficavam dispostos daquela maneira. Antes de entrar, ele ainda tirava o chapéu (naquele dia ele usava um boné) e o batia contra a calça para limpá-lo e o pendurava em um gancho na parede. Filetes de suor escorriam por seu grande rosto avermelhado. Aquilo significava que ele iria até a pia se lavar. Sua meticulosidade deixava a esposa irritada. No entanto, ela dependia daqueles hábitos, sobretudo nos últimos tempos.

– Senti sua falta – disse ele, respondendo à pergunta sobre o motivo de sua presença repentina.

– Sentiu *minha* falta? – retrucou ela em tom de deboche. – Quanto tempo você ficou fora? Cinco horas?

Laurie ouviu o piso de madeira ranger enquanto ele caminhava em sua direção. Ficou tensa à medida que o marido se aproximava. Ela esperava que Hugh-Jay a segurasse pelo cotovelo e a movesse para o lado a fim de lavar o rosto e os braços. Contudo, ela sentiu aqueles enormes braços se fechando em volta de sua cintura enquanto ele se inclinava para beijar sua nuca. Quando ele mordiscou sua orelha direita, ela tremeu por reflexo. Laurie viu a surpresa do marido ao perceber que ela não vestia nada por baixo do vestido.

– Tem certeza de que você não estava me esperando? – provocou ele.

– Acabei de sair do chuveiro – respondeu ela rispidamente, tentando se afastar para pegar um pano de prato. – Só tive tempo de vestir isto.

As mãos dele subiram até as alças do vestido.

– O que você está fazendo, Hugh-Jay?

Ela ouviu a respiração do marido acelerar, sentiu o corpo dele pressionando-a contra a pia.

– Hugh-Jay!

O marido beijou novamente seu pescoço e começou a puxar as alças do vestido para baixo, até que a parte superior dos seus seios ficasse à mostra.

– Não!

Ela curvou a cabeça para a frente, tentando fugir dos lábios dele e puxando as alças de volta para o lugar.

– Pare com isso!

Hugh-Jay recuou e fez o que ela esperava que ele fizesse: empurrou-a suavemente para o lado, abriu a torneira e lavou as mãos, o rosto, os antebraços e a nuca até a água perder a coloração lamacenta e ficar clara.

Pegou um pano pendurado no gancho da parede e secou o rosto e os braços.

– Não acredito que você tenha feito isso – reclamou ela.

– O *quê?* – perguntou Hugh-Jay com uma expressão de tristeza no rosto e um tom choroso que a irritou ainda mais. – Tentar amar minha mulher?

– Mas à luz do dia e com Jody no cômodo ao lado?

– Eu nunca faria *isso* na frente dela!

– Você não deveria ter feito *nada!*

– Desculpe, você tem razão.

Antes do casamento, ela nunca mostrara qualquer tipo de preocupação, não importavam local nem horário, mesmo se houvesse o risco de alguém vê-los. Era Hugh-Jay quem ficava apreensivo com a possibilidade de eles serem flagrados. Ela se lembrou disso e teve certeza de que ele também. Mas os dois preferiram ficar calados. Ao perceber uma coisa brilhando sob a mesa, Hugh-Jay se abaixou para pegá-la, mas sua filha entrou correndo na cozinha e foi mais rápida do que ele.

– Aqui, papai.

A menina colocou um isqueiro prateado e uma boneca com um vestido novo em suas mãos.

– É do tio Chase – disse Jody. – Ele esqueceu. Gostou do vestido da minha boneca?

– É lindo. Aposto que seu tio esqueceu isto aqui no café da manhã.

– Não! Foi mais tarde, quando ele voltou e bebeu todo o café da mamãe. Não foi, mamãe? Você sempre diz que o tio Chase bebe todo o seu café.

– Eu não digo nada disso!

Jody fechou a cara, mas não discutiu com a mãe.

– Chase voltou aqui de manhã? – perguntou Hugh-Jay

– Sim, papai, e brincou comigo! – a menina falou alto. – No balanço!

– O que ele queria?

– Só café – murmurou Laurie.

– Mas mamãe...

– Jody! Pegue sua boneca e vá brincar lá fora!

Hugh-Jay viu os lábios da filha começarem a tremer, então guardou o isqueiro no bolso da calça e pegou a menina no colo.

– Quando foi que a mamãe comprou o vestido novo da boneca? – perguntou ele baixinho.

Laurie se virou para encará-los.

– Que diferença faz? É apenas um vestido, não interessa quando eu o comprei! Posso comprar um vestido para a boneca da minha filha sempre que eu quiser!

Assustada com a reação da mãe, Jody começou a chorar, o que fez Laurie suspirar irritada e olhar para o teto, deixando para Hugh-Jay a tarefa de consolar a menina. O despertador do forno tocou e Laurie calçou as luvas para retirar a torta e colocá-la sobre a bancada.

– Acho que tem uma menina aqui que está doida por um pedaço de torta! – disse Hugh-Jay, abraçando Jody.

– Agora, não! – retrucou Laurie furiosa. – Ainda está muito quente!

– Mas torta quente é uma delícia!

– É – concordou Jody, secando os olhos com as costas das mãos. – Estou com fome.

– Ainda não. Ela precisa esfriar – insistiu a mãe, encerrando o assunto.

Laurie não os deixou comer a torta nem depois de eles terem terminado os sanduíches de atum e as batatas fritas que ela havia feito.

– Fiz a torta para o jantar.

– Não vou jantar em casa hoje – disse Hugh-Jay.

– Por quê?

– Aonde você vai, papai?

As lágrimas de Jody haviam secado graças ao sanduíche de atum.

– Colorado – respondeu, evitando o olhar da esposa.

– Por quê? – perguntou ela rispidamente.

– Ordens do meu pai.

Houve um momento de silêncio, então Laurie repetiu:

– Por quê?

Hugh-Jay deu de ombros e olhou para o prato vazio como se houvesse esquecido algum pedaço.

– Muito bem – disse Laurie em um tom seco. – Se você vai viajar, acho que não precisa comer torta.

– Ele não vai ganhar torta? – perguntou Jody com um olhar de preocupação. – Você está zangada com o papai?

– Não estou zangada com ele!

– Está, sim – rebateu a menina, começando a chorar novamente.

– Não! – gritou Laurie olhando para os dois e jogando um garfo sobre a mesa. – Não estou!

O marido e a filha olharam para ela, mas nenhum deles falou nada. Até mesmo uma criança de três anos conseguia enxergar a verdade.

• • •

Na casa da fazenda, Hugh Senior elaborou um plano.

– Não diga nada a Bobby sobre o que aconteceu – ele instruiu Annabelle.

– Ele vai sair correndo atrás de Billy e acabará se metendo em encrenca. E também não conte a Chase.

Ela olhou para o marido esperando a justificativa. Em vez de explicar o motivo, ele pegou o telefone. Primeiro, ligou para a casa do filho mais velho.

– Hugh-Jay, quero que você traga Billy Crosby à fazenda hoje.

As sobranceiras de Annabelle se ergueram em sinal de surpresa.

– Sim – disse Hugh Senior ao telefone, aparentemente respondendo a algum argumento do filho a respeito do que acontecera no dia anterior –, mas tenho um trabalho especial para ele. Vou precisar de você também. Se vir seus irmãos, diga a eles que temos de consertar umas cercas.

Fez uma pausa para ouvir e então acrescentou:

– Alguém cortou o arame da nossa cerca, filho. Deixaram os novinhos voltarem para junto das mães. Mas o pior é que mataram uma vaca prenhe, cortaram a garganta da coitada.

Ao lado do telefone, Annabelle conseguiu ouvir a expressão de susto do filho. Em seguida percebeu que o marido dissera uma mentira.

– Não, não foi Billy – falou antes de fazer uma pausa. – Claro que tenho certeza, senão por que eu o deixaria voltar aqui?

Quando Hugh desligou, Annabelle disse:

– Você mentiu para seu filho.

– Mas foi necessário. Hugh-Jay não consegue mentir e ele acabaria entregando o jogo para Billy no caminho.

– Qual é seu jogo?

– Um jogo muito sério – respondeu, inclinando-se para beijar a testa da mulher.

– O que você está tramando, querido?

– Quero que Billy limpe a própria sujeira, só isso.

Depois, ele deu outro telefonema, dessa vez para o xerife do condado em Henderson City.

– Aqui quem fala é Hugh Linder Senior – disse com autoridade ao oficial que atendeu a ligação. – Gostaria de denunciar que Billy Crosby matou uma de minhas vacas ontem à noite... Sim, tenho certeza. Ele também cortou o arame da minha cerca e tentou atear fogo no pasto. Consegui que ele ficasse longe de casa por algumas horas esta tarde. Quero que vocês vão até lá enquanto eu o mantenho fora do caminho. Perguntem à mulher dele onde Billy esteve ontem à noite. Procurem provas na casa. Vocês deverão encontrar uma faca e roupas ensanguentadas, assim como alicates para cortar arames. Quando tiverem feito isso, quero que venham até aqui à fazenda e o prendam.

– Por falar em mau comportamento – disse Annabelle depois que o marido desligou –, e quanto à fazenda do Colorado?

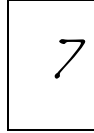
– Quer saber o que há de errado por lá? Estamos pagando muito caro por algumas coisas. Talvez não seja nada, apenas erro na contabilidade. Ou então nosso administrador está enchendo os próprios bolsos. Hugh-Jay deveria ter percebido isso nos livros contábeis. Não deveria ter sido eu a perceber. Eu o estou mandando para lá a fim de que limpe a *própria* sujeira. É só assim que eles aprendem. É só assim que qualquer um aprende!

Alguns segundos depois, Annabelle disse:

– Ele não vai gostar de você ter mentido.

O marido demonstrou confiança na resposta:

– Isso não fará mal algum a ele.



DEPOIS DO ALMOÇO, LAURIE e Jody acompanharam Hugh-Jay até a varanda. Ele colocou no chão a mala de couro surrada que havia sido de seu avô.

– Vou pegar chuva esta noite – ele previu olhando o céu ao oeste.

As nuvens pareciam altas, escuras e próximas.

Laurie observou a picape que ele estacionara sob as árvores nos fundos da garagem. Os cachorros vieram correndo. Quando chegaram perto, ela os afastou com o joelho e disse irritada:

– Saiam daqui, seus bichos fedorentos! Hugh-Jay, tem alguém na sua picape?

– Billy Crosby, provavelmente.

Ele puxou os labradores pela coleira, afastando-os de Laurie.

– Você não me viu ligando para ele? Pedi que ele viesse até aqui.

Laurie viu Billy olhar na direção deles como se o vaqueiro soubesse que era o assunto da conversa do casal. O rapaz acenou com indiferença, mas Laurie não retribuiu o gesto.

– Não acredito que seu pai queira contratá-lo novamente.

Ela não se preocupou com que Billy talvez pudesse ouvi-la.

– Um homem merece uma segunda chance, não?

– Mas não uma quinta ou sexta – rebateu ela com sarcasmo.

– Eu não sabia que você tinha tanta antipatia por ele.

– Não tenho – argumentou Laurie com desdém. – Não ligo para ele.

Hugh-Jay se inclinou para beijar sua testa, mas ela se mexeu e seu afeto apenas resvalou na esposa. Em seguida, levantou novamente o tronco.

– É difícil um homem sustentar a família sem um carro.

– Mas de quem é a culpa?

– Você tem razão.

- Quando você volta? – perguntou ela olhando para o marido.
- Não sei, talvez amanhã. A não ser que eu tenha de ficar um pouco mais.

Só vou saber quando chegar lá.

- Certo. Ligue e me diga o que vai fazer.
- Pode deixar.
- Você jura? – perguntou ela com uma expressão séria.
- Juro, pode deixar – assegurou ele, curvando-se para beijar o nariz da filha. – Tchau, garotinha.

Jody aproveitou que o pai estava na altura dela para abraçar seu pescoço.

- Não vá embora, papai.

Ele abraçou a menina e se levantou com ela agarrada ao corpo. O hálito de Jody tinha cheiro de atum e seus cabelos, escuros como os da mãe, cobriram o rosto do pai. As duas sensações o fizeram sorrir enquanto ele a suspendia e tirava as mechas do cabelo da filha da boca.

- Preciso ir, garotinha.

Ele se desvencilhou suavemente do abraço da filha, colocou-a no chão e empurrou seus bracinhos para baixo.

- Mas vou trazer uma surpresa.
- Um *cavalo*?
- Desta vez, não.

Ela desejava ter seu próprio pônei, mas adorava andar a cavalo com o pai, que a segurava com um braço enquanto a outra mão se ocupava das rédeas.

- Você precisa crescer um pouquinho mais.

A alegria no rosto da menina se transformou em decepção.

– Mas vai ser uma surpresa bem legal – prometeu ele, recebendo em troca um sorriso acompanhado por olhos ainda úmidos pela tristeza de que não iria ganhar um cavalo e pela partida do pai.

- Hugh-Jay, você mima demais esta garota.
- Eu adoro mimar minhas garotas.
- Não – retorquiu a esposa em tom severo. – Você não gosta!

Sem olhar para Laurie, ele pegou a mala e começou a descer os degraus da varanda. Os cães se levantaram e o seguiram. A esposa esperava vê-lo entrar

na picape. Em vez disso, Hugh-Jay deixou a mala no chão, caminhou até um lado da garagem e desapareceu em direção aos fundos.

– Aonde o papai vai?

– Não faço ideia.

Depois de alguns segundos ele reapareceu e entrou no carro.

– Tchau, papai! – gritou Jody com o máximo volume que era possível a uma criança de três anos. – Eu te amo!

A penúltima visão que ela teve do pai, e que desapareceria de sua memória, foi a do rosto dele enquadrado pela janela da picape e do cotovelo apoiado na porta. Ele tinha colocado um chapéu de vaqueiro sob o qual seu rosto pálido e largo sorria retribuindo o amor que ela demonstrara com seu grito.

Bobby entrou na casa da fazenda depois do meio-dia atrás da comida da mãe. Encontrou os pais conversando na cozinha, onde o ventilador de teto girava e o fogão estava apagado. Com fome, calor e desapontado, o rapaz disse:

– Vocês dois nunca saem desta casa?

Se a pergunta tivesse sido feita por Chase, seria encarada como brincadeira, mas, como Bobby não tinha talento para o humor, aquelas palavras soaram agressivas.

O pai olhou atravessado para o filho.

– Sente-se. Tenho algo a contar.

– Sim, senhor.

Ele parecia mais contente em se sentar do que em obedecer à ordem do pai. Bobby se jogou em uma cadeira, esticando as pernas compridas e se esparramando.

– Não adianta, pai, você não vai me convencer a entrar na faculdade!

– Você vai para onde merece ir.

– Hugh – interveio Annabelle em um tom que fez com que o marido lembrasse que tinha outros problemas a discutir com o filho mais novo. –

Bobby – disse ela ao jovem, sem dar a Hugh Senior tempo de reagir –, umas cercas caíram. Alguém as cortou e os novilhos voltaram para as mães.

– Você está brincando! – disse o rapaz, boquiaberto e endireitando-se na cadeira. – Alguém as cortou?

– Mas isso não é tudo – acrescentou o pai. – Mataram uma vaca que estava prenhe. Cortaram a garganta do animal!

Ele não disse qual era a vaca.

– Cacete! – exclamou Bobby.

– E quase colocaram fogo no pasto – arrematou a mãe, balançando a cabeça em reprovação ao que acontecera e à palavra usada pelo filho.

Bobby se levantou.

– Aquele desgraçado!

– Não foi Billy! – gritou Hugh Senior, percebendo imediatamente a quem Bobby se referia. – E atenção ao vocabulário usado nesta casa.

– Claro que foi Billy, pai! Que história é essa? Não poderia ter sido outra pessoa! Ele está com raiva de você. Já estava com raiva desde ontem por causa daquela bobagem e agora deve estar furioso devido à picape. Quem mais iria fazer algo parecido?

– Alguém que não conhecemos, filho.

– Vou cortar a garganta de quem fez isso!

Quando ele se levantou para ir ao banheiro, Hugh Senior disse à mulher:

– É por isso que não quero que Bobby saiba antes da hora. Se contássemos que foi Billy, seria nosso filho quem acabaria preso por causa de um assassinato.

Annabelle abraçou o marido.

– Odeio isso – murmurou com o rosto apoiado no peito dele.

Sempre que se lembrava daquele animal manso, indefeso e que fora produtivo por tantos anos, ela tinha vontade de matar Billy Crosby com as próprias mãos.

Enquanto dava ré com Billy no banco do passageiro, Hugh-Jay observava a mulher e a filha voltarem para dentro de casa. Ao atravessar o vestido de

Laurie, a luz do sol revelava a curva de seus quadris e suas pernas finas, além do fato de que ela não usava nada por baixo da roupa.

Olhou para o lado e viu que seu passageiro também olhava a mesma coisa. Billy parecia prestes a fazer um elogio, mas preferiu ficar de boca fechada e virou o rosto em outra direção. Em seguida abaixou a aba do boné para proteger os olhos da luz que atravessava o para-brisa.

Ao observá-lo, Hugh-Jay achou melhor o vaqueiro não ter dito nada. Ele já estava acostumado com a admiração dos homens por sua mulher, mas tampouco lhe agradava o fato de Billy imaginar Laurie nua por baixo do vestido. Seu desejo era apagar essa imagem da mente de Billy. Na realidade, gostaria de apagá-la da cabeça de *qualquer* homem, mas sobretudo de um sujeito como Billy, que tinha um aspecto marginal que intrigava Hugh-Jay. Não entendia por que as mulheres gostavam de homens que só arrumavam encrenca.

Mais uma vez sentiu o cheiro de cerveja no hálito do empregado.

– Já bebeu hoje, Billy?

– Não é da sua conta.

– Se vai trabalhar para minha família, é, sim. Já bebeu ou não?

Billy suspirou.

– Uma cerveja durante o jantar, só isso.

No interior, eles chamavam o almoço de “jantar” e a última refeição do dia de “ceia”. Billy se ajeitou no banco.

– Que tipo de trabalho vocês vão me mandar fazer hoje, Hugh-Jay?

– Vamos consertar uma cerca.

– É mesmo? Achei que já tivéssemos terminado isso.

– Sim, mas alguém derrubou outra e misturou os animais – disse ele sem mencionar a vaca morta.

– É mesmo? Quem faria isso?

– Meu pai não sabe – respondeu Hugh-Jay olhando para ele. – Não foi você, não é?

Billy deu um riso de deboche.

– Pois é, fui andando a pé até lá! Você se esqueceu de que comprou minha picape?

– Preciso pegar as chaves reservas com você, Billy.

De repente, o ocupante do banco do passageiro se calou.

– A Val disse isso a você?

– O quê? Que você tem chaves reservas? Não, eu deduzi. Quem não tem chaves reservas, Billy?

– Eu não tenho nem nunca tive. Pode perguntar a ela.

– Talvez você tenha esquecido, talvez elas estejam na bolsa da sua esposa.

– Ela nunca teve chave alguma. Nunca dei as chaves a ela. O único par ficava comigo e agora está com você.

Hugh-Jay sentiu um clima pesado no ar.

– Seu pai sabe que você está me levando? – perguntou Billy.

– Eu já lhe disse que a ideia foi dele.

Com o canto do olho, Hugh-Jay viu Billy relaxar e sorrir com ar de escárnio.

– Não faça com que ele se arrependa – avisou o primogênito de Hugh Senior.

– Quem você acha que foi?

– Que cortou a cerca? Já disse, meu pai não sabe.

– Como vocês vão pegar alguém assim?

– Talvez seja difícil.

– Provavelmente nunca vai ser pego.

Billy afundou no assento, cobriu o rosto com o boné e tirou um cochilo. Ou fingiu que dormia. Hugh-Jay ligou o rádio. Uma doce voz feminina preencheu a cabine com uma triste melodia. Enquanto dirigia e ouvia música, Hugh-Jay pensou em como algumas coisas eram fáceis de provar: a quilometragem percorrida pela picape desde a última vez em que ela fora usada, que correspondia à distância até a fazenda. Ele anotara a quilometragem do carro de Billy na noite anterior, depois que Chase foi para o Restaurante Bailey. Ao observar o irmão caminhando pela calçada ele pensou que, embora você tire o carro de um homem, nada o impede de

dirigi-lo. No bolso direito de sua calça ele tinha um papel com dois números escritos: a quilometragem anotada na noite anterior e a registrada alguns minutos antes na garagem de casa. Ele teria de revelar ao pai que Billy não merecia outra chance: a única coisa que ele merecia era a cadeia.

Hugh-Jay olhou para seu passageiro supostamente adormecido. Ficou pensando que Billy não fazia a menor ideia de que havia se metido na pior encrenca de sua vida inútil. O empregado achava que ia se safar. Billy Crosby: um bêbado que batia na mulher, derrubava cercas, maltratava animais e agora era um assassino de gado.

Ou, como Bobby resumiria com grosseria: Billy Crosby era um babaca. Hugh-Jay trincou os maxilares, contendo a raiva. Ele não tinha mentido para Billy. Dissera apenas que seu pai não sabia. Era verdade. Seu pai não suspeitava de que Billy era o culpado.

Hugh-Jay se lembrou de que quase arrancara quatro estranhos de um carro por causa de um cigarro jogado pela janela e de como ameaçara Billy de descer da picape por ter arremessado uma lata de cerveja na estrada. Aquilo não era nada se comparado à derrubada da cerca e ao assassinato de uma vaca em um ato cruel de vingança. Billy merecia ser lançado para fora do carro e atropelado várias vezes.

No entanto Hugh-Jay se sentia grato por Billy o estar distraído. Nada do que o empregado de sua família fizera lhe doía tanto quanto o que estava acontecendo em casa.

– Casa – murmurou Hugh-Jay, movendo os lábios para pronunciar aquela palavra inofensiva.

Billy se mexeu como se tivesse escutado, mas em seguida começou a roncar.

Cansado?, Hugh-Jay pensou, olhando para ele. *Você teve uma noite e tanto, Billy!*

O cemitério e o rebanho de bisões ficaram para trás. Para não jogar o carro para fora da estrada, bater em Billy ou chorar, Hugh-Jay conteve a muito custo seus sentimentos de desespero e raiva. Era horrível ser traído e se desiludir com as pessoas que você ajudava e amava. A vontade dele era

fazer coisas que nunca havia imaginado. Coisas prejudiciais, violentas e vergonhosas. Hugh-Jay atravessou o portão principal da fazenda e rezou para que as horas de trabalho à sua frente o purificassem e fizessem com que ele voltasse a ser o homem que ele sempre desejara ser.

8

NA SALA DE ESTAR da enorme casa de pedra, Laurie estava encostada na moldura da janela com Jody adormecida em seus braços. A criança havia chorado após a partida do pai e finalmente tinha se rendido ao dia quente, às lágrimas e ao cansaço acumulado passando a manhã inteira como qualquer criança de três anos que adora subir e descer escada, rodopiar até cair e fazer dobras no tapete sob a grande mesa de jantar.

Muito depois de a picape de Hugh-Jay ter dobrado a esquina, de seus braços terem ficado dormentes por segurar a filha e de o telefone ter tocado várias vezes sem que ela atendesse, Laurie continuou sentada à janela, olhando para a rua. Estava furiosa e nervosa por causa da aparição inesperada de Hugh-Jay e não sabia o que fazer a respeito. Ela queria atirar as coisas longe. Queria correr porta afora e fugir para bem longe dele e de Rose. Queria gritar.

Por que ele tinha ido até casa? Não era do seu feitio. Ele estaria vigiando a esposa? Mesmo em um dia quente como aquele ela sentiu um arrepio ao se lembrar da voz do marido atrás dela na cozinha.

O modo como ele a agarrou...

Ela estremeceu, fazendo com que a filha se mexesse em seus braços. Laurie se esforçou para ficar na mesma posição. Não queria ser obrigada a lidar com as vontades e necessidades de uma criança. Na verdade, ela nunca quis brincar de mãe. Era assim que ela enxergava as coisas. Um fingimento, algo irreal. Só que aquela brincadeira sem graça nunca terminava, como o Banco Imobiliário que Chase e Belle jogavam como se o destino da fazenda

dependesse de quem saísse vitorioso do tabuleiro. Ela odiava aquele jogo, pois achava uma imbecilidade se preocupar com casas de plástico e também porque não estava acostumada a competir. Mas pelo menos ela podia fugir do Banco Imobiliário. Na brincadeira de ser mãe, ela nunca podia vencer nem desistir.

Laurie olhou para a criança que dormia em seu colo e se sentiu amargurada e perdida. Ninguém jamais a prevenira que ela poderia se sentir daquela maneira em relação ao marido e à carne da própria carne. Era uma desagradável surpresa. Estava descobrindo que uma criança, bem como um casamento, significava trabalho e preocupação. Um bebê, assim como um marido, precisava de atenção mesmo que a mãe necessitasse tirar um cochilo. Falar ao telefone, tomar um banho relaxante e descansar algumas horas estavam fora de cogitação.

Jody felizmente se parecia com ela. Laurie achava que teria odiado se a menina fosse feia. Sua filha era linda, sua casa era a maior e a mais bonita da cidade e seu marido era ou seria rico algum dia. As pessoas achavam que ela já estava bem de vida por ser uma Linder, mas Hugh-Jay era apenas um assalariado como qualquer funcionário da fazenda. Seu salário era maior do que o dos irmãos porque ele era mais velho, experiente e responsável, porém ainda assim não passava de um salário, como se ele fosse o filho do capataz e não o primogênito da família mais rica da cidade.

Dali a alguns anos, Hugh-Jay, Chase, Bobby e Belle começariam a receber parte do lucro da fazenda, mas aquele momento ainda não chegara, pois Annabelle e Hugh Senior não gostavam de dar muitas coisas a eles, como se fossem facilitar a vida deles antes do tempo. Laurie odiava os sogros por serem tão egoístas. Seria fácil para eles abrirem mão do dinheiro para que ela e Hugh-Jay se divertissem um pouco em vez de apenas trabalhar.

Diversão. Ela nem lembrava mais o que aquela palavra significava. Em dias como aquele, quando a casa e o calor faziam com que ela se sentisse como um animal em busca da liberdade, Laurie só pensava em sumir para sempre. Oportunidades não haviam faltado... Sorriu para si mesma satisfeita

com aquela outra verdade. Aqueles pensamentos fizeram com que ela sentisse um novo arrepio, dessa vez prazeroso.

Naquele momento de calor ela se deu conta da própria nudez por baixo do vestido, desejando sentir em sua pele um toque que não fosse o das mãos calejadas e hesitantes do marido. Imaginou mãos diferentes tocando em seus seios, outra boca pressionando a sua, o peso de outro homem em cima de seu corpo, outros olhos a admirá-la, a devorá-la e a amá-la como ela desejava ser amada, e não da maneira previsível e comportada como acontecia.

Ela o imaginava dando ordens, recusando-se a dar imediatamente o que ela exigia, obrigando-a esperar, a suplicar e a fazer qualquer coisa que ele mandasse, segurando seus braços para trás, prendendo suas pernas, saboreando-a e provocando-a até ela explodir de desejo por ele. Só então ele daria o que ela desejava, rindo dela, provocando-a e fazendo-a gemer, gritar e implorar por mais, mais e mais. Laurie ficou sem fôlego. Sentiu-se dominada pelo desejo por alguém que ela não deveria tocar, obcecada pelo ato sexual que ela não deveria consumir, desejando desesperadamente coisas que ela não deveria fazer e que nunca faria com seu marido.

Laurie não acreditava que tinha cometido um erro ao se casar com Hugh-Jay (ela nunca achava que cometia erros, pois sempre havia outras pessoas a quem culpar), mas às vezes ficava imaginando como teria sido se tivesse se casado com um dos rapazes que sempre a olhavam, homens bonitos e atraentes que não eram respeitosos e pacientes como Hugh-Jay; que eram quentes em vez de inexpressivos; alegres no lugar de serem sóbrios; apaixonados e divertidos, e não sem graça e chatos. Como seria sua vida se ela fosse embora com um homem que sussurrasse palavras obscenas em seu ouvido e lhe desse coisas que nada tinham a ver com dinheiro? E se ela pudesse ter dinheiro e prazer ao mesmo tempo?

Naquele momento ela finalmente conseguiu enxergar o lado bom que toda a raiva e todo o marasmo daquele dia haviam escondido: Hugh-Jay ficaria fora aquela noite e talvez mais algumas. Ela poderia fazer o que quisesse. Poderia fazer o que era *necessário*, o que ela tinha todo o *direito* de

fazer. Afinal, ela não tinha o direito de ser feliz? Não iria arrumar problemas, uma vez que não havia ninguém em casa para surpreendê-la.

Em seus braços, Jody abriu os olhos.

– Oi, dorminhoca – disse ela com um sorriso encorajador que surpreendeu a filha e a fez sorrir. – O que você acha de passar a noite na casa do vovô e da vovó?

9

ANNABELLE ESTAVA NERVOSA AO dirigir seu Cadillac preto até o pasto onde os homens trabalhavam naquela tarde. Ela seria obrigada a ver Billy Crosby depois das coisas que ele tinha feito e fingir que não sabia de nada. Era fundamental que Billy ficasse na fazenda enquanto o xerife fazia seu trabalho na cidade. O empregado não podia saber o que estava acontecendo em Rose.

Ele precisava ser preso no campo, longe de sua mulher e de seu filho, que deveria ser poupado do trauma de ver o pai ser levado para a cadeia. Era imprescindível que Billy estivesse cercado de homens fortes que dessem a garantia de que ele não cometeria um ato de loucura ou violência.

Hugh queria que a prisão acontecesse rapidamente, com o mínimo de alarde, e Annabelle desejava a mesma coisa. Aos poucos, ela e Hugh foram amadurecendo a ideia de que um homem que fazia coisas como aquelas devia ser perigoso. Portanto, além de ansiosa, ela estava com medo do que poderia acontecer. Annabelle nunca tinha visto alguém ser preso, a não ser pela televisão, e jamais tinha sonhado que a primeira vez ocorreria justamente na sua fazenda.

Enquanto estacionava o carro na estrada de terra que atravessava o pasto, ela rezou pela segurança de todos. Era seu dever naquele momento contribuir com uma atitude de normalidade, fazendo exatamente o que todos os vaqueiros, inclusive Billy, esperavam que ela fizesse. Então lá estava

ela levando chá gelado e biscoito de canela para eles, pois era isso que Annabelle sempre fazia quando os homens trabalhavam durante horas. Quando sua filha Belle era mais nova, ela costumava acompanhar a mãe, a menos que estivesse ajudando a separar o rebanho montada em um cavalo. Algumas vezes, Annabelle levava café com biscoitos de chocolate, outras, chá gelado com biscoitos de melão. Por causa do temporal que se aproximava, ela também não se esquecera das capas de chuva. Nuvens carregadas cruzavam a divisa entre o Colorado e o Kansas e a tempestade estava a apenas um condado de distância. A primeira chuva, fina e intermitente, já tinha caído, mas não fora suficiente para interromper o trabalho, apenas para refrescar os homens e seus cavalos, que ali estavam desde o momento em que Hugh Senior os convocara com seu pedido urgente de ajuda.

– O que você vai dizer a eles? – perguntara Annabelle.

– A mesma coisa que disse aos garotos: foi um ato de vandalismo e não sabemos mais nada por enquanto.

Trabalhando sem parar, vizinhos, empregados e os homens da família Linder conseguiram consertar toda a cerca, com exceção de um pedaço que ainda precisava ser restaurado. Um passeio pela fazenda mostrara que outros trechos de cerca haviam sido cortados, outras extensões de pasto invadidas e outros rebanhos misturados. Os vaqueiros estavam prontos para levar o gado de volta, mas, ao avistarem Annabelle estacionar o carro, amarraram seus cavalos ansiosos por ver o que ela tinha preparado.

A chuva não os faria parar de trabalhar, a menos que viesse acompanhada de raios, mas, como os homens costumavam dizer, o cheiro dos biscoitos de canela de Annabelle Linder era capaz de acalmar até touro no cio.

As capas de chuva que ela trazia, algumas de um amarelo-vivo e outras pretas, eram pesadas. Alguns homens correram para ajudar Annabelle, que também carregava uma grande jarra de chá gelado e copos de plástico. Eles levaram o lanche pelo terreno, que estava tão úmido que a lama grudava na sola das botas, e o puseram no banco traseiro de uma de suas picapes.

Annabelle continuou embaixo do guarda-chuva segurando os guardanapos e foi saudada com agradecimentos por todos os homens ali presentes.

– Lamento que isto tenha acontecido com vocês, Annabelle – disse um dos vizinhos.

– Foi uma coisa terrível – comentou outro homem, produzindo um murmúrio de concordância masculina que a reconfortou, como se todos colocassem a mão em seu ombro em um carinhoso gesto coletivo.

– Espero que eles peguem esses filhos de uma égua! – gritou um vaqueiro.
– A senhora me desculpe pelo linguajar – acrescentou logo em seguida.

– Concordo – disse ela sorrindo para o rapaz.

Red Bosch, o vaqueiro mais jovem da fazenda, se ofereceu para ajudá-la com os biscoitos.

– Eu levo os biscoitos, Sra. Linder – falou o rapaz, sério, já esticando os braços para que ela lhe entregasse a bandeja.

A cobertura de açúcar dos biscoitos enormes e fumegantes havia escorrido para os lados, formando pequenas poças no papel-manteiga que ela colocara embaixo.

– Não deixe que ele faça isso – alertou um vaqueiro mais velho – ou não sobrá nada para nós.

– Ei – Red devolveu a brincadeira –, você não vê que estou em fase de crescimento?

– Por isso mesmo! – rebateu o vaqueiro, provocando uma gargalhada coletiva.

– Tome, Red – chamou Annabelle, passando a bandeja para ele. – Distribua igualmente os biscoitos. Igualmente, ouviu bem?

O grupo gargalhou de novo e o sorriso mais expressivo foi o de Red. O rapaz havia abandonado os estudos e estava juntando dinheiro para comprar uma picape. Annabelle constantemente tentava convencê-lo a voltar para a escola, mas, com 16 anos e uma família na qual ninguém concluía o ensino médio, ele tinha dificuldade de enxergar os benefícios de uma boa educação.

Red não era apelido. Ele nascera com o cabelo ruivo do pai, que o concebera aos 18 anos, e ganhara aquele nome de sua mãe, que engravidara aos 15. As pessoas não o achavam bonito nem feio, mas havia algo em Red que fazia com que todos simpatizassem com ele.

Annabelle tentou achar Billy Crosby em meio aos seus empregados. Felizmente o vaqueiro observava algo no céu e ela não foi obrigada a falar com ele. Annabelle lançou um olhar rápido para o marido, que então conferiu as horas no relógio. Ela suou frio ao pensar em Valentine sozinha com o filho enquanto os policiais revistavam sua casa. Ela torcia para que Val tivesse levado o menino à casa de um amigo antes da chegada do xerife. *Coitadinho*, ela pensou, olhando para baixo a fim de esconder as lágrimas que escorriam de seus olhos.

A infância de Collin Crosby era igual à de vários meninos que ela e Hugh Senior ajudavam. Garotos como o pai dele e Red Bosch. Annabelle esperava que eles não precisassem dar emprego a Collin para mantê-lo afastado de encrencas ou, se isso acontecesse, que fossem bem-sucedidos, ao contrário do que acontecera com Billy Crosby.

Annabelle sentiu uma ponta de culpa pelo fracasso de Billy. Naquele momento, cada um de seus filhos foi se aproximando silenciosamente dela.

– Mãe – disse Hugh-Jay baixinho, sem que ninguém conseguisse ouvi-lo.
– Papai está enganado com relação a Billy. Foi ele quem fez isso e eu tenho provas. Tentei avisá-lo, mas ele não quer me escutar. Você pode falar com ele?

– Que tipo de prova?

Ele falou da quilometragem da picape. Annabelle pegou uma das mãos do filho e a apertou.

– Deixe seu pai cuidar disso – aconselhou.

Hugh-Jay franziu a testa como se aquelas palavras não fizessem sentido, mas achou melhor ficar calado e Annabelle tampouco se mostrou disposta a dar explicações.

Em seguida foi a vez de Chase se aproximar, colocando-se diante da mãe de maneira que ninguém conseguisse ouvir o que os dois estavam falando.

- Não sei por que papai acha que não foi Billy.
- Deixe seu pai cuidar disso, meu querido – repetiu.
- Mas...
- Confie em mim, Chase.

Ele assentiu com um olhar de dúvida, mas achou melhor acreditar que ela sabia o que estava fazendo.

- Tudo bem, mãe.

Bobby foi o último filho a se aproximar.

- Pouco me importa se não foi ele. Não consigo sequer ficar no mesmo pasto com aquele bosta!

- É assim que seus amigos falavam na universidade?

Ele fez a mesma expressão de raiva que a mãe fizera várias vezes para ele naquele dia, mas se afastou sem falar nada. Annabelle esperava que alguma providência fosse logo tomada. Seus filhos estavam reunidos longe dos outros homens e pareciam prestes a perder a paciência. Ela sabia muito bem o motivo de tamanha inquietação. Como se pressentisse a tensão no ar, Billy Crosby se mantinha afastado de todos.

- Chegue logo – disse ela em voz baixa, torcendo para que o xerife não demorasse. Mas suas súplicas não foram atendidas.

Os vaqueiros estavam reunidos em volta da picape com os copos nas mãos. Annabelle se obrigou a perguntar a cada um deles sobre mulheres, filhos, pais e irmãos. Ela recolhia os restos dos biscoitos no momento em que o marido vestiu uma capa de chuva e anunciou:

- Mais uma cerca e podemos ir embora. Hugh-Jay e Chase, vocês cuidam disso.

- Sim, senhor – anuiu o filho mais velho, lambendo os dedos e jogando o copo vazio em uma sacola plástica. – Vamos, Chase.

- Espere um minuto – retrucou o irmão, pegando um cigarro e apalpando os bolsos da calça como se estivesse procurando algo. – Preciso fumar antes.

Aquela era a primeira pausa desde o início dos trabalhos.

- Largue essa porcaria – reclamou o pai com ar de nojo.

Chase sorriu.

– Não consigo largar esse vício, pai.

Os homens riram como se aquele não fosse o único hábito questionável de Chase.

– Tome – disse Hugh-Jay, tirando um objeto prateado de um de seus bolsos e atirando-o para o irmão do meio. Chase o pegou com a mão que estava livre. Quando viu do que se tratava, seu rosto se iluminou e ele sorriu para o irmão.

– É o meu isqueiro! Onde eu o deixei?

– No chão da minha cozinha.

O sorriso de Chase ganhou um tom malévolos.

– Droga, você nos pegou!

– Você voltou lá hoje de manhã? – perguntou Hugh-Jay.

– Voltei.

– Achei que tivesse dito para você ir ao banco – interveio o pai.

– Você disse e eu fui – confirmou Chase.

Ele parou para acender o cigarro, protegendo a chama do vento. Quando ergueu os olhos, depois de uma longa tragada, soltou a fumaça e disse:

– Depois, fui roubar uma xícara de café de Laurie.

– Ei, Chase – brincou um dos vaqueiros –, acho que você está precisando arrumar uma esposa para fazer seu café em vez de ficar se metendo com a mulher de Hugh-Jay.

Chase deu uma gargalhada, acompanhada pelo riso de vizinhos e empregados. Hugh-Jay, que não achou graça, andou até a caçamba de uma das picapes para pegar um rolo de arame farpado. Com um cigarro no canto da boca, Chase correu para ajudar o irmão. Juntos, eles caminharam até a cerca quebrada, sendo observados pelos demais homens.

Os irmãos apoiaram o rolo na terra, perto da cerca. Com a luva, Hugh-Jay segurou a ponta do arame e pressionou o alicate. O fio, que estava tensionado, se partiu violentamente, saltando como uma cobra na perna de Chase. O irmão mais novo deu um grito, pulando para trás. De uma distância segura, ele olhou assustado para o primogênito.

– Puxa, Hugh-Jay, tome cuidado! Você quase arrancou meu saco!

Sem pedir desculpas, Hugh-Jay disse:

– Eu talvez esteja fazendo um favor às mulheres deste condado.

– Esta família está de péssimo humor hoje – rebateu Chase sacudindo a cabeça. Deu uma última tragada no cigarro, jogou-o no chão e o apagou com o salto da bota. Apontando para o perigoso rolo de arame, acrescentou:
– Vamos tentar novamente. Com um pouco mais de cuidado desta vez, está bem?

Annabelle, ao ver os filhos se desentendendo, ficou chateada. Naquele momento percebeu que cercas e vacas não eram os únicos problemas daquela família. Estava na hora de fazer a indesejada visita à nora. Tinha esperança de que ainda houvesse tempo de consertar as coisas antes que a situação se tornasse mais grave do que a de Billy Crosby ou a do arame farpado.

Desejava não estar usando aquilo como desculpa para não presenciar a chegada do xerife para prender Billy. Perdida em seus pensamentos, começou a levar as coisas de volta pela terra úmida até o Cadillac, com Red Bosch seguindo-a com um saco de lixo em uma das mãos e a jarra vazia na outra. Estava no meio do caminho para a cidade quando se lembrou de que não tinha se despedido do marido e dos filhos.

10

HUGH SENIOR VIU A esposa ir embora e ficou pensando o que a fizera partir com tanta pressa a ponto de nem se despedir. Lambeu dos lábios o resto de cobertura dos biscoitos e disse:

– Muito bem, pessoal. Mãos à obra para acabarmos com isto o quanto antes, assim vocês podem voltar para suas tarefas.

– Você falou com o xerife a respeito disto, Hugh? – perguntou um vizinho.

Hugh Senior assentiu.

– Ele já está a caminho.

– Pai – interrompeu Chase, olhando para o céu –, a chuva também está chegando.

Com isso, os homens se encaminharam até os cavalos.

– Você não, Billy – gritou Hugh Senior atrás dele. – Você vai na picape comigo. Tenho um trabalho especial para você. Venha você também, Red!

Billy Crosby se virou para encará-lo.

– Que trabalho?

Os homens perceberam um tom estranho naquela pergunta. Mais tarde alguns o definiriam como desrespeitoso, outros diriam que havia nele uma ponta de nervosismo, mas todos os presentes concordaram que a afirmação que viria a seguir demonstrava sua insolência.

– Sou melhor no cavalo do que esses caras.

– Mas eu tenho um trabalho sob medida para você. – A voz de Hugh Senior soou dura.

– Prefiro trabalhar com o gado.

– Pode deixar, você vai trabalhar, Billy.

Vizinhos e vaqueiros fingiram não ouvir aquele diálogo tenso. Alguns trocaram olhares dissimulados. Mas todos tinham na memória a cena desagradável do dia anterior no curral.

Hugh Senior apontou para Bobby e Hugh-Jay.

– Vocês dois, peguem seus cavalos – ordenou ele. Em seguida virou-se para Chase. – Você fique aqui. Se o xerife chegar, diga a ele aonde fomos.

– Aonde você vai, pai?

– Separar os novinhos novamente.

Quando chegou ao pasto mais à frente, com Billy e Red Bosch, Hugh Senior estacionou o carro ao lado da vaca morta.

– Este trabalho é seu, Billy. Use o guindaste da picape e coloque o animal na caçamba.

Ao volante, Hugh Senior podia sentir o cheiro de seu passageiro. O suor e a respiração de Billy fediam a cerveja, um sinal claro de que ele era

alcoólatra. *Igual aos pais*, Hugh pensou. Billy puxou a viseira do boné para a frente, cobrindo os olhos, e obedeceu sem reclamar. *Isso está muito esquisito*, o fazendeiro pensou. O vaqueiro não questionou, não pediu ajuda nem reclamou. Simplesmente desceu e foi cumprir as ordens com um sorriso estranho e nervoso brincando em seus lábios. Para Hugh Senior, aquelas atitudes já bastavam para incriminá-lo.

O fazendeiro ficou sentado na cabine da picape observando Billy coçar a cabeça diante da carcaça em decomposição. Hugh Senior achou que a vontade de seu empregado era chutá-la em um gesto de raiva e frustração. Mas o rapaz não faria aquilo diante do patrão. Hugh saltou da picape e chamou Red Bosch para ajudá-los a arrastar e içar o corpo da vaca. Animado, o adolescente assumiu o lugar atrás do volante e deu ré para suspender o animal morto. Ao ver que os dois empregados podiam dar conta da tarefa, o fazendeiro se afastou para supervisionar outro trabalho.

Dali a pouco chamou o filho mais velho:

- Temos gente bastante para fazer o serviço. Vá para o Colorado.
- Mas Billy veio comigo – lembrou Hugh-Jay.
- Você não vai precisar dar carona para ele hoje.
- Por que não?
- Porque ele já tem carona – sentenciou Hugh Senior, apontando para o carro do xerife, que se aproximava levantando poeira e seguido por outras duas viaturas.

Depois de Billy ter sido preso, de o gado ter sido recolhido e de os homens terem voltado para suas casas, Hugh Senior ficou sozinho no meio do pasto, olhando para o oeste em direção às nuvens carregadas que se aproximavam. Era o prenúncio de temperaturas baixas e, quando uma frente fria encontrava um calor como o que andava fazendo, a chance de tempestade era enorme, com direito a granizo, ventos fortes e tornados.

- Depressa – ordenou o fazendeiro a si mesmo, olhando novamente para a tempestade, que mais parecia um muro preto vindo em sua direção. Enxergou ao longe sinais de chuva forte, ouviu trovoadas, viu raios riscando

o céu. A água que caíra mais cedo havia sido apenas uma amostra. O temporal de verdade estava a caminho e parecia ser violento.

Ele se preocupou com os outros fazendeiros, cujos campos estavam ressecados pela seca: uma tempestade como aquela apenas agravaria a situação. Eles precisavam de vários dias de chuva leve e contínua, que desse à terra a chance de amolecer e absorver a água.

No entanto, o que vinha pela frente era inundação e posterior erosão do solo. Se o fazendeiro se apressasse, conseguiria levar a égua de Hugh-Jay à cidade antes que o veterinário encerrasse o expediente e a chuva desabasse sobre Rose, mas ainda havia o risco de ele ter de voltar à fazenda debaixo de tempestade. O veterinário atendia em domicílio durante a noite, nos feriados e mediante qualquer solicitação da família, mas, se havia a possibilidade de ir até a clínica, os Linder não gostavam de pedir que o médico se deslocasse até a fazenda por causa de um único animal.

A fazenda estava silenciosa e calma, como se esperasse pelo alívio da chuva. E alívio era justamente o que Hugh Senior sentia naquele momento. O culpado estava preso. Billy fora levado com as mãos algemadas, ainda que jurasse sua inocência. Os homens assistiram à cena assustados, mas sem qualquer sinal de indignação. Gostaram da justificativa de Hugh sobre manter segredo para que Billy fosse pego de surpresa. O xerife disse ao fazendeiro que nenhuma prova fora encontrada na casa de Billy.

– Mas isso não quer dizer nada, Hugh. Fique tranquilo, pois o desgraçado vai abrir o bico.

Aquela promessa dava a Hugh a sensação de que seu mundo estava voltando ao normal. O pior havia passado. Não deixava de ser engraçado ver Billy Crosby consertar a cerca que ele mesmo havia cortado e era prazeroso vê-lo recolher a carcaça da vaca que ele matara. *A vingança é um ciclo vicioso*, ficou pensando Hugh Senior no meio do campo enquanto a chuva se mostrava cada vez mais próxima. O ciclo nunca acabava, a menos que alguém decidisse interrompê-lo. Mas ele se convenceu de que suas palavras e ações não eram motivadas por vingança. Ele estava sendo sensato ao agir rapidamente e eliminar um problema sério de sua fazenda.

Entrou na picape e seguiu até o celeiro para pegar a égua de Hugh-Jay. Ele se consideraria um hipócrita se não tomasse aquela providência. Afinal, não podia condenar Billy Crosby por maltratar animais se não se desse ao trabalho de cuidar de um de seus próprios cavalos. *Meu primogênito é um homem melhor do que eu*, ele pensou. Sentiu um grande amor pelo filho, embora dificilmente viesse a revelar aquele sentimento.

“Quase cinco da tarde”, disse para si mesmo.

Se quisesse levar a égua ao veterinário, era melhor ir logo. O dia havia sido difícil, mas tinha melhorado.

11

NO TRAJETO ATÉ ROSE, onde tentaria salvar o casamento do filho, Annabelle percebeu que uma abordagem mais sutil talvez funcionasse melhor do que tratar o assunto diretamente. Precisava balançar a isca diante dos olhos da nora da mesma maneira que oferecia maçãs para seus cavalos a acompanharem até o pasto. A viagem através da paisagem plana a fez pensar em montanhas, o que lhe trouxe à mente uma ideia dispendiosa, mas que talvez funcionasse com Laurie, já que ela gostava tanto de coisas caras.

Com esperança de que seu plano funcionasse, Annabelle parou primeiro no museu da filha para telefonar e anunciar sua visita. Quando chegou diante do prédio de arenito do século XIX, olhou para as gárgulas da fachada e percebeu que aquela oportunidade era perfeita para resolver alguns problemas que tinha com sua filha. Belle provavelmente não se mostraria mais acolhedora do que as figuras monstruosas que ornamentavam a parte externa do museu, mas ela amava sua filha assim como amava todos os seus filhos, que no momento atravessavam uma fase difícil. Ela levantou uma sobrancelha para a estátua, que pareceu retribuir seu olhar.

Ora, veja o lado positivo, Annabelle pensou.

Era difícil enxergar algo de bom ali, já que aquela criatura monstruosa ficava em cima de um banco falido. Annabelle empurrou a elegante porta com sua enorme maçaneta de latão e suas folhas de cristal escurecido. Um sino soou sobre sua cabeça, anunciando sua chegada.

– Quem é? – perguntou dos fundos a voz da filha.

– Sua mãe! Você está na caixa-forte?

– Estou – foi a resposta mal-humorada que veio dos fundos.

Ela passou pela fila de guichês que cobriam uma parede, belos resquícios das transações bancárias do passado que Belle agora tentava transformar em atração de museu. Annabelle respirou fundo, imaginando que podia sentir o cheiro de dinheiro velho, ouvir o burburinho dos bancários, as vozes, o tilintar das moedas, o ruído dos maços de cédulas batendo no mármore.

No caminho até a cavernosa caixa-forte que Belle usava como escritório, olhou para fotos em preto e branco de rebanhos de gado, poços de petróleo e cercas de pedra. Todas as imagens ficavam dispostas sobre as mesas até que Belle conseguisse lugar para pendurá-las. Apesar do seu ceticismo e do seu marido a respeito da empreitada da filha, as fotos chamaram sua atenção. Ao examinar uma delas, Annabelle teve vontade de ver a que estava ao lado, o que a fez pensar que outras pessoas talvez pudessem achá-las interessantes também. Em seguida, olhou para o teto de estanho. Era realmente um antigo prédio maravilhoso.

Diga isso a ela, Annabelle pensou.

Ela esperava não ficar incomodada com a cabeça de um búfalo morto, pois na verdade estava disposta a elogiá-la caso aquilo agradasse a filha. Talvez ela e Hugh fossem críticos demais em relação a Belle. Ela se perguntava se a demonstração de interesse por parte deles não poderia melhorar o relacionamento com sua única filha. Se a tática que tinha elaborado no caminho até o museu não funcionasse, Annabelle sabia o que fazer, embora ficasse com vergonha de si mesma toda vez que lançava mão daquele recurso. Havia um assunto no qual ela e a filha sempre concordavam: Laurie. A esposa de Hugh-Jay tinha o poder de unir as duas mulheres da família Linder.

Annabelle entrou na caixa-forte e ouviu o barulho de uma máquina de escrever. Belle estava sentada a uma escrivaninha antiga que ela havia arrematado em uma fazenda. Ela costumava escrever artigos sobre a história, a geologia e a arqueologia da região e os mandava para várias revistas na esperança de vê-los publicados. Esporadicamente, um texto seu era aceito e ela ganhava algum dinheiro.

– Você poderia parar um instante, querida?

Belle foi diminuindo o ritmo da digitação até parar de vez. Virou-se em sua velha cadeira estofada de couro.

– Estou bastante ocupada, mãe.

– Você fica bem nessa cadeira, Belle. Parece uma escritora de verdade.

– Eu sou uma escritora de verdade.

– Eu sei, eu não queria dizer isso. A propósito, aquelas fotos lá na frente são lindas.

– Quais?

– As dos poços de petróleo.

– Aquelas são as mais fracas. Tenho outras melhores.

– Ah, bom... – retrucou a mãe, e em seguida recorreu à sua arma mais forte. – Não quero interrompê-la, mas preciso usar o telefone para ligar para Laurie.

– Por quê?

Annabelle relutou com seus escrúpulos, mas deixou-os de lado para ganhar a simpatia da filha.

– Estou preocupada com ela e Hugh-Jay, Belle. Não gosto do modo como ela flerta com Chase.

– Você percebeu? – Belle arregalou os olhos.

– E como não perceberia?

– É um absurdo! Não sei como Hugh-Jay aguenta isso.

– Isso tem de acabar.

Elas se entreolharam como se estivessem seguras de que deveriam tomar uma providência, mas Belle acabou se mostrando indecisa.

– Não deveria ser Hugh-Jay a pôr um fim nisso, mãe? De qualquer maneira, ela não olha só para Chase.

– Para quem mais?

– Para quem ela *não* olha, mamãe?

– Nunca a vi flertar com seu irmão Bobby. Meu Deus, que assunto horrível!

– Mas ela olha para Bobby também! – sentenciou Belle com uma expressão de nojo. – Ela implica com ele o tempo todo. E isso é uma boa maneira de manter a pessoa interessada em você.

Annabelle ficou impressionada com a perspicácia da filha.

– Ela já flertou alguma vez com Meryl?

– Não comigo por perto – respondeu Belle, levantando a cabeça de forma orgulhosa e indignada. – Mas Meryl diz que ela já tentou.

– Ah, querida...

O rosto da filha estava vermelho.

– Não se preocupe, mãe. Meryl não dá muita bola para Laurie.

Annabelle sentiu compaixão pela filha, que passara a vida toda à sombra de uma garota cujo rosto bonito e a esperteza conseguiam tudo o que ela desejava. E se lembrou das vezes em que Belle parecia chorar depois de festas nas quais era ofuscada pela popularidade de Laurie. Recordou-se também da tristeza que a filha não conseguiu esconder quando o irmão mais velho começou a namorar, ficou noivo e se casou com Laurie.

Graças a Deus existe alguém como Meryl Tapper, Annabelle pensou, pois ele era sua melhor vingança, um rapaz tão gentil quanto o irmão de Belle e que gostava dela do jeito que ela era. Quando ele estava por perto, a filha não se mostrava tão difícil, além de ficar mais bonita e simpática diante da atenção que ele lhe dava. Se Laurie algum dia fizesse alguma coisa para ameaçar aquela tranquilidade, Annabelle achava que a filha a mataria. Sentindo-se culpada porque Belle parecia chateada, a mãe mudou de assunto.

– Onde você estava na noite passada, minha querida?

– Aqui – respondeu ela, com o queixo assumindo uma inclinação que era sinal de teimosia.

– Você não saiu com Meryl?

– Ele estava trabalhando.

– Aquele rapaz está sempre trabalhando.

– Não tome conta da vida dele!

– Não foi minha intenção – suspirou Annabelle.

Ela e o marido torciam para que a relação entre Belle e o rapaz que eles consideravam como um quarto filho desse certo. Eles ajudaram Meryl a cursar a faculdade de direito e foram os primeiros a arrumar trabalho para o escritório do advogado recém-formado. Hugh gostava de brincar dizendo que depois do investimento que fizeram talvez conseguissem um bom genro, já que Meryl não era um advogado maravilhoso. Mas nos últimos tempos parecia que os Linder conseguiriam as duas coisas: um bom advogado que pertencesse à família. “Depois de Belle”, Hugh gostava de dizer, “um juiz ou um júri serão moleza para aquele rapaz.”

Em vez de continuar com a conversa e cair em outras armadilhas, Annabelle telefonou para Laurie. Quando a ligação terminou, após ela ter recebido o convite para ir à casa da nora, Annabelle lançou um olhar sombrio para a filha.

– O que foi? – perguntou Belle, esticando a mão para tocar o braço da mãe.

– Alguma coisa ruim aconteceu na fazenda ontem à noite, querida.

Ela piscou para segurar as lágrimas, motivadas pela maldade de Billy Crosby e, sobretudo, pelo carinho do toque da filha e pela expressão em seu rosto. Após sair do museu, Annabelle se preparou para visitar a outra jovem problemática da família. Sozinha no carro, ela fechou os olhos e rezou pelo casamento do filho mais velho. Em seguida, orou para que Jody continuasse a neta meiga, alegre e tranquila que sempre fora.

– VEJA SÓ! – FALOU ANNABELLE sorrindo para a menininha em seu colo. – Como você está grande!

Todo mundo achava admirável Jody, que se chamava Laurie Jo como a mãe, ter nascido com os cabelos escuros e espetados da mãe. Ela também tinha os olhos castanho-escuros e o jeito delicado de Laurie. Annabelle, sentindo-se um pouco desleal em relação ao filho, estava feliz por a criança ser mais parecida com Laurie do que com Hugh-Jay.

Uma fatia fumegante de torta de maçã estava à sua frente sobre a mesa da cozinha. Annabelle, que aceitara o sorvete de creme para acompanhar o doce, também teve de admitir que a nora era ótima na cozinha. Aquela torta tinha uma crosta que estava dourada no ponto certo. Pequenos cristais de açúcar brilhavam no topo do doce, exatamente como deveria ser. Com a mão livre, ela pegou o garfo, enterrou-o no pedaço e deu o primeiro naco para a neta, que sorriu para a avó, fazendo com que Annabelle se orgulhasse do amor que sentia pela menina. Enquanto Jody mastigava ruidosamente, Annabelle pegou um pedaço para si.

– Humm, está maravilhosa, Laurie!

– Está uma delícia, mamãe.

O recheio estava ácido o suficiente para deixar a torta perfeita. A gratidão pela neta e pelo doce fez com que Annabelle sorrisse para a nora de uma forma mais espontânea. Laurie, que tinha uma veia artística, havia pintado a mesa de amarelo-girassol para combinar com as cortinas quadriculadas e a cerâmica que ela mesma estampara e assara em um forno. O vestido amarelo de Laurie dava o toque final de beleza à cena. Do lado de fora, o dia estava ficando cada vez mais escuro. No interior da casa, o sol brilhava.

Laurie deveria ter estudado artes em vez de biologia, Annabelle pensou. Quando sonhava com suas futuras noras, Laurie não era o tipo que ela imaginava para seus filhos, sobretudo no caso de Hugh-Jay. Ela então se deu conta de que nunca deveria subestimar a vulnerabilidade de um jovem em

relação a um rosto e a um corpo bonitos. De qualquer maneira, Annabelle tinha mais dois filhos e mais duas chances de conseguir um relacionamento amigável que ela não tinha com a própria filha. Por outro lado, sua neta era perfeita. Puxou Jody para mais perto enquanto a menina mastigava mais um pedaço de torta.

– Vou ficar aqui com Jody – disse ela querendo dar o tom da conversa. – Bem, fique à vontade para resolver suas coisas.

– Acho que vou tomar um banho – suspirou Laurie.

– Não há nada como um bom descanso – comentou Annabelle, fazendo aquelas palavras soarem espontâneas. – Quando nossos filhos eram pequenos, Hugh e eu dávamos muito valor aos momentos em que podíamos fugir um pouquinho.

– Seria muito bom fugir de vez em quando.

Isto é muito fácil, Annabelle pensou, suprimindo o sorriso e percebendo a triste curva que a linda boca de Laurie desenhava para baixo.

– Quer descansar um pouco, querida?

– Ah, sim! Um banho vai ser ótimo!

Annabelle sorriu.

– Na verdade, eu estava falando de um descanso mais longo, ir a algum lugar por uns dias.

– Estou precisando de um descanso de 10 anos – disse Laurie, suspirando em seguida. – De preferência no Taiti.

Annabelle riu, gesto que foi repetido pela nora. Os pais de Laurie, que atenderam aos caprichos de sua filha a vida toda, se mudaram para Wichita depois do casamento dela, como se estivessem transferindo os cuidados e o sustento da jovem para a família Linder, mais rica e numerosa. Os pais de Laurie se contentavam em fazer visitas rápidas à neta.

– Que tal tirar um fim de semana de folga, querida?

– O quê?

– Um fim de semana de férias – disse Annabelle, revelando sua grande ideia. – Só os dois: você e Hugh-Jay.

Laurie se endireitou na cadeira.

- Um fim de semana inteiro. Mas quem...
- Nós, é claro – atalhou Annabelle, limpando o sorvete do queixo de Jody.
- Nós adorariamos. Quero que você e Hugh-Jay passem um fim de semana no Broadmoor.
- Onde?
- No Broadmoor. É um hotel em Colorado Springs.
- O que tem spa, campos de golfe e... – disse Laurie, começando a ficar empolgada. – É verdade? Está falando sério?
- Sim, é verdade.
- Ai, meu Deus! É incrível, Annabelle! Sim, sim, sim!

Annabelle sentiu um pouco da própria tensão evaporar. Sorrindo satisfeita, ela passou a mão pelo tampo amarelo da mesa, admirando a perfeição com que a nora a lixara antes de pintá-la. Quando se tratava de enfeitar as coisas, inclusive ela mesma, Laurie tinha um talento especial. Mas Laurie se inclinou para a frente e disse:

- Hugh-Jay não vai querer ir.
- A mão de Annabelle parou de correr sobre a mesa.
- Por que não?
 - Porque não vai – respondeu Laurie em tom desdenhoso e amargo. – Ele não vai se ausentar da fazenda a *lazer* enquanto houver um único cavalo a ser selado e montado. Você sabe disso, Annabelle. Mas, se você o mandasse para um leilão de gado, ele não pensaria duas vezes.
 - Nós o convenceremos.
 - E se eu fosse sozinha?
 - O quê? Sozinha? – respondeu Annabelle, confusa.
- Laurie assentiu, demonstrando uma felicidade repentina, o cansaço desaparecendo de seus olhos. De repente ela parecia outra mulher, linda e animada, e Annabelle entendeu por que o filho andava triste. No colo da avó, Jody encarou a mãe como se ela fosse uma linda princesa.
- Ah, mãe – disse Laurie –, seria tão bom para mim... para Jay e para mim, na verdade!

Annabelle odiava quando Laurie a chamava de mãe.

- Por que seria bom para Hugh-Jay? – questionou ela em tom desafiador.
- Eu voltaria descansada e feliz por revê-lo.
- Sorte a dele.
- Exatamente.

Annabelle ficou confusa com aquela reviravolta e não conseguia pensar em uma maneira de dizer não sem parecer mal-educada ou irritada. Sua vontade era gritar “Sua egoísta! Como você pode aceitar um convite feito para os dois e transformá-lo em um momento de lazer só para você?”

Paralisada e com raiva, ela fogueou outro pedaço de torta. Ela passara a manhã inteira preocupada com o flerte de Laurie com Chase, sem falar no chocante episódio da cerca. Hugh-Jay não parecia estar bem. Ainda que nada tivesse acontecido entre Laurie e Chase, a situação já estava fazendo Hugh-Jay perder as estribeiras.

Annabelle queria proporcionar pequenas férias a Hugh-Jay e Laurie para que eles se redescobrissem, repensassem no casamento e se divertissem sem se preocupar com responsabilidades. O telefone tocou e Annabelle estava tão tensa que deu um pulo na cadeira.

Ela ouviu a nora ao telefone no corredor. “Alô!” A voz parecia normal, mas as palavras seguintes tinham um tom divertido e ao mesmo tempo sigiloso. “Acho que quero... Sim, no Bailey... O quê?” Annabelle ouviu Laurie rir. Era um riso baixo e sedutor. “Ah, você!” Em seguida, percebeu um tom de voz afetado, como se ela quisesse transmitir uma mensagem cifrada, para que a pessoa do outro lado da linha soubesse que Laurie não podia dizer o que quisesse. “Ouça, minha sogra está aqui.” Houve um rápido silêncio seguido de outra risada baixa antes de Laurie desligar o telefone sem se despedir.

- Era Belle – disse Laurie com uma expressão alegre ao voltar à cozinha. – Vamos nos encontrar no Bailey para jantar.

Você se refere a mim como sogra quando fala com minha filha?, Annabelle pensou.

Laurie se inclinou para a frente, parecendo mais confiante.

- Será que posso ficar lá *três* dias?

– Ficar lá? – perguntou Annabelle sem entender muito bem a pergunta. Finalmente se deu conta de que um fim de semana havia se transformado em três dias. – No Broadmoor?

– Talvez eu vá com uma amiga, se Hugh-Jay não puder ir.

– Uma amiga? – perguntou Annabelle um pouco confusa, pensando se não havia piorado as coisas. O que ela queria mas não podia dizer naquele momento era que o fato de Laurie não levar Hugh-Jay não significava que ela tinha direito de chamar ou encontrar outra pessoa no Broadmoor.

Annabelle ficou tonta ao ter pensamentos ainda piores. Quem havia telefonado? A “amiga” dela? Annabelle preferia pensar que sim. Mas e se Chase de repente arrumasse uma desculpa para visitar a fazenda no Colorado na mesma semana em que Laurie estivesse fora? Ela inventaria uma desculpa para mandar o filho a outro lugar na direção oposta. Também sugeriria ao pai dele que estava na hora de uma boa surra de chicote. Mas os pedidos de sua nora ainda não haviam terminado.

– Você poderia levar Jody para a fazenda? Ela adoraria passar a noite lá, não é, querida?

A criança, feliz com o tom de voz amoroso da mãe e com a sugestão de uma noite em seu lugar favorito, abraçou o pescoço da avó e sussurrou:

– Por favor!

Ela adorava os avós e a fazenda, onde seus tios a levavam para passear a cavalo e havia bastante espaço para suas brincadeiras. Annabelle concordou com o pedido de levar a neta, mas ignorou o desejo da nora de viajar para o Colorado com uma amiga. Laurie não parecia ter percebido essa distinção e, quando avó e neta estavam partindo, ficou falando a respeito das massagens e dos tratamentos de pele que faria:

– Ouvi falar do Broadmoor! Além de ser famoso, ele é muito bom.

Ela considerava a questão encerrada e não via necessidade de agradecer. Radiante, a jovem mãe as acompanhou rapidamente até a porta e a fechou assim que elas colocaram os pés na varanda. Annabelle sentiu que elas haviam sido despachadas sem cerimônia, como dois sacos de lixo.

– Bem – disse ela olhando a neta –, vamos para a fazenda preparar o jantar. Enquanto eu corto o bolo de carne, você pode brincar com os novos gatinhos do celeiro.

– Novos gatinhos! – gritou Jody, dando pulos de alegria.

Annabelle notou que a neta não se virou para trás para se despedir da mãe.

Uma hora mais tarde, ao deixar Rose com Jody no banco traseiro, Annabelle levou um susto ao ouvir uma buzina. Olhou pelo retrovisor e viu que era Hugh-Jay.

– Olhe, Jody, é seu pai.

Ela encostou o carro e seu filho parou logo atrás. *Será que ele já está sabendo da viagem?*, ela pensou, sentindo-se culpada porque sua boa intenção dera errado, deixando-o de fora. Contudo, ao aparecer à janela do carro da mãe, ele abriu um belo sorriso:

– Oi, mãe – disse Hugh-Jay, esticando o braço para acariciar o joelho da filha. – Oi, meu amor!

Jody deu uma risadinha.

– Vamos para a fazenda, papai.

– Bem, não monte em nenhuma vaca, está bem?

– Papai, ninguém monta em vacas!

Ele começou a rir.

– É mesmo! Ainda bem que você me lembrou disso – falou para a filha e sorriu para a mãe. – Vi o Cadillac e quis me despedir antes de ir para o Colorado.

– Já está tudo... em ordem com relação a Billy... na fazenda?

– Tudo em ordem. Levado sem problemas – respondeu ele com o mesmo tom dissimulado para não chamar a atenção da filha.

– Que bom! – comentou Annabelle, olhando para o rosto enorme e bondoso do filho. – Hugh-Jay?

– Mamãe? – respondeu rindo, pois achou graça na repentina seriedade de Annabelle.

– Por falar em Colorado, talvez eu tenha feito uma bobagem – confessou ela.

– Impossível – disse ele sorrindo.

– Bem, deixe-me então lhe contar. Ofereci umas férias a Laurie e a você, mas parece que a proposta se transformou em uma viagem só dela a um spa.

– Procurando amenizar o golpe, ela deu uma interpretação diplomática à decisão da nora. – Laurie achou que, com tanto trabalho na fazenda, você não ia querer viajar.

Annabelle viu uma ruga de preocupação se formar entre os olhos do filho.

– Ela talvez tenha razão. Tudo bem, vai ser bom para ela.

– Mas seria bom para você também.

– Pareço o tipo de homem que frequenta spas?

– Hugh-Jay? – Ela sorriu.

– Sim, mamãe? – Seu tom de voz já não tinha a mesma leveza de antes.

– Nunca deixe que alguém diga a você que a felicidade precisa ser conquistada.

A expressão de Hugh-Jay se tornou zombeteira. Annabelle era famosa entre os filhos por seus conselhos inusitados.

– Tudo bem – disse ele. – Não vou deixar.

Hugh-Jay deu uma risada, mas Annabelle não conseguiu retribuir o gesto. Ela sentiu que seus olhos estavam ficando marejados e piscou para segurar as lágrimas.

– O que eu quis dizer é que, se a felicidade deve ser conquistada, então, de todos os meus filhos, você deveria ser o mais feliz – explicou, fazendo uma pausa, abaixando a cabeça e dizendo baixinho para que a neta não pudesse ouvi-la: – Mas você não está feliz, está?

– Mãe... – disse ele com a voz tranquila.

Annabelle colocou a palma da mão no rosto do filho, sentindo os pelos cerrados de sua barba. Eram louros a ponto de parecer brancos. Olhou para Hugh-Jay como se quisesse guardar sua imagem. Depois das primeiras semanas de vida, ele se tornara uma criança tranquila para aquela mãe de primeira viagem. Na infância, uma fatia de bolo de chocolate fazia seus

olhos brilharem. Ela se lembrava das boas risadas do filho ao assistir aos programas humorísticos da TV, sem falar na alegria que o Natal lhe proporcionava.

Annabelle se inclinou e beijou a testa larga e suada do filho.

– Mamãe! – ele reclamou rindo. – Estou imundo!

– E está fedendo também!

– Você está com cara de sujo, papai!

Ele sorriu em direção ao banco traseiro.

– Estou mesmo, meu amor. O papai precisa tomar um banho.

Annabelle pensou na nora tomando um banho relaxante e teve vontade de dizer ao filho que fosse correndo para casa. Mas, com medo de interferir novamente na vida dele, ela sorriu, embora seus olhos ameaçassem ficar marejados de novo.

– Eu nunca disse que você é um filho perfeito. Sempre falei que você era um filho muito bom.

Ele beijou a mão de Annabelle e se afastou do carro.

– Nem tão bom assim, mãe. Mas eu estou bem.

– É mesmo?

– É. Não se preocupe conosco.

– Sua mãe ama você – disse ela em um tom mais leve do que seus sentimentos.

Hugh-Jay sorriu uma última vez para o banco traseiro, jogou um beijo para a filha e caminhou até sua picape. Mais tarde, Annabelle acharia que aquele momento havia sido uma dádiva de Deus: uma última chance de ver seu primogênito, de acariciar seu rosto, de beijá-lo, de dizer pela última vez que o amava. Ele passou com a picape pelo carro da mãe, virou à direita, na direção oposta à sua casa, e sumiu.

No mesmo instante em que Annabelle estacionava o carro no celeiro, com a neta adormecida no banco de trás, Hugh Senior conduzia a égua manca até o estábulo do veterinário, onde havia uma cabra, uma lhama e outro cavalo.

Enquanto colocava o animal em uma baia, a cabra baliu. O médico diagnosticou uma infecção que exigia intervenção cirúrgica.

– Ela está com febre, Hugh. Vamos operá-la amanhã.

– É grave?

– Não muito, mas se você tivesse esperado mais alguns dias...

– Eu deveria confiar mais no instinto do meu filho do que no meu. Há algum tempo que Hugh-Jay vem falando em trazê-la aqui. Espero que ele também não se engane sobre algumas pessoas.

Sua confiança em relação a seus atos contra Billy Crosby tinha esmorecido no caminho entre a fazenda e o veterinário. Estranhamente, ele começou a questionar a própria decisão e pensou se agira corretamente com o jovem que fora mandado para a cadeia.

O rosto do veterinário assumiu um ar de compreensão.

– Soube do Billy Crosby.

– Já?

– Hugh, ele foi preso há duas horas, não é? Isso é uma eternidade para este lugar. Eu ficaria surpreso se a notícia já não tivesse se espalhado por cinco condados.

O fazendeiro riu.

– O que você ouviu exatamente, doutor?

– Que ele fez coisas ruins. Cortou a garganta de várias vacas, mutilou algumas delas...

Hugh fez uma careta.

– Foi apenas uma vaca prenhe e não houve nenhuma mutilação.

– Ora, ora – disse o veterinário com ironia –, estou surpreso em ver como as pessoas exageram. Isso é uma novidade por aqui, não é?

Hugh Senior acariciou o pescoço da égua e sorriu.

– Eu não me preocuparia com seu instinto em relação às pessoas – disse o médico ao fazendeiro. – O que dizer dos garotos que você e Annabelle ajudaram ao longo desses anos? Nenhum deles teve o fim de Billy. Ele é a única exceção que confirma a regra de sua generosidade em ajudar aqueles jovens.

– Nunca entendi o significado dessa expressão: “confirmar a regra”.
– Eu também não – retrucou o veterinário sorrindo. – Talvez nem seja verdade.

– Uma coisa é certa: Billy não aceita regras.

O médico se lembrou da história de Hugh-Jay sobre os ocupantes de um carro que jogaram um cigarro aceso pela janela. O rapaz ficava mais apreensivo do que a maioria das pessoas com a ideia de um incêndio. Sempre que lia uma matéria sobre um estábulo em chamas, ele começava a suar frio. Quando se tratava de um incêndio criminoso, ele mal conseguia conter sua raiva. O veterinário estava a ponto de mencionar o incidente do cigarro a Hugh Senior como exemplo de idiotas que não obedecem a regras quando se lembrou do inchaço na perna da égua. Foi até a baia dar mais uma olhada no animal e acabou se esquecendo da história. Ao sair do pequeno espaço, o fazendeiro segurou o médico pelos ombros.

– Você é um homem bom, doutor. Obrigado por cuidar de nós.

Quando se despediu, Hugh Senior ficou surpreso de ver como o temporal chegara a Rose. As nuvens pareciam uma cortina esticada entre o céu e a terra que se estendia por quilômetros de norte a sul. Era possível ver os raios estourando. Na sua opinião, não havia nada mais bonito do que uma tempestade de raios se aproximando de Rose através de campos planos e vazios. Ele não trocaria uma visão como aquela por nenhum dos restaurantes de Nova York nem pelos bondes de São Francisco.

A brisa que precedia as nuvens gigantes se transformara em rajadas e a temperatura havia caído. Hugh correu até a picape segurando o chapéu e esperando conseguir fazer algumas coisas antes de seguir para o oeste através da cortina de nuvens e voltar para sua mulher e sua fazenda.

A CHUVA AINDA NÃO tinha desabado quando Laurie entrou no Restaurante Bailey para jantar, deixando que o vento soprasse seus cabelos e lambesse suas pernas. O calor que fizera durante o dia havia sido tão intenso que a temperatura amena era um alívio. Ela estava se sentindo muito bem. Tomara um longo e relaxante banho, lavara a cabeça, dera alguns telefonemas que a deixaram animada e, em seguida, vestira um short branco, sandálias e uma camiseta cor-de-rosa que valorizava seu tom de pele.

Laurie sabia que deveria ir de carro por causa do tempo, mas achou que conseguiria uma carona. Sua cunhada concordara em encontrá-la, portanto poderia levá-la de volta para casa. Se Belle não pudesse, Laurie achou que vários homens no restaurante se ofereceriam para levá-la.

Assim que chegou ao Bailey, várias cabeças se viraram em sua direção, o que lhe agradou. Algumas pessoas chamaram seu nome, mas ela continuou andando em direção aos fundos. *Mereço coisa melhor que isso*, pensou com desdém.

Quando eles tivessem mais dinheiro, Hugh-Jay poderia levá-la a lugares que ela sempre desejou visitar, como Nova York e Paris. Talvez fizesse algumas viagens sem ele, como a que ela convencera Annabelle a lhe dar de presente. Enquanto caminhava confiante até os fundos do restaurante, Laurie sorriu para si mesma. *Hotel Broadmoor*. Aquele era um lugar à altura dela.

Ela nunca havia se sentido bem em Rose, pois a cidade era como um vestido velho que ninguém sofisticado usaria. Quando se casou com um Linder, ela esperava subir na escala social e conquistar o mundo, mas acabou ainda mais presa àquela cidadezinha. Ela se sentia enterrada ali, sufocada, desperdiçando seus talentos.

Por outro lado, não havia ninguém como ela ali e isso lhe agradava. Sentindo o prazer de ser admirada e o alívio de estar livre da filha, ela se sentou diante de Belle no longo banco de madeira de um dos reservados. Gostava de sair com a cunhada porque, em comparação a ela, Laurie parecia mais bonita e com mais personalidade. Belle já tinha um copo de cerveja à

sua frente. O cheiro de hambúrgueres, cebolas e bifes grelhados impregnava o enorme salão quando Laurie fez seu primeiro comentário da noite.

– Vou pedir um bife bem suculento – anunciou com a confiança de uma mulher que sabia que nunca iria engordar.

Quando a garçonete apareceu, pediu uma cerveja “em uma caneca com uma fatia de limão”. Ela ouvira falar que os mexicanos colocavam limão na bebida. Havia amendoins em um pote em que ela mergulhou a mão. No final da noite, o chão do restaurante estaria coberto de cascas que estalariam sob os pés dos clientes.

– Onde está Meryl? – perguntou ela a Belle.

– No escritório. E cadê Hugh-Jay?

– Seu pai o mandou para a fazenda no Colorado.

– Você soube o que aconteceu ontem à noite?

– Na fazenda? Soube sim – respondeu Laurie, tomando um gole da cerveja trazida pela garçonete e olhando em direção à porta do restaurante.

– Meu Deus, veja quem a chuva trouxe para cá!

Belle olhou na direção que sua cunhada indicava e viu seus dois irmãos mais novos ensopados. A tempestade parecia ter chegado a Rose. Foi possível ver o temporal no breve momento em que Bobby deixou a porta aberta. Naquele instante, as duas mulheres se deram conta de que a música ambiente era abafada pelo som da chuva no telhado de zinco.

– Não posso ir a lugar algum – resmungou Belle – sem que minha família apareça.

– Ao menos sua família mora na mesma cidade que você – retrucou Laurie.

Ela ainda estava amargurada pelo fato de os pais a terem deixado sozinha para lidar com o casamento e a maternidade.

– Vocês têm lugar para dois vaqueiros sedentos? – perguntou Chase quando ele e Bobby se aproximaram da mesa.

– Vocês não têm com quem se sentar? – devolveu Belle.

– Temos – respondeu Chase com um sorriso –, mas não tão bonitos quanto sua amiga aqui.

Belle revirou os olhos, fazendo Chase cair na gargalhada. Bobby fez menção de se sentar ao lado de Laurie, mas Chase segurou a camisa dele e disse:

- Você não vai se sentar aí.
- Por que não?
- Porque ela não quer ficar sentada ao seu lado, não é, Laurie?
- Você é muito grande para caber aqui – falou ela para Bobby.

Bobby não era gordo, mas suas costas largas e seus braços e ombros enormes o tornavam um homem corpulento. Com o rosto vermelho, ele preferiu não discutir.

Laurie chegou para o lado, abrindo espaço para que Chase se sentasse. Ele era tão alto quanto seu irmão mais novo, mas não tão forte. Os dois formavam um par que chamava a atenção: ambos tinham cabelos escuros e eram bonitos. Em vez de se acomodar ao lado da irmã, Bobby puxou uma cadeira até a cabeceira da mesa e se sentou de frente para o espaldar com as pernas escancaradas.

– Cara – comentou, sacudindo a água da sua mão esquerda –, está tudo molhado lá fora.

– Não balance essa coisa perto de mim – reclamou Laurie, fazendo com que Chase risse com uma expressão maliciosa.

– Você tem uma mente muito suja – comentou Belle com cara de nojo.

– Os semelhantes se reconhecem – rebateu ele com um sorriso irônico.

– Sem dúvida você é um deles – uma inesperada voz masculina falou por trás de Chase.

– Meryl – disse Chase espantado, encarando o melhor amigo de seu irmão mais velho.

Aos 24 anos, o namorado de Belle parecia um jogador de futebol americano. Ao contrário de Bobby e Chase, que estavam de jeans, ele vestia terno azul e camisa branca com uma gravata presa por uma fivela de prata com a forma de um cavalo empinado que ele ganhara da namorada. De repente, Belle pareceu feliz.

– Como você conseguiu fugir do trabalho?

Meryl piscou para ela.

– Tive sorte. Faltou luz!

– Bobby, saia do caminho e deixe Meryl sentar ao lado da namorada – ordenou Chase, balançando a cabeça e fingindo estar confuso. – Ainda que eu nunca vá entender o que ele enxerga na minha irmã...

– Cale a boca, Chase – interrompeu Meryl.

– Não, é verdade – Chase continuou a provocação. – Belle não aceita piadas, é muito sensível e, quando começa a falar sobre história, consegue matar de tédio até um urso empalhado...

– Não fale assim de sua irmã – interveio Meryl em um tom que fez com que todos se calassem.

Ele parecia zangado. Olhou para o irmão de seu melhor amigo, que era também irmão de sua namorada e provavelmente seu futuro cunhado, e disse:

– Já passou pela sua cabeça que Belle é sensível como todas as pessoas normais e que você não a acha sensível porque na verdade você não passa de um grosseirão insensível? Já pensou que suas piadas talvez não tenham graça? Alguma vez lhe passou pela cabeça que sua irmã pode ser *interessante* para pessoas com um mínimo de inteligência, pessoas que se interessam por coisas como história?

– Pegue leve, Meryl!

– Não, pegue leve você, Chase! Seja mais educado com sua irmã. Está na hora de você parar com essas gozações idiotas. Ela aguenta isso há anos, mas sou eu que estou de saco cheio. Se você falar novamente da Belle dessa maneira na minha frente, vai levar um soco no meio da cara!

Durante alguns segundos ninguém falou nada. Laurie ficou impressionada com a agressividade de Meryl ao defender a namorada. Os olhos de Belle brilharam com gratidão e lágrimas. Como não sabia ficar calado, Chase devolveu:

– Você se esqueceu de que já é um advogado? Não precisa chegar às vias de fato. Pode simplesmente me processar. Então, se você a ama tanto assim, quando vai se casar com ela?

Meryl se sentou ao lado de Belle, colocou o braço em volta de sua cintura e lhe deu um beijo tão profundo que seus futuros cunhados começaram a vaiar o casal.

– Não vai ser desta forma que vou pedir sua mão – ele brincou. – Nem vai ser na frente deles.

– Algumas pessoas nascem na família errada – disse Belle para o namorado.

– Nem me diga! – retrucou Meryl, dando-lhe outro beijo, mais rápido, forte e carinhoso, que tirou o batom de seus lábios e a deixou sem fôlego.

Quando Belle pediu licença para ir ao banheiro, Chase se inclinou sobre a mesa e disse:

– Ora, você está me dizendo que acha fácil conviver com minha irmã?

– Eu acho, Chase. Não sei qual é seu problema.

– E você acha mesmo a história deste condado fascinante?

– Eu me interessava pelas coisas pelas quais ela se interessa. Talvez você devesse experimentar fazer o mesmo.

Chase se recostou novamente e riu.

– Eu me interessava por mulheres que se interessam por *mim*.

Meryl devolveu a risada.

– Grande novidade!

Duas horas e muitas cervejas mais tarde, depois de todos terem comido seus bifês, o dono do restaurante, Bailey Wright, aproximou-se da mesa. Era um homem alto e corpulento, na casa dos 30 anos, como era de esperar do dono de um estabelecimento especializado em hambúrgueres. Via-se uma mancha de gordura no avental amarrado em volta de sua cintura. A música ambiente se sobrepunha ao barulho da chuva e dos trovões e o restaurante tinha uma atmosfera festiva e acolhedora, com o som de conversas e muitos risos. De vez em quando as luzes piscavam, interrompendo a música, mas todas as vezes que aquilo acontecia Bailey gritava com sua voz de sirene:

– Não se preocupem! Temos um gerador! Continuem comendo e bebendo.

Aquela frase provocava risadas entre os clientes.

– Acabei de falar com o pai de vocês – informou Bailey Wright aos três irmãos.

– Aqui? – perguntou Chase já se levantando.

Bailey acenou para que ele voltasse a se sentar.

– Não, ele telefonou e me deu um recado. Disse que vocês três – Bailey olhou para Chase, Belle e colocou a mão no ombro de Bobby – não devem voltar para a fazenda, pois a estrada está alagada. Ele reservou um quarto no Hotel Rose para vocês e outro para ele...

– O que ele está fazendo na cidade? – perguntou Bobby.

– É o que acabei de dizer – respondeu Bailey tranquilamente, embora parecesse não ter boa memória. – Ele levou uma égua até o Dr. Cramer, tentou voltar para casa, mas foi impedido pela chuva na estrada – completou, olhando para Belle. – E você vai dormir na casa da Laurie.

Durante toda a noite dezenas de pessoas passaram pela mesa para conversar com o grupo, perguntar sobre Billy Crosby e mandar lembranças para Annabelle e Hugh Senior. Os quatro membros da família Linder e Meryl não perceberam quando a porta do restaurante se abriu e o silêncio tomou conta do lugar. Não deram muita atenção quando ouviram outra voz se dirigindo a eles.

– Arrumaram um lugar especial, hein?

Olharam para cima e viram Billy Crosby atrás da cadeira de Bobby.

– Ai, meu Deus – sussurrou Belle para Meryl, que segurou a mão da namorada.

Billy usava seu inconfundível chapéu com a aba enrolada bem rente em cada lado e a pala escura, como se tivesse sido queimada. Uma tira de couro prendia o chapéu ao queixo do vaqueiro. Billy era conhecido por aquele chapéu e se sentia orgulhoso porque as pessoas o provocavam dizendo que era feio.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Chase de pé.

– Fora da cadeia, você quer dizer? Mas por que um homem inocente ficaria na cadeia, Chase?

Àquela altura, Bobby também se levantara.

– Responda à pergunta, Billy.

O vaqueiro riu na cara dele.

– Não há provas, Bobby. Você não pode prender um homem se não existem provas. Nem mesmo no condado que tem o nome de seu maldito avô – disse Billy, que parecia exaltado por ter sido preso e por alguns drinques. – Ainda existe um pouco de justiça neste mundo!

– Pegue leve, Billy – disse Chase.

– Nada é leve, Chase – retrucou seu ex-empregado, balançando-se sobre as botas de vaqueiro e segurando uma cerveja na mão, uma bebida que parecia ter sido comprada em outro bar. – Mas acho que você não sabe disso. Para os Linder, tudo é leve, fácil e tranquilo, não é?

Bobby empurrou a cadeira para trás. No mesmo instante Chase começou a balançar a cabeça a fim de dissuadir o irmão.

– Vocês têm todo o dinheiro do mundo – prosseguiu Billy enquanto as mulheres o encaravam e os homens aguardavam tensos para ver o que iria acontecer. – Têm tudo o que querem. Estudo, diversão, tudo! Até você, Meryl. Eles nunca me ofereceram isso...

– Você nunca tirou boas notas – comentou Bobby com sarcasmo.

– Nem você – rebateu Billy. – Mas isso não significa que você não ganhe tudo dos seus pais. Vocês não têm do que reclamar, não é mesmo, Chase? Não é, grande Bobby? E você? – perguntou ele, olhando diretamente para Belle. Depois se virou para Laurie. – Você foi esperta de se casar com um fazendeiro rico e não com um advogado pobretão como a Belle vai fazer. Ou talvez você esteja se casando com Belle porque não quer ser um advogado pobre. É isso, Meryl?

Meryl soltou a mão de Belle e se levantou da mesa.

– Está na hora de você ir embora, Billy.

Bobby agarrou seu ex-empregado pelo colarinho da camisa.

– Tire suas patas de cima de mim, Bobby!

– Cale a boca, Billy! – cuspiu Chase.

– Qual é seu problema? – perguntou Laurie, olhando com desdém para o vaqueiro.

– Vou dizer qual é meu problema – respondeu ele, olhando primeiro para os seios e depois para o rosto dela. – O problema é que algumas pessoas tratam as outras como bosta...

– Ninguém o tratou como bosta, Billy – retrucou Meryl. – Eles não lhe arrumaram um monte de trabalho? Não pagaram o que deviam e provavelmente até um pouco mais? Não proporcionaram as únicas chances que você já teve na vida? Pessoas como Hugh e Annabelle Linder não nascem todos os dias e você precisa reconhecer que teve muita sorte de contar com eles. Ao que parece, se alguém tratou os outros como bosta, foi você...

– Você não tem como provar isso!

– Mas até agora você não disse se fez ou não aquelas atrocidades na fazenda, Billy – observou Meryl.

– Por que eu deveria? E por acaso algum de vocês acreditaria em mim?

O dono do bar se aproximou da mesa.

– Qual é o problema aqui, Chase? Ele está incomodando?

– Ele está bêbado – respondeu Belle, afirmando o que era óbvio.

– Tenho bons motivos para estar bêbado – rebateu Billy. – Seu pai nunca mais vai me contratar e vai dizer a todo mundo que faça o mesmo. Não tenho emprego. Tenho mulher e filho e estou sem dinheiro. Não tenho carro – disse, olhando para Chase. – Não tenho nada e vocês têm tudo. O que vou fazer a não ser encher a cara? O que eu deveria fazer?

– Ir para o inferno – sugeriu Laurie com voz fria.

Billy fez menção de agredi-la, gesto que assustou todo o grupo. Os braços de Bobby o agarraram tão rápido e com tanta força que o extravagante chapéu de Billy caiu no chão. O vaqueiro perdeu o fôlego, respirou fundo e por pouco não vomitou.

– Você é nojento! – gritou Laurie com uma expressão de desgosto.

Bailey e Bobby o arrastaram para longe da mesa.

– Ele chegou a atingi-la? – perguntou Belle, assustada.

Chase voltou para o lado de Laurie e pôs a mão em seu ombro.

Horrorizada, Laurie fez que não com a cabeça. Chase não retirou a mão e ela também não a afastou.

– Meu Deus! – comentou Meryl boquiaberto. – Não acredito que ele quis fazer aquilo.

– Bater em uma mulher? – disse Chase, olhando para os outros homens que se encaminhavam até a porta. – Por que não? Ele bate na própria esposa! Por que se importaria de bater na mulher dos outros?

Belle murmurou alguma coisa.

– O que foi? – perguntou o irmão.

– Ao menos ele não deu em cima da mulher de outro homem.

Chase tirou a mão do ombro da cunhada. O restaurante estava em silêncio absoluto. Todos os clientes pararam de conversar enquanto Billy Crosby era colocado para fora.

– Você vai expulsá-lo no meio dessa tempestade? – perguntou um homem em uma mesa perto da porta.

Naquele momento, ouviu-se o estrondo de um trovão e a luz novamente piscou no restaurante, produzindo um burburinho em todas as mesas.

– Não quero esse rapaz incomodando meus clientes – informou Bailey em voz alta. – Um pouco de chuva vai esfriar o ânimo dele.

– Ninguém merece ser posto para fora numa noite destas – disse uma mulher.

– Nem mesmo um bêbado – gritou uma voz.

– Nem Billy! – berrou um homem, fazendo algumas pessoas rirem.

– Abra a porta, Bobby – ordenou Bailey.

Eles o empurraram para fora debaixo de chuva. A tempestade, ruidosa a ponto de abafar as conversas dentro do restaurante, parecia um tambor quando a porta foi rapidamente aberta e fechada. Quando Bailey se voltou para o salão, algumas pessoas começaram a aplaudi-lo. O proprietário percebeu que alguns clientes o encaravam sem bater palmas.

– Não fiquem com raiva de mim. Foi Billy quem começou, como sempre acontece nas encencas em que ele se mete. Só coloquei um ponto final na confusão que ele estava aprontando aqui dentro. Já estava na hora de ele sofrer as consequências dos problemas que ele arruma.

Depois de Bobby ter voltado à mesa e de o restaurante estar novamente calmo, Chase se virou para a cunhada:

– Você veio dirigindo? Não vi seu carro lá fora.

– Vim a pé.

Laurie levantou a mão com a palma virada para cima, como se quisesse pegar algumas gotas de chuva que caiam sobre o telhado. O barulho era tão alto que ela precisou elevar a voz para que seus cunhados pudessem escutá-la.

– Então, quem vai me levar para casa?

– Não podemos – respondeu Meryl, olhando para Belle. – O banco do meu carro está cheio de tralhas.

– Eu estou muito bêbado – falou Bobby.

Ele não tinha idade para beber, mas isso não o impedia de tomar uns goles quando Bailey não estava olhando.

– Tudo bem, eu levo – Chase se ofereceu, com um falso suspiro de resignação.

Na porta do restaurante, Laurie percebeu que o chapéu de Billy Crosby havia ficado para trás. *Bem feito*, ela pensou, lembrando-se da maneira vulgar como ele olhara para seus seios, sem falar na tentativa de agredi-la. Pegou o chapéu do chão e o levou para fora, a fim de que ele ficasse ensopado de chuva.

Eram dez da noite quando eles correram até seus carros. Meryl deixou Belle no museu e foi verificar se a energia em seu escritório havia sido restabelecida. Chase acompanhou a cunhada até a casa dela. Encharcado de chuva, ele comentou que ia pegar algumas roupas para levar para o hotel. Laurie ficou na cozinha ouvindo o barulho dos trovões, que pareciam prestes a derrubar as paredes e carregá-las em uma enxurrada. Tremendo de

frio, ela queria tirar as roupas molhadas e se enxugar. Um banho morno ou braços acolhedores pareciam duas ótimas opções. *Melhor ainda as duas juntas*, ela pensou. Ao perceber que ainda segurava o chapéu de Billy, ela o atirou ao chão com uma expressão de nojo. Em seguida foi atrás do cunhado no andar de cima, tremendo de frio e desejo e arrastando seus dedos molhados pelo corrimão da escada.

Algum tempo depois, o jovem Red Bosch passava de carro diante do Restaurante Bailey quando percebeu alguém caído na calçada. Parou para dar uma olhada e viu que era Billy Crosby quem estava no chão. Colocou a picape em ponto morto, abriu a porta do passageiro e correu debaixo do temporal para ver se Billy respirava. O adolescente percebeu que o vaqueiro estava apenas bêbado. Então conseguiu pôr Billy de pé e o conduziu até o carro, com a chuva quase os afogando até chegarem à picape. Red levou o vaqueiro para casa, onde ele teria os cuidados de Valentine e do filho.

14

SOZINHA NA FAZENDA COM a neta, Annabelle se apressou para deixar tudo pronto antes que a energia elétrica acabasse, como costumava acontecer durante as tempestades. Jody seguia Annabelle por todos os cômodos, criando a própria tempestade de palavras e “ajudando” a avó com mais trabalho, porém Annabelle tinha uma paciência infinita, mais do que tivera com os próprios filhos. No entanto, ela sabia que a relação entre netos e avós era daquele jeito.

Quando um trovão estourava, a menina batia palmas e imitava o barulho. Toda vez que um raio riscava o céu, Jody se encolhia, mas logo começava a rir, gesto que era imitado pela avó.

– Você gosta de tempestades, não gosta? – Annabelle perguntou a Jody, que jogou os braços para cima e repetiu o barulho dos trovões.

A avó gostava do fato de a neta ser extrovertida e corajosa. Quando tinha a mesma idade, Belle morria de medo de tempestades, cavalos, latidos de cães ou qualquer coisa que abalasse seu sensível sistema nervoso. Annabelle ficava apreensiva com a aproximação das chuvas, pois sabia que teria uma longa noite pela frente para acalmar a filha. Belle acabou superando a maioria daqueles medos, mas continuava sendo muito sensível.

Quando chovia daquela maneira, Annabelle imaginava a casa sendo levada para o leste, uma enorme pilha de lama que seria arrastada até os limites de Kansas City. Àquela altura, começou a pensar em como estariam as coisas em Rose. Ao ligar do hotel para dizer que não poderia voltar para casa, Hugh contou que o vento estava envergando as árvores e que pedras de granizo do tamanho de bolas de sinuca caíam do céu.

- Interditaram a estrada? – perguntou ela surpresa.
- Interditaram, e eu nunca tinha visto ondas em pleno estado do Kansas.
- Ondas? Você está brincando!
- Não estou. A estrada parecia um mar!
- Você falou com as crianças...

A ligação caiu na hora em que Annabelle ia perguntar se o marido tinha visto Belle, Bobby, Chase e Laurie. Eles com certeza eram ajuizados para se proteger da chuva sem que o pai precisasse dizer isso a eles. Annabelle também queria falar que a neta estava na fazenda. Por outro lado, ficou aliviada quando a comunicação foi interrompida, pois assim não precisaria explicar por que ele teria de bancar uma viagem a Colorado Springs para a nora mimada.

- Era o vovô – disse ela à neta.
- Posso falar com ele?
- A ligação caiu, querida.
- *Cabum!* – gritou Jody.

Annabelle, perguntando-se como uma criança de três anos conseguia fazer uma piada daquelas, riu e abraçou a neta.

- Você é uma garotinha muito esperta.

Annabelle achou que poderia dar um fim à péssima ideia de Laurie ir ao Colorado supostamente sozinha caso convencesse a filha a ir junto. Afinal, Belle talvez ficasse com ciúme do presente caro da cunhada e Laurie já havia falado em convidar uma amiga. Ela e Belle não eram grandes amigas, mas tinham um nível de intimidade comum a pessoas que estudaram juntas em um lugar tão pequeno quanto Rose.

Sim, Belle merecia uma viagem ao Colorado. Feliz por ter encontrado uma solução, Annabelle colocou as roupas para lavar. Jody ajudou na separação das roupas brancas das coloridas. Ao pegar uma calça de Bobby, Annabelle começou a verificar os bolsos. Três estavam vazios, mas o filho se esquecera de esvaziar o bolso traseiro esquerdo. Ela encontrou um recibo da loja de rações, uma pilha, um chiclete, que ela desembulhou e pôs na boca, a carteirinha de estudante da Universidade do Kansas e uma pequena foto da cunhada com a sobrinha. Surpresa por encontrar algo tão sentimental em seu bolso, Annabelle abriu um sorriso.

– Veja, Jody.

A menina se esticou para olhar.

– Sou eu bebezinha?

– Claro. São você e sua mãe.

– Onde estava essa foto?

– No bolso da calça do tio Bobby.

– Por que ele tem essa foto?

– Ele quer você por perto.

– É mesmo?

– É. Tio Bobby sente muito orgulho de você, que é a única sobrinha dele.

Annabelle não sabia se estava falando a verdade, mas gostou daquela ideia e, a julgar pela maneira como os olhos de Jody brilhavam, a neta também.

– Eu amo o tio Bobby.

– Ele também ama você.

– Mamãe é bonita.

– É, sim.

Annabelle achava que Bobby tinha mais jeito com crianças do que com adultos. Ou, pelo menos, era especialmente atencioso com Jody. Ele sempre a pegava no colo e brincava de balanço com a menina quando Laurie pedia, assim como nunca se opunha a ir até o celeiro com a sobrinha para ver os gatos. Ela suspeitava que Laurie queria apenas se ver livre da filha quando fazia esses pedidos, mas isso não desmerecia em nada a disposição de Bobby para atendê-los. Ele parecia ficar tão feliz quanto Jody.

Annabelle ficou satisfeita em pensar que seu filho mais difícil guardava uma foto da sobrinha no bolso. Aquilo não era nada demais e ela talvez estivesse dando muita importância a uma bobagem. No fundo ela ficava feliz em relação a Bobby, por mais preguiçoso e sarcástico que ele fosse. Colocou a foto com cuidado sobre a secadora e disse a si mesma que devia se lembrar de falar com Hugh a respeito. Um raio violento caiu perto da casa e a lavanderia ficou às escuras.

– Vovó, o que aconteceu?

– Ficamos sem energia, meu amor. Segure na minha mão. Vamos procurar velas.

– Estou com fome.

– Então vamos procurar uma lanterna, velas e algo gostoso para comer.

Agradecendo a Deus por ter um fogão a gás, Annabelle fez sanduíches de queijo e sopa de tomate para as duas, com direito a uma sobremesa especial: sorvete com cobertura de chocolate quente.

– É melhor tomar o sorvete antes que derreta.

Acendeu o lampião a querosene, colocou-o sobre a mesa e, depois do jantar, pôs a neta no colo e leu um velho livro infantil, que já lera para todos os seus filhos. A tempestade não parava de castigar a fachada da casa. Mas, do lado de dentro, elas estavam confortáveis e abrigadas. *Sou a mulher mais sortuda do mundo*, Annabelle pensou ao virar uma página do livro, com Jody aconchegada ao seu colo.

No Hotel Rose, Hugh Senior ficou só de cuecas e se enfiou debaixo dos lençóis brancos da cama repleta de calombos. Não havia luz para que ele

pudesse ler, a televisão não funcionava e a chuva o impedia de sair para jantar no Restaurante Bailey.

Ele adoraria comer duas costeletas de porco grandes com batatas assadas e vagens cozidas, mas seu estômago ficaria roncando, pois tão cedo ele não ia receber alimento algum. Ao contrário do hotel, o restaurante tinha gerador, portanto devia estar funcionando. Sua fome não chegava ao ponto de ele encarar o temporal sem uma muda de roupas para trocar. Hugh chegou a pensar em pegar o carro e ir até lá de qualquer maneira, mas achou que já vira os filhos o bastante naquele dia. Sabia que eles estavam no Bailey porque vira os carros de Bobby e de Meryl estacionados em frente ao restaurante. Um telefonema ao próprio Bailey confirmara sua suspeita: os dois filhos mais novos, a filha e a cunhada estavam lá. Eles tomariam conta de si mesmos e uns dos outros.

Na realidade, eles talvez não quisessem mais ver o pai naquele dia. O fazendeiro passou as mãos sobre os lençóis, de má qualidade e ásperos em comparação com a roupa macia e cheirosa que Annabelle usava na cama do casal, e desejou que a esposa estivesse ao seu lado para reclamar. “Com esses preços, eles deveriam usar lençóis decentes”, teria dito ela.

No entanto, pelo preço que os hotéis de Rose cobravam, eles provavelmente só tinham condições de oferecer toalhas e lençóis velhos, mas sua esposa, ao contrário de outras mulheres que lhe vinham à mente, inclusive uma da sua própria família, era econômica, e ele adorava isso.

Hugh gostava de se hospedar em hotéis com Annabelle, especialmente agora que os filhos estavam crescidos e não dormiam com eles. Por mais simples que fosse, a esposa adorava serviço de quarto. Ela nunca teria isso no Hotel Rose, mas poderia acordar com o aroma de café fresco feito no quarto por seu marido.

Hugh Senior cruzou os braços atrás da cabeça e sorriu olhando para o teto. Na maior parte do tempo os filhos lhe causavam problemas e as fazendas da família eram uma dor de cabeça constante, mas no geral sua vida era até tranquila. Especialmente naquele momento, com o problema de Billy Crosby solucionado.

Se não perdermos nenhum animal nesta tempestade, tudo vai ficar bem, ele pensou. Sentiu seu riso irradiar pelo peito ao imaginar o comentário de Annabelle àquele seu pensamento: “Você não passa de um fazendeiro velho, sempre querendo encontrar problema onde não existe.” Depois, sua mulher o teria abraçado e beijado. Na sua imaginação, ele retribuía o beijo.

No entanto, ele continuava a pensar em Billy Crosby. Estava convencido de que havia feito a coisa certa em relação ao vaqueiro: entregá-lo à polícia. Várias coisas eram toleradas ou negligenciadas nas cidades pequenas, já que as pessoas eram obrigadas a viver juntas, mas aquela não seria uma delas. Satisfeito consigo mesmo, Hugh Senior fechou os olhos. Do lado de fora, os relâmpagos pareciam anunciar o fim do mundo. Exausto pelo dia estressante, o fazendeiro dormiu a noite inteira.

A duas portas de distância do pai, Bobby entrou correndo no quarto, fugindo da chuva. Trazia debaixo do braço uma embalagem com seis latas de cerveja que pedira a um vaqueiro que comprasse. Começou os trabalhos puxando uma cadeira para perto da janela e bebendo sentado no escuro, observando o dilúvio. Àquela altura, os bueiros tinham transbordado, a água se acumulava nos cruzamentos e galhos de árvores estavam caídos por toda a cidade. Antes de chegar ao hotel, ele achou por duas vezes que sua picape fosse enguiçar, mas Bobby conseguiu atravessar as ruas alagadas, sentindo-se como o capitão de um barco.

Após tomar metade de uma lata de cerveja, ele sorriu satisfeito, lembrando-se de como havia tratado Billy Crosby no restaurante. *Aquele idiota.* Então olhou para as duas camas. Pensou em desmaiar em uma delas, mas Chase não tinha a chave do quarto. *Por que diabos Chase está demorando tanto? Ele só ia deixar Laurie em casa...*

“Que merda você está fazendo?”, murmurou para o irmão ausente.

Quando estava longe dos pais, que proibiam palavrões em casa, ele gostava de soltar a língua. No entanto, usá-los para se referir ao irmão e à cunhada o deixavam tenso. Não era fácil ser apaixonado pela cunhada. Era triste imaginar que aquilo nunca daria em nada, ficar procurando indícios

de que Laurie gostava dele e pensar no que seus pais e irmãos fariam se desconfiassem o que passava na sua cabeça ao se deitar todas as noites. Na realidade, quando estava fazendo praticamente qualquer coisa.

Bobby abandonara a faculdade porque não conseguia parar de pensar na cunhada. Ele adorava alimentar aquela ideia, embora se sentisse culpado porque ela jamais se realizaria, a não ser que seus dois irmãos morressem. Sempre que imaginava aquela hipótese, ele se sentia mal. Trair Hugh-Jay em imaginação já era ruim o suficiente e aquele pensamento macabro só piorava as coisas. Em sua fantasia, eles voltavam aos tempos bíblicos, quando a lei dizia que a morte de um homem liberava a mão da viúva ao irmão mais velho do falecido. Era por isso que em seus pensamentos Chase também precisava morrer, de peste ou esfaqueado por um marido ciumento.

Os pais de Laurie e os de Bobby, bem como toda a comunidade, insistiriam no casamento, portanto os dois não teriam escolha. Precisariam se casar para obedecer à tradição e à religião, pouco importando se ela estivesse de acordo. Em sua fantasia, Laurie admiraria o fato de ele ser honrado e também sua decisão de cumprir com seu dever apenas por querer ajudá-la e protegê-la. Depois, Laurie acabaria se apaixonando por ele e teria os mesmos sentimentos que Bobby tinha por ela.

Chase também atrapalhava a paixão de Bobby por Laurie. Quando via o irmão conversando e brincando com ela, o ciúme corroía as entranhas do caçula. Sua vontade era de arremessar Chase contra a parede. Conversar com as mulheres era tão natural para ele quanto selar um cavalo ou fumar um cigarro. Bobby tinha dificuldade em falar com as pessoas, mas sua língua parecia inchar quando ele se aproximava de Laurie. Ele praticamente grunhia na frente da cunhada, o que fazia com que às vezes ela o olhasse com desdém. Como naquela noite no Bailey, quando Laurie reclamou que Bobby era muito grande para se sentar ao seu lado.

Você é lindo, meu chapa, ele pensou, debochando de si mesmo. Ao pensar no que realmente tinha de interessante, Bobby levou a mão ao bolso traseiro esquerdo, onde guardava uma foto de Laurie. Sentindo apenas a textura do jeans, ele entrou em pânico e pensou o que a mãe pensaria se ela achasse o

retrato. Disse a si mesmo que ela não ia achar estranho, pois Jody também estava na foto. Portanto, tudo não passava de uma imagem da cunhada com a sobrinha, algo que qualquer tio podia ter.

Da próxima vez, porém, ele guardaria a foto em outro lugar. Ele não saberia explicar a situação caso o pai ou os irmãos o questionassem. A imagem estava desbotada e rasgada de tanto ele passar os dedos pelo rosto de Laurie. Pelos cabelos, pela boca. Além de outras partes. Chase acharia aquilo estranho e encheria o irmão de perguntas.

Por onde diabos andava Chase? Aquilo o estava deixando irritado. Bobby amassou a lata de cerveja com a mão. Se Chase não aparecesse logo, ele teria de pegar a picape e ir atrás do irmão.

Belle deu um pulo quando ouviu alguém esmurrando a porta lateral do museu. Primeiro, achou que fosse a tempestade, um galho grande que talvez tivesse caído. Mas, como o barulho não parava, ela acabou percebendo uma voz entre a massa sonora de trovões, raios e vento. Não conseguia entender por que a pessoa não havia entrado, já que a porta estava aberta. Enquanto se aproximava para abri-la, ela se deu conta de que a trancara por causa do vento.

Meryl Tapper estava ensopado do lado de fora, olhando sem graça para ela.

– Meryl! Venha, entre logo!

Ele a tinha deixado no museu e fora até o escritório ver como estavam as coisas por lá. Belle não esperava que ele voltasse, o que tornava ainda mais admirável seu esforço, especialmente debaixo do temporal que caía. Meryl tinha suspenso a camisa até a cabeça para se proteger, deixando a barriga e as costas expostas. Ele parecia ter nadado uma piscina olímpica inteira, pois seu cabelo cor de areia estava emplastrado na cabeça e no pescoço e filetes de água escorriam de seus braços. Sua calça estava molhada a ponto de dar a impressão de que era impossível caminhar com ela. Meryl não sabia que um homem encharcado podia ser tão bonito e ela estava tão ansiosa para deixá-lo entrar que seus dedos se atrapalharam na tranca da porta.

Belle não estava se sentindo muito bem. Não costumava beber mais do que uma cerveja e as três que havia tomado a deixaram tonta e desastrada.

– Você está molhado como uma esponja!

– Não vou morrer por causa disso.

– Nunca se sabe.

Belle começou a desfazer o nó da gravata que ela mesma lhe dera, brigando com os próprios dedos atrás do pescoço de Meryl.

– Você precisa tirar essas roupas.

Ele colocou a mão na cabeça da namorada para que ela parasse.

– Não tenho o que vestir.

Belle, que era virgem, engoliu em seco e disse:

– Tudo bem.

Meryl entendeu o que ela queria dizer. Segurou-a pelos braços e disse:

– Então vou perguntar antes de seguirmos em frente: você quer se casar comigo, Belle Linder?

Ela riu timidamente.

– Você não precisa casar comigo para fazermos sexo, Meryl.

– Preciso, sim.

Ela o encarou, sentindo-se confusa, sem saber se devia ficar decepcionada ou alegre.

– Vamos nos casar primeiro, então – confirmou Meryl. – Basta você aceitar.

– E suas roupas molhadas? – disse ela, arrependendo-se de ter feito aquela pergunta estúpida.

– Vão ficar ainda mais molhadas até eu chegar em casa.

– Você veio aqui só para me pedir em casamento?

– Sim. – Meryl sorriu. – Pouco importa se está chovendo ou fazendo sol.

– Estamos apaixonados?

– Tenho quase certeza que sim, Belle.

– Sim! – exclamou ela. – Quero me casar com você, Meryl Tapper.

Como estava molhado, Meryl a beijou sem abraçá-la, mas Belle parecia não estar preocupada com isso. Ela o puxou, abraçou a cintura dele e ficou

tão ensopada quanto o noivo.

Ao tomar sua terceira cerveja, Bobby olhou através da chuva forte e reconheceu uma picape que passava.

– O que Hugh-Jay está fazendo aqui? – perguntou ele à tempestade.

Bobby estava certo de que se tratava do carro do irmão mais velho, que àquela hora deveria estar no Colorado. Levantou-se da cadeira para acompanhar as luzes traseiras da picape sumirem rua abaixo. Como estava escuro, ele poderia ter se enganado. No entanto só havia uma picape prateada como aquela em Rose.

Observou o carro de Hugh-Jay virar à esquerda, na direção da grande casa de pedra.

15

QUANDO ACORDOU NA MANHÃ seguinte com Jody adormecida ao seu lado, Annabelle percebeu, graças ao bendito silêncio, que a chuva finalmente havia parado. A tempestade tinha ido assustar o leste do Kansas. *Tomem cuidado*, ela pensou preocupada. Sua noite de sono fora repleta de pesadelos causados pela chuva. Acordara várias vezes sentindo uma necessidade urgente de fazer alguma coisa, ainda que não soubesse exatamente o quê.

Foi um alívio acordar de vez, embora ainda estivesse cansada. Assim que olhou para o relógio de cabeceira, percebeu que a energia não tinha voltado e, quando tirou silenciosamente o telefone do gancho, não ouviu sinal algum. A julgar pela luz do sol, não devia passar das cinco da manhã.

Annabelle saiu da cama sem acordar a neta e se virou para olhar a menina, que dormia com os braços esparramados sobre os lençóis. Ver aquela garotinha inocente pôs fim à preocupação que sentia enquanto colocava o robe e descia as escadas. Preparou a primeira xícara de café no

fogão e foi até o jardim verificar os estragos. Ela odiava café solúvel, mas uma dose de cafeína era sempre bem-vinda durante uma tempestade.

A manhã estava com cheiro de mofo. Segurou a caneca com as duas mãos sem se importar com o calor. Viu que os canteiros de flores que andavam esquecidos finalmente viram sinal de água, ainda que tivesse sido muito tarde e com volume excessivo. Àquela altura, as raízes secas estavam afogadas. A terra em volta das plantas, que ela vinha adubando todos os anos, logo seria um barro endurecido, do tipo que fica rachado quando seco ou molhado demais. Se Annabelle quisesse, poderia fazer tijolos com aquela terra.

Suspirou de remorso por toda aquela beleza perdida. No entanto, ficou feliz ao ver intactos os telhados da casa, do celeiro e das outras construções. Para sua surpresa, apenas algumas telhas e dois sarrafos de madeira tinham sido danificados. Também não havia cercas caídas em volta da casa. Pensou com tristeza que eram necessários um homem e alicates para causar um estrago como aquele. *Maldito!*

“Não tivemos grandes prejuízos”, disse a si mesma, sentindo-se um pouco culpada.

Ela estava certa de que muitas pessoas não tiveram a mesma sorte. Precisava dar comida aos cachorros e aos cavalos, mas o restante das tarefas domésticas podia aguardar pelo retorno dos homens da casa. Depois de jogar no chão o resto do café intragável, Annabelle voltou correndo para dentro. Estava ansiosa para vestir Jody para que elas pudessem ver como sua família e a pequena cidade de Rose haviam resistido à tempestade.

Annabelle e Jody não tiveram problemas para passar pela estrada. A água já havia escoado, deixando apenas poças de lama no asfalto. Ao ver a vegetação agarrada às cercas, Annabelle ficou impressionada com a altura a que a água havia chegado. *Meu marido estava falando a verdade: ondas em pleno interior do Kansas!*, ela pensou, mas preferiu não falar nada, senão teria de explicar à neta do que se tratava, e estava bastante cansada. Sem falar quer

Jody estava de mau humor por ter sido tirada da cama cedo. Nada que um bom café da manhã não resolvesse.

O plano de Annabelle era pegar Hugh, Belle, Chase, Bobby e a mãe de Jody e levá-los à padaria do centro para tomar café. O lugar não tinha nada de especial, mas servia as melhores panquecas do estado, superiores até às que ela preparava. A família raramente saía para comer junta. Afinal, por que pagar quando podiam comer bem em casa? *Por quê?*, Annabelle pensou, bocejando. *Para eu não ter de cozinhar!*

Apesar de estar precisando urgentemente tomar um café reforçado, ela seguiu por um caminho alternativo para passar diante de uma atração turística da cidade, um conjunto de monumentos rochosos que se erguiam do solo, parecido com Stonehenge, porém maiores e formando um contraste interessante com a paisagem plana. Testament Rocks, como o local era conhecido, recebia os únicos turistas do condado, em sua maioria arqueólogos, geólogos e paleontólogos. No passado, aquela área havia sido um grande mar interior, um enorme corpo de água repleto de tubarões pré-históricos e outras criaturas marinhas. Mais tarde o local se transformaria em um vasto rio.

Ao visitar aqueles monumentos, Annabelle tinha a nítida sensação de que eles faziam parte de algo maior e mais antigo que mudava tão lentamente que as alterações eram quase imperceptíveis, a menos que você as observasse ao longo de toda a vida. Apenas o processo de erosão, a poluição, terremotos ou explosivos podiam transformar aquela paisagem. A parte superior de uma formação rochosa conhecida como Rei havia sido danificada alguns anos antes e Annabelle ainda lamentava aquela descaracterização.

Ela não parou para visitar o local, pois levaria mais tempo para chegar à cidade. Preferiu diminuir a velocidade quando avistou o monumento. Daquela distância, as rochas eram exatamente como ela se lembrava e não pareciam ter sido afetadas pela tempestade. Como sempre acontecia, ela se sentiu bem por estar ali.

- Por que estamos indo tão devagar, vovó?
- Para vermos Testament Rocks, meu amor.

– Não quero ver pedras.

A luz do início da manhã imprimia às rochas um tom branco dourado, dando a impressão de que elas haviam sido pintadas pelas mãos do homem, pois nenhuma pedra podia brilhar tanto. Annabelle quase pediu à neta que prestasse atenção na beleza daquela formação rochosa, mas se lembrou de que a menina tinha apenas três anos e provavelmente estava morrendo de fome.

– O que você quer ver então?

– O papai e as panquecas.

Annabelle decidiu não causar problemas explicando que Hugh-Jay levaria uns dias para voltar para casa.

– Quer ver manteiga também?

– Quero!

– Creme de amendoim?

– Quero! E a mamãe.

– Então vamos lá!

Enquanto o carro ganhava velocidade, Annabelle pensou que todas as pessoas que ela conhecia morreriam antes do desaparecimento de Testament Rocks. Assim ela esperava, pois era a ordem natural das coisas. Ao longo do caminho, viu vários estragos causados pela tempestade: árvores queimadas por raios, cercas e galhos caídos, postes derrubados. Distraída com os transtornos que as pessoas estavam enfrentando, ela se esqueceu dos sonhos inquietantes que teve à noite.

Ao entrar em Rose, viu galhos pelo chão e ruas cobertas de folhas. A energia elétrica ainda não tinha sido restabelecida, mas a cidade não parecia ter sofrido grandes transtornos com o temporal. Com exceção dos porões da maioria das casas, que estavam alagados e naquela manhã contavam com os próprios moradores para retirar a água com a ajuda de bombas e baldes. Viu uma grande árvore partida ao meio e queimada, sinal de que um raio tinha feito o trabalho que geralmente precisava das habilidades de um bom lenhador.

Annabelle se dirigiu ao Hotel Rose e estacionou diante da recepção.

– Quais são os quartos? – perguntou ela ao proprietário, um velho conhecido da família.

– Seu marido está no sete – respondeu o homem com um sorriso – e seus filhos no nove. Como está a estrada?

– Já foi liberada, mas está bem suja.

– Eu soube. Tivemos sorte por ninguém ter sido levado pela enxurrada.

– Tivemos sorte *mesmo*. A propósito, pode me dar as chaves dos quartos deles?

Com as chaves na mão, Annabelle se despediu e deixou o proprietário às voltas com seus papéis. De mãos dadas com a neta, viu-se diante de uma longa fila de quartos. Passou pelo quarto número sete para bater à porta do número nove. Abriu-a fazendo o máximo de barulho possível, para avisar aos filhos que estava entrando. Contudo, antes deu algumas instruções a Jody. Em seguida enfiaram a cabeça dentro do quarto, com o rosto voltado para o chão, e gritaram:

– Panquecas! Em meia hora na padaria! Nos encontramos lá!

Jody não conseguiu dizer todas as palavras, mas Annabelle arrancou uma boa risada da neta. O quarto tinha cheiro de couro molhado e dos filhos. Bateu a porta enquanto ouvia vozes abafadas dizendo “Mãe?”, como se ela os tivesse acordado com um susto. Em casa, eles estariam de pé e trabalhando desde cedo. Mas aquele era como um dia de férias no qual podiam dormir até mais tarde e comer fora.

Na ponta dos pés, Annabelle enfiou a chave na fechadura do quarto sete e a girou depois de dar novas instruções à neta. Quando entraram em silêncio, encontraram o quarto escuro. Pelo volume sob as cobertas, Annabelle viu que o marido ainda estava na cama. Ela não se lembrava da última vez em que Hugh dormira até tarde e, embora soubesse que ele iria reclamar, estava feliz por ele poder descansar. A avó e a neta correram até a cama e pularam sobre o colchão.

– Acorde, vovô!

Hugh Senior acordou com um sobressalto, como se alguém encostasse uma arma em suas costas.

– O que foi? O que foi?

Annabelle se esparramou no colchão enquanto Jody pulava, ambas rindo sem parar. Ao perceber quem havia invadido seu quarto, Hugh Senior também começou a rir e levantou Jody com as duas mãos.

– Você vai ficar aí em cima o dia inteiro! – disse ele, fingindo estar bravo.
– Você acordou o bode velho e rabugento!

Jody estava ficando sem fôlego de tanto rir, então Hugh Senior a colocou no chão. Annabelle se levantou da cama e disse:

– Falei para os meninos nos encontrarem na padaria daqui a meia hora. Jody e eu vamos até a casa de Laurie para buscá-la.

– E Belle?

– Ah, meu Deus, eu me esqueci dela! – disse Annabelle, sentindo-se culpada por não ter pensado na filha. – Onde ela está?

– Acho que está no museu.

– Você pode passar lá para pegá-la?

– Estou morrendo de fome – disse Jody aos dois.

– Bem, então vamos pegar sua mãe!

QUANDO VIU CHASE E Bobby saindo do quarto, Jody ficou agitada e implorou para ir com eles e o avô. Annabelle então seguiu sozinha para a casa do filho e da nora. Ao estacionar diante da garagem, viu que Hugh-Jay teria trabalho ao voltar do Colorado: alguns galhos do velho carvalho, a única árvore daquela espécie em Rose, tinham caído no quintal. Annabelle sorriu, imaginando o que seu primogênito sempre otimista diria: “Que bom! Ao menos não vou precisar mais me arriscar subindo naquela árvore para podá-la.” Depois ele próprio ria de seu senso de humor absurdo.

O interior da grande casa de pedra estava escuro. Provavelmente a energia não havia sido restabelecida. *Ainda bem que nunca precisei morar aqui*, ela pensou. *Esta casa é velha, poeirenta e cheia de fantasmas*. Annabelle girou a maçaneta de latão da porta esperando que estivesse aberta. Mas não estava.

– Trancada? – perguntou surpresa à porta.

Será que Laurie tinha medo de ficar sozinha quando Hugh-Jay viajava? Tocou a campainha e em seguida bateu à porta. Não obtendo resposta, tentou novamente.

– Você ainda está dormindo? – perguntou à janela do quarto da nora no segundo andar.

Annabelle se repreendeu, perguntando-se por que a ideia de Laurie dormir até tarde a incomodava se alguns minutos antes ela havia ficado feliz por seus filhos e seu marido terem feito a mesma coisa. Não era porque eles trabalhavam muito e ela não. Qualquer mulher com uma filha de três anos e uma casa daquele tamanho trabalhava muito, a menos que tivesse uma babá e uma faxineira, e Laurie não tinha nem uma coisa nem outra.

Annabelle desceu os degraus da entrada e deu a volta até os fundos da casa. A porta da cozinha estava trancada e as janelas, fechadas, provavelmente por causa da tempestade. Annabelle bateu gentilmente à porta, mas logo as batidas ganharam força.

– Laurie Jo! – gritou, aborrecida. – Abra a porta!

Talvez a nora também tivesse saído para tomar café. Annabelle virou-se para ir embora e então percebeu a picape do filho estacionada nos fundos. Será que Hugh-Jay já tinha voltado? Ou será que ele pegara o carro de Laurie para ir ao Colorado? *Que coisa estranha*, ela pensou com uma sensação incômoda. Percebeu que era possível entrar na casa.

Na esperança de que Laurie tivesse se esquecido de trancar o porão, Annabelle foi até a lateral da casa e desceu os velhos degraus até aquela parte subterrânea na qual apenas recentemente seu filho havia cimentado as paredes. Pisou em uma poça de lama no pé da escada e, ao forçar a porta, viu que estava destrancada. Annabelle a abriu, provocando um estalo nas dobradiças. Desejou que o barulho não significasse um conserto muito caro.

Pelo cheiro, o lugar parecia ter sido inundado, o que de fato ocorrera. A água, que havia atingido 20 centímetros de altura, já tinha escoado, mas o chão estava coberto de lama. Annabelle fez uma careta enquanto atravessava o porão, movendo-se com cuidado para não escorregar e cair. Viu lama em torno da máquina de lavar roupa e da secadora.

– Espero que não tenham queimado – disse em voz alta.

Enquanto subia os degraus de madeira com cuidado, ela se agarrava ao corrimão e rezava para que a porta que dava no primeiro andar não estivesse trancada. Não estava. Na cozinha, Annabelle tirou os sapatos sujos de lama.

– Laurie, você está aí?

O aspecto do cômodo a deixou assustada. Uma cadeira estava caída para trás. Viu um chapéu ao lado de uma capa de chuva jogados em um canto. Na pia, a água pingava da torneira. Quando foi fechá-la, Annabelle viu o que parecia ser sangue na bancada. Sentiu-se angustiada. Havia alguma coisa errada. Correu até o vestíbulo e gritou:

– Laurie! Hugh-Jay! Tem alguém aí?

Annabelle olhou rapidamente as salas de jantar e de estar e subiu a escada com o coração acelerado, vendo e sentindo o cheiro de manchas esbranquiçadas no carpete dos degraus. Parecia água sanitária. Temerosa, percorreu todos os quartos do segundo andar.

Eles não estavam na suíte nem no quarto da neta. Também não havia ninguém no banheiro do corredor. Nenhum sinal no quarto de hóspedes. Só restava o pequeno quarto no final do corredor. Annabelle correu e abriu a porta.

– Hugh-Jay! Meu Deus! Não! Meu filho!

O corpo dele jazia sobre o carpete ensanguentado. Annabelle berrou o nome do filho várias vezes enquanto seu coração virava uma pedra.

Do lado de fora, um vizinho que tinha ido conferir como a casa de Hugh-Jay e Laurie resistira à tempestade ouviu gritos abafados através das janelas pesadas e ficou assustado. Sam Carpenter viu a porta pela qual Annabelle

havia entrado e subiu correndo a escada do porão, escorregando várias vezes enquanto ouvia os gritos, àquela altura mais nítidos e pavorosos, que cortavam o ar.

Ficou desesperado. Era a pior coisa que já tinha ouvido em toda a sua vida. Parecia o som de uma mulher sendo esfaqueada. Ele só não caiu da escada porque se agarrou com força ao corrimão. No topo da escada, escancarou a porta e percebeu os sinais de luta na cozinha: a cadeira, a capa de chuva, o chapéu destruído. Sem tempo para pensar, seguiu os lamentos que vinham do pequeno quarto no final do corredor do segundo andar da velha casa de pedra.

Quando viu que não havia nada que pudesse fazer para ajudar, Sam saiu correndo para procurar sua jovem vizinha, mas Laurie Linder não estava em nenhum dos cômodos. Voltou ao quarto. Arfando, disse a Annabelle:

– Não sei onde ela está!

– Chame minha família, Sam – suplicou Annabelle em meio às lágrimas.

Ela disse o nome da padaria e ele tentou o telefone, que não funcionava.

– Vou buscá-los! – gritou o vizinho.

Sam estava tão desorientado que se esqueceu do carro, se esqueceu de avisar sua esposa Louanne aonde estava indo, se esqueceu de tudo a não ser de seu compromisso com Annabelle Linder. Com o coração pulando no peito e quase às lágrimas, ele correu os 500 metros que separavam a casa da padaria sem prestar atenção às vozes que o chamavam. Sam entrou no estabelecimento aos berros:

– Hugh Linder! Onde está Hugh Linder?

As garçonetes e os clientes viraram em sua direção. Os sorrisos de alguns rostos imediatamente desapareceram ao ver o estado em que aquele homem se encontrava. As pessoas logo apontaram: *ali, os Linder estão ali!*

– O que foi, meu querido? – perguntou uma garçonete, conhecida por chamar todos os clientes daquela maneira carinhosa.

– Meu Deus! – exclamou Sam enquanto passava correndo pela mulher.

De repente ele se deu conta de quem era o dono do chapéu que tinha visto na cozinha de Hugh-Jay e Laurie. Como todas as pessoas de Rose, Sam

sabia do incidente na fazenda e tinha ouvido falar da briga no Bailey na noite anterior. Sua mente chegou a uma conclusão que lhe parecia lógica:

– Billy Crosby matou Hugh-Jay Linder!

A garçonete deu um grito. Pratos com ovos e torradas caíram de sua bandeja. No salão, as pessoas que ouviram aquelas palavras se levantaram, algumas derrubando suas cadeiras. Outras perguntaram o que Sam Carpenter havia dito, ficando desesperadas em seguida, levantando-se de suas cadeiras ou abraçando umas às outras. Depois da confusão inicial, o silêncio tomou conta da padaria. Então algumas mulheres começaram a soluçar.

– Aquele desgraçado! – berrou uma voz angustiada.

Um grito de desespero veio de uma das mesas, onde os Linder estavam reunidos. Quando entrou correndo no salão principal, a família encontrou a padaria com os clientes de pé, esperando pela confirmação de que tudo não passava de um mal-entendido, de que ninguém havia matado aquele rapaz prestativo. Contudo, as pessoas viram Chase Linder carregando a sobrinha assustada e Belle agarrada ao pai, que de repente parecia ter 100 anos de idade. Todos os olhos os acompanharam enquanto eles saíam porta afora. Bobby Linder estava com um guardanapo preso ao colarinho da camisa. Sam, que vinha atrás do grupo, estava exausto demais para voltar a pé. Entrou mancando no salão e as pessoas se aglomeraram à sua volta para ouvir a história.

– Hugh-Jay está morto. Foi assassinado a tiros e a mãe está lá com o corpo...

– Ai, meu Deus! – gritou uma mulher, horrorizada, levando as mãos ao rosto. – Annabelle! Coitada da Annabelle!

– Não consegui encontrar Laurie...

– Ele também a matou?

– Não sei, não sei.

Sam deixou o corpo cair sobre uma cadeira, diante de uma mesa com xícaras de café consumidas pela metade e que àquela altura estavam frias.

Seus ombros se arquearam e ele começou a chorar, enquanto algumas pessoas o consolavam ao mesmo tempo que tentavam não se emocionar.

– Como ele pôde fazer isso? Como alguém pôde fazer isso?

Ninguém parecia ter uma resposta, porque Rose nunca tinha visto algo parecido. Então, de um canto do salão veio uma voz decidida:

– Foi o Billy. Ele é assim mesmo. Espero que peguem e matem o desgraçado!

17

DON PHELPS, o XERIFE de Henderson, foi de onde estava, 80 quilômetros ao leste, até Rose em meia hora. Dirigiu com a sirene a todo o volume, pensando em quantas coisas ele não conhecia.

Tinha 43 anos e nos últimos nove exercera a função de xerife assistente e xerife, cargo que ainda ocupava. Durante esses anos, e também nos anteriores, nunca havia ocorrido um assassinato em Henderson. Era possível que um pastor de ovelhas tivesse matado um agricultor, ou vice-versa, na época da promulgação das leis rurais, mas ele não conhecia bem a história do condado e não sabia se realmente acontecera algum crime naquele período.

O xerife estava acostumado a infrações de trânsito, pequenos furtos, desentendimentos domésticos, brigas em bares e ações de despejo. No entanto ele nunca tinha estado diante de uma tentativa de homicídio, muito menos de um assassinato. Seus subordinados não faziam a menor ideia de como lidar com casos daquele tipo e as únicas coisas que ele sabia a respeito foram aprendidas em um seminário de fim de semana que, a muito custo, o condado lhe pagou e nas revistas que lia.

Quando se reunia com amigos policiais de cidades maiores, ele tinha de ouvir piadas sobre o fato de não ter nada a fazer senão ficar com as pernas esticadas sobre a mesa. Phelps sempre reagia com uma resposta-padrão:

– Acho que não é vergonha nenhuma ser xerife de um condado onde não acontecem assassinatos.

Depois de entrar na grande casa de pedra, subir as escadas e ver a cena do crime, Phelps percebeu que a coisa mais sensata a fazer era esperar a chegada do Departamento de Investigação do Kansas. Sem coletar prova alguma, ele tomou uma decisão: ir atrás do homem que ele tinha certeza de que havia cometido aquele crime.

Assim Don Phelps foi embora daquela casa onde uma família inteira, que ele considerava honesta e decente, entoava um único lamento fúnebre. O xerife não era um detetive de homicídios, muito menos psicólogo, portanto saiu remoendo sentimentos de tristeza, raiva e solidariedade. Se olhasse mais uma vez nos olhos de Hugh Senior, começaria a chorar. Sem falar na pequena Jody. Phelps não conseguia sequer imaginar o que aquilo significava para a menina.

O xerife achou que ele era o único no condado que tinha experiência com o lado perverso de Billy Crosby, com exceção da mulher do vaqueiro. Além de ter posto o jovem na cadeia algumas vezes, Phelps tinha ido à fazenda High Rock no dia anterior. Ele vira a cerca cortada e a carcaça da vaca, além da história de maus-tratos ao animal dois dias antes. E pouco antes, na casa de Hugh-Jay, Chase Linder o informara sobre o incidente no Bailey.

O xerife se sentiu frustrado por não ter conseguido provas suficientes para manter Billy na cadeia na noite anterior. Talvez, na prisão, o jovem tivesse esfriado a cabeça e não cometesse o crime. Ou, quem sabe, tudo iria acontecer de qualquer maneira, já que um homem que segue por caminhos tortuosos dificilmente se reabilita.

Quando Phelps estacionou diante da casa de Billy, seus dois subordinados que trabalhavam em tempo integral e os dois de meio expediente estavam à sua espera. Um deles trazia um mandado de busca emitido por um juiz que chorou ao assiná-lo. O xerife se reuniu com eles no quintal e disse:

– Vamos nos lembrar de que somos policiais e agir civilizadamente. Prendam-no como se ele fosse uma pessoa comum. Leiam seus direitos,

levem-no até a cadeia e deixem a lei cuidar de Billy. – Depois de olhar com atenção para seus homens, ele completou: – Estou falando sério.

Um dos policiais, que havia jogado futebol com Hugh-Jay Linder, encontrou Billy Crosby dormindo em uma rede nos fundos da casa. Ele virou a rede, jogando o vaqueiro no chão. Billy acordou, deu um berro e, com os olhos entreabertos, encarou o policial à sua frente.

– Levante-se, seu ser humano desprezível.

O policial o colocou de pé, fechou as algemas em seus pulsos e foi empurrando Billy até a viatura do xerife. Ao subir no banco traseiro, o jovem vomitou no assoalho do carro.

Dentro de casa, Valentine preparava o café da manhã para ela, o filho e o jovem Red Bosch quando o xerife bateu à porta. Antes que ela conseguisse impedi-lo, Collin correu para abri-la, deixando que o cheiro de ovos mexidos e panquecas saísse e que os homens de uniforme cáqui entrassem.

O menino recuou até suas pernas baterem no sofá, fazendo com que ele caísse sentado com os braços abertos. Ele voltou a se levantar com a mesma rapidez. Valentine saiu da cozinha assustada, limpando as mãos em uma toalha de papel enquanto o bacon queimava na frigideira.

– O que você está fazendo aqui, Red? – perguntou o xerife, parecendo tão surpreso em encontrar o adolescente quanto Red em ver o xerife.

– Pe-peguei Billy ontem à noite – balbuciou Red – e o trouxe para casa.

Com o cabelo desgrenhado por causa do sono, a calça e a camiseta amassadas e o rosto marcado por ter dormido sobre o zíper do saco de dormir, Red parecia confuso com o tumulto dos policiais e amedrontado pelo tom de voz do xerife. Mais tarde, um dos oficiais contaria rindo que Red estava com aquela cara que os adolescentes fazem quando não sabem se estão em apuros.

– Você não estava bebendo no Bailey, estava, Red?

O rapaz tinha apenas 16 anos e portanto não tinha idade para beber.

– Não, senhor – respondeu ele com vigor, parecendo disposto a jurar sobre a bíblia se o xerife a estendesse à sua frente. – Eu estava dando umas

voltas de carro e vi uma pessoa caída no estacionamento do Bailey. Era Billy. Ele estava bêbado como um gambá. Eu não podia deixá-lo ali, senão ele seria atropelado. Então levei-o até minha picape e o trouxe para casa.

– Por que você ainda está aqui, Red?

O garoto ficou tão vermelho quanto seus cabelos.

– A Sra. Crosby me mandou ligar para a minha mãe e dizer que era muito perigoso eu dirigir na tempestade.

– Onde você dormiu?

– Ali no chão – Red apontou para um saco de dormir.

– O que Billy fez quando Red o trouxe para casa? – o xerife perguntou a Valentine.

– Ele desmaiou naquele sofá – respondeu ela com uma voz aguda e nervosa.

Collin havia se escondido atrás das pernas da mãe. Ela estava tentando tirar o menino da sala, mas ele não se movia.

– Filho – disse o xerife em tom gentil porém firme –, você tem seu próprio quarto?

– Tenho, sim, senhor.

– Bem, você precisa ir para lá agora e fechar a porta.

Collin obedeceu e todos ouviram o barulho do trinco se fechando. Contudo, não ouviram a porta sendo aberta alguns segundos depois.

O xerife dirigiu-se novamente a Red:

– Você viu Billy sair?

O adolescente assentiu com a cabeça.

– Acho que ele se levantou para ir ao banheiro e depois foi dormir – Red fez uma pausa e ficou vermelho – com a Sra. Crosby. Ele não voltou mais para cá.

– A que horas Billy saiu da sala?

– Devia ser por volta das onze da noite. Foi logo depois que ele havia deitado.

– Ele foi dormir com você? – perguntou o xerife a Valentine.

– Não – respondeu ela com os lábios tremendo.

Valentine perguntou o que Billy fizera daquela vez, mas o xerife ainda não tinha dito nada.

– Você sabia que ele não estava em casa?

– Não até me levantar hoje de manhã e dar uma olhada lá nos fundos.

– Algum de vocês sabe o que Billy fez ou aonde ele foi entre o momento em que saiu desse sofá e o momento em que a Sra. Crosby o viu na rede?

Ambos disseram que não.

– Onde está a picape de Billy, Sra. Crosby?

Ela parecia aliviada em dizer:

– Ah, não é mais dele! O Sr. Linder a comprou. Está estacionada atrás da casa de Hugh-Jay e Laurie.

– Não – informou o xerife. – Não está mais lá.

Aquelas palavras soaram ameaçadoras, o que a assustou ainda mais.

– Sra. Crosby, Billy tem armas?

Ela parecia aterrorizada.

– Tem – respondeu em um murmúrio.

– Mostre-me onde estão, por favor.

Os três revólveres e as cinco espingardas e rifles de Billy estavam em seu devido lugar, em um estojo de armas que ficava no quarto.

– Tem certeza de que ele não tem nenhuma outra, Valentine?

O “Sra. Crosby” havia desaparecido.

– Não!

Sem perceber ela começou a rasgar a toalha de papel e alguns pedacinhos caíram no carpete. O cheiro de queimado estava mais forte, mas só Collin o sentiu. O menino desceu correndo do quarto para desligar o fogo e tirar a frigideira do fogão. Ele conseguiu ouvir sua mãe dizer:

– Quero dizer, não sei de nenhuma outra arma! Sinto muito, acho que não. Por favor...

O xerife interpretou aquelas palavras como uma possibilidade de Billy ter usado a arma do próprio Hugh-Jay para matá-lo.

– O que ele fez? – Valentine aumentou a voz, atingindo um tom agudo e trêmulo.

O xerife sentiu pena da jovem mulher e respondeu:

– Billy matou Hugh-Jay Linder e fez algo ruim com Laurie – revelou, cerrando os dentes, como se estivesse represando a vontade de chorar e explodir em fúria. – Não conseguimos encontrá-la. Talvez ele também a tenha matado. Você tem alguma ideia do que Billy pode ter feito com Laurie Linder?

– *Não!* – gritou Valentine.

O menino veio correndo da cozinha, com seu pequeno rosto enrugado de medo e preocupação e segurou a mão da mãe com força. Como ele tinha ouvido a notícia, ninguém o mandou se afastar de Valentine.

O policial que havia flagrado Billy na rede entrou e disse alguma coisa.

– Arrume um advogado para ele, Valentine – aconselhou o xerife.

– Não temos dinheiro...

– Azar – murmurou um dos oficiais que trabalhavam meio expediente, antes de se virar e sair batendo a porta.

O xerife e os outros subordinados o seguiram, sem falar mais nada a Valentine.

– Onde ele está? – berrou ela, correndo para o quintal atrás deles.

Valentine então o viu no banco traseiro do carro do xerife e parou, não querendo se aproximar do marido. A cabeça de Billy estava recostada no banco e suas pálpebras pareciam coladas. Se ouviu a esposa chorando no quintal, ele preferiu não olhar para ela.

– Vocês vão levá-lo para a cadeia?

O xerife lançou-lhe um olhar que tornou a resposta óbvia. Em seguida todos foram embora, deixando-a no quintal com Red e Collin a seu lado.

• • •

Depois de levarem Billy para a cadeia do tribunal do condado, em Henderson City, o xerife e seus homens começaram a procurar Laurie. Contudo, encontraram apenas a picape de Billy Crosby. O veículo estava atolado em um córrego, ao qual havia sido arrastado na inundação da noite anterior. Encontraram dentro do veículo um vestido amarelo ensanguentado

em uma sacola plástica. Mais tarde, pediram a Belle Linder se podia identificar a peça de roupa.

Belle não teve dúvida de que o vestido pertencia à cunhada. O laboratório de criminalística do Departamento de Investigação do Kansas confirmou que o sangue era de Laurie Linder. No final, chegou-se à conclusão de que Laurie estava morta, embora seu corpo nunca tenha sido encontrado.

Billy Crosby se recusou a confessar o que havia feito com ela, portanto a família de Laurie não teve como enterrá-la. As últimas palavras que a população de Rose ouviu de Billy a respeito dos crimes foram pronunciadas em seu julgamento:

– Pelo amor de Deus, eu matei a maldita vaca, mas não tirei a vida de nenhuma pessoa!

18

DEPOIS DO JULGAMENTO, DEPOIS da condenação, depois que Billy Crosby foi levado à Prisão Estadual Lansing, na extremidade leste do Kansas, a seca voltou a castigar o estado. Os ventos carregaram as sementes de trigo jogadas ao solo, os novilhos foram marcados e os bois foram conduzidos para os currais de engorda.

Bobby Linder se alistou no Exército sem avisar ninguém da família, fazendo com que sua mãe ficasse sem dois filhos em casa. Ela ganhou um genro quando Meryl Tapper e Belle se casaram em uma pequena cerimônia seguida de um churrasco na fazenda.

Àquela altura já era quase Dia de Ação de Graças. Em uma sala de aula, uma professora chamou um aluno que era muito quieto.

– Collin? Você está bem?

Collin Crosby levantou a cabeça e olhou para a mulher, despertado não pela voz delicada de sua professora da segunda série, mas pelos risos de seus

colegas de classe. O menino assentiu com a cabeça e, enquanto a professora sorria na sua direção, sussurrou:

– Estou.

– Muito bem. Estou feliz por você estar bem.

Collin ficou vermelho, pois, ainda que as outras crianças não compreendessem o significado daquela pergunta, ele havia entendido e, embora tivesse gostado, também ficara envergonhado. A última coisa que ele queria era aparecer ou chamar a atenção. Naquele instante, percebeu que era melhor ficar atento às aulas. Estava acostumado, porque a convivência com seu pai o obrigara a ficar sempre alerta.

Collin estava sonhando acordado quando a professora o chamou. Ele compreendeu que não podia baixar a guarda. Comportar-se daquela maneira era cansativo, porém não havia outro jeito. O menino estava aprendendo as regras de seu novo mundo, no qual seu pai vivia atrás das grades de uma prisão. E não era apenas o fato de seu pai estar preso, mas o que ele tinha feito para merecer aquilo.

Sua professora, a Sra. Davidson, era gentil desde o primeiro dia em que ele voltara para a escola. Collin reconhecia isso e era grato, assim como tinha consciência da importância de sua mãe. As coisas poderiam ser diferentes se ele tivesse outra professora. Ele pensava na Sra. Perron, com seu rosto enrugado semelhante a um tronco de árvore, que era boazinha com as meninas e odiava os meninos. A Sra. Perron o olhava pelos corredores como se ele fosse um inseto que ela tivesse vontade de esmagar.

Valentine não teve coragem de procurar a diretoria da escola e pedir a compreensão de todos quando o filho voltasse, mas a Sra. Davidson havia assumido a tarefa. Jovem, ela se mostrava carinhosa com ele, a despeito de como outros professores, pais ou alunos agiam. Quando nenhuma criança queria acompanhá-lo durante o recreio ou o almoço, ela o pegava pela mão e o levava ao seu lado.

– Eles não odeiam você, Collin – dissera sua mãe. – Eles só estão com medo.

O menino não acreditava naquilo. Ele achava que alguns colegas o odiavam porque os pais deles odiavam seu pai. Ele e a mãe sofriam as consequências. Quando estavam perto de Collin, as outras crianças ficavam quietas e constrangidas, sem saber o que fazer na sua presença. Talvez um dia elas acabassem se acostumando com ele, assim Collin esperava. Provavelmente as coisas voltariam a ser como eram antes, quando ele se dava bem com todas as crianças.

Apenas três meninos e duas meninas eram abertamente hostis, mas nada havia mudado, já que eram os mesmos que antes se comportavam de maneira esnobe. Eles diziam as piores ofensas para o menino, usavam a munição mais pesada, como seu pai dizia. As meninas que não prestavam atenção em Collin antes continuavam a apresentar o mesmo comportamento. A grande e desagradável diferença era que seu melhor amigo de “antes”, Miles Montgomery, andava evitando-o e não queria mais conversa.

Miles morava em uma fazenda vizinha à dos Linder. Collin não culpava o amigo por seu comportamento, mas sentia sua falta e quase chorou na segunda vez em que sorriu para Miles e o colega desviou o olhar. A primeira vez poderia ter sido um acaso, mas a segunda significava que ele não queria Collin como amigo. Valentine o proibira de ligar para Miles no período em que ficou em casa logo após a morte de Hugh-Jay e durante o julgamento. Quando o menino perguntou por que Miles não havia ligado, a mãe respondeu com uma voz triste:

– Meu filho, talvez Miles não o trate bem da próxima vez que você o vir.

Collin desejou que ela estivesse enganada, mas não foi o caso. Ele não havia percebido que a ausência do pai traria apenas boas mudanças. Algumas coisas tristes também poderiam acontecer. Collin estava apaixonado pela Sra. Davidson. Além disso, ele *adorava* a escola, ficava encantado com os livros e com a sensação de segurá-los nas mãos, amava seus lápis apontados e seu caderno com linhas bem espaçadas, admirava as estrelas desenhadas na capa do caderno.

Ele nem se importava por não poder dividir aquilo com Miles. Alguns colegas agiam como se odiassem ir para a escola, mas Collin não acreditava neles. Afinal, quem não gostava de um lugar onde você encontrava seus amigos e aprendia coisas novas todos os dias?

Ao voltar para casa no primeiro dia em que retomou as aulas, ele disse à mãe:

– Quero que a Sra. Davidson seja minha professora para sempre: no ano que vem, durante o ensino médio e na faculdade.

A mãe, que esperava o filho todas as tardes no portão da escola, riu pela primeira vez desde que o marido havia sido levado preso. Collin ficou orgulhoso por tê-la alegrado daquela maneira. Ao rir junto com a mãe, ele percebeu que também era a primeira vez que sorria.

O menino que sentava à sua direita na sala de aula debochou de Collin.

– Seu pai não está mais conosco, não é? Ele deveria ser condenado à prisão de morte.

– Pena de morte – Collin corrigiu sem pensar, ficando vermelho em seguida.

– Isso mesmo! Rá-rá-rá!

As pessoas se referiam à sentença de seu pai como “40 sem condicional mais 20”, o que totalizava 60 anos. Ou seja, o pai dele seria um idoso ao sair da prisão.

A vida de Collin estava repleta de armadilhas, exatamente como acontecia em casa quando seu pai ficava bêbado. Havia coisas que ele não devia dizer, pessoas que o evitavam, lugares aos quais não podia ir e amigos que ele não podia ter. As pessoas que ele e a mãe encontravam eram um novo teste para os dois: será que elas seriam cordiais? Algumas mulheres evitavam a caixa de Valentine na mercearia.

– Elas acham que sou culpada pelo que seu pai fez – explicou ela ao filho.

– Dizem que eu deveria ter percebido, que deveria ter impedido – acrescentou Valentine, voltando a chorar. – E elas têm razão! Eu deveria. Não sei o que eu deveria ter feito, mas deveria ter feito alguma coisa.

Ele não esperava aquela atitude. Na realidade Collin não imaginou que as pessoas culpariam sua mãe. Aquilo o abalou e ele odiava as pessoas que faziam com que sua mãe se sentisse daquele jeito. Como ela podia ter culpa? Depois ele mesmo admitiu que uma voz dentro dele a culpava em parte. Por que ela não havia reagido? Por que sua mãe deixara as coisas chegarem àquele ponto? Como ela pôde deixar que seu pai a machucasse? Ele se odiava por ter aqueles pensamentos em relação à sua mãe e logo tratava de afastá-los. Se ele fosse mau com ela, repetiria os erros do pai. “Nunca serei como ele”, Collin dizia a si mesmo várias vezes.

A nova aluna que se sentava à sua esquerda se virou e sorriu para Collin, mas a menina metida que ficava ao lado dela deu-lhe um cutucão e olhou atravessado para ele. Collin logo entendeu mais uma coisa: se alguém queria ser popular, não podia ser seu amigo.

Ele virou o rosto para o livro de aritmética. Os números pareciam amistosos, pois Collin gostava deles e eles não evitavam seu olhar. Portanto, sua excelente carreira acadêmica teve início naquele dia, na sala de aula de Heather Davidson, na qual os únicos sinais de cordialidade estavam na gentileza da professora e no livro sobre sua carteira. Collin desejava que a Sra. Davidson se orgulhasse e continuasse a gostar dele, por isso decidiu prestar atenção, fazer regularmente o dever de casa e tirar 10 nas provas. Por um instante ficou desanimado ao pensar que não tinha amigos e por isso devia estudar. Mas logo afastou aqueles sentimentos, assim como os pensamentos negativos em relação à mãe. Ao olhar para a conta “ $7 + 2 = ?$ ”, Collin logo deduziu, sem olhar para uma fileira de sete e outra de duas maçãs, que o resultado era nove e levantou a mão para mostrar à Sra. Davidson que era o primeiro a dar a resposta certa.

– Quarenta mais vinte é igual a sessenta – sussurrou uma voz atrás dele.

Collin duvidou que seu colega conhecesse alguma coisa sobre sentenças e ficou se perguntando se a mãe ou o pai dele disseram para o filho falar aquilo.

– Sim, Collin?

– Nove.

ENQUANTO COLLIN CROSBY SE adaptava à sua nova realidade na escola, Jody ia todas as noites até a varanda da fazenda para ver se a picape do pai aparecia. Ela estava morando com os avós e passava quase todo o tempo na companhia dos dois cachorros do pai, que a família havia trazido com ela, e seus pertences. Às vezes a menina puxava o tio Chase pela mão e, junto com os dois labradores pretos, ia até a varanda.

– Ele vai voltar – Jody o tranquilizava. – Papai vai trazer uma surpresa para mim.

Os dois ficavam um tempo do lado de fora olhando a estradinha de acesso à casa, então o tio a levava para dentro, onde a avó lhe dava banho e vestia seu pijama. Chase sempre lia para a sobrinha, segurando sua mão até ela pegar no sono enquanto o cheiro do pelo dos cachorros dava ao quarto uma atmosfera de tranquilidade. Os dois labradores foram os primeiros e únicos animais a entrar na casa da fazenda, mas até Hugh Senior parecia feliz em tê-los como companhia.

Depois de algumas semanas, embora ainda fosse até a varanda para vigiar a estrada, Jody parou de levar o tio e de falar a respeito do pai. Logo que a sobrinha dormia, Chase se arrumava e ia até a cidade, onde bebia e corria atrás de mulheres como se sua vida dependesse delas.

Durante o outono e o inverno ele trabalhou com tanto afinco que Hugh Senior tinha de obrigá-lo a parar ao final de seus longos dias de labuta. Certa vez o pai encontrou Chase consertando um trecho de cerca às dez da noite, no escuro, e, quando disse para ele parar, o filho, grande e bonito, se apoiou em uma das estacas e começou a chorar. Hugh Senior colocou a mão nas costas do filho do meio e imaginou se algum dia eles conseguiriam ser felizes com aquela vida em que até as tarefas mais simples haviam se tornado difíceis.

– Aqui estamos, meu amor – Annabelle disse no início de uma das tarefas.

Ela estacionou o carro diante da mercearia que ficava em frente à biblioteca e à prefeitura. Na loja, as vitrines estavam repletas de imagens de Papai Noel com seus ajudantes.

– Vamos comprar um frango e algumas batatas para o jantar.

Era um dia quente para dezembro, portanto não havia necessidade de casacos. Jody não se mexeu, exceto quando virou a cabeça e olhou em uma direção na qual, se tivesse visão de raios X, enxergaria sua antiga casa, que ficava por trás da prefeitura e de algumas residências. A grande casa de pedra, com seu quarto no segundo andar, se localizava a duas quadras de distância. A boca da menina estava ligeiramente aberta, mas seu rosto não revelava nenhuma emoção, a não ser uma resignação que combinaria com um adulto derrotado, e não com uma menina de três anos. Para distrair a neta, Annabelle disse:

– Vamos sair dessa cadeirinha?

Voltar a ter uma vida normal – ir ao banco, fazer compras, passar na cooperativa – era um desafio. Sempre que chegava a Rose, Annabelle precisava encontrar coragem no fundo de suas entranhas. As pessoas tentavam ser corretas, mas nada do que elas diziam ou faziam adiantava. Annabelle sabia que elas faziam o melhor possível. Tinha consciência de que estava sendo injusta. Mas ela também fazia o melhor possível. Não tinha como não se sentir incomodada ou com vontade de fugir diante das demonstrações de solidariedade.

Annabelle não gostava de ser alvo da piedade alheia. Ficava grata às pessoas que expressavam sua preocupação de maneira natural. Ficou agradecida à caixa do banco que perguntou despretensiosamente se ela queria sacar o dinheiro em notas de 20 e à balconista da loja que vendia três sutiãs pelo preço de um. No entanto, armadilhas podiam estar escondidas por trás de simples conversas. “Três” fazia com que Annabelle se lembrasse dos três filhos homens, dos quais agora apenas um morava com ela. Hugh-Jay estava na casa do “20” ao ser assassinado.

Mas ela não podia controlar o comportamento das pessoas. Se mal conseguia controlar o próprio, o que diria do das outras pessoas? Tudo o que

podia fazer era respirar fundo, apertar os lábios e canalizar toda a energia para a compra de um sutiã sem que precisasse chorar. Chase havia chorado ao consertar a cerca. Contudo, cabia a ela sorrir e responder que não via problemas em notas de 20 e que levaria mais dois sutiãs pretos.

Annabelle começara a levar Jody aonde quer que fosse, em parte para que a menina fizesse alguma coisa além de segui-la pela casa o dia inteiro, mas também pelo motivo egoísta de influenciar o comportamento das pessoas. Apenas as mais grosseiras falariam de Hugh-Jay ou de Laurie diante de sua neta. Para proteger Jody, Annabelle não tinha pudores em ser dura com as pessoas, olhando rapidamente para a menina:

– Vamos mudar de assunto, *por favor!*

Não era fácil dizer aquela frase quando estava sozinha, mas diante da neta ela não tinha dificuldades, ainda que fosse por sua causa que Jody estivesse exposta àquelas situações. Mas levar a neta consigo resolvia o problema de ela sentir medo quando não tinha a companhia de um parente. Eles não pensavam em contratar uma babá. A menina, que antes não tinha medo, agora se assustava à toa. Contudo, nada a apavorava mais do que tempestades com raios, e não era preciso ser um psicólogo para entender que ela associava aquele fenômeno natural à perda dos pais. Annabelle achava aquela situação muito triste. Ela queria de volta a menina que batia palmas para trovões e raios.

– Ela está com medo de Deus – disse Annabelle ao marido. – Está com medo porque Laurie a obrigava a fazer aquela horrível oração toda as noites. Aquela que dizia: “Agora que estou prestes a me recolher, rogo ao Senhor para meu sono proteger. Se eu morrer antes de acordar, peço ao Senhor para minha alma levar.”

Annabelle achava aquela oração de mau gosto, uma vez que dizia à criança que ela podia morrer dormindo. Na verdade, aquela prece era ainda pior por outro motivo: ela não falava que os pais da criança talvez pudessem morrer enquanto ela dormia. Era por isso que Jody não confiava mais em Deus. Achava que ele tinha sido traiçoeiro fazendo-a rezar para si mesma enquanto levava embora seus pais.

O velho e traiçoeiro Deus, Annabelle pensou com tristeza enquanto ajudava a neta a sair do carro. “A criança tem um bom argumento, sabe?”, disse ela em voz baixa, com um olhar irônico para o céu. “Você deveria ter vergonha de Si mesmo.” Ela ouviu uma voz em sua mente retorquir: “Nunca mandei ninguém repetir aquela oração idiota.” Annabelle riu de suas próprias fantasias ridículas.

– O que é engraçado, vovó?

– Nada, meu amor. Não é nada.

Aquela ida a Rose seria especialmente difícil. Era sábado, dia de maior movimento, e Valentine estaria trabalhando na mercearia. Até então Annabelle tinha evitado encontrar-se com Val.

Quando Annabelle e Jody entraram na mercearia, o silêncio varreu o estabelecimento como uma onda violenta, acertando primeiro o cliente que estava à porta e morrendo no funcionário que trabalhava nos fundos. Mas, em menos de um minuto, uma mulher perto de Annabelle sorriu, sendo seguida pelo homem que estava logo atrás, e assim tudo voltou ao normal, exceto pelo fato de Annabelle perceber que ela e a neta eram observadas constantemente pelas pessoas. O cheiro de comida causou ânsia em Annabelle, que por pouco não vomitou.

Daquela vez ela ia tentar chegar até o açougue e pedir uma ave inteira. O cheiro e a visão de sangue a mantiveram afastada daquela seção por um tempo, mas Annabelle estava decidida a dar um fim àquela incômoda situação. Livia George, a esposa do dono da mercearia, veio apressada até elas com um sorriso exagerado nos lábios.

– Oi, Annabelle! Tudo bem se eu der um doce a Jody?

A menina se escondeu atrás das pernas da avó. Annabelle olhou carinhosamente para a neta e perguntou:

– Você quer ganhar um doce da Sra. George?

– Não – respondeu Jody fechando os olhos.

Annabelle queria dizer à neta que ela deveria agradecer sempre que as pessoas lhe ofereciam alguma coisa, mas não teve coragem de repreendê-la.

As lições de boas maneiras poderiam ficar para mais tarde. Conseguir que a menina se afastasse 10 centímetros dela em um lugar público seria um grande feito. A dona da loja se curvou, aproximando-se de Jody.

– É chocolate!

– Em outra ocasião – interveio Annabelle, encobrendo totalmente a neta.

– Obrigada, Livia, é muita gentileza sua.

Depois de pegarem um carrinho, Jody se agarrou ainda mais à avó. Aos poucos, no entanto, elas conseguiram escolher frutas, verduras, cereais, leite e outros produtos que Annabelle não queria cozinhar e que muito menos seus familiares teriam vontade de comer. Sempre que via algo de que seu filho mais velho gostava ou que seu caçula preferia, ela sentia um nó na garganta e rezava para que ninguém se aproximasse para perguntar como ela estava. A resposta seria uma expressão de angústia. Era assim que sua família se sentia. Os Linder nunca tinham estado tão mal, inclusive Bobby, a julgar pela ausência de cartas ou telefonemas agora que ele servia no Exército.

Na realidade, Annabelle não queria comprar carne, açúcar ou qualquer outro produto. Mesmo quando Byron George lhe entregou o embrulho com a ave, ela se deu conta de que nenhuma das mercadorias disponíveis na mercearia a deixaria satisfeita. O motivo para ela ter dirigido até ali estava atrás de uma máquina registradora.

Quando se aproximou das duas caixas, percebeu que 10 clientes aguardavam em uma fila e apenas uma esperava sua vez diante do balcão de Val Crosby. Annabelle empurrou o carrinho e se colocou atrás da cliente solitária, com Jody agarrada à barra de sua saia. A mulher, que ela conhecia apenas de vista, virou-se, reconheceu Annabelle e ficou tensa.

– Sinto muito – murmurou a mulher, embora Annabelle não tivesse entendido o motivo daquelas palavras.

Usando o mesmo tom irônico com que ela se dirigira a Deus meia hora antes, Annabelle se perguntou se a mulher estava lhe dando os pêsames ou se desculpando por não esnoabar Valentine Crosby como os demais

fregueses. Quando chegou sua vez, Annabelle se viu diante da esposa de Billy.

– Oi, Valentine.

A moça estremeceu quando se deu conta de quem se tratava. Valentine parecia acabada. Ela, que era magra por natureza, estava esquelética, com a pele esticada sobre os ossos. Annabelle achou que ela ia começar a chorar ou sair correndo. O dono da mercearia veio apressadamente até a caixa:

– Annabelle, use a outra fila, por favor. Os clientes não vão se importar se você passar na frente deles.

Ela balançou a cabeça.

– Aqui está ótimo, Byron.

Annabelle respirou fundo e rezou para que a jovem à sua frente não começasse a chorar, como parecia que ia acontecer. Ela precisava dizer algo a Val. Havia treinado em casa com o marido e naquele momento tentava desesperadamente se lembrar das palavras. Pensou que talvez fosse ela quem iria chorar ali diante de todos. Mas as palavras de repente já estavam na ponta de sua língua:

– Meu marido e eu queremos que você saiba que estamos sempre pensando e desejando o melhor para você.

Annabelle aumentou o tom de voz para ter certeza de que as pessoas ali a escutassem, pessoas que, ela entendia perfeitamente, queriam observar avó e neta ou ouvir o que aquela senhora tinha a dizer.

– Espero que as pessoas a estejam tratando bem, Valentine.

Annabelle sabia que não era o que estava acontecendo e por isso ela estava ali.

Os olhos da moça ficaram marejados e seus lábios tremeram. Annabelle esticou o braço, pegou a mão de Valentine e olhou para o dono da loja.

– Byron, tenho certeza de que Valentine é uma ótima funcionária e que você vai tratá-la bem, como costuma fazer com todos os que trabalham para você.

O dono da mercearia parecia confuso, mas assentiu de um modo que mais parecia uma dúvida do que uma certeza.

– É muita bondade sua, Byron – completou Annabelle.

Ela se virou para olhar novamente para Valentine Crosby.

– Acho que já temos tudo de que precisamos. Você poderia registrar nossas compras, Val? – perguntou Annabelle ao mesmo tempo que apertava aquela mão pálida e trêmula.

Val começou a fazer seu trabalho, dando um suspiro alto antes de pegar o primeiro item. Ela mal conseguiu passá-los pela registradora. Deixou cair no balcão alguns produtos, que Annabelle pegou e lhe devolveu. Byron George preferiu ficar por perto, como se não soubesse o que iria acontecer em seguida.

– Eu te ligo daqui a uns dias, Valentine – disse Annabelle no mesmo tom de voz límpido e alto que permitia que o maior número possível de pessoas a ouvisse –, para saber se você precisa de alguma coisa. Espero que seus vizinhos e que o pessoal da sua igreja a ajudem enquanto Billy estiver fora. Desejo do fundo do meu coração que todos sejam gentis e atenciosos com você.

A vontade de Annabelle era dizer “Meu filho desejaria a mesma coisa”, mas no último minuto não conseguiu pronunciar aquelas palavras e ficou com medo de que Valentine ficasse magoada. Para o bem de ambas, o melhor era ficar quieta.

Annabelle lamentava o tom formal de sua fala, mas não conseguiu evitá-lo. Dizer aquelas palavras já era uma grande vitória. Ela tinha chorado enquanto as ensaiava com o marido, que a encorajara e fora seu companheiro no momento em que as lágrimas escorreram pelo seu rosto. Annabelle e Hugh sabiam que Valentine e seu filho estavam sendo maltratados e concluíram que eram os únicos que poderiam pôr um fim àquilo.

Do outro lado da caixa Valentine caiu no choro, sendo acompanhada por Annabelle. As duas mulheres – a esposa de um condenado e a mãe de uma vítima – se abraçaram por cima dos produtos no balcão. Annabelle sussurrou no ouvido da moça:

– Você precisa comer, Valentine. Está muito magra. Precisa ficar forte, para o bem do seu filho.

– Sinto muito, Sra. Linder. Sinto muito mesmo! – sussurrou Valentine soluçando, enquanto as duas se abraçavam com força.

Foi então que Annabelle percebeu que Jody não estava mais agarrada a ela. Afastou-se e olhou ao redor, mas não viu a neta. Embora soubesse que esperar pelo pior era absurdo, entrou em pânico:

– Jody!

Mas logo ouviu um riso de criança. Havia semanas que não escutava um som tão doce e novamente seus olhos se encheram de lágrimas. Viu Jody em um canto da loja, ao lado de um menino que lhe mostrava um livro. Sua neta apontou para uma página e os dois começaram a rir.

– Quem é aquele garoto?

Valentine se virou e ficou vermelha.

– Collin! – gritou ela abandonando seu posto e correndo na direção das duas crianças. – Collin, venha cá!

O menino e Jody ficaram espantados quando Valentine agarrou o filho pelo braço e o puxou até a frente da loja.

– Sinto muito – disse ela a Annabelle ao voltar para a caixa com o filho ao seu lado. – Sinto muito, Sra. Linder. Ele não sabe quem ela é.

Byron George balançou o indicador na frente do rosto de Collin.

– Fique longe daquela menina – gritou ele. – Fique longe dela, você me ouviu?

Annabelle ficou horrorizada. O menino, uma criança linda com cabelos escuros que infelizmente lembrava o pai, estava assustado com a reação dos adultos. Virou-se na direção de Jody. Ela não estava mais rindo e parecia prestes a chorar também. Annabelle viu os dois se encararem rapidamente. O menino então abaixou a cabeça sem dizer nada.

– Por favor – disse Annabelle sem graça –, está tudo bem.

Ela sorriu para o menino, que a encarou com os olhos arregalados.

– Byron – completou a avó de Jody –, talvez o filho de Valentine aceite aquele doce que minha neta não quis.

Annabelle pagou a conta, recusou a oferta de Byron George de carregar a sacola até o carro e chamou Jody. Segurando a mão da neta, saiu com pressa da mercearia.

Já na calçada, as duas encontraram uma amiga de Annabelle.

– Por que ela continua aqui? – perguntou Phyllis Boren em tom ríspido, apontando para a loja. – Será que ela não percebe que nenhum de nós a quer por aqui?

– Este é o trabalho dela, Phyllis.

A amiga ficou surpresa com aquela resposta.

– Ela não tem para onde ir – acrescentou Annabelle, desejando que a amiga não notasse seu rosto ainda úmido de lágrimas. – Pelo que sei, a família não a quer de volta em Scott City. E duvido que ela tenha dinheiro para ir embora.

– Poderíamos resolver esse problema, Annabelle. Se você e Hugh Senior precisarem, eu contribuo com a passagem de ônibus. Seria melhor para ela – continuou Phyllis em tom decidido – e para o filho recomeçarem a vida em outro lugar.

– Para onde você acha que ela deveria ir?

– Para algum lugar onde você não precise encontrá-la como caixa de mercearia, Annabelle. Um lugar distante onde Hugh não tenha como chamar o filho demoníaco de Billy para trabalhar na fazenda.

– Filho demoníaco? Phyllis, ele é apenas uma criança!

– Essa criança é o filho de Billy Crosby e você conhece muito bem o ditado: “Filho de peixe peixinho é.” Se nada disso a convence, deixe-me dizer uma coisa: Val Crosby precisa se mudar para bem longe de modo que o filho dela e Jody nunca estudem na mesma escola.

Annabelle ficou surpresa por não ter pensado naquela possibilidade antes.

– Isso poderia acontecer.

– Claro, ele é apenas quatro anos mais velho que ela. Quando ela entrar no jardim de infância, ele estará na segunda série.

Annabelle olhou para a neta e viu que ela não tirava os olhos de Collin Crosby, que estava à janela da mercearia lendo seu livro com atenção.

– Eles são apenas crianças – disse ela baixinho.

– Pense no que eu disse, amiga.

– Agradeço sua preocupação conosco, Phyllis – respondeu Annabelle levando a mão à coluna, algo que ela fazia constantemente nos últimos dias.

– Mas espero que você também se preocupe com Valentine e com o filho dela.

Avó e neta se viraram sem se despedir. Caminharam até o carro para guardar os mantimentos que ninguém na família teria vontade de consumir.

Collin levantou a cabeça do livro e viu que a menina olhava para ele enquanto o carro preto se afastava do meio-fio. Ele queria acenar para ela, mas preferiu não causar mais confusão. Afinal, era ali que sua mãe trabalhava. Se ela perdesse aquele emprego, ninguém mais a contrataria por causa de seu pai. Collin estava incomodado com o que acontecera na loja. Não tinha reconhecido a menina, portanto não teve intenção de...

Seus ouvidos captaram uma conversa entre um homem e uma mulher, os patrões de sua mãe, o Sr. e a Sra. George. Eles falavam baixo ao mencionar o nome de Billy perto do menino, mas Collin apurou os ouvidos e escutou a maior parte do diálogo.

– Coitada daquela criança – disse a mulher e Collin achou que ela estivesse falando dele. Mas a Sra. George se referia à menina que tinha acabado de sair da loja, a neta dos Linder, que era como as pessoas costumavam chamá-la. – Ela era tão simpática e alegre. Mas agora tem medo até de uma barrinha de chocolate.

– Ela está mais segura com ele na prisão – argumentou Byron com um ar de autoridade.

– Ela e todos nós – acrescentou a esposa do dono da mercearia, e Collin percebeu um tremor na voz da mulher.

– Deveriam ter matado aquele homem!

– Mas aí ele nunca diria onde está Laurie.

– Eu adoraria colocar as mãos nele. Aí ele falaria.

– Ele jogou o corpo dela em algum lugar e nunca saberemos onde – comentou a Sra. George, usando o mesmo tom de voz que Collin ouvia nos filmes de terror. – A não ser que ele diga. Mas por que ele diria? Se ele admitir que a matou, estará encarcerado de novo. Meu Deus! Imagine ser filha de Laurie e ter de carregar essa dúvida para o resto da vida.

– Ele é um verme! Frio e desalmado!

– Pelo menos ele nunca mais vai aparecer por aqui.

– Que Deus a ouça!

As vozes se calaram. Collin ouviu os passos do casal seguirem direções opostas: um deles rumo à seção de frutas e outro em direção aos laticínios. O menino olhou para a mãe, que trabalhava na caixa, de onde a fila se estendia até o meio do corredor. O Sr. e a Sra. George estavam falando do pai dele, que era a razão para aquela menina estar tão assustada e triste. Collin quase vomitou no meio da loja.

Quando Collin e a mãe voltaram para casa naquela noite, ele foi o primeiro a notar algo diferente no quintal.

– Mamãe, olhe!

Valentine virou a cabeça esperando o pior. No entanto ela viu que alguém tinha aparado a grama. A vegetação estava alta porque o cortador havia quebrado e eles não tinham dinheiro para consertá-lo, muito menos para comprar um novo. Collin ficava envergonhado porque a grama alta chamava ainda mais atenção para a casa e os fazia parecer piores do que as pessoas achavam que eles fossem. E ele sabia que sua mãe também se sentia mal com aquilo.

– Quem será que fez isso? – perguntou ela, espantada.

Collin olhou ao redor e viu o vizinho do outro lado da rua guardando o cortador de grama. O homem levantou os olhos e acenou para o menino, que retribuiu o gesto com um sorriso.

– Mãe, acho que foi aquele cara.

Quando ela olhou, o vizinho acenou novamente e entrou na garagem, empurrando o cortador à sua frente.

– Por que ele cortaria nossa grama? – perguntou Collin à mãe.

– Por causa da Sra. Linder – respondeu ela emocionada e começou a chorar.

As coisas também começaram a mudar na escola de Collin. Na segunda-feira seguinte, durante o recreio, dois colegas perguntaram se ele queria jogar bola. O menino nunca dera atenção àqueles dois antes, mas naquele momento eles pareciam dois velhos amigos.

Ele pulou do degrau no qual ficava sentado enquanto as outras crianças brincavam e saiu correndo atrás deles. No começo Collin estava com medo de que fosse um trote, que eles fossem fazê-lo de bobo, mas nada disso aconteceu. Seus novos amigos queriam apenas jogar bola.

Collin ficou tão feliz por brincar com os colegas que quase chorou, como sua mãe fizera quando o vizinho cortou a grama. Em determinado momento ele olhou para a Sra. Davidson e viu que ela o observava. Collin viu quando a professora levou os dedos aos olhos como se retirasse um cisco.

20

NA SEMANA SEGUINTE, NUVENS carregadas apareceram sobre a fazenda e Jody entrou em pânico, como sempre acontecia desde a morte de seu pai e o desaparecimento de sua mãe. Enquanto a menina gritava e chorava, Annabelle perguntava desesperada a Hugh Senior:

– O que vamos fazer?

Eles estavam na cozinha e o ar tinha o cheiro de chuva. Raios iluminavam as nuvens como se alguém acendesse uma lanterna dentro delas. Annabelle,

Hugh Senior e Jody foram até a varanda examinar a nova pintura sem perceber que uma tempestade se aproximava ao oeste.

Assim que viu o temporal iminente, Jody ficou descontrolada. Annabelle segurou a neta e se virou para correr para dentro de casa. Jody, agarrada à avó, chorava como se assassinos em enormes cavalos negros estivessem galopando em sua direção com armas em punho. Hugh Senior passava a mão em suas costas, mas sem resultado.

– Eu cuido disso – disse Chase, passando pelos pais.

– O quê? – perguntou Annabelle sobre os gritos de Jody, mas o filho já saía para o quintal.

A curiosidade da menina aumentou. Mesmo com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Jody se esticou nos braços de Annabelle para observar o tio. Chase parou no meio do terreno com as pernas afastadas. Levantou uma pistola com a mão esquerda, apontou-a para as nuvens e atirou. Na varanda, Annabelle levou um susto com o disparo e Hugh deu um berro.

Jody olhava o tio sem piscar e seu choro tinha parado. Chase se virou e caminhou até eles.

– Matei a chuva – disse ele sério, sem tirar os olhos da sobrinha.

A menina deu um rápido soluço.

– É mesmo, tio?

– É. Veja como ela está indo embora.

Como se estivesse seguro de sua atitude, Chase voltou para a cozinha. Dali a meia hora a tempestade seguiu para o sudoeste, afastando-se da fazenda. Duas horas depois o céu era de um azul profundo sem nuvens.

– Como você sabia? – perguntaria Annabelle ao filho mais tarde.

– Liguei para o serviço de meteorologia.

– Você é um gênio.

– É mais do que obrigação, mãe – retrucou ele num tom sério que convenceu Annabelle de que seu filho do meio havia mudado mais do que qualquer um deles desde o assassinato do irmão. Ele assumira as tarefas de Hugh-Jay, bem como a maioria das atribuições de Bobby. Ao se dedicar à rotina da fazenda, estava ficando mais magro e durão, características que

havia perdido na época da faculdade. Seu rosto bonito parecia esculpido em pedra, com as maçãs do rosto saltadas, o nariz comprido e os lábios grossos.

De perfil, ele parecia um homem brabo sem deixar de ser atraente, que sempre atraía os olhares das pessoas. Era atencioso com a mãe, respeitoso com o pai e afetuoso com a sobrinha, ainda que se mostrasse rigoroso com a menina. Começou a mandar recados para Bobby, ordenando ao irmão que ligasse para casa, ao mesmo tempo que parou de provocar a irmã. Era cada vez mais mandão com os empregados da fazenda. A mãe sentia falta do filho charmoso e sorridente enquanto o via se transformar em um homem respeitado. Ela não deixava de sofrer com aquilo. Seu desejo era pegar a pistola e dispersar as nuvens sobre a cabeça do filho.

Chase também liquidou a tempestade seguinte. Felizmente aquele novo temporal manteve o padrão de ventos sul-sudoeste e contornou a região. Quando a chuva seguinte se aproximou e Jody pediu que o tio a afastasse, Chase, sabendo que daquela vez não havia arma que desse jeito, disse:

– Esta é uma tempestade diferente. Ela traz água para nós, para os animais e para as plantas. Vai ser barulhenta como o Sr. George da mercearia, mas ela nunca faria mal a você, assim como ele. É uma tempestade boa. É nossa amiga e precisamos dela.

– Uma tempestade boa? – repetiu Jody em dúvida.

Ela tinha visto como o Sr. George havia falado com o menino na mercearia, portanto não sabia ao certo até que ponto aquele homem era bom.

– Isso mesmo – confirmou Chase, vendo o ceticismo da sobrinha.

E mandou uma ordem para os céus: *Nada de tornados!* A tempestade despejou seu aguaceiro com direito a relâmpagos e trovões, mas sem causar dano algum. Jody ficou o tempo todo sentada no colo do tio em um sofá distante das janelas, observando a tempestade desabar do lado de fora.

– Você está com sua arma? – perguntou a menina ao ouvir o estrondo de um trovão.

– Claro – respondeu ele levantando a almofada para mostrar onde estava a pistola.

Mais calma, Jody assentiu e voltou a assistir à chuva que caía.

– O que é aquilo? – perguntou ela em determinado momento, encolhendo-se contra o corpo do tio.

– Granizo – respondeu ele. – Você sabe o que é granizo. É como o gelo que colocamos no chá gelado.

Felizmente as pedras não passavam do tamanho de uma ervilha, ao contrário das que destruíram o telhado da casa alguns anos antes, que tinham a forma de bolas de tênis. Quando a tempestade diminuiu, Chase pegou a sobrinha no colo e foi até a janela. Os dois ficaram olhando para fora, o rosto da menina colado ao dele, os braços em torno do pescoço do tio.

– Gosto de dias de chuva – comentou ela, como se lembrasse de um fato esquecido.

– Você sempre gostou, querida.

– É mesmo?

– Sim. Já eu prefiro as nevascas.

Ela o cutucou com o indicador.

– Nada disso. Você odeia neve.

– Você se lembra disso? – perguntou Chase, recordando que durante as férias da faculdade ele sempre reclamava de quando tinha de quebrar o gelo dos reservatórios para que o gado pudesse beber água. – Você só tinha dois anos!

– Eu me lembro de várias coisas.

Espero que não se lembre de tudo, Chase pensou.

– Vamos sair e sentir o cheiro da chuva, Josephus – sugeriu ele.

– Eu não me chamo Josephus!

– Agora se chama!

– Ah, mas chuva não tem cheiro!

– Tem, sim!

Ele não explicou à sobrinha o que era ozônio, tampouco que os pingos de chuva liberavam a fragrância do óleo que as plantas deixavam nas pedras, muito menos que as sementes exalavam seu cheiro sob a chuva. Ele

simplesmente levou Jody até o quintal e deixou que a menina farejasse o ar até admitir que o cheiro depois de uma tempestade era gostoso. Em seguida Chase tirou os sapatos e as meias da sobrinha e a colocou no chão, para que ela pudesse correr na grama molhada.

– Você também, tio Chase. Vamos!

– Meus pés estão com chulé por causa dessas botas velhas.

Ela riu e começou a correr em volta do tio:

– O tio Chase tem chulé! O tio Chase tem chulé!

E foi assim que a questão das tempestades foi resolvida. Havia chuvas boas e ruins, dependendo das previsões do serviço de meteorologia. Chase continuou a atirar nas tempestades ruins para que elas se afastassem da casa, enquanto Jody aceitava que as boas se aproximassem e trouxessem chuva, contanto que elas se comportassem e que o tio mantivesse a pistola por perto caso elas mudassem de atitude. A menina começou a gostar delas, não se escondendo mais no banheiro nem se agarrando a um adulto.

Outros medos também começaram a desaparecer. A Jody que todos conheciam reapareceu, voltando a correr atrás de coelhos, a deitar no feno com os cachorros, a querer ser empurrada mais alto no balanço, a rir quando um bezerro babava em seu braço e a ouvir o barulho de fogos de artifício sem tapar os ouvidos. No dia em que ela perguntou ao avô quando ganharia um pônei, todos tiveram certeza de que, sob certos aspectos, Jody ficaria bem.

APÓS O ENCONTRO NA mercearia, quando Jody tinha três anos e Collin, sete, ela sempre ficava observando-o quando o encontrava, assim como ele fazia o mesmo em relação a ela. Quando essa situação acontecia, os dois trocavam sorrisos tímidos. Depois desviavam rapidamente o olhar, como se nada tivesse acontecido.

Mas, quando foi com a avó novamente à mercearia e o viu fazendo o dever de casa em um canto, Jody perguntou quem era aquele menino. Annabelle achou melhor dizer a verdade.

– O nome dele é Collin Crosby, minha querida – respondeu ela respirando fundo. – Foi o pai dele quem matou seu pai. – Jody olhou horrorizada para a avó, que concluiu: – É por isso que é melhor você ficar longe dele.

Jody passou a olhar de forma diferente para ele, como se chifres tivessem crescido na cabeça do garoto.

– Eu odeio aquele menino!

– Meu amor, aquele garotinho não fez nada de errado. Você não deve odiá-lo. Ele não tem culpa de ser filho de um homem mau. Você deveria sentir pena do Collin.

– Por quê?

– Porque deve ser horrível ter um pai como o dele, não acha?

Jody assentiu. Era horrível não ter um pai. Quando estava um pouco mais velha, ela ficava imaginando se ele também sentia falta do pai.

Naquele instante a menina se perguntou se Collin amava o pai. Se ele gostasse daquele homem horrível, então ela odiaria Collin Crosby para sempre, não importava o que sua avó dissesse. Nas outras vezes em que voltou à mercearia, ela tentou não observá-lo, mas seus olhos continuavam a procurar o menino. Quando ele a pegava olhando ou quando ela percebia que Collin a estava observando, Jody ficava séria, não lhe dava nem o mais leve sorriso.

O menino também parou de sorrir para ela. Ainda assim, Jody não deixou de observá-lo ao longo dos anos.

– Você gosta dele? – perguntou certa vez uma amiga da escola, parecendo chocada.

– Collin Crosby? – perguntou Jody, envergonhada de ter sido flagrada olhando para ele. – Meu Deus, claro que não!

A questão não era beleza, embora ele fosse bonito. Seus olhos é que se destacavam, pois eram sérios, gentis e davam a impressão de que Jody e

Collin se conheciam mais do que realmente se conheciam. Jody não entendia o que o garoto fazia para que ela se sentisse daquela maneira.

Afinal eles eram as últimas pessoas no mundo que deviam ser amigas. Collin Crosby não sabia nada a respeito da vida de Jody, a não ser a verdade sobre o que o pai dele havia feito ao dela.

Quando começou a cursar o ensino médio e já era crescida o bastante para formular aquele tipo de pensamento, Jody percebeu que Collin exercia uma atração macabra sobre ela. Aquilo era doentio e vergonhoso, portanto ela nunca mais deveria olhar para ele.

Alguns meses depois ela viu que Collin a observava na mercearia. Jody se virou e deu as costas para ele, mas não era fácil eliminar a curiosidade que ela sentia em relação àquele garoto.

Quando mais velhos, os dois se evitavam graças aos amigos, que estavam sempre atentos: “Collin Crosby está ali, então vamos por aqui.” Ou, no caso dele: “Não se vire. Jody Linder está atrás de você.”

Eles desviavam os olhares, dobravam esquinas para não se cumprimentarem, não frequentavam os mesmos lugares e se ignoravam pelos corredores da escola. Jody se cansou de inspecionar fileiras de assentos em auditórios, ginásios e arquibancadas para ter certeza de que estava passando longe dele, mas toda aquela precaução era necessária para evitar problemas.

No entanto ela não fazia ideia do tipo de problema que poderia acontecer. Simplesmente parecia que haveria confusão caso os dois fossem vistos juntos. Na escola, Collin não era tão popular quanto Jody, mas ela sabia que ele tinha amigos e que não era um daqueles garotos que passavam o recreio sozinhos em um canto.

Ela achava que Collin Crosby era vigiado pelos adultos, como se eles tivessem medo de que ele terminasse como o pai. Jody sabia o que era ser vigiada, pois todo mundo a observava para ter certeza de que “a pequena Linder” estava bem. Aquilo não era ruim, embora algumas pessoas a irritassem. Mas a maneira como Collin era observado era diferente.

Eles podem vigiá-lo quanto quiserem, Jody pensava, mas eu não vou olhar para ele. E assim ela fazia até passar por Collin novamente.

Em apenas uma ocasião houve um momento de tensão envolvendo os dois, e naquele dia Jody jurou que aquilo nunca mais voltaria a acontecer. Durante um jogo de basquete da escola, ela deu um passo para trás na arquibancada e sentiu suas costas baterem em outra pessoa. Quando se virou para pedir desculpas, viu que estava diante de Collin Crosby. Ela então percebeu que havia derramado refrigerante na própria blusa.

– Que bonito, Crosby – disse um dos amigos de Jody, embora Collin fosse mais velho e maior. Em seguida o garoto empurrou Collin. – Para trás!

Sem esboçar qualquer reação, Collin deu um passo para trás. Quando ele tentou pedir desculpas a Jody, o amigo dela se intrometeu novamente:

– Cale a boca, Crosby! Já não basta o que seu pai fez a ela? Agora fique longe da Jody!

Collin se virou sem dizer nada e saiu andando. Jody também não sabia o que dizer. Seus amigos não costumavam ter aquele tipo de atitude quando estavam perto de garotas. Aquela tinha sido uma genuína demonstração de raiva e proteção. Ali Jody descobriu que as pessoas próximas nutriam um sentimento de ódio que ela não conhecia.

Jody foi rapidamente cercada pelos amigos e eles voltaram a se sentar. Não houve comentários sobre o episódio. Aparentemente ninguém achava que o amigo de Jody fizera algo errado, assim como ninguém parecia disposto a falar a respeito. Se tocassem naquele assunto, eles acabariam falando sobre os pais dela.

O coração de Jody continuou a bater forte. Ela estava feliz por não ter acontecido algo pior e por Collin não ter reagido. Aquilo fazia dele um rapaz esperto ou covarde? Ela não sabia. Sabia apenas que deveria ter dito alguma coisa. O que aquele episódio revelava sobre ela?

Jody se sentiu mal, como se tivesse feito algo errado ou deixado de fazer algo correto. Sentia-se desconfortável por Collin. Não conseguindo prestar atenção no jogo, ficou examinando as arquibancadas, fingindo às vezes olhar

os jogadores que corriam pela quadra, mas querendo saber na verdade se um rapaz alto, de ombros largos e cabelos escuros tinha voltado ao seu lugar.

Ela não o viu naquela noite nem durante um bom tempo. Quando finalmente se reencontraram, só os dois estavam presentes.

Jody estava com 16 anos e tinha acabado de tirar a carteira de motorista. Um dia, sua vontade de sair dirigindo sozinha a levou até Testament Rocks. Ela foi até aquele lugar como se um estranho ímã a atraísse, embora soubesse que garotas não deviam ir lá sozinhas. A atração turística de Rose era deserta e distante, e provavelmente chamava a atenção de homens que se aproveitariam daquele isolamento e de Jody.

Sua picape, um presente de aniversário, foi seguindo na direção de Testament Rocks. Ela estava se acostumando a pegar estradas, embora dirigisse tratores e veículos desde os 13 anos. Agora que tinha seu próprio carro, ela gostava de pisar fundo. A picape era velha, mas Jody pouco se importava com o barulho de seu motor. Ela seguia rumo às enormes formações rochosas como se treinasse para um rali.

Assim que chegou a Testament Rocks, Jody se deu conta de que não sabia o que estava fazendo ali. Percebeu também que havia outra pessoa naquele lugar. Um vulto masculino com equipamentos de escalada saiu de trás de uma das formações mais altas. *Não sou a única louca a vir para cá sozinha*, ela pensou.

Como o sujeito carregava cordas e apetrechos de montanhismo, Jody viu que dificilmente ele representaria algum perigo. Ao chegar mais próximo, ela por fim o reconheceu, o que quase a fez dar meia-volta e ir embora.

Mas logo ela mudou de ideia, pegou a mochila no banco traseiro e ficou olhando para ele. Foi a única vez em que ela se permitiu fazer aquilo: encarar Collin Crosby sem medo.

Alguma coisa a empurrava na direção dele. Com uma coragem que ela desconhecia em si mesma, Jody caminhou até Collin e parou na sua frente com as mãos na cintura, enquanto o rapaz tentava dizer alguma coisa.

– Não é burrice escalar uma montanha sozinho? – perguntou ela.

- Também não é burrice vir até aqui sem companhia? – devolveu ele.
- Não deixa de ser.
- Às vezes eu também sou meio burro – admitiu ele com um leve sorriso.
- Mas até agora nunca tive problemas.
 - Eu costumo escalar aquela – Jody se vangloriou, apontando para uma rocha chamada Esfinge.

Aquela afirmação era um tanto exagerada. Na verdade, Jody havia subido apenas na base para contemplar a paisagem. Quando Collin se virou para olhar a pedra, Jody observou seu rosto. Ele era lindo e se comportava como se não soubesse disso.

- A Esfinge? – perguntou ele, apertando os olhos.
- É, mas sem equipamento. Onde você arrumou isso?
Ele se virou novamente para Jody, fazendo-a dar um leve suspiro.
- Trabalhei em uma loja de equipamentos esportivos no verão passado.
- Onde? – Em Denver.
- Jura? – perguntou ela impressionada. Mas ele tinha 20 anos e devia estar na faculdade. – Você está estudando?
 - Achei que você soubesse.
 - E por acaso eu ando atrás de você o tempo inteiro? – perguntou ela ironicamente.

Ele deu outro leve sorriso. Jody não esperava que seu encontro com Collin fosse tão amistoso. Sua vontade era estender a conversa.

- Droga! – retrucou ele ainda sorrindo. – E durante todo esse tempo eu achei que você estivesse atrás de mim! Bem, eu sei o que você anda fazendo – disse após uma pausa, parecendo um pouco menos seguro de si.
 - Ahn? – Jody recuou.
 - Bem, não é nada de mais. É só que eu ouço as pessoas falarem a seu respeito. Elas têm muito orgulho de você.
 - De mim? Elas sentem orgulho?
 - Sentem. Porque você é bonita, inteligente e...
 - Espere aí, pode parar – Jody o interrompeu e se virou de costas.

Ela nunca tinha se sentido tão sem graça em toda a sua vida, com exceção da vez em que seu amigo havia xingado Collin. Quando o encarou novamente, ela disse:

– Não quero ouvir isso.

– Você não quer ouvir elogios? – perguntou ele surpreso.

– Você tem ideia de como sou mimada? – respondeu ela rindo.

– Está bem – disse Collin, após fazer uma pausa para respirar. – Você está esperando alguém? – perguntou com um olhar cujo significado Jody não conseguiu decifrar.

– Estou – respondeu ela, embora quisesse dizer que não esperava ninguém.

Enquanto ele colocava o equipamento de montanhismo no chão, Jody ficou brincando com os dedos, sem olhar para Collin, como se ele estivesse tirando as roupas. A vontade dela era sair correndo, entrar na picape e ir embora. Mas Jody resistiu, sem entender o que acontecia com o próprio corpo quando ela olhava, falava e fazia qualquer coisa relacionada a ele.

– Certo – falou Collin, e ela se virou para olhá-lo novamente.

Naquele momento, ela viu que Collin era apenas um rapaz bonito que usava shorts e camiseta, só que o fato de ele estar na faculdade o tornava ainda mais interessante.

– Tenho de voltar para casa – disse Jody, corando e sentindo o rosto ficar quente.

Um olhar de decepção atravessou o semblante de Collin.

– Posso ficar mais um pouquinho – acrescentou ela rapidamente.

Os dois conversaram durante um tempo: falaram sobre a faculdade dele, a escola dela, como a mãe de Collin estava, como os avós de Jody estavam, então de repente ele disse:

– Nunca disse a você que eu sinto muito.

Ela levou um susto.

– Sente muito por quê?

Jody só conseguia imaginar a ocasião em que os dois se esbarraram e ela derrubara refrigerante na própria blusa. Jody estava prestes a dizer que a

culpa tinha sido dela quando Collin respondeu:

– Pelo que aconteceu com seus pais.

A respiração parou na garganta de Jody.

Foi então que ela percebeu que a conversa tinha ido longe demais. O peso daquelas palavras sendo ditas por aquele rapaz era insuportável. Jody ficou assustada e confusa. Sentimentos de raiva e dor vieram à tona, bem como todas as emoções que ela vinha represando havia tempos. Ela sentiu vontade de bater em Collin, empurrá-lo, machucá-lo.

– *O que têm eles? O que você quer dizer com isso?*

Magoada e furiosa, Jody se virou e saiu correndo para a picape, para Rose, para a fazenda de sua família. Durante várias noites ela ficou se revirando na cama sem conseguir dormir, ouvindo a voz de Collin chamando “Jody” em um tom de voz tão triste como ela naquele momento.

22

9 de junho de 2009

ERA UM LINDO DIA de junho de uma estação perigosamente repleta de esperança quando Jody Linder viu Collin Crosby mais uma vez. Ela estava com 26 anos e ele, com 30. Vinte e três anos haviam se passado desde a morte do pai e o desaparecimento da mãe de Jody e a prisão do pai de Collin.

Naquele dia, as preocupações de Jody se resumiam a imaginar como ela conseguiria se livrar de seu amante e se ela seria uma boa professora do ensino médio. Mas seus tios apareceram inesperadamente na casa de seus pais, reforçando sua crença de que o “mal” anda de mãos dadas com o “bem” assim como a lua sempre sucede o sol.

Billy Crosby tinha sido libertado da prisão e estava voltando para Rose.

Após aquela notícia, o sol continuou a brilhar através das cortinas novas de Jody, mas as sombras haviam se tornado assustadoras. A brisa ainda soprava através da janela, mas já não tinha o mesmo perfume de lilases e madressilvas. Na entrada da casa de Hugh-Jay e Laurie, no silêncio entre as palavras, o mundo de Jody se tornou frágil como o orvalho congelado. Ela tremia como uma flor indefesa que é surpreendida por uma violenta nevasca.

– Como isso pôde acontecer? – gritou ela para os tios. – A pena foi suspensa? Como assim?

– Ele foi libertado com a pena cumprida – explicou Meryl.

– Ele foi *perdoado*?

– Perdoado, não, Jody. A pena dele foi apenas suspensa.

– Qual é a diferença? – perguntou ela, boquiaberta.

– Para ser perdoado, ele teria de provar que é inocente.

Ela olhou horrorizada para o tio.

– Eles o libertam mas ainda o consideram culpado?

– Não é bem assim. Eles acham que o julgamento foi duvidoso.

– Duvidosos são eles – disse Chase rispidamente. – Billy é culpado!

– Duvidoso? – repetiu Jody em tom sarcástico. – Esse é o termo jurídico que vocês usam, tio Meryl? O que houve de duvidoso no julgamento?

– O promotor do condado revelou que cometeu alguns erros naquele caso. Ele disse que sua consciência começou a pesar ao longo dos anos.

À soleira da porta, Bobby emitiu um grunhido de incredulidade, mas Meryl continuou a falar:

– Ele diz que ocultou provas dos advogados de defesa. Os novos advogados de Billy conseguiram que o defensor da época declarasse que ele cometeu erros, que não fez uma defesa adequada. Conseguiram até que uma jurada dissesse que não teria votado pela condenação se soubesse tudo isso na época.

– Mas que provas ele ocultou? E quanto às provas verdadeiras da culpa de Billy?

– O governador não as acha tão verdadeiras assim.

- O governador é um mentiroso! – Chase berrou.
- Alguém sempre é mentiroso – concordou Meryl.

Jody olhou para os rostos dos tios com a sensação de que o chão se abria sob seus pés.

- Vocês não podem fazer nada? Não podem impedir isso?

Billy Crosby era o monstro da vida de Jody, o bicho-papão de sua infância. Desde o momento em que ele levou embora seus pais, ela passou a ter pesadelos nos quais era perseguida por ele, de quem fugia correndo, sem fôlego, achando que morreria antes de ele alcançá-la. Os sonhos foram diminuindo à medida que ela crescia, mas reapareceram ultimamente e agora ela sabia por quê: eram premonições daquele dia terrível.

O pavor se transformou novamente em lágrimas e ela começou a soluçar. Meryl se aproximou para abraçar a sobrinha enquanto ela tirava um lenço de papel do bolso e tentava controlar as próprias emoções.

- O governador sabe que este condado nunca votará nele – lembrou ele à sobrinha. – E ninguém fora deste condado dá a mínima – nesse momento sua voz se tornou amarga – para nossos assassinatos.

Jody se encolheu ao ouvir essa última palavra no plural.

- Mas há uma pessoa que tem esse poder – disse Chase.

Jody levantou a cabeça e olhou para o tio.

- Quem? Quem se importaria com Billy Crosby ou nos odiaria a ponto de fazer isso conosco?

- Apenas uma pessoa.

Ela esperou soluçando pela resposta.

- O filho dele.

- *Collin?*

- Vamos para a cozinha – ordenou Chase repentinamente e começou a conduzi-los até lá.

Em torno da mesa que sua mãe tinha pintado de amarelo, no cômodo em que Laurie cozinhava as refeições para ela e o pai, Jody se sentou com os

ombros arqueados e as mãos entre as pernas, esperando que alguém, qualquer um deles, começasse a dar sentido a tudo que havia sido dito.

– É estranho – disse ela fungando. – Vocês não acham uma coincidência estranha? Billy Crosby sai da cadeia e volta para Rose na mesma época em que eu também volto para cá – continuou Jody enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. – Não consigo entender! Quando isso aconteceu? Por que eles o soltaram? Vocês precisam me explicar tudo!

À direita de Jody, Chase estava apoiado na bancada em que o sangue encontrado tinha sido confirmado pela perícia como sendo o de Laurie. Ela ficava incomodada por ter de limpar aquela parte da cozinha, assim como precisava reunir coragem para arrumar os cômodos da casa. No entanto, ela havia encontrado uma maneira de tornar aquelas tarefas mais leves: Jody pensava na mãe orando uma prece para ela. Ela observava os braços do tio Chase cruzados sobre a camisa branca. Ele também não havia tirado os óculos escuros e seus maxilares pareciam trincados. Com uma expressão irritada e mal abrindo a boca para falar, ele disse:

– Bobby, faça um café para nós.

Jody começou a se levantar para ir até o fogão, mas ele acenou mandando-a se sentar.

– O café dele é melhor do que o seu – falou Chase com um sorriso.

Era verdade. A mãe dela é que havia sido uma excelente cozinheira. Jody sempre ouvira dizer que café e torta de maçã eram as especialidades de Laurie Linder. As pessoas comentavam que Chase em particular amava o café da cunhada e que não havia uma única alma que resistisse às tortas dela. Jody daria qualquer coisa por um pedaço de torta e uma xícara de café de sua mãe.

Sentado diante de Jody, Meryl disse:

– Só um minuto, minha querida. – O marido de tia Belle encarou Chase e Bobby e então olhou o quintal dos fundos através da janela.

Por alguns segundos, Jody pensou em Red e torceu para que ele não estivesse escondido à vista de seus tios.

– Preciso ordenar minhas ideias – continuou Meryl. – Eu não esperava ter esta conversa.

Jody mordeu a língua para não fazer as perguntas que vinham à sua mente, dando ao tio a chance de organizar seus pensamentos. Ela sentia um falso alívio por ainda não ouvir as palavras que Meryl tinha a lhe dizer. Olhou para o tampo da mesa e pensou em como aquele móvel devia ser lindo quando sua mãe o pintara. A tinta estava toda rachada e não tinha brilho algum. Jody esfregou alguns trechos mais ásperos com os dedos, mas sabia que ainda não estava pronta para repintar a mesa. Tinha a supersticiosa sensação de que, se pintasse novamente aquele móvel, sua mãe nunca apareceria, quer estivesse viva ou não.

A população de Rose achava que Laurie Linder estava morta, mas havia uma parte de Jody que alimentava alguma esperança. Um vestido amarelo ensanguentado havia sido encontrado numa picape, e só. Isso não era bastante para dizer que sua mãe estava morta. Por outro lado, o fato de ninguém ter nenhum sinal dela durante aqueles 23 anos era considerado uma prova de que Laurie Linder estava morta, ainda que sua filha parecesse não aceitar esse fato.

Jody desejou subitamente que sua avó estivesse ali. Sentiu um aperto no coração ao imaginar como Hugh Senior e Annabelle receberiam aquela notícia. A neta sabia que os dois ficariam preocupados com ela. Fechando as mãos sobre a mesa, Jody se ajeitou na cadeira, olhou para os tios e sentiu um carinho tão grande por eles que quase se deixou levar novamente pelas lágrimas. Aquela situação era difícil para todos.

Meryl olhou diretamente para ela.

– Diga-me o que você sabe sobre os motivos para a condenação de Billy.

Ela não estava esperando aquela pergunta, mas se concentrou e respondeu.

– Havia provas físicas e circunstanciais – disse ela, lembrando-se de quando pediu para saber daqueles fatos alguns anos antes.

– Que provas físicas?

– Cabelos no quarto de hóspedes e no ralo do banheiro. Fibras das meias dele nos carpetes – respondeu secamente. – Além do seu chapéu nesta cozinha.

Ela manteve os olhos grudados em Meryl, esforçando-se para não olhar para o lugar onde o chapéu de Billy havia sido encontrado, afastando o pensamento sobre se a cadeira que tinha sido derrubada na cozinha era exatamente aquela em que ela estava sentada.

– Quais foram as provas circunstanciais?

– A vaca, a discussão, a cerca, a briga com vocês no Bailey, a maneira como ele olhou para minha mãe, o modo como tentou agredi-la.

A raiva tomou conta de Jody, que suspirou e deu um soco na mesa.

– Eu odeio Billy Crosby! Como eles podem soltá-lo?

– Acalme-se – ordenou Chase.

Ela lançou um olhar furioso ao tio.

Meryl estalou os dedos para ganhar a atenção de Jody.

– O que todas as provas circunstanciais mostravam?

– Um padrão – respondeu Jody mecanicamente. – Um padrão convincente de acontecimentos que levaram ao crime.

– Sim – concordou ele, suspirando. – Bem, a má notícia a respeito das provas físicas é a seguinte: comparações entre fibras e cabelos andam desacreditadas entre alguns especialistas. E o governador soube disso e comprou a causa de Billy.

Um sentimento de tristeza e repugnância tomou conta de Jody.

– Eu não sabia disso – disse Jody em um quase sussurro, acrescentando com raiva: – Por que eu não sabia disso?

– A maioria das pessoas não sabe.

– Mas você sabia, não é? Um advogado precisa saber. Por que você não disse nada?

– Porque mesmo sem as provas físicas ainda há as circunstanciais, que são suficientes para respaldar a condenação.

– Então o que aconteceu?

Meryl olhou para Chase, que ainda estava apoiado na bancada, em silêncio, enquanto Bobby procurava o pó e o filtro de café. Nervosa por causa do barulho que ele fazia, Jody gritou:

– Está tudo na gaveta da esquerda, tio Bobby!

– Não tenho a mão esquerda – resmungou ele.

– É aí que a ocultação de provas entra – disse Meryl, ganhando novamente a atenção de Jody. – O promotor ocultou as provas do advogado de defesa de Crosby.

– Que provas?

– Ele tinha testemunhas que disseram que Billy deixou o chapéu no Bailey e que foi sua mãe quem o pegou.

– O quê?

– Calma, ainda tem mais. O promotor também não revelou que o Dr. Cramer, você se lembra dele, o veterinário da nossa fazenda, disse a um policial que seu pai tinha contado uma história sobre uns homens em um carro que ele abordou no dia anterior ao assassinato.

– Que homens?

– Forasteiros. Um deles jogou um cigarro aceso pela janela do veículo e seu pai ficou tão furioso que os obrigou a parar e lhes deu uma bronca. Seu pai contou ao Dr. Cramer que eles pareciam hostis.

– E daí?

– Daí que eles poderiam ser suspeitos, Jody.

– Conversa fiada, tio Meryl!

– *Lorota* – murmurou Bobby junto à pia.

– Também acho – concordou Meryl –, mas, por lei, os promotores devem mostrar as provas para a defesa e eles não fizeram isso.

– Por que não?

Meryl suspirou.

– Para que elas não pudessem dar margem a dúvidas.

Jody olhou rapidamente para ele e disse:

– Tudo bem, entendi tudo que você acabou de falar, mas nada disso prova que Billy seja inocente.

Meryl deu um leve sorriso, admirado com a perspicácia da sobrinha.

– Eu sei que foi Billy – murmurou Bobby ainda de costas.

– E por que agora... – continuou Jody.

– O quê? – Chase a interrompeu.

Ela se virou para ele.

– E por que agora tudo isso está vindo à tona? Por que isso está acontecendo?

– Porque o filho dele acabou de se formar em direito. Só por isso!

– Collin? – Ela sentiu o rosto ficar vermelho ao se lembrar dele.

Ao longo dos anos, desde aquele dia em Testament Rocks, ela pensava nele com mais frequência do que gostaria. Sempre que isso acontecia, ela lutava para afastar aqueles pensamentos. Mas, sentada na cozinha, ela sentiu uma mistura de raiva e humilhação ao relembrar seu pedido de desculpas. Sentiu um gosto amargo na boca ao pensar se era daquela maneira que ele pedia desculpas.

– Vocês têm certeza de que Collin Crosby está por trás disso? – perguntou.

– Temos, ele fez faculdade de direito com o filho do governador – respondeu Meryl. – E, ao que parece, o desgraçado vem fazendo de tudo para conseguir o que ele quer.

– Está preparando o terreno – Chase reforçou.

– Armando tudo isso – completou Meryl.

Jody pensou no rapaz de suas lembranças, que era discreto e calado, que andava sozinho pelas ruas de Rose e pelos corredores da escola, que estudava bastante e tirava boas notas, que conseguia bolsas de estudo, que poderia estudar em qualquer outra faculdade mas preferiu permanecer no Kansas.

Ela se lembrou do dia em que o encontrou em Testament Rocks, do equipamento de montanhismo, de seu porte atlético, de sua ambição de superar obstáculos de maneira figurativa e literal. Aquele era o único rapaz que poderia conquistar o que Collin havia conquistado naquele dia. Àquela

altura, quando já era tarde demais para fazer qualquer coisa, Collin Crosby havia atingido seus objetivos.

– Nossa família não pode fazer nada?

Os tios se entreolharam.

– Tivemos uma audiência com o governador – respondeu Meryl –, mas não fez diferença nenhuma.

– Foi puro fingimento. Ele nos recebeu apenas para depois dizer que ouviu o que tínhamos a falar – resmungou Chase.

– Quando foi essa audiência?

– Ontem à noite em Topeka.

– O quê? Ontem à noite? Quem foi? Vocês todos foram?

Meryl assentiu com uma expressão cansada.

– Por que eu não soube de nada? Por que vocês não me disseram? Fizeram tudo pelas minhas costas?

Jody estava furiosa. Durante toda a sua vida seus tios evitaram que ela soubesse do pior. Durante toda a sua vida tivera de lutar por migalhas de informação, até que finalmente eles pareciam ter relaxado e começado a tratá-la como uma adulta. Mas não era o caso daquela vez.

– O governador precisa me receber. Quero falar com ele. Quero contar a ele o que aquele homem fez com minha vida. Talvez eu consiga comovê-lo. Por que vocês não me chamaram?

– Seus avós não queriam que você fosse lá – disse Chase em tom severo. – Eles queriam protegê-la. Seu avô sabia que era tudo encenação. O governador está decidido e não há nada que possamos fazer para mudar isso.

– Vocês não podiam ter feito isso.

– Talvez não, mas agora está feito – disse Chase encolhendo os ombros.

Jody o encarou com um misto de raiva, impotência e medo.

– Não nos culpe – retrucou ele. – Culpe a quem de direito, culpe o filho de Billy. Tal pai, tal filho – acrescentou. – Todos os dois são mentirosos! – gritou, dando vazão à sua raiva. – Esse maldito café ainda não está pronto? – perguntou, descontando a fúria em cima do irmão.

Bobby respondeu batendo com o braço direito na cafeteira. Com o golpe, a jarra cheia de água e pó de café voou longe e se espatifou sobre a pia. Chase e Meryl deram um pulo para trás e Jody se levantou da cadeira. Inclinado sobre a bancada como se estivesse prestes a vomitar, Bobby se levantou com seu único braço.

– Ele está voltando – disse, como se as palavras lhe causassem dor e um enjoo profundo. – Aquele canalha assassino que matou meu irmão e Laurie está voltando como se não tivesse feito nada. Não podemos deixar que isso aconteça.

– Agora é tarde demais – falou Chase com amargura.

Jody correu até Bobby, abraçou sua cintura enorme e apoiou a cabeça em suas costas. Era tranquilizador saber que todos estavam tão angustiados quanto ela. Era um sinal de que a situação não era nada boa. Ela raramente via algum de seus tios perder o controle. A explosão de Bobby deixou-a positivamente surpresa.

– A culpa não é nossa, tio Bobby – Jody o consolou.

Ela não chorou daquela vez. A raiva que sentia de Collin Crosby tinha secado suas lágrimas. Era bom ter alguém para culpar.

– ARRUME UMA MALA, JOSEPHUS – disse Chase um pouco antes de os tios irem embora. – Ele tinha um cigarro apagado entre os dedos, como se mal pudesse esperar para fumar novamente. – Você vai para a fazenda com a gente.

– Não vou morar lá de novo, tio Chase.

– Vai, sim. É o que seus avós querem.

Todos os seus tios estavam reunidos no vestíbulo. Jody tinha parado de chorar. Sua raiva por tudo que Collin Crosby estava fazendo com sua família ao tirar o pai da prisão havia revigorado o ânimo da jovem.

– Mas eu não quero ir. Acabei de me mudar para cá!

A questão não era apenas a recente mudança, mas o fato de Jody ter trabalhado duro para deixar aquela casa conforme ela queria: ela tinha lixado e encerado o piso de madeira, substituído as cortinas pesadas por tecidos mais alegres e trocado o papel de parede com a ajuda da tia e da avó. As três mulheres dedicaram muitas horas a tirar pó, lavar, fazer compras e jogar fora móveis quebrados.

Jody esperava que aquele tivesse sido um momento de renovação para todas elas, transformando uma casa repleta de lembranças ruins em um lugar alegre e simpático. Cada vez que esfregava o pano no chão, Jody sentia como se exorcizasse um fantasma que teimava em voltar. Afinal, ela não ia deixar que Billy Crosby a expulsasse de sua própria casa pela segunda vez.

– Você quer que eles fiquem preocupados com você? – perguntou Chase com uma expressão sombria ao redor dos óculos escuros. – Quer que eles passem as noites em claro pensando que Billy está a alguns quarteirões de distância de você?

– Meu Deus, tio Chase, isso não é justo.

Ele deu de ombros.

– E então?

Ela se rendeu à própria preocupação com os sentimentos dos avós.

– Tudo bem, tudo bem! Mas vou em meu carro.

– Quando?

– Assim que eu fizer minha mala!

– Às seis da tarde – decidiu ele. – Seis em ponto!

Chase pegou o chapéu no gancho e saiu da casa, deixando que a porta de tela batesse atrás dele. Alguns segundos depois o cheiro de cigarro invadia a casa. Jody se virou para os outros tios.

– Vocês às vezes não têm vontade de matá-lo?

– Com certeza – respondeu Meryl, dando um rápido sorriso enquanto pegava seu chapéu e dava um abraço apressado na sobrinha. – Não se preocupe. Ele vai acabar voltando para a prisão, que é o seu lugar.

– O tio Chase? – ela arriscou uma piada.

– Vejo você à noite na fazenda – respondeu Meryl com um sorriso.

– Talvez eu ainda tenha algumas perguntas.

– O que você quiser saber, minha querida. É só perguntar!

Ele correu até sua picape como se tivesse muitas coisas a fazer e o tempo não fosse suficiente. Quando os outros dois foram embora, Bobby surpreendeu Jody com uma pergunta.

– Como você está?

– Chocada – respondeu, depois de ter pensado por uns segundos.

– Está com medo?

Aquilo a espantou. Não era do feitio dele achar que alguém pudesse ter medo de alguma coisa. Ela levantou a cabeça e respondeu:

– Nem um pouco. – Fez uma pausa. – Tudo bem, estou – admitiu. – Meu coração bate mais forte só de pensar em vê-lo andando pela cidade.

– Muito bem – afirmou ele, surpreendendo-a ainda mais. – Você *deve* ter medo dele.

– Tio Bobby! Por quê?

– Porque não temos a menor ideia do que ele vai fazer.

– Ele acabou de sair da prisão. Não vai querer se meter em encrencas.

– Você ouviu Meryl. Estamos falando de Billy Crosby. Lembre-se de que ele nos odeia. Ele odeia seus avós, odeia Chase, Meryl, eu e provavelmente Belle. Imagino que a odeie também.

– A mim? Por quê?

Bobby deu de ombros, lembrando Chase ao fazer aquele mesmo gesto, pois ambos levantavam os ombros da mesma maneira desdenhosa.

– Billy Crosby nunca precisou de um bom motivo para fazer alguma coisa – falou, aproximando-se da sobrinha. – Mas preste atenção, Jody: se tem uma pessoa que deveria estar com medo, essa pessoa é ele. Billy Crosby deve olhar para trás a cada passo que der em Rose. Afinal, nós vamos ficar de marcação em cima dele – disse Bobby enterrando o chapéu na cabeça. – É por isso que você precisa ficar na fazenda enquanto ele não vai embora. Não queremos ter de vigiá-la também.

– O que você quer dizer com “ir embora”?

– Ele não vai ficar aqui.

– Como você sabe?

– Ele não vai se sentir à vontade em Rose. Ah, sinto muito pela sua cafeteira – acrescentou Bobby a caminho da porta.

– Tudo bem, tio – Jody o tranquilizou com um sorriso. – É só você me dar uma nova de presente.

– E vou ensiná-la a fazer um bom café – rebateu ele já atravessando a porta.

Depois que seus tios foram embora, Jody não soube o que fazer. Primeiro ela entrou em todos os cômodos do primeiro andar, examinando o trabalho que tivera ao reformar cada um deles e se lamentando da necessidade de deixá-los para trás mesmo que fosse por um dia. Era difícil definir em uma palavra como ela se sentia. Inesperadamente as coisas que ela achava estarem resolvidas não estavam, e nenhum dos motivos fazia sentido.

Ainda que nenhuma prova se sustentasse, que diferença fazia? Mesmo que o promotor tivesse ocultado as provas do advogado de defesa, que diferença fazia também? Se Billy Crosby havia cometido o crime – e todo

mundo sabia que tinha sido ele, por causa de sua falta de caráter e dos acontecimentos anteriores àquela noite –, então ele continuava a ser culpado e sua sentença não deveria ser alterada.

Collin Crosby.

Furiosa ao pensar no filho de Billy, Jody subiu a escada e foi fazer a mala. Quando chegou ao segundo andar, olhou por alguns segundos aquele enorme corredor repleto de portas. Como se suas botas tivessem vontade própria, ela virou à esquerda e caminhou em direção ao pequeno quarto de hóspedes. Jody deixava a porta do cômodo sempre aberta para que pudesse ver a luz do sol durante o dia e as luzes da rua à noite. As pessoas se perguntavam como a jovem conseguia morar ali sozinha.

Esta é minha casa e eu a quero de volta, Jody pensou.

– Mas ela é muito grande – diziam as pessoas.

– Gosto de coisas grandes – rebatia ela.

Ela não estava mentindo. Sua vida significava estar sob um céu amplo, diante de plantações enormes, na companhia de vaqueiros e animais parrudos, sem falar de seus grandes planos para ser uma boa professora, conhecer um homem gentil e criar uma família bem ali, naquela mansão com espaço para todos. Mas antes ela precisava domar a casa e seus próprios medos em relação a ela.

Jody entrou no quarto. Olhou para o tapete sem demonstrar medo. Seu pai tinha caído bem ali, o sangue escorrendo do buraco que a bala havia aberto em sua barriga. Ela tinha visto as fotos. Havia lido as transcrições do julgamento. Insistira em ouvir, ver e aprender tudo, mesmo quando era necessário arrancar à força as informações de sua família, que achava que a menina seria mais feliz se não tomasse conhecimento dos fatos.

Entrar naquele quarto seria a única maneira de Jody viver sem suspeitar que as pessoas estivessem escondendo algum segredo. Ela odiava quando elas a observavam como se soubessem coisas sobre sua vida que ela mesma desconhecia, por isso estava decidida a descobrir o máximo que conseguisse. Tinha a ligeira noção de que o pai não podia ter sobrevivido muito tempo após ter levado o tiro, mas ninguém sabia se ele perdera os

sentidos ou sentira uma dor insuportável. Jody rezava para que ele tivesse tido consciência do que estava acontecendo.

Ainda havia muitas coisas que as pessoas não sabiam, mas ela ao menos não era a única a não saber. O que seu pai fazia em casa naquela noite? Ele deveria estar no Colorado. Havia perguntas sem respostas a respeito de Hugh-Jay, sem falar nas lacunas em relação à sua mãe.

No fundo, Jody desconfiava de que seu esforço para saber todos os detalhes sobre a morte do pai era uma forma de compensar o que ela desconhecia sobre o destino da mãe. A falta de informações sobre Laurie Linder sempre incomodara Jody. Ela também sabia que ignorava outras coisas importantes, como o fato de que Billy Crosby poderia algum dia voltar para Rose e que aquilo poderia ocorrer logo.

Um barulho no corredor assustou Jody, que rapidamente se virou. Não havia nada diante da fileira de portas fechadas, mas o susto que ela tomara tinha sido grande. Sentiu que precisava sair daquela casa onde a presença desprezível daquele homem parecia mais real do que nunca. Reuniu toda a coragem que tinha, atravessou o corredor, desceu a escada, caminhou até a porta e correu em direção à picafe.

Quando ia girar a chave na ignição, uma voz masculina fez com que ela desse um pulo no banco, como se alguém tivesse encostado uma arma em suas costas.

– O que foi? – Red Bosch riu com o susto que ela tomou.

Jody recostou-se no banco e respirou fundo, esperando seu coração desacelerar.

– Meu Deus, Red, não faça isso! Quase tive um enfarte.

– Desculpe – disse ele, rindo novamente. – Aonde você vai?

Ela apertou o volante como se resistisse a responder à pergunta.

O brilho do sol deixava nítidos os 13 anos que ele tinha a mais do que ela, porém Jody não se importava. Red não era bonito, mas possuía a sensualidade característica de um vaqueiro. Tinha abandonado a escola no ensino médio e falava com um sotaque do interior que era engraçado. Mas

havia algo de meigo naquele rapaz, algo que parecia ser resultado de seu jeito tranquilo e simpático. Ele conversava com qualquer pessoa e estava sempre rindo. Red nunca teve problemas com as mulheres, a não ser pelo fato de não haver muitas garotas disponíveis em Rose.

Jody ficou feliz em vê-lo ali. Red era um alívio em meio à tensão que seus tios haviam causado. Ela conhecia o vaqueiro desde pequena. No entanto a linha que separava patrão e empregado nunca teria sido atravessada se uma noite ela não tivesse ido até a casa dele dar um recado do avô. Red ofereceu a Jody uma cerveja gelada, depois outra e, antes que eles percebessem, estavam deitados na cama dele e o vaqueiro dizia, com seu sotaque carregado:

– Ah, que droga, Jody! Que besteira eu fiz?

– Nós dois fizemos, Red – respondera ela. – E vamos fazer de novo.

Ele riu, naquele que seria o início de uma grande fase de sua vida, mas que para Jody nunca passaria de diversão. Só que agora ela precisava tomar alguma providência, pois Red parecia encarar aquele relacionamento de outra forma. De qualquer maneira, Jody não queria magoá-lo.

– Não sei aonde vou – mentiu ela.

– Como assim, você não sabe aonde vai?

Red não parava de fazer aquele tipo de perguntas ultimamente, querendo saber onde ela estava e o que estava fazendo. Parecia sinal de posse ou ciúme, duas coisas que ela odiava.

Quando Jody deu de ombros, ele perguntou:

– Quer companhia?

– Você não tem trabalho a fazer?

– Não se eles não conseguirem me encontrar.

– Está se esquecendo de que eles são meus parentes?

– Nunca me esqueço disso, querida, mas parece que não há serviço hoje.

– Como você sabe?

– Tentei ligar algumas vezes.

– Red? Você viu o que acabou de acontecer na minha cozinha?

– O quê?

- Eles vieram me dizer que Billy Crosby foi solto e está voltando para cá.
- Pois é.

Red baixou os olhos para as próprias botas, deixando Jody sem reação.

- Como assim “pois é”?

Ele voltou a encará-la, mas apertava os olhos como se aquele gesto tivesse se tornado uma tarefa difícil.

- Pois é, estou sabendo.
- Está sabendo como?
- Todo mundo está sabendo. E...

Seus olhos tinham uma expressão que Jody nunca vira antes, como se ele estivesse com medo dela ou com a consciência pesada. Ela ficou nervosa, esperando que ele dissesse algo terrível.

– Acho que posso contar. Você vai acabar sabendo mesmo – disse Red, limpando a garganta e desviando o olhar novamente. – Na verdade, Jody, eu mantive contato com Billy.

Ela se encolheu como se uma cobra tivesse caído em seu colo.

- O quê? – perguntou ela baixinho. – Na prisão?
- Sim, na prisão. Existe um motivo...

– Um *motivo*? Você *dormiu* comigo, Red. Na casa dos meus pais. Na cama deles. Nós *transamos*. Você trabalha para minha família, recebe dinheiro deles, come à mesa com eles, e durante todo esse tempo estive em contato com o homem que matou meu pai e fez sabe lá Deus o quê com minha mãe?

O rosto dele assumiu uma expressão confusa, como se ele não soubesse o que dizer. Para piorar, Red escolheu o argumento errado.

– Você não deve falar assim do que fazemos juntos, Jody. Para mim, significa mais do que...

- Seu filho da mãe!

Ela engatou a ré, pôs o braço direito sobre o encosto do banco do passageiro, olhou para trás e saiu em disparada, jogando terra em Red. Jody estava com tanta raiva que atravessou o centro de Rose acima do limite de

velocidade, mas não teve como deixar de ver as picapes de seus três tios em frente ao Restaurante Bailey.

– Era por isso que vocês estavam com pressa – disse ela em voz alta, disposta a arrumar confusão com qualquer um que a contrariasse.

Nos limites da cidade, os pneus da picape cantaram ao dobrar uma esquina e rumar para o oeste, na direção do lugar onde Jody sempre se sentiu mais perto da mãe.

24

SOB DETERMINADA LUZ, as formações rochosas de Testament Rocks ficavam brancas como conchas do mar. Quando chegava àquele lugar, Jody se sentia como um ponto branco em um quadro-negro, tão vulnerável quanto um coelho que tenta fugir do ataque de um falcão, tão desconfortável quanto se estivesse nua em público. A luz era a coisa de que Jody menos gostava naquele lugar, pois ela desbotava todas as outras cores, todas as sutilezas dos tons, além de ser ofuscante. Óculos escuros pouco adiantavam diante daquela claridade, portanto ela também usava um boné para amenizar o problema.

Mas o fato de Jody estar ali, mesmo sob aquela luminosidade, era melhor do que não estar. Enfiou as mãos nos bolsos traseiros da calça e apertou os olhos na direção do topo das rochas onde as águias-reais faziam ninhos e os falcões-de-cauda-vermelha pairavam. Não tinha como afirmar que aquele era um momento de paz absoluta pelo simples fato de admirar aquela paisagem, mas a verdade era que seus batimentos cardíacos e sua respiração ficavam mais lentos.

Notou que o vento levantava uma leve poeira branca à sua volta. *Pó de calcário, de arenito e de ossos*, ela pensou. Não avistou nenhum outro ser humano por ali. Nenhum arqueólogo, nenhum montanhista, nenhum turista com câmeras, nem adolescentes namorando dentro de carros.

O lugar era só dela, do jeito que ela gostava. Depois de observar as rochas, voltou até a picape, bebeu água e então calçou as luvas de trabalho. Eram macias e protegiam seus dedos. *Se meus tios soubessem que eu vinha para cá, eles teriam me dado um revólver e um gancho para capturar cobras*, Jody pensou. Mas felizmente eles não sabiam e ela também nunca tinha visto uma cobra naquele lugar.

– Vou deixá-los em paz – disse ela para os répteis que estivessem à sua espreita. – Retribuam a gentileza, está bem?

Ainda assim, eles eram o motivo pelo qual ela usava botas de cano alto e couro em vez de tênis adequados para aquele solo rochoso. *As formações em Testament Rocks não são brincadeira*, ela pensou enquanto contemplava a paisagem. Elas haviam deixado vários alpinistas feridos e tirado a vida de alguns deles, sem falar nas picadas de cobras que eram frequentes por ali. Mas as rochas também foram o cenário de várias propostas de casamento e diversos moradores de Rose tinham sido concebidos em seu terreno árido. Havia uma lenda segundo a qual a garota que fechasse os olhos e fizesse um pedido iria se casar com o primeiro rapaz que aparecesse à sua frente. *Algumas garotas nunca deveriam ter aberto os olhos*, Jody pensou.

Um falcão gritou no céu como se concordasse com ela. Nenhum dos namorados de Jody a pedira em casamento ali ou em qualquer outro lugar. Ela achava que havia algo de anormal com ela, que acordava à noite gritando, chutando o lençol e socando o ar para espantar seus demônios. Ou demônio, no singular, que tinha rosto e se chamava Billy Crosby. Geralmente ela demorava algumas semanas até dizer a seus namorados que seu pai tinha sido assassinado, que sua mãe estava desaparecida e que um homem apodrecia na prisão por causa disso.

Eles se mostravam solidários no início, imaginando que conseguiriam consolá-la. Contudo, os mais espertos, na opinião de Jody, sabiam que havia lugares na mente dela que eles nunca conseguiriam acessar. Esses rapazes eram inteligentes a ponto de prever que haveria momentos da relação entre os dois em que o melhor a fazer seria manter distância.

– Você tem muita *experiência* de vida – disse um namorado certa vez.

Havia tempo que ela achava que apenas sua família conseguia entender que “experiência” era aquela, embora Red provavelmente tivesse chegado perto. Ele a abraçava quando Jody tinha pesadelos, pois sabia o motivo daqueles sonhos ruins. Red não estava imune àqueles sonhos, assim como a maioria das pessoas que estavam por perto quando Billy causou aquela tragédia. Ao se lembrar disso, Jody se sentiu ainda mais traída por ele. Mesmo assim Red manteve contato com o homem que frequentava seus pesadelos.

Também era verdade que o dinheiro de sua família havia afastado vários homens de Jody. Ou talvez fosse o fato de seu avô e seus tios não serem muito simpáticos com os namorados dela. Ela às vezes não se importava com aquilo, chegando até a agradecer-lhes por afastar alguns rapazes inconvenientes.

Jody ia fechar a porta da picape quando automaticamente meteu a mão embaixo do banco, pegou a velha mochila verde e a colocou sobre os ombros.

– Idiota – disse a si mesma, tendo apenas alguns lagartos como testemunhas.

Com a bolsa nas costas, caminhou até a ligeira inclinação por trás da rocha conhecida como Esfinge. Jody começou a subir usando as mãos para ajudá-la. Depois de alguns minutos, parou entre as reentrâncias nas quais ela gostava de se sentar e admirar a paisagem.

Jody verificou se havia escorpiões, limpou a camada de séculos de poeira e sentou-se. À medida que as formações se desgastavam, pedaços de fósseis surgiam: dentes de tubarões, braquiópodes e outras “lembranças” de eras passadas. Mas aquele não era o tipo de souvenir que ela colecionava escondido na velha mochila que trazia.

Desde pequena, Jody procurava outros tipos de resquícios: detritos de seres humanos, coisas que sua mãe pudesse ter deixado para trás. Era algo que ela vinha fazendo desde o momento em que o Departamento de Investigação do Kansas começou a procurar o corpo de Laurie naquele lugar. Para Jody, não fazia sentido os policiais a buscarem ali, mas talvez eles

tivessem demorado a entender que era impossível cavar um buraco e esconder um corpo naquele terreno duro.

Por outro lado, Jody sabia, e os oficiais talvez só tenham descoberto isso mais tarde, que coisas podiam sumir e reaparecer rapidamente naquele lugar: uma aliança de noivado podia ficar 30 anos escondida sob a poeira e um vento repentino se encarregava de trazê-la de volta à superfície. Procurar provas em Testament Rocks podia levar anos, e não horas ou dias.

O Departamento de Investigação do Kansas havia abandonado as buscas, ao contrário de Jody. A jovem tinha a vida toda para encontrar uma prova que sugerisse que sua mãe passara por ali. Talvez um “SOS” ou “Laurie Linder esteve aqui” aparecesse algum dia riscado em algum ponto daquelas pedras. Por mais que os peritos e o xerife de Henderson tivessem se esforçado, a superfície daquela paisagem se alterava a cada segundo.

Como uma arqueóloga amadora, Jody guardava em suas mochilas amostras de vidas humanas, com a esperança de fazer a “grande descoberta”, uma revelação surpreendente que respondesse às perguntas que a assombravam. Se os cientistas conseguiram encontrar um dente que indicava a presença de tubarões pré-históricos naquele lugar, será que ela não conseguiria encontrar um sinal de algo mais recente?

Quando criança, ela chegou a mostrar suas primeiras descobertas aos avós, ao tio Chase, ao tio Meryl e à tia Belle.

– O que é isso? – perguntou o avô, segurando um prendedor de cabelo que ela havia encontrado. A família tinha levado alguns parentes até Testament Rocks, como eles sempre faziam com quem não morava em Rose.

– Talvez mamãe tenha deixado isso cair – respondeu a menina.

Jody ainda se lembrava do olhar que Hugh Senior lançou para Annabelle. A menina tinha seis anos e era grande o suficiente para saber que sua mãe havia desaparecido, que as pessoas a procuraram e que boa parte das buscas ocorrera ali. Jody se recordava de sua avó vindo em sua direção.

– É por isso que você pegou isto no chão, minha querida?

– O quê?

– Isto – respondeu a avó, mostrando o prendedor para ela.

– Pode ser da mamãe.

Aquilo era tudo de que Jody se lembrava. Ela não se recordava do que fora dito em seguida. Lembrava apenas que eles não gostaram de ela ter feito a associação entre o prendedor de cabelos e sua mãe. Talvez aquele tivesse sido o primeiro indício de que ela não acreditava que sua mãe estivesse morta como seu pai. Contudo, ela era apenas uma criança e por isso continuou em suas explorações. Certa vez, ao voltar de Testament Rocks, ela mostrou sua nova descoberta a Chase.

– Não é uma boa ideia catar essas coisas – disse o tio.

Aquele comentário a irritou profundamente.

– É uma boa ideia, sim – retrucou ela.

– Não é uma boa ideia, não – insistiu ele –, porque milhares de pessoas esquecem coisas lá. Você só vai trazer sujeira e lixo dos outros para casa. Você não quer fazer isso, quer?

Mas ela queria. Tio Bobby, que ainda estava no Exército, nunca tinha visto seus fosséis. Tio Meryl até se mostrou simpático, mas não chegou a estimular a estranha mania da sobrinha.

Tia Belle tirou o objeto das mãos da menina e o jogou em um latão de lixo perto do celeiro, um recipiente alto que a sobrinha não conseguiria alcançar nem se ficasse de pé sobre um balde.

– Não – disse Belle a Jody, como se ela fosse um cachorrinho a ser adestrado. – Não!

Sim!, a menina pensou, e a partir daquele momento escondeu seu segredo de toda a família, que passou a monitorar suas visitas ao local. Ela tinha de aguardar que os pais de suas amigas a convidassem ou visitar Testament Rocks com seu grupo de escoteiras. Depois disso, esperou ter idade suficiente para ir de carro sozinha ou com amigas e namorados.

– O que você está fazendo? – perguntavam as amigas.

– Catando lixo – respondia ela.

Jody acabou ganhando a reputação de defensora da natureza, mas no fundo acreditava ser vista como uma doida. De vez em quando tinha de impedir que suas amigas bem-intencionadas a ajudassem em sua tarefa de

coleta. Às vezes ela se oferecia para jogar fora o lixo das colegas e à noite em seu quarto fazia a triagem do material, espalhando os objetos recolhidos sobre o carpete. A procura de Jody parecia não ter fim.

Havia um escritor do Kansas, William Inge, que ela esperava ensinar a seus alunos algum dia. Ele era roteirista de filmes como *Férias de amor*, *Nunca fui santa*, *Clamor do sexo* e tinha uma peça teatral chamada *Volte, pequena Sabá*, em que uma esposa solitária ia todos os dias até a porta dos fundos da casa na vã esperança de que sua cadelinha perdida voltasse. Jody achava que tinha a obrigação de sempre verificar a porta para o caso de sua mãe ter voltado.

Durante parte do caminho até a Esfinge, Jody caminhou olhando para o chão. Por isso ela não viu um carro se aproximar levantando poeira na estrada.

25

ERA UMA PICAPE VELHA em alta velocidade. O motorista estacionou o carro e começou a andar na direção de Jody, a luz do dia passando por baixo de suas pernas arqueadas.

– Você nunca vai me perguntar qual foi meu motivo?

Red Bosch estava com as duas mãos nos quadris magros e o rosto voltado para o alto, olhando para as saliências da Esfinge onde Jody estava sentada. Ela resistiu à tentação de pegar pedras e atirá-las nele, já que mal conseguia encará-lo.

– Você me seguiu – acusou ela.

– Você poderia me conceder o benefício da dúvida, sabia?

Jody então pegou uma pedra e brincou com ela nas mãos, olhando-a em vez de encarar Red, sentindo-se enojada ao pensar no que havia feito com aquele vaqueiro sem saber o que ele andava fazendo pelas costas dela e de toda a sua família.

– Ele estava bêbado demais, Jody.

Ela desviou o olhar para o horizonte.

– Quando peguei Billy no estacionamento do Bailey ele não se aguentava em pé. Billy não tinha a mínima condição de ir da casa dele até a sua, Jody! Não no intervalo em que seu pai foi assassinado.

– Você tinha 16 anos! – berrou ela, desqualificando a interpretação de Red para os acontecimentos ocorridos 23 anos antes.

– Mas eu já sabia o que era encher a cara. Eu não vivia numa bolha.

Ela ficou vermelha, entendendo o que ele queria dizer.

– Billy não foi submetido ao teste do bafômetro, Jody.

Ela então olhou rapidamente para Red.

– Você está me ouvindo? Estou dizendo que eles não verificaram o nível de álcool no sangue dele. Por que você acha que isso aconteceu?

Jody ficou calada, pensando com raiva em todas as transcrições e registros que tinha lido ao longo dos anos. Ela não se lembrava de nenhum exame de alcoolemia, além de nunca ter imaginado que faltava alguma coisa.

– Vou dizer por quê – Red insistiu. – Porque ninguém acreditaria que ele teria condições de ter cometido um crime. Um exame de sangue provaria que ele não conseguiria fazer aquilo de que foi acusado. Ora, Jody, Billy estava trocando as pernas quando foi preso na manhã seguinte. Ele não falava coisa com coisa. É impossível que tenha se levantado do sofá, atravessado três quarteirões embaixo de chuva, entrado na casa dos seus pais, subido as escadas...

– Cale a boca!

– ...e que tenha levado sua mãe para algum lugar na picape dele...

– Cale a boca, Red!

Por reflexo, Jody fez um movimento com o pé direito como se pisasse no freio. Algumas pedras rolaram até embaixo, parando perto das botas de Red. Ele deu um passo à frente e pisou em uma delas, transformando-a em pó.

– Lamento que isso a deixe mal – disse ele.

– Isso não me deixa mal – Jody mentiu –, me deixa furiosa!

Ele deu um triste e breve sorriso.

– Entendo. Mas foi por isso que mantive contato com ele. Você consegue entender? Nunca acreditei que tivesse sido ele e na minha opinião ele se deu mal. Talvez eu fosse jovem e idealista demais. Ou pode ser que eu não passe de um idiota. Mas eu sei o que vi.

Red Bosch parou rapidamente para bater a poeira das botas e continuou:

– Não estou dizendo que Billy não teria feito aquilo, mas simplesmente que ele não tinha condições de fazê-lo. Pelo menos, não naquela noite. Ninguém me deu ouvidos porque, como você disse, eu tinha só 16 anos. Além disso, as pessoas já haviam chegado a uma conclusão. Tinha sido ele e e ponto final. Nada diferente disso seria levado em consideração – afirmou Red com um olhar desesperado. – Mas não foi ele. Não estou dizendo que gosto do sujeito. E, por favor, me entenda: quando afirmo que mantive contato com ele, quero dizer que trocamos três cartões de Natal e fiz uma visita de cinco minutos há mais de 23 anos...

– Você foi visitá-lo na prisão?

– É, fui – respondeu ele com cautela. – Só que nunca mais voltei. Pelo que soube, Billy não se transformou em santo na prisão. Bem, só estou tentando dizer que o que fizeram não foi certo, mesmo que eles achassem que estavam agindo corretamente.

– “Eles” eram minha família?

– “Eles” são todos menos eu, acho.

– Você e Collin, ao que parece.

Ele piscou e assentiu com a cabeça.

– É.

– O que você quer dizer com “Billy não se transformou em santo na prisão”?

Red olhou para trás, na direção da estrada que ia dar em Testament Rocks.

– Jody, você precisa ir embora daqui agora.

– Ir embora? Por quê?

Ele olhou novamente para ela.

– Como eu disse, fui visitá-lo uma vez. Ele me falou que, se um dia saísse da prisão, a segunda coisa que ele iria fazer seria comer um bife no Bailey. A terceira seria transar com uma garota. Mas a primeira coisa que Billy faria seria vir até aqui.

– Por quê?

– Porque este lugar para ele significa... – Red tentou encontrar as palavras certas e finalmente disse: – ...um lar.

Jody não queria entender aquelas palavras, mas acabou compreendendo. Como não havia nada igual àquelas formações em lugar algum, Testament Rocks tinha grande significado para a maioria das pessoas da região. Ela não queria dividir aquele sentimento com um assassino alcoólatra que batia na mulher, abusava de animais e era mentiroso. Um homem que havia sido condenado por homicídio.

Ela levou as mãos ao rosto. *E se ele não for nada disso?*

– Jody? – chamou Red, dando um passo à frente com uma expressão preocupada.

Lágrimas escorriam novamente do rosto dela.

– Ah, Red! Todas as pessoas que conheço acham que ele matou meus pais, menos você.

– Eu sei.

– Mas você está me dizendo que eles estão enganados, que eu estou enganada. Todos nós estamos enganados.

– É o que estou tentando lhe dizer. Mas você não precisa acreditar em mim.

Jody olhou para ele, sabendo que aquele era um homem que sempre dizia a verdade. Era ela quem inventava as mentiras para que os dois continuassem a se ver. Se dependesse de Red, eles deveriam dizer a verdade em qualquer circunstância. Jody sabia que o motivo era a grande consideração que ele tinha por sua família.

– Por que você saiu correndo do meu quarto hoje, Red?

– O quê? – disse ele, rindo daquela pergunta inesperada.

– Você fugiu só por causa do seu emprego?

– Fui embora porque, se é para sua família saber o que acontece entre nós, acho que a maneira não deve ser aquela.

Por consideração a ela, era o que ele queria dizer. Jody pensou que talvez não fosse a mais madura dos dois. Ela levou novamente as mãos ao rosto.

– Droga, Red.

– O que foi, querida?

Foi a vez de Jody rir de um modo estranho.

– O que foi? Red, não sou obrigada a ser justa. Não quero acreditar naquilo que ninguém que eu amo acredita – desabafou sem perceber a decepção no rosto. – Não quero que você tenha razão.

Ela suspirou, em um sinal de que não acreditava naquela história de Red.

– Ouça, Jody. Tem uma coisa na qual você precisa acreditar: você tem de sair daqui.

– Por quê? O que ele vai fazer comigo se me vir aqui?

– A questão é essa. Eu não sei! Só sei que ele estava com raiva quando foi preso e estava com mais raiva quando o visitei. Portanto não faço ideia de como ele esteja agora.

A raiva de Jody explodiu novamente:

– Como se ele tivesse algum motivo para isso!

– Jody. É o que estou dizendo: ele tem um motivo.

Ela se sentia cansada e confusa com tudo o que Red havia contado.

– Odeio esse homem há 23 anos, Red.

– Não importa se *you* o odeia. A única coisa que importa é se *ele* odeia você.

Aquelas frases deixaram-na arrepiada.

– Você tem certeza de que ele vai voltar hoje?

– Eles o soltaram esta manhã.

O tom de Red era cada vez mais angustiante.

– Acho que o filho deve ter ido buscá-lo de carro.

– É o que eu ouvi.

Red olhou novamente para a estrada. Nervoso, raspou as botas no chão. A viagem de carro da cadeia de Lansing até Rose levava cerca de cinco horas.

– Vamos, Jody. Só saio daqui com você.

Ela pensou em ficar, na esperança de ver Billy Crosby, mas a única arma de que ela dispunha era sua mochila.

– Acho difícil acreditar que ele viria até aqui só para ver a paisagem – comentou ela com uma ponta de sarcasmo.

– Eu não sei. Só estou lhe dizendo o que ele me falou.

– Mas os criminosos adoram voltar às cenas dos seus crimes.

– Querida, querida – disse ele balançando a cabeça –, vamos embora!

– Vá na frente – rebateu Jody, levantando-se. – Vou atrás de você até a cidade.

Red se virou para ir até o carro, mas ela o deteve.

– Não estou dizendo que acredito em você.

– Você acredita quando digo que eles não o submeteram ao teste do bafômetro?

– Acredito. Quero dizer, acho que sim. Vou confirmar com tio Meryl.

– Faça isso. Você acredita quando digo que ele não poderia ter feito aquilo?

– Não sei no que acredito, Red! Mas acho que você acredita nisso.

Ele deu um suspiro de alívio.

– Lamento por não tê-lo deixado se explicar.

– Tudo bem – retrucou Red.

Ele então começou a escalar as pedras até o lugar onde ela estava sentada, usando as mãos e as pontas das botas para chegar até Jody.

– O que você... – ela começava a dizer quando ele deu-lhe um beijo na boca.

Em seguida Red desceu rapidamente, deixando-a preocupada com a possibilidade de ele se machucar. Ao chegar à parte plana, ele continuou andando. Quando estava perto da picape, Red gritou:

– Você não vem?

– Estou indo – berrou ela de volta.

Jody ficou olhando a picape dobrar uma curva.

Era estranho pensar em Red aos 16 anos envolvido com os acontecimentos daquela noite e do dia seguinte. Ele dormiu na casa de Billy e estava lá quando o xerife apareceu pela manhã. *Deve ter sido muita informação para um garoto*, Jody pensou.

Talvez ele tivesse criado sua teoria sobre a bebedeira de Billy porque era assustador pensar que passara a noite na casa de um assassino. Ou talvez Red não conseguisse suportar a ideia de que poderia ter detido Billy e evitado que tudo aquilo acontecesse. E se ele não tivesse socorrido Billy? E se não tivesse levado o vaqueiro para casa? Será que aquilo teria mudado alguma coisa? Com teste de bafômetro ou não, havia muitos motivos para que ele estivesse enganado.

Mas e se ele tivesse razão? Seja como for, preciso saber o que aconteceu com minha mãe. Jody se levantou da pedra, colocou a mão contra o sol e olhou em todas as direções. *Por que continuo a vir aqui em busca de provas e conforto?* Respirou profundamente e achou a resposta no fundo de sua mente: *Porque este lugar é enorme e imutável.*

Ao contrário de sua vida com suas mudanças impressionantes e devastadoras, aquele cenário mudara muito pouco ao longo dos séculos e a poeira caía daquelas rochas com a mesma falta de dramaticidade das células que se desprendiam de sua pele. Isso tornava Testament Rocks um lugar reconfortante, embora também fosse doloroso, já que ela misteriosamente se sentia próxima à mãe ali.

Sentou-se novamente, sentindo-se um pouco confusa com todos aqueles pensamentos. Após alguns segundos, Jody voltou a se recostar nas pedras. Olhou mais uma vez para a paisagem e uma ideia surpreendente veio à sua cabeça: *E se a suspensão da sentença de Crosby significar uma mudança, trazendo à tona uma nova verdade, como o vento que varre as pedras deste lugar?*

Jody voltou à picape sentindo que algo dentro de si havia mudado radicalmente. Aquela nova sensação durou até ela chegar aos limites da cidade. Ela viu na entrada de Rose uma placa pintada à mão: *Volte para o seu lugar: a prisão!* Ao ver aquela mensagem, ela sentiu um prazer instintivo

e irrefreável que expulsou todos os pensamentos que a dominaram na parte final de sua visita a Testament Rocks.

A maior parte das provas ainda apontava para uma direção. Ela ouvira o próprio Red sugerir que Billy Crosby era mais perigoso agora do que quando tinha ido para a prisão. Jody passou em alta velocidade pela placa concordando plenamente com sua mensagem.

26

ANTES DE ENTRAR CORRENDO em casa para fazer a mala que ela não estava com a mínima vontade de arrumar, Jody pegou a mochila verde que jogara sobre o banco do carona ao sair em disparada de Testament Rocks. Red Bosch a havia distraído de suas buscas, portanto a bolsa não estava pesada.

Jody a abriu e sentiu o forte cheiro de mofo. Viu uma echarpe azul-marinho e amarela com uma padronagem de chaves e fechaduras, um pente com o cabo quebrado e um brinco de pressão com uma pedra avermelhada no centro.

Decidiu jogar fora o pente porque ninguém se lembraria se ele havia pertencido à sua mãe. No entanto, achou melhor guardar a echarpe e o brinco e correu até a cozinha, onde lavou a bijuteria até a pedra falsa começar a brilhar. Em seguida tirou um dos brincos de sua orelha furada e experimentou o acessório recém-encontrado, mas deu um leve grito quando seus dedos escorregaram e a presilha beliscou seu lóbulo.

– Como as mulheres conseguem usar estas coisas? – perguntou a si mesma.

Depois de tirá-lo cuidadosamente, ela o guardou no bolso da camisa, pôs de volta seu brinco e lavou a echarpe com detergente. Enxaguou-a, torceu-a e sacudiu-a bem. Levou a peça até a varanda dos fundos, onde a pôs sobre o corrimão da escada, prendendo uma das pontas sob um vaso de flores e deixando-a secar ao sol.

Subiu correndo até o pequeno quarto de hóspedes no final do corredor. Daquela vez Jody seria rápida. Abriu a porta do armário e encontrou suas outras mochilas. Havia mais de 20 bolsas nas quais ela reunira os objetos recolhidos em Testament Rocks ao longo dos anos. Algumas delas estavam abarrotadas, ao passo que outras tinham poucos objetos.

Jody ficava imaginando o que alguém diria se visse sua coleção de bolsas. E era por esse mesmo motivo que ela guardava seus objetos naquele quarto: ninguém de sua família gostava de entrar ali. Eles torciam o nariz só em pensar que ela entrava naquele cômodo.

Antes de ir morar na cidade, Jody escondia seus tesouros em vários lugares, como troncos de árvores, poços vazios e no sótão do celeiro, mudando-os de esconderijo constantemente. Mas agora ela havia encontrado aquele que considerava o melhor lugar de todos para esconder mochilas e presentes de Natal.

Ao fechar a porta do armário, lembrou-se do verso “a terra trêmula”, de autoria de um poeta cujo nome ela não se recordava. Para Jody, o solo em Rose naquele dia estava trêmulo, com terra e pedras transformadas em gelatina sob seus pés. Se morasse sobre uma falha geológica em São Francisco, ela não teria sentido um tremor tão forte. As fundações estavam rachando e cedendo: sua confiança na sentença de prisão de Billy Crosby e a certeza de que ele a merecia.

Red tinha de estar enganado. Jody deixou as dúvidas de lado, afinal havia provas suficientes. Só podia ter sido Billy. Nunca houve outro suspeito e a ideia de que estranhos que seu pai havia repreendido por jogar um cigarro pela janela podiam ter voltado para se vingar não fazia sentido. Como eles podiam saber onde Hugh-Jay morava e por que teriam feito aquilo em uma noite de chuva?

– Eles nunca fariam isso – disse a si mesma antes de ir arrumar sua bagagem.

Enquanto jogava as roupas íntimas na mala, o sentimento de indignação por ter de voltar à fazenda diminuiu e Jody ficou feliz por estar indo para lá.

Se existia um lugar no mundo onde ela sentia o chão firme sob seus pés, esse lugar era a fazenda High Rock, território de seus avós.

Antes de sair, Jody voltou ao quarto de hóspedes. Na soleira da porta, ela olhou para o cômodo em que seu pai havia morrido.

– Vamos mandá-lo de volta para a prisão, pai. Não se preocupe.

Ela não sabia como aquilo ia acontecer, embora descobrir o que Billy Crosby havia feito com sua mãe talvez pudesse ajudar a mandar o vaqueiro para trás das grades novamente. Quando estava saindo de casa, Jody se lembrou da echarpe na varanda. Ao levantar o vaso de flores, sentiu um arrepio e olhou para ver se as nuvens estavam bloqueando o sol. Não estavam. Um calafrio percorreu o seu corpo.

Jody olhou o quintal à sua volta. A picape de seu pai estava estacionada ali na manhã em que Annabelle o encontrou. O carro de Billy devia estar estacionado atrás da garagem, mas não estava. Ele foi encontrado em um córrego com um vestido amarelo ensanguentado dentro de uma sacola. O caminho ao redor da casa levava à porta do porão pela qual Annabelle e um vizinho, Sam Carpenter, que ainda morava na casa ao lado, entraram, já que Laurie tinha trancado as outras portas. Ninguém sabia por que ela havia feito aquilo. Será que ela ficara com medo da tempestade? Será que Billy tinha tentado entrar na casa mais cedo?

Assustada novamente, Jody voltou para dentro de casa. Vasculhou várias gavetas da cozinha até finalmente encontrar as chaves da casa. Colocou-as no mesmo bolso em que estava o brinco e deu a volta na construção, testando as fechaduras que haviam sido usadas no período em que a mansão ficou vazia. “Isto é bobagem”, ela disse a si mesma, mas preferiu trancar a casa.

A BORDO DE SUA picape, Jody usou o celular para ligar para a fazenda. Ela ficava imaginando como sua vida teria sido diferente se sua mãe e seu pai tivessem conhecido aqueles aparelhos. E se eles tivessem tido a chance de pedir ajuda por meio deles? Às vezes, quando seu celular tocava e ninguém dizia nada e ela não reconhecia o número, Jody ficava se perguntando se era sua mãe ligando. Sabia que era uma maluquice imaginar aquilo, mas ela não tinha como evitar aquele tipo de pensamento.

Quando a voz suave de sua avó atendeu, o efeito tranquilizador em Jody foi maior do que o de qualquer paisagem que ela estava acostumada a admirar. Seus familiares sempre atendiam as ligações dizendo o nome da fazenda, pois todos os negócios dos Linder eram administrados de lá, bem como suas vidas pessoais.

Jody pensou na figura familiar da mãe de seu pai. Como na maioria dos dias de primavera e verão, Annabelle devia estar com uma camisa de algodão por cima de calças Capri e com sandálias nos pés. Ela só usava botas e calça jeans quando saía a cavalo. Seus belos cabelos grisalhos, que haviam embranquecido após o assassinato do filho, estavam sempre cortados curtos para que ela não tivesse trabalho.

– Oi, vó – disse Jody, falando em seguida em tom mais suave: – Você e o vovô estão bem?

– Vamos ficar bem assim que você chegar aqui.

A avó não costumava fazer chantagem emocional, portanto Jody aceitou aquela resposta como uma simples expressão da verdade. Ela conteve sua vontade de fazer chantagem com os avós por não a terem levado com eles para conversar com o governador. Mas aquilo era coisa do passado. Aquela situação já era terrível para eles, logo Jody não a tornaria pior ainda.

– Estou saindo. Você quer que eu compre alguma coisa?

– Quero, minha filha. Tenho leite para fazer purê, mas não para preparar o molho da carne.

– Essa não! – brincou Jody. – Tio Bobby não pode viver sem aquele molho!

– Acho que é molho o que corre em suas veias – retrucou sua avó. Mesmo naquelas circunstâncias, Annabelle não perdia o senso de humor. – Isso não pode ser bom, não é?

Alguém que não conhecesse sua avó nunca iria suspeitar, por sua voz ao telefone, de que algo a incomodava. Apenas pessoalmente, quando era possível ver seu rosto expressivo, é que um estranho podia perceber sua preocupação.

– A ciência ainda vai descobrir que seu molho é a cura de todos os males do mundo – disse Jody.

– Então é melhor eu patenteá-lo antes – brincou Annabelle, com um sorriso em sua voz acolhedora. – Traga dois litros, por favor.

A neta sabia que devia comprar leite semidesnatado.

– Pode deixar.

– Como você está, minha querida?

Jody sentiu um nó na garganta e esperou dois segundos até conseguir falar.

– Vejamos – ela começou a dizer, limpando a garganta. – Estou perplexa, confusa, triste e furiosa. Acho que o quadro é esse.

– Imagino – disse Annabelle suavemente. – Eu já desconfiava.

– Logo estarei aí, vovó.

– Se encontrar seus tios, diga-lhes que não se atrasem para o jantar. A menos que queiram comer frango frito gelado.

As palavras “frango frito” fizeram o estômago de Jody roncar.

– Estou sentindo o cheiro daqui.

– Muito bem, então é melhor eu ver se há alguma coisa queimando no fogão.

– Chase e Bobby ainda não chegaram? – perguntou Jody, imaginando que seus tios estivessem com pressa de que ela fosse até a fazenda. – Onde eles estão?

Mas a avó já havia desligado.

Jody ficou atenta ao passar pelo centro, onde ficava a mercearia de Rose. Enquanto acenava para os conhecidos, ela se perguntava se eles realmente estavam mais apreensivos ou se tudo era fruto de sua imaginação. Eles estariam tão nervosos quanto ela com a possibilidade de encontrar Billy Crosby? A maioria dos moradores da cidade o conhecia havia muito mais tempo e provavelmente estava imaginando o que diriam a ele e vice-versa.

Alguns até tinham sido jurados no julgamento. Jody não queria estar no lugar deles. A mercearia estava diferente daquela loja que parecia tão movimentada em sua infância. Com a população do condado diminuindo, Byron George fora obrigado a reduzir em 25% a área de seu estabelecimento.

A lanchonete não existia mais. Se você quisesse um sanduíche de presunto, tinha de comprar o pão e prepará-lo em casa. Tudo na loja parecia menor e Jody sabia que não era só porque ela havia crescido. As exceções eram os produtos que chegavam em embalagens cada vez maiores, porém com seus conteúdos reduzidos.

Até onde ela sabia, um litro de leite continuava a ser um litro de leite.

A mercearia estava na penumbra para reduzir a conta de luz. Assim que entrou, Jody ouviu uma discussão. Byron estava cercado por três clientes que o encostavam contra uma geladeira. Mais alto do que os três fregueses, o proprietário tinha o rosto vermelho e usava seu avental de açougueiro.

Embora estivesse longe, Jody reconheceu Phyllis Boren, a amiga de sua avó, e um dos homens, seu vizinho Sam Carpenter. Talvez fosse coincidência, afinal ela havia pensado nele minutos antes. Não conhecia o outro homem, que devia ser de uma das cidades vizinhas cujos habitantes eram obrigados a viajar para comprar pão e leite. Os três deviam ter cerca de 70 anos, mas isso não impedia que eles berrassem e demonstrassem sua indignação.

– Você não pode acreditar no que está dizendo, Byron!

Enquanto Phyllis Boren gritava com Byron George, Jody decidiu que a coisa mais sábia a fazer era passar despercebida por outro corredor. Todo mundo sabia que Phyllis adorava um bate-boca e que o proprietário da

mercearia também não perdia uma discussão. Sam Carpenter era um homem tranquilo que tinha levado flores a Jody assim que ela se mudou para a casa de pedra. Era o vizinho que todos gostariam de ter, mas por alguma motivo estava fora de si.

Jody ouviu Byron dizer:

– Eu acredito que não foi ele, Sra. Boren.

– Isso está cheirando a sexo – retorquiu Phyllis, fazendo com que Jody ficasse paralisada ao ouvir a amiga da avó dizer em tom de desdém: – Você e a mulher dele devem ter um caso!

– A senhora está me insultando – retrucou Byron, prestes a estrangular uma de suas melhores e mais antigas clientes. – Não fale comigo dessa maneira e não diga essas coisas sobre Valentine!

Jody se encolheu ao ouvir aquele nome e olhou à sua volta procurando a mulher de Billy Crosby. Muitas coisas haviam mudado para Valentine desde que ela fora deixada sozinha com um filho para criar. Ela se agarrara a um dos poucos empregos estáveis que existiam em Rose. Byron certa vez disse a Belle:

– É muito difícil despedir alguém que trabalha por três pessoas e nunca falta.

Sua mulher, Livia, tinha morrido de aneurisma cerebral cinco anos antes e Byron promovera Valentine a gerente. Os boatos que circulavam na cidade havia um ano é que ele teria se casado com Valentine se ela não insistisse em dizer que ainda era esposa de Billy.

Jody não a avistou na loja. Por insistência de sua avó, ela sempre fora gentil com Valentine Crosby, que retribuía a cortesia. Mas agora seus sentimentos em relação à mulher que aceitava Billy Crosby de volta não eram tão amigáveis. O homem que Jody não conhecia colocou mais lenha na discussão:

– Se você tivesse se casado com ela, ele nunca voltaria para cá.

– Ah, agora você quer que a gente se case?

O tom de Byron era sarcástico. Jody se lembrou de como alguns clientes se sentiram ofendidos ao descobrir que ele e sua gerente estavam tendo um

caso. Na fazenda High Rock, contudo, ninguém ficou aborrecido ou ao menos deixou isso claro.

– Eles são as duas pessoas mais solitárias de Rose – Annabelle comentara certa vez – e talvez isso seja bom para ambos.

Naquele momento Jody ouviu Byron dizer:

– Val acha que precisa ficar ao lado de Billy para mostrar que acredita que não foi ele.

Jody ficou espantada com o inesperado tom de deboche de Sam Carpenter:

– Então vamos cuidar para que aquele filho da mãe se sintam bem!

– Juro para vocês que não foi ele – insistiu Byron.

– Claro que não! – Sam continuava exaltado, com suas feições gentis transtornadas pela raiva. – Billy está dizendo a *Val* que não foi ele e ela está dizendo isso a *ocê*, que é um velho tolo por acreditar nessa história. Não venha me dizer que não foi ele, Byron George. Você não viu o que *eu* vi naquele dia. Você não ouviu Annabelle Linder gritar ao lado do filho morto. Você não teve de ir correndo chamar sua família. Não tente ficar aí dizendo que Billy Crosby é inocente!

Jody levou as mãos ao rosto e ficou paralisada.

Meu Deus, ela pensou, implorando em silêncio que eles parassem.

– Eu nunca disse que ele era inocente! – gritou Byron. – Estou dizendo que ele não é culpado!

– Pelo amor de Deus – disse Phyllis Boren com nojo. – Estamos falando sobre o mesmo Billy Crosby? Aquele que costumava encher a cara e bater na mulher? Esse é o Billy que eu conhecia e aposto que ele não mudou nada. Você vem me dizer que está feliz por ele voltar? Se você amasse Valentine como diz, deveria ficar horrorizado por Billy estar voltando para viver com ela!

– Não disse que estou feliz em vê-lo! Disse que ele não é culpado!

– E quem disse isso a você? – desafiou-o Phyllis. – A mulher e o filho dele? Claro que eles acham que não foi Billy. Mas onde estão as provas, Byron?

– Tudo virá à tona um dia, Phyllis.

Ela fez uma expressão de desprezo.

– Não é culpado? – interveio Sam novamente. – Em que planeta ele é inocente, Byron? Aquele homem matou um rapaz maravilhoso e a esposa. Mas só faltou confessar...

– O que ele nunca vai fazer – emendou Phyllis.

– Porque – disse o homem desconhecido – seria um sinal de misericórdia pela família das duas vítimas, sobretudo no que diz respeito à filha deles, que nunca vai saber ao certo...

Ele parou quando Phyllis, que tinha acabado de ver Jody, puxou a manga de sua camisa.

– O quê? – perguntou ele, chateado por ter sido interrompido no meio da frase. – Quem é ela?

O sussurro de Phyllis pôde ser ouvido nos fundos da loja.

– *Aquela é Jody Linder!*

Em vez de parar em consideração a Jody, o homem apontou para ela.

– *Aquela jovem?* Então como você acha que ela vai se sentir em relação a tudo isso, Byron George? Diga a ela que você acredita que não foi Billy Crosby! Vamos, quero ver. Vá até ela e diga que...

Jody não esperou mais um segundo. Saiu correndo em direção aos fundos da mercearia. Estava acostumada a ser reconhecida, ainda que achasse aquilo terrível e detestasse ser “famosa” em razão da morte do pai e do destino desconhecido da mãe. Quando Jody tinha 13 anos, um casal de turistas lhe pediu um autógrafa, algo que a fez jogar a caneta em cima deles antes de virar as costas. Ainda conseguiu ouvir o homem chamá-la de mal-educada.

Quando chegou ao final do corredor, Jody se apoiou em uma bancada de frutas e ficou esperando para ver se os quatro continuariam aquela conversa. Seu coração batia mais forte do que quando ela recebera dos tios a notícia de que Billy Crosby estava de volta. Sentiu novamente vontade de chorar.

Tudo o que ela queria era ser invisível. Os gritos pararam na frente da loja, mas Jody sentiu um braço tocar seu ombro. Levantou os olhos e viu o

rosto enrugado de Phyllis Boren, que sussurrou:

– Sinto muito.

Jody não soube o que dizer a ela, que pegou a mão esquerda da jovem e a apertou.

– Mande lembranças para seus avós.

– Pode deixar.

Em seguida Jody se obrigou a perguntar o que não queria:

– Phyllis, existem muitas pessoas que não acreditam que foi Billy quem matou meu pai?

A amiga da avó, que era conhecida por suas respostas francas e diretas, respondeu:

– Existem algumas. Na verdade, elas sempre existiram. Essas pessoas acham que ele caiu em uma armadilha e não estaria na prisão se sua família não tivesse pressionado a justiça.

– As pessoas culpam minha *família*?

– Apenas algumas cabeças-duras. Elas provavelmente têm inveja de você. E há aquelas como Bailey, que acham que Billy é inocente mas pouco se importam de ele ter ido para a cadeia.

Jody franziu a testa ao pensar na traição do dono do restaurante.

– *Bailey* acha que não foi ele?

Phyllis suspirou.

– Bailey não é o tipo de homem que podemos chamar de sensato, não é?

Phyllis foi embora, deixando Jody sozinha. Sem prestar atenção, a jovem pegou uma maçã como se fosse comprá-la. Sentindo-se constrangida, seguiu até a seção de laticínios e pegou os dois litros de leite para a avó. As alças das garrafas de vidro transmitiam uma sensação de frescor às suas mãos enquanto ela caminhava para a frente da loja. Mas, ao ver Byron George em uma das caixas, Jody se sentiu furiosa por ele defender Billy Crosby.

Red Bosch era um caso diferente, pois, ainda que estivesse equivocado, passara aquela noite na casa de Billy. Já o dono da mercearia tinha comprado a ideia de uma pessoa que compreensivelmente defendia o próprio marido.

Durante os anos que fizera compras ali, sua família nunca suspeitara de que havia vermes nas maçãs de Byron George.

Jody levou o leite até a caixa.

– Oi, Byron – disse para o homem com o rosto vermelho diante da máquina registradora.

Ela pôs as duas garrafas sobre a esteira do balcão. Seria difícil demonstrar indiferença perante o dono da mercearia, então ela falou a primeira coisa que veio à sua mente, ainda que aquilo parecesse disparatado:

– Minha avó vai fazer molho de carne hoje à noite.

Ainda confuso, Byron concordou com Jody:

– Ah, claro... Ouvi dizer que sua avó faz o melhor molho de carne da região.

– E minha mãe fazia as melhores tortas.

Ela então o encarou. O rosto de Byron ficou ainda mais corado.

– Nunca tive o prazer de experimentar nenhuma delas. Mas é o que sempre ouvi dizer.

Jody preferiu guardar para si o pensamento desdenhoso que passou pela sua cabeça enquanto ele lhe entregava o troco.

Você acredita em qualquer coisa, não é, Byron? Você acredita no que qualquer um diz!

– Cadê Valentine? – perguntou ela.

Ele assumiu uma expressão de tristeza e constrangimento.

– Ela ficou em casa – respondeu enquanto guardava o leite em duas sacolas. – Para se preparar.

Jody engoliu em seco.

– Ele já chegou?

– Não sei, Jody. Prefiro ficar longe.

– É a melhor coisa que fazemos – disse ela, percebendo que aquela parecia uma resposta moralista típica de sua avó.

– Espero que você não tenha ficado ofendida com...

– Imagine – mentiu ela com um sorriso aberto.

Mas em seguida ela ouviu a voz da avó em sua cabeça: *Se você não descer desse pedestal, sua queda será feia, mocinha.*

O sorriso falso de Jody desapareceu de seus lábios e foi substituído por um menor e mais verdadeiro. Percebeu que Byron não tinha como evitar aquela situação. Ele estava apaixonado e o amor às vezes não era apenas cego, mas também burro. Talvez aquele não fosse um pensamento dos mais educados, mas Jody não conseguia pensar em nada além daquilo.

– Tchau, Byron – despediu-se baixinho.

– Tchau, Jody. Volte sempre.

Quando se sentou atrás do volante, ela seguiu em direção oposta à da fazenda.

AO ENTRAR NO BAILEY, a primeira coisa que ela sentiu foi o forte cheiro de cerveja e fritura. Jody achava que iria morrer com a fumaça dos hambúrgueres daquele restaurante entranhada em seus cabelos e roupas. Cada vez que saía dali, ela tomava um longo banho, embora não se arrependesse de comer os bifes suculentos. Antes de Bailey proibir o fumo no local, a tarefa de se livrar daquele fedor era quase impossível.

O lugar estava ainda mais escuro do que a mercearia. Apesar da hora, vários clientes já jantavam e alguns deles a cumprimentaram. Havia uma enorme mesa de sinuca que naquele momento estava ocupada por homens com tacos em uma mão e garrafas de cerveja na outra.

Atrás do balcão, Bailey levantou os olhos e fez um sinal com a cabeça para Jody, que viu o proprietário com uma de suas camisetas do time de futebol americano Denver Broncos. Nos dias de jogo entre a equipe e o Kansas City Chiefs o restaurante ficava lotado. Como era costume, a música country berrava das caixas de som, pois, à medida que a idade e a surdez avançavam, Bailey aumentava ainda mais o volume do som, até que algum cliente

reclamasse. As pessoas se perguntavam em tom de brincadeira quantos pedidos eram necessários para que o proprietário abaixasse a música – três, sete, nove? – e diziam que fariam um teste qualquer dia.

Jody caminhou até o balcão e se sentou em uma das banquetas vermelhas do bar.

– Rascal Flatts? – perguntou sem reconhecer a música.

– Isso! É meu grupo favorito. Quer uma cerveja enquanto espera?

– Estou esperando alguma coisa?

– Não está? Algum amigo, sua família?

– Não, vim ver você, Bailey.

Ele arqueou a sobrancelha grossa.

Bailey se tornara um homem de poucas palavras ao longo dos anos. Servia as bebidas, fritava os hambúrgueres, passava o cartão de crédito e expulsava qualquer cliente caso ele infringisse as regras da casa, que Bailey não parava de repetir: não me aborreça, não aborreça minhas garçonetes e não aborreça meus fregueses.

A maioria dos clientes sabia que ele estava cansado. Bailey queria se mudar para a Flórida, mas havia alguns anos que os negócios andavam tão mal que ele quase não conseguia pagar as contas.

Jody se esticou para pegar alguns amendoins, descascou um e o comeu. Em seguida falou em voz alta para ter certeza de que ele a ouvia:

– Então você acha que Billy Crosby não matou meu pai?

Por influência de sua família, Jody às vezes era bem direta. Não tinha sido fácil ouvir da boca de Phyllis Boren que algumas pessoas tinham opiniões divergentes das de sua família nem conversar com Byron George. O coração da jovem estava acelerado, mas as palavras pareciam sair com naturalidade de seus lábios. Bailey não pareceu incomodado com a pergunta repentina. Ele olhou para Jody por um tempo e respondeu:

– Isso mesmo, acho que ele é inocente.

– Por quê?

Ele apoiou no balcão o copo que estava enxugando.

– Ele estava muito bêbado.

- Red Bosch diz a mesma coisa.
- Ele tem razão.
- Então por que ele foi condenado e preso, Bailey?

Ele deu de ombros.

– Não, estou falando sério – insistiu ela, colocando o restante dos amendoins de volta no pote e limpando as mãos. – Se não foi Billy, por que ele acabou na prisão?

Bailey lançou um olhar que a fez sentir-se a pessoa mais estúpida do mundo. A expressão em seu rosto parecia dizer: *O quê? Você acha que isso nunca aconteceu antes?*

- Li as transcrições do julgamento. Você não testemunhou.
- Eu contei à polícia o que havia visto. Eles não me convocaram novamente.

Jody começou a dizer algo, mas Bailey não tinha terminado.

– Pouco me importava – prosseguiu ele –, pois Billy precisava mesmo ir para a prisão. Mais cedo ou mais tarde ele faria alguma besteira.

– Bailey – disse Jody –, o sistema não pode funcionar dessa maneira.

Ele deu de ombros novamente.

– Também não deveria libertá-lo tão cedo.

– Talvez ele não ache 23 anos pouco.

– E eu digo que não é tempo suficiente.

Sentindo-se atordoada por todas as opiniões que ouvia pela primeira vez de pessoas que ela achava que conhecia, Jody perguntou:

- Posso tomar aquela cerveja?
- Vai querer comer alguma coisa para acompanhar?
- Não, vou jantar na fazenda.
- Agora?
- É, por quê?
- Então você não pode beber.

Ela olhou para Bailey e perguntou:

– *Por quê?*

– Porque seu organismo não vai digerir o álcool a tempo, sem falar que seu avô me mataria se eu a deixasse sair dirigindo meio tonta.

– Ah, pelo amor de Deus, Bailey!

Ela girou no banco, desceu e saiu pisando forte, embora soubesse que ele tinha razão.

Assim que Jody saiu do restaurante, seu celular tocou. Ao ver quem estava ligando, ela apertou a tecla “Atender” e disse:

– Estou a caminho, tio Chase.

– Por que está demorando?

– Tive de comprar leite para a vovó.

– Resolveu ir a Topeka para comprá-lo?

Algumas pessoas vinham em sua direção na calçada, então ela deu um passo para o lado e se virou de costas.

– Não, não fui a Topeka – respondeu com paciência exagerada. – Só demorei um pouco.

Ela sentiu alguém encostar em seu braço e se virou para olhar. Era a mãe de uma ex-colega de escola. A mulher sorriu e entrou com o marido no restaurante. Jody voltou a prestar atenção no celular.

– O quê? Não ouvi o que você disse, tio Chase.

– Eu disse: por que demorou um pouco?

Jody ouviu um homem gritar:

– Eu como o que quiser no jantar.

Ela estava se virando para ver quem berrava daquele jeito quando a mesma voz rouca falou:

– Esperei 23 anos por um bife no Bailey. Espere mais uma noite para fazer essa droga de espaguete.

Em uma fração de segundo Jody ouviu o tio chamar seu nome ao telefone, deixou o aparelho cair na calçada e percebeu que olhava diretamente para Billy Crosby, que vinha na direção do Bailey entre Valentine e um homem alto e bonito que só podia ser Collin.

– Pai – disse o jovem –, estamos aqui, não estamos?

Jody se abaixou para pegar o telefone e viu que a antena tinha quebrado. Ela levou o aparelho ao rosto e disse:

– Tio Chase, eu preciso ir. Não se preocupe. Estarei aí em 20 minutos.

Desligou o celular sem ver se ele ainda funcionava. Jody estava tonta. Os três se aproximavam. Ele parecia ter 1,80m e estava bastante forte, como se tivesse feito musculação regularmente na cadeia. As entradas na altura das têmporas eram profundas, mas seu cabelo ainda estava escuro, sem fios brancos visíveis.

Era impressionante ver que ele não parecia mais velho do que seus tios. Jody imaginava Billy Crosby um sujeito velho e acabado pelos anos de prisão. Mas o homem que vinha em sua direção não correspondia àquela imagem. Parecia faminto, furioso e com testosterona saindo pelos poros. À época do crime, algumas mulheres achavam Billy Crosby um rapaz bonito, mas ela agora enxergava apenas um homem parrudo com uma expressão agressiva no rosto. Ele usava tênis, calça jeans e uma camiseta preta. Aparentemente, aquelas roupas eram novinhas em folha.

Collin levantou a cabeça e deu de cara com Jody. Colocou a mão sobre o braço do pai como se quisesse segurá-lo, mas Billy se desvencilhou. Ela percebeu que seu ex-colega de escola era mais alto do que o pai e não parecia estar satisfeito por tê-lo em casa novamente. Jody mal conseguiu prestar atenção em Valentine. A jovem só tinha olhos para o pai e o filho.

– Que diabos ela está olhando? – perguntou Billy em voz alta, apontando para Jody com a cabeça enquanto eles se aproximavam. – As pessoas acham que eu virei atração turística? Como aquelas rochas que você não quis me levar para ver?

Usando uma voz em falsete e balançando as mãos no ar, ele disse:

– Banque o maluco, Billy! Banque o maluco, Billy! – Então começou a sapatear e rir ironicamente. – Vejo que as garotas de Rose ficaram mais bonitas. Você conhece essa garota, Collin? Ela está olhando para você.

– Cale a boca, pai! Pelo amor de Deus, cale a boca!

A raiva de Jody era tamanha que ela teria dado um tiro em Billy caso tivesse uma arma na mão. Todas as palavras que ela ouvira naquele dia em

defesa de Billy Crosby não significavam mais nada. Jody se lembrava apenas de que ele era o personagem principal de seus pesadelos, um sujeito a quem ela aprendera a odiar e que tinha destruído sua família.

A vontade dela era dar meia-volta e correr. *Não faça isso*, Jody pensou, ficando imóvel até que os três estivessem a alguns passos de distância. Então se posicionou na calçada de modo a bloquear a entrada do restaurante. Era como se todos os conselhos que ela escutara naquele dia e todo o medo que ela sentira até então desaparecessem como se nunca tivessem existido. Billy não passaria por ela sem notar sua presença. Nunca.

– Você é o leão de chácara? – brincou ele na frente dela.

– Jody – disse Collin – , eu sinto muito.

– Não, não sou o leão de chácara – respondeu ela, olhando diretamente para seus olhos. – Sou a filha de Hugh-Jay e Laurie. Sou Jody Linder. Por que você fez isso? Por quê?

– Você é uma Linder? – perguntou Billy, aproximando-se ainda mais.

– Pai, se você encostar nela, mato você.

– Não vou encostar nela, Collin.

– Não sou *uma* Linder – retrucou ela. – Sou *a* Linder, a criança de quem você tirou os pais.

– Não fiz nada com eles.

Ela queria esmurrar aquele homem. Em vez disso, Jody o encarou enquanto ele a olhava de modo ameaçador.

– Diga àquele velho do seu avô que não o perdoo. Ele e os filhos me mandaram para a prisão por coisas que nunca fiz. Diga a eles que Billy Crosby nunca vai esquecer nem perdoar tudo que aconteceu.

Jody desviou o olhar dele para Collin com a maior frieza que lhe era possível.

– Eu também nunca vou esquecer nem perdoar – afirmou, olhando diretamente para o filho de Billy Crosby.

Rezando para não perder os sentidos, Jody se virou devagar e saiu andando com passos firmes até a picape. Dentro do carro, ela observou os três entrando no restaurante. Por alguns segundos, Collin ficou para trás,

olhando para ela, então seguiu os pais. Ela pensou com tristeza que talvez Bailey ficasse feliz em servi-los. Como os negócios andavam mal, até assassinos eram bem-vindos ali.

Suas mãos tremiam ao volante durante o trajeto até a fazenda, assim como seu pé vacilava sobre o acelerador como se ela sofresse de uma síndrome rara. Deixou a picape morrer várias vezes e teve de encostar no meio-fio para dar a partida novamente.

Assim que atravessou os portões da fazenda, ela passou diante da casa de dois quartos em que Red Bosch morava de graça, uma das mordomias e também uma das desvantagens de trabalhar em tempo integral para seu avô. Para manter suas visitas longe das vistas da família, ela estacionava a picape na garagem e fechava a porta. Jody viu que, como sempre acontecia quando ela não estava lá, o portão da garagem se encontrava aberto. Pensou em parar e contar a Red sobre Billy Crosby, dizer que ele tinha razão a respeito da visita a Testament Rocks e do bife no Bailey, mas decidiu que queria ver logo sua família.

Quando parou diante da casa, ela abriu a porta da picape, se abaixou e vomitou na grama.

A VIATURA DO XERIFE do condado de Henderson estava parada em frente à casa quando Jody chegou. Ela tomou um gole d'água de uma garrafa que estava na picape, bochechando o líquido e o cuspiendo na grama.

Em seguida colocou duas balas de menta na boca e correu até a cozinha com as duas garrafas de leite nas mãos. Guardou uma na geladeira, caminhou até a avó, que estava diante do fogão remexendo alguns pedaços de frango com um garfo comprido, beijou seu rosto e pôs o outro recipiente sobre a bancada. Jody ainda tinha vontade de perguntar por que seus avós

não a haviam levado à audiência com o governador, mas conteve o impulso. Querendo demonstrar que estava tudo bem, ela perguntou:

– Cheguei a tempo para você preparar o molho?

– Na hora certa – respondeu a avó com um sorriso cansado. – Vá ouvir o que o xerife está dizendo e volte para me contar.

– Você não prefere ir até lá enquanto eu frito o frango?

Annabelle balançou a cabeça.

– Não, eu vou acabar dizendo algo de que possa me arrepender.

– Você, para o xerife? Por quê?

– Vá até lá.

Obediente, Jody seguiu o som de uma voz masculina que vinha da sala de estar, atravessando a sala de jantar, onde pratos, guardanapos e talheres estavam à espera de serem arrumados sobre a enorme mesa de carvalho com suas cadeiras estofadas. Surpresa por ver que a mesa ainda não estava posta, já que a avó estava acabando de preparar a refeição, ela deduziu que a visita do xerife havia sido inesperada.

Ao entrar na sala de estar, Jody viu o xerife Don Phelps em pé ao lado da mesa de centro, na frente do sofá que a avó recentemente revestira com seda amarela para combinar com a elegante estampa floral das poltronas. Aquela sala com decoração feminina formava um interessante contraste com a aparência mais rústica da sala de televisão, do escritório do avô e da biblioteca que os homens usavam com frequência, cujos móveis tendiam mais para tons escuros.

Assim como o xerife, todos estavam de pé, o que a fez pensar que ele tinha acabado de chegar. Jody se postou discretamente atrás de sua tia Belle, que estava na porta da sala. Cruzou as mãos atrás das costas, engoliu o último pedacinho de bala e se recostou na parede. Estava nervosa por causa do encontro com Billy Crosby, por isso era difícil se concentrar nas palavras de Don Phelps.

Jody não conseguia se esquecer de seu jeito grosseiro e intimidador. Era um condenado que não havia se arrependido de seus atos nem se reabilitado. Estava orgulhosa por tê-lo enfrentado, embora duvidasse que ele

tivesse se sentido minimamente incomodado. Billy havia debochado dela, ameaçado sua família e demonstrado que era insensível a tudo o que havia causado. Collin Crosby não era muito diferente: conseguir a liberdade de um psicopata como aquele era semelhante a detonar uma bomba no centro de Rose.

Jody sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

– Onde você estava? – sussurrou a tia.

A jovem deu de ombros e respondeu com uma pergunta:

– E onde está Meryl?

– A caminho. Shh!

– ...falei com Billy – dizia o xerife.

Ao ouvir aquele nome, Jody ficou ereta e passou a prestar atenção. Phelps estava na casa dos 60 anos, era barrigudo e tinha cabelos grisalhos que passavam a maior parte do tempo sob o chapéu de vaqueiro marrom que ele havia tirado e agora remexia em suas mãos gorduchas. Ele ficara famoso graças à prisão e à rápida condenação de Billy Crosby. Desde então, raramente alguém se candidatava para substituí-lo no cargo de xerife do condado de Henderson. Jody o conhecia por seu hábito de parar carros de adolescentes à procura de drogas e bebidas e, quando mais jovem, ela própria estava em um dos veículos que ele revistara.

“Seus pais vão me agradecer”, era sua frase famosa.

Naquele momento, ele dizia à pequena plateia:

– Antes de vir para cá, fui até a casa deles. Avisei a ele que se algo ruim acontecer a alguém dessa família eu vou atrás dele. Disse que se o carro da filha de Hugh-Jay tiver um pneu furado vou investigar a origem do prego. Se a Sra. Linder tropeçar, Billy será o principal suspeito. E o mesmo se aplica ao juiz do processo, aos membros do júri e a cada um dos meus policiais que trabalharam naquele caso. Disse que ele será suspeito de *qualquer* coisa ruim que acontecer no meu condado a partir de hoje. É bom que ele se comporte de maneira condizente com essa situação.

O xerife parecia orgulhoso por suas palavras. Jody esperava que os homens de sua família demonstrassem alguma gratidão. No entanto, eles

olhavam para o xerife com expressões pouco amistosas.

– Você deveria ter feito uma investigação honesta, Don – disse Chase em tom seco.

Sem perceber, Jody agarrou o braço da tia, que olhou para a sobrinha sem qualquer indício de surpresa pela acusação feita por Chase. Hugh Senior e Bobby também se mostravam impassíveis. Todos os membros da família ali presentes olhavam para Phelps, cujo rosto assumiu uma tonalidade avermelhada.

Seja lá o que for, meus tios já conversaram a respeito, ela pensou.

Jody achou que o xerife não sabia em que estava se metendo ao aparecer na fazenda. Ela já tinha visto aquilo acontecer em outras ocasiões, quando toda a família tomava uma decisão e unia suas forças. Geralmente, os motivos eram banais, como a derrubada de um velho celeiro e a construção de um novo, ou uma mudança na fórmula da ração para aumentar o peso dos novilhos.

Muitas vezes os Linder se uniam em prol da comunidade, como o financiamento de uma viagem de um asilo ou a eleição de um juiz. Mas o objetivo podia ser um inimigo em comum, um fazendeiro que havia mentido, um comprador que os tivesse enganado. Nessas ocasiões Jody não tinha pena de quem estivesse no caminho de sua família.

Daquela vez, contudo, ela não sabia qual era a decisão ou por que eles a haviam tomado. Talvez fosse por isso que eles queriam que Jody chegasse mais cedo. A avó, pelo que havia dito na cozinha, obviamente estava envolvida.

– Essa é uma afirmação muito forte, Chase. – O xerife estava tenso e suas palavras eram secas como os olhares das pessoas à sua volta. – Você vai ter de me explicar o que quis dizer.

– Não é difícil imaginar, é? – retorquiu Chase em tom mais seco ainda. – Você optou por não investigar coisas que deveria ter investigado e não interrogar pessoas que deveria ter interrogado. Você ocultou provas que teriam de ser repassadas à defesa.

Jody estava abismada. Ela *jamais* ouvira Phelps ser criticado naquela casa. Na verdade, ele sempre havia sido admirado. Os Linder contribuíram para suas campanhas de reeleição. Colaram adesivos com o slogan do xerife nos para-choques de seus carros, como aquele que o Cadillac de sua avó ainda ostentava.

– Provas que teriam de ser repassadas à defesa? – repetiu Phelps, sem conseguir esconder a raiva em sua voz. – Por que você iria querer isso, Chase?

O xerife parecia confessar um erro, porém não demonstrava arrependimento. O avô de Jody finalmente decidiu falar, mas preferiu um tom mais brando que o do filho, revelando grande tristeza em sua voz:

– Para não acabarmos em uma situação como esta, Don, com um culpado fora da prisão.

O xerife olhou para cada um dos membros da família antes de voltar a se dirigir ao patriarca:

– É isso que você pensa, Hugh? Você vai me acusar de ser desonesto, como seu filho acabou de fazer?

– Como você chamaria isso? – Chase o desafiou.

Hugh Senior interveio:

– Não havia motivo algum para ocultar aquelas provas, Don. Se eu soubesse da existência delas, teria dito para você apresentá-las. Você poderia ter refutado aquela história tola do chapéu e eliminado a suspeita sobre aqueles estranhos que Hugh-Jay vira no dia anterior.

– Não estou gostando disto – disse o xerife, começando seu contra-ataque. – Fizemos o melhor que podíamos e da maneira mais honesta possível. Éramos jovens e inexperientes. Você pode chamar isso de incompetência, mas não me venha dizer que sou desonesto. Nunca! Você acha que tínhamos alguma experiência na investigação de um crime daqueles? Claro que não! Não sabíamos que diabos estávamos fazendo e ainda assim conseguimos entregar um caso bem fundamentado ao promotor.

– Agora não parece tão bem fundamentado assim – disse Belle com voz decidida.

– Pelo que me lembro, sofri muita pressão desta família para prender Billy Crosby – rebateu o xerife. – Quando vocês falavam sobre o crime, não diziam “você”, mas “nós”. Meu departamento, a promotoria e esta família trabalharam juntos, lembram-se? Todos ajudando-se para colocar aquele filho da mãe na cadeia. Não me lembro de vocês querendo ajudar a defesa naquela época – completou ele com sarcasmo.

– O que esta família queria – disse Meryl Tapper ao entrar na sala e pegar o assunto pela metade – era uma sentença que não desse margem a recursos, como acabou de acontecer. Era isso que os Linder queriam, Don. Como não foi o que aconteceu, teremos de viver com o assassino a 20 quilômetros de distância. Jody teve de se mudar da casa dos pais para não ficar perto de Billy Crosby.

Meryl ainda estava com a calça de poliéster, o paletó quadriculado e a gravata que faziam Jody revirar os olhos sempre que os via, mas sua atitude não tinha nada de um advogado caipira.

– Vocês não deveriam falar comigo dessa maneira – reclamou o xerife, colocando novamente o chapéu na cabeça e olhando para Hugh Senior. – Isso não está certo. Nunca pensei que fosse escutar essas coisas desta família, sobretudo de você, Hugh. Eu tinha a mesma consideração pelo seu filho que qualquer pessoa deste condado. Fiquei muito triste. Minha mulher não parava de chorar. Trabalhei para que o homem que o matou fosse levado perante a justiça.

Ele se virou para ir embora, mas esbarrou em Meryl, que não se moveu. Então se dirigiu novamente à família:

– Quando eu disse a Billy que, se algo acontecesse a qualquer um de vocês, ele estaria em apuros, sabem o que ele respondeu? – perguntou o xerife, fazendo uma pausa e examinando o rosto de cada um. – Ele disse que pouco se lixava. Falou que a morte de outro Linder seria um crime pelo qual ele ficaria feliz de ir para a cadeia, sendo culpado ou não.

Don esperou que eles absorvessem aquela informação e em seguida levantou o queixo, como se os desafiasse.

– Mas, se vocês estão tão empenhados em ajudar a defesa, acho que posso colaborar.

Jody sentiu a tensão aumentar entre seus tios.

– Lembram-se da prova capilar que foi jogada fora? – disse o xerife com olhar malicioso e agressivo. – Bem, o filho de Billy me procurou para pedir alguns daqueles fios para uma análise de DNA, algo que não podia ser feito na época, mas que agora é possível. Eu disse que não havia sobrado nenhum fio, que tudo foi destruído nos primeiros testes. Mas querem saber? Acho que posso conseguir alguns fios que ficaram agarrados em uma caixa de provas. Nunca se sabe o que podemos encontrar ali, já que vocês estão tão ávidos para ajudá-lo.

Com este último golpe, o xerife saiu batendo a porta da frente. Dali a alguns segundos todos ouviram a viatura indo embora.

– Por que ele acha que um teste de DNA ajudaria Billy? – perguntou Belle em tom queixoso. – Só vai provar que foi ele quem cometeu aquele crime. Isso não faz nenhum sentido!

– Ele só está tentando nos desestabilizar – disse Chase, mordendo o lábio em sinal de desdém. – Deveríamos ter apoiado outro candidato para concorrer ao cargo dele.

– Droga, eu deveria ter me candidatado – falou Bobby. – Eu não poderia ser pior do que ele.

– Bem, comecem a pensar em quem podemos indicar para o cargo – ordenou Hugh Senior, deixando Jody ainda mais perplexa.

Ela ouvira durante toda a sua vida que não havia um representante da lei melhor do que Don Phelps, mas agora ele era tratado como inimigo. O avô dela se autodenominava “amante da justiça”, e era verdade que ela não tinha idade suficiente para saber o que estava acontecendo quando seu pai foi assassinado, mas havia algo estranho na relação de sua família com o xerife. Talvez tudo se esclarecesse logo. Era o que Jody esperava.

– Não precisávamos chegar a esse ponto – disse Hugh Senior. – Billy teria sido condenado de qualquer maneira. Não há desculpas para isso. Don pode dizer quanto quiser que eles não sabiam o que estavam fazendo, mas inexperiência e incompetência não são desculpas para falta de princípios básicos. É desonesto contornar a lei daquela maneira, e vejam em que situação nos encontramos agora.

Quando viu que a neta estava na sala, Hugh abandonou toda a formalidade e abriu um sorriso.

– Olá, Jody!

Depois de alguns segundos de hesitação, ela correu para ser envolvida em um abraço.

– Pai – disse Belle preocupada –, acho que irritamos nosso maior protetor.

Meryl bufou.

– O xerife não protege ninguém, querida. São poucos policiais para servirem de alguma coisa para nós. Somos nossa maior proteção. Sempre fomos e sempre seremos. Por isso temos armas – acrescentou olhando para o sogro. – Já sou um advogado mais velho e mais esperto e prometo uma coisa ao senhor: Billy vai fazer alguma bobagem e nós o agarraremos. E desta vez ele não vai escapar.

Annabelle entrou na sala.

– Quem vai pôr a mesa?

Jody ficou nervosa ao pensar no que Billy poderia aprontar, mas nenhum de seus familiares parecia estar preocupado com aquilo quando se encaminharam para a sala de jantar.

ENQUANTO SEGUIA A AVÓ em volta da mesa, colocando os pratos entre os talheres que Belle estava distribuindo, Jody disse delicadamente:

- A conversa lá na sala foi tensa.
- Esta situação como um todo é tensa, você não acha? – rebateu Belle.
- Eu sei, mas...
- Que diabos você tem na cabeça?

Jody levou a mão à cabeça e se lembrou de que estava usando a echarpe que colocara antes de sair de casa.

- É só uma echarpe.
- Você a deve ter achado no lixo.
- Está limpa, tia Belle.

A tia balançou a cabeça, reprovando a maneira de se vestir da sobrinha. Era assim que Jody praticava o que ela mesma considerava seu joguinho obsessivo. Na realidade, a jovem estava esperando o dia em que alguém de sua família dissesse que sua mãe tinha uma echarpe idêntica.

- Minha mãe usava echarpes?

A avó entrou na sala naquele momento, seguida por Bobby, que carregava uma enorme tigela de purê, e por Meryl, que equilibrava duas travessas de frango frito. Hugh Senior puxava a cadeira de uma das cabeceiras e Chase estava na cozinha pegando o molho, a vagem e os pães. A manteiga, a geleia e a salada Waldorf já haviam sido colocadas na mesa. Aquela refeição seria servida com a “louça boa”, como Hugh Senior gostava de dizer.

Com exceção do Dia de Ação de Graças, do Natal e de outros eventos dignos de nota, Annabelle só era mais formal na arrumação de sua mesa quando achava que aquilo podia ajudar sua família a se comportar direito. “Não há nada como guardanapos de linho branco para manter um homem sob controle”, ela gostava de dizer à neta.

- Laurie usava echarpes? – perguntou Belle à mãe.
- Não que eu me lembre.
- E brincos? – questionou Jody. – Ela tinha orelhas furadas, certo? Ela também usava brincos de pressão?
- Ah, não – respondeu Belle com um sorriso. – Nem morta!
Ela então se calou.

– Que beleza, hein! – disse Chase com sarcasmo, ouvindo-a ao entrar na sala de jantar.

– Tia Belle, não dê ouvidos a ele. Você não disse nada de errado.

– Todos estão muito sensíveis hoje – comentou Meryl olhando para a esposa.

– Vamos nos sentir melhor depois do jantar – disse Annabelle, passando os olhos pela mesa. – Acho que está tudo pronto. Vamos começar com uma oração hoje, Hugh.

Naquela noite, Jody achou que a mesa parecia mais cheia e mais vazia: mais cheia por causa da presença de Chase e Bobby, porém mais vazia porque eles não tinham trazido os filhos. Nenhum dos dois estava casado no momento, portanto parecia que faltavam as esposas. Quando era mais nova, Jody adorava sentar-se com os primos à “mesa das crianças”, que eram duas mesas dobráveis postas juntas e cobertas com uma toalha plástica.

Por ordem expressa de Annabelle, qualquer menção aos acontecimentos daquele dia teria de ser deixada para depois da sobremesa e do café.

– Não quero que aquele homem estrague o jantar da minha família – anunciou ela, e assim a refeição foi tranquila, já que ninguém ousou contrariar a ordem de Annabelle.

Jody só ouviu os garfos raspando no prato e pedidos para que alguém passasse os pães ou alguma travessa. Quando um de seus tios começava a falar de Billy Crosby, Hugh Senior batia com a faca no copo para lembrá-los da ordem de sua esposa. Por fim os pratos foram levados para a cozinha e a torta de maçã foi servida de sobremesa. Surpresa por estar com tanta fome, Jody comeu tudo, inclusive o sorvete de baunilha derretido, que ela raspou com a colher.

– Tem uma coisa que preciso dizer – anunciou Meryl olhando para o sogro. – Chase, Bobby e eu ficamos algum tempo na cidade hoje, medindo a temperatura, se é que o senhor me entende. Eu diria que está quente, muito quente. As pessoas estão chateadas, com medo, e estão circulando boatos sobre expulsar Billy de Rose. Algumas ideias são tolices, como jogar ovos em

sua casa e coisas do gênero, mas outras são bem feias. Tem gente querendo colocar fogo...

– Não! – gritou Annabelle, levando a mão à boca.

– Sim, senhora. Foi o que ouvimos de um homem.

– Não temos controle sobre as pessoas – observou Hugh Senior.

– O senhor tem razão, ainda que eu não esteja sugerindo isso. No entanto, temos controle sobre o que nós fazemos.

– O que isso quer dizer? – perguntou Bobby, irritado.

– Como advogado da família, quero que todos vocês mantenham um registro de todos os lugares aonde forem, de tudo o que fizerem e de com quem andarem. Façam isso até as coisas se acalmarem um pouco.

– Você quer que gente tenha álibis? – perguntou Belle ao marido, incrédula.

– Sim, é isso mesmo. Chase e Bobby, talvez seja melhor vocês voltarem para casa cedo. Se alguém der um tiro na cara de Billy Crosby ou o atropelar, quero que cada integrante desta família tenha um álibi pronto. Eu gostaria especialmente que vocês dois estivessem longe daqui. As pessoas talvez joguem apenas ovos no carro dele, mas quero que cada um dos Linder consiga provar que não estava com a embalagem nas mãos.

No silêncio que se seguiu, Jody deixou escapar:

– Falei com ele hoje.

Eles a olharam com expressões de perplexidade.

– Falou com quem, querida? – perguntou a avó.

Com o coração acelerado, ela respondeu:

– Com Billy Crosby. Eu o encontrei.

Entre as expressões de tristeza, foi possível ouvir Chase perguntar com raiva:

– Que diabos você fez?

– Não fiz nada – ela se defendeu. – Eu tinha ido ao Bailey e, ao sair, você ligou para meu celular, tio Chase. Eu estava falando com você...

– Você desligou na minha cara!

– Não, deixei meu telefone cair porque ouvi a voz de Billy. Em seguida eu o vi.

Quando acabou de contar o episódio, ela olhou para Meryl do outro lado da mesa.

– Você disse que eu podia perguntar qualquer coisa – lembrou Jody.

– Desembuche.

– Por que Billy não foi submetido ao teste do bafômetro?

Tensa, ela esperou a resposta. Ele deu um sorriso estranho.

– Porque tínhamos apenas um aparelho no condado e ele estava quebrado. Você se lembra, Chase? – perguntou ele, rindo. – Algum bêbado destruiu o bafômetro aos chutes!

– Claro que eu me lembro – respondeu Chase, assentindo com a cabeça.

O avô olhou para Jody e interrompeu a conversa, impaciente para dizer algo.

– Não quero que você chegue perto dele outra vez.

Ela queria dizer que não teve intenção de se aproximar de Billy, mas percebeu que a questão não era bem aquela e portanto ficou calada. O problema era que seu avô se preocupava muito com ela. Teve vontade de chorar por estar cercada por um amor que a fazia se sentir a pessoa mais segura do mundo. Ao perceber a mão de Belle tocando a sua, Jody piscou para segurar as lágrimas.

Hugh Senior correu os olhos pela mesa.

– Quanto ao restante de nós, faremos o que Meryl disse – decretou com um sorriso triste. – Pela expressão no rosto de vocês, está claro que todos gostariam de matar Billy Crosby, portanto é melhor termos álibis. Até mesmo você, minha querida – acrescentou, pousando os olhos na esposa.

– Como aquele homem ousou falar com ela? – perguntou Annabelle enquanto olhava para o marido do outro lado da mesa. – Como ele teve coragem de dizer uma palavra sequer à nossa Jody?

– Esse é o tipo de homem que ele é, mãe – lembrou Belle a todos.

DEPOIS QUE OS PRATOS foram retirados, Chase se juntou à sobrinha, que estava no balanço da varanda escutando música em seu iPod e olhando para estrelas que podiam ser vistas apenas em lugares isolados e escuros como a fazenda à noite. Quando ele se sentou ao lado dela, o balanço deu um tranco, sacudindo as correntes que o prendiam ao teto e interrompendo o movimento, que só foi restabelecido com o impulso da bota de Chase no piso de madeira.

– Quanto tempo você e o tio Bobby vão ficar aqui?

– Até não termos mais por que ficar.

– O que você quer dizer com isso?

Ele apenas acendeu um cigarro. Jody então tirou os fones dos ouvidos.

– Por que você não trouxe os meninos?

Ele tinha três filhos adolescentes que ela adorava.

– Não quero que eles se envolvam com nada disso.

– Você também pode me mandar para longe?

– Eu adoraria.

– Mas eu não iria.

– Que novidade!

Eles se balançaram em silêncio por algum tempo. Ele soltava a fumaça para o lado quando Jody abanava as mãos. Ela preferia a companhia do tio Chase à de qualquer outra pessoa, especialmente quando ele ficava calado e pensativo, sem dar ordens. Jody se sentia segura a seu lado, embora não lembrasse exatamente por quê. E confiava que ele fosse colocar ordem nas coisas que estavam acontecendo. Ela gostaria apenas que ele fosse um homem mais feliz, algo que as duas ex-esposas não haviam conseguido fazer. Os momentos em que ele parecia mais alegre era quando trabalhava ao lado dos filhos. Jody gostaria de tê-lo conhecido, ou de se lembrar dele, quando era mais jovem e tranquilo.

– Como era meu pai?

– Eu já falei um milhão de vezes.

– Gosto de escutar.

Ele mudou de posição, fazendo com que o balanço se deslocasse de um lado para outro. Jody se segurou no apoio para o braço até o balanço voltar a se movimentar na direção certa.

– Você gosta de escutar e eu gosto de contar – disse Chase, com a voz rouca por causa do fumo. – Hugh-Jay era um sujeito enorme, maior do que qualquer um de nós, mas não tão bonito – acrescentou, e a sobrinha percebeu um sorriso em sua voz.

– Você diz isso sempre.

– Nunca é demais – brincou ele, dando um risinho gutural, um ruído grave e masculino que ela adorava ouvir. – Mas o que lhe faltava em beleza sobrava-lhe em caráter.

– Ele foi a pessoa mais gentil que você conheceu?

– Acho que foi.

– Mais gentil que você?

Ele riu.

– Sim, mas isso não é muito difícil.

Jody também riu. Os dois continuaram se balançando em silêncio enquanto os coiotes uivavam nas colinas. A lâmpada na porta do celeiro era a única luz visível da varanda. Para Jody, a beleza da noite e o orgulho pelo bom caráter do pai eram um grande consolo.

– E quanto à minha mãe?

– Humm.

– Você sempre faz isso quando pergunto sobre ela.

– A garota mais bonita da região.

– Ela era tão gentil quanto meu pai?

Chase geralmente respondia àquela pergunta com um sorriso e dizia que não havia ninguém que fizesse uma torta de maçã tão gostosa. Naquela vez ele fez algo diferente. Seu tio parou o balanço com a bota. O coração de Jody disparou quando ela percebeu que ouviria algo inédito.

– Sua mãe era mimada, convencida e um pouco perversa.

– *O quê?*

Ela estava chocada, embora já tivesse ouvido que sua mãe não gostava de esperar quando queria alguma coisa. Mas ninguém havia ido tão longe.

– Você está de brincadeira?

– Quem me dera! Mas a questão é a seguinte: Laurie era jovem. Se aquele canalha não lhe tivesse tirado a vida, ela talvez mudasse um pouco e se tornasse uma pessoa melhor. Sempre achei que Laurie era melhor do que algumas pessoas achavam, pois afinal seu pai se casou com ela. Aquela era a maior recomendação que ela podia obter, portanto preciso dar tanto crédito a ela quanto eu dava a ele. A maioria das pessoas achava que ele se casou com Laurie por causa da sua beleza e que ela se casou com Hugh-Jay pelo dinheiro.

– *Tio Chase!*

– Contudo, quanto mais velho fico, mais me sinto inclinado a pensar que ele viu algo de bom no coração de Laurie – disse Chase com um sorriso infeliz. – Ou então, quanto mais envelheço, mais emburreço.

– Por que você está me contando isso?

Ela estava triste com aquelas revelações.

– Porque parece que as verdades estão vindo à tona, então é melhor que você conheça todas elas.

Jody teve de segurar as lágrimas.

– Você é que é perverso.

Ela o ouviu bocejar.

– Você não queria saber como ela era?

Jody não respondeu. Talvez ela quisesse saber toda a verdade algum dia. Mas naquele momento aquelas palavras a deixavam deprimida. Querendo se vingar do tio, ela fez uma pergunta que ele não esperava:

– E se realmente não foi ele?

– Quem? O quê?

– Billy Crosby. E se não foi ele quem matou meu pai?

– De onde você tirou isso?

Ela gostou de vê-lo com raiva.

- Você sabia que Byron George acha que não foi ele?
- Bem, então ele não quer mais ter esta família como cliente.
- Bailey tem a mesma opinião.

Chase parou mais uma vez o balanço e se virou para a sobrinha.

- Foi o que ele me disse hoje à tarde. Segundo ele, Billy estava muito bêbado.

Jody ia revelar a opinião de Red Bosch, mas desistiu. Não queria denunciar seu amante; achou que deveria ser o próprio Red a contar à família.

- Foi por isso que você fez aquela pergunta sobre o bafômetro? - perguntou Chase, acrescentando em seguida com raiva: - Lembre-se de que você é a vítima aqui!

- Vocês não me criaram para que eu me sentisse como uma vítima.

- Eu sei, mas talvez você precise se sentir assim de vez em quando para entender o mal que esse homem causou e para saber que ele não merece a solidariedade de ninguém, principalmente a sua.

- Não sou solidária a ele, tio Chase.

- Ótimo. Nunca seja. E pare com essa conversa ridícula!

Tio e sobrinha ficaram sentados em meio a um silêncio desconfortável até que Jody se levantou do balanço. Fingindo indiferença, ela alongou os braços, esticando os dedos até que as pontas parecessem estar tocando as estrelas.

- Você vai entrar? - perguntou ela com frieza.

- Não, vou ficar aqui fora mais um pouco.

- Tio Chase?

- O que foi?

- E se ele não for embora de Rose?

- Ele não vai ficar aqui.

- Como você sabe?

- Algumas coisas são inevitáveis.

- Mas...

- Vá dormir.

Algo em seu tom de voz fez com que Jody andasse até a porta e entrasse na casa sem vontade de questioná-lo mais.

O telefone da fazenda tocou no momento em que Jody entrava no banho. Ela esperou para ouvir Bobby chamar os pais. *Quem está ligando a esta hora?* Ainda era cedo, mas o dia havia sido cansativo e todos estavam exaustos. O avô abriu a porta de seu quarto. De pijama e roupão, ele disse alto:

– Houve confusão na cidade. Uns adolescentes jogaram pedras na casa de Billy Crosby.

– Foi o xerife que ligou? – perguntou Bobby aparecendo no corredor, ainda vestido de calça jeans, camisa e com as botas nos pés.

O pai assentiu com a cabeça.

– Devemos lhe agradecer por nos avisar, mesmo depois do que lhe dissemos.

– Ora, pai, ele está apenas cumprindo seu dever, algo que deveria ter feito desde o início. Que providências ele tomou em relação aos garotos?

– Ordenou que eles fossem embora e colocou policiais em cada extremidade do quarteirão.

– Isso deve acalmar as coisas.

Bobby voltou para o quarto e fechou a porta.

Hugh Senior viu a neta com a cabeça para fora do banheiro.

– Obrigado por ter vindo para cá, Jody. Sua avó e eu nos sentimos melhor sabendo que você está aqui.

Ela decidiu tocar num assunto que a vinha incomodando.

– Eu gostaria que vocês tivessem me levado à audiência com o governador.

– Não teria mudado nada, querida.

– Mas pelo menos eu saberia que tinha feito uma tentativa.

– Tentativas não nos fazem sentir melhor – disse ele, surpreendendo-a. – Talvez até nos façam sentir pior. Não consigo parar de pensar em coisas que devíamos ter dito... – acrescentou, balançando a cabeça devagar, com uma

expressão de arrependimento no rosto. – Fique feliz por não ter ido, por não sentir que fracassou.

– Ah, vovô! Você não fracassou. Você não teve chance!

Lamentando ter abordado aquele assunto, ela murmurou um boa-noite e entrou no banheiro. Debaixo da água quente, seus pensamentos se desviaram dos problemas familiares. Contra sua vontade, Jody ficou imaginando como seria ter a casa apedrejada enquanto os policiais dispersavam os agressores. Ficou pensando se ia dar aulas para alguns daqueles garotos. Se estivessem nas suas turmas, eles provavelmente presumiriam que ela aprovava aquelas ações e que talvez até os visse como heróis. Mas eles estavam enganados.

Antes que Jody se deitasse, sua avó foi até seu quarto. Os cabelos molhados por causa do banho recém-tomado faziam com que Annabelle aparentasse ser mais jovem do que realmente era. Ela usava um belo robe azul sobre a camisola e o perfume de seu sabonete lembrou a Jody as noites de sua infância, quando a avó se deitava ao seu lado e juntas liam um livro até uma delas cair no sono.

– Posso entrar?

– Claro! – respondeu Jody, batendo com a mão no colchão. – Sente-se aqui comigo.

Annabelle obedeceu.

– Querida, quero pedir uma coisa que talvez seja difícil para você – disse ela, fazendo uma pausa antes de falar algo inesperado. – Não tenha raiva do filho de Billy Crosby.

– O quê?

– Todo mundo parece estar com raiva de Collin, mas esses anos também não foram fáceis para ele. Só consigo pensar naquele menininho que fazia o dever de casa na mercearia enquanto a mãe trabalhava. Ele provavelmente ama o pai e sentiu tanta falta dele quanto você sente do seu.

Jody se lembrou do que havia visto e ouvido do lado de fora do Bailey.

– Não sei, vovó – disse ela com certo ceticismo.

Annabelle prosseguiu, sem perceber a dúvida na voz da neta:

– É natural que ele queira tirar o pai da prisão. Acho que só podemos admirar a garra de Collin para ajudar Billy.

Annabelle admirava pessoas determinadas.

– Você é muito generosa, vovó.

– Não, eu apenas sei que os filhos querem acreditar nos pais.

– Nesse caso, preciso perguntar uma coisa.

– Tudo bem.

– Agora há pouco tio Chase disse que minha mãe era mimada, convencida e perversa. Isso é verdade? Ela era assim?

– Ah, querida! – disse Annabelle, segurando uma das mãos da neta. – Lamento que Chase tenha dito isso a você. Ela só era muito jovem.

– Então é verdade, não é? Você não desmentiu.

A avó suspirou.

– Laurie talvez fosse um pouquinho egoísta, mas ela cuidava bem de você e seu pai a amava muito.

– E eu?

– Se você a amava? Claro que sim! Você adorava seus pais.

Foi a vez de Jody dar um longo suspiro.

– Tudo bem. Fico feliz.

Annabelle abraçou a neta e beijou seus cabelos.

– Você vai conseguir dormir?

– Só vou conseguir dormir bem quando aquele homem tiver ido embora de Rose.

Annabelle se levantou da cama, mas logo se virou para Jody:

– Sabe, raramente ouço rádio quando estou dirigindo, mas hoje por algum motivo eu o liguei. Estava tocando uma música que eu nunca tinha escutado e era como se uma jovem mãe cantasse para o filho. Esqueci a letra, mas tinha algo a ver com cuidar dele. Quando ouvi aquilo, parei no acostamento porque não enxergava mais nada por causa das lágrimas. Devo ter chorado durante meia hora antes de voltar a dirigir.

– Ah, vovó...

– Eu não cuidei do seu pai – disse a avó com a voz embargada. – Até agora eu soube cuidar de você. Quero que isso continue assim.

Annabelle saiu do quarto antes que Jody pudesse se levantar para abraçá-la. A neta a viu atravessar o corredor em direção ao quarto e fechar a porta. As lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto até ela ser obrigada a abafar os soluços com o travesseiro. Jody não sabia ao certo por quem estava chorando: pela avó, pelos pais mortos, por si mesma ou por todas as pessoas cujas vidas haviam mudado na violenta noite de setembro de 1986.

A TRISTEZA DE JODY e seu medo de sonhar com coisas desagradáveis não a deixavam dormir. Por volta da meia-noite, ela jogou as cobertas no chão e se levantou, sentindo que tinha de sair dali. Não queria preocupar os avós nem irritar os tios, mas precisava ir para sua própria casa, onde tinha seu quarto e sua cama. O fato de haver policiais nas extremidades do quarteirão de Billy Crosby lhe dava uma sensação de segurança.

A vontade de ir embora era tão grande que ela chegou a ficar assustada. Ela não tinha ideia de quanto estava apegada à casa de seus pais. Ao mesmo tempo, sentia uma ponta de preocupação, imaginando se não ficaria assustada dentro daquela mansão. Pensou por alguns segundos e se convenceu de que nada poderia demovê-la de sua decisão.

Escreveu um bilhete e o prendeu na porta do quarto. “Não se preocupem comigo. Estou sem sono. Fui dar uma volta.” Não era uma atitude tão irresponsável quanto podia parecer para alguém de fora. Na família Linder, “dar uma volta” a qualquer hora do dia ou da noite, de carro, a cavalo ou até de trator, era uma antiga e respeitada tradição que significava que a pessoa não estava bem.

Não havia problema algum em sair no meio da noite quando não se conseguia dormir por causa de lembranças dolorosas. Annabelle era

conhecida por andar a cavalo às três da madrugada com o animal praticamente dormindo. Hugh Senior costumava assustar os coiotes com os faróis de sua picape. Quando vinham visitar a família, os tios de Jody iam até o Bailey tarde da noite sem ter hora para voltar.

O celular da jovem estava funcionando perfeitamente, portanto seus familiares podiam achá-la a qualquer momento. Enquanto atravessava correndo a cozinha, Jody pegou alguns pães que haviam sobrado do jantar e uma garrafa de água. Depois se esgueirou para fora da casa, onde os únicos sons audíveis eram o tique-taque do relógio e o ronco de um de seus tios. O quintal estava tão silencioso que ela podia ouvir um caminhão passando pela estrada.

Três dos cachorros da fazenda correram em silêncio até ela. Jody partiu um dos pães e o dividiu entre eles, deixando que os animais pegassem os pedaços na palma de sua mão. Com um suspiro, deu o segundo e último pedaço a eles.

Preocupada com o barulho do carro, ela desceu a ligeira inclinação do terreno em ponto morto e deu a partida quando estava distante da casa. Ligou o rádio enquanto dirigia rumo à cidade. A voz de Johnny Cash, o cantor favorito de seu pai, inundou a cabine do veículo. Jody abaixou as janelas para que o som também pudesse ser ouvido pelas vacas. Pensou que seu pai talvez torcesse o nariz para aquela música que Cash cantava, uma regravação de “Hurt”, do grupo de rock Nine Inch Nails. A emoção e a sinceridade que o cantor despejava em cada uma daquelas estrofes eram suficientes para partir o coração de qualquer um. Em alguns minutos os alto-falantes da picape liberavam novamente a voz de Cash, dessa vez em uma nova versão de “Personal Jesus”, do conjunto inglês Depeche Mode.

Se não gostasse daquelas músicas, ao menos seu pai gostaria da voz do cantor.

– É, pai, os tempos mudam – murmurou ela, lembrando com carinho dele.

Jody deixou que o ar fresco da noite entrasse na picape enquanto a música saía pelas janelas. Passou diante da residência de Red Bosch e de sua

garagem deixada aberta para o cachorro. Desejou ir para a cama com ele, mas a vontade foi diminuindo à medida que a casa ia ficando menor no retrovisor.

Ela não tinha medo de dirigir sozinha pela estrada à noite. Espaços abertos não eram problema para Jody, que sentia necessidade daquela vastidão para respirar. Assim como algumas pessoas precisavam de oceanos ou montanhas, para ela era imprescindível estar em contato com aquelas planícies.

De qualquer maneira, ela sabia que não havia motivo para ter medo naquela noite. Billy Crosby estava em casa com a polícia à sua porta para garantir que ele não saísse. Quanto a Jody, ela confiava em seu veículo grande e possante e em seu celular com a bateria carregada. Além disso, ela conhecia pessoas em cada uma das ruas de Rose. Aquele era seu território, o que lhe dava a mesma sensação de conforto que ela sentia ao montar na sela de seu cavalo. Para Jody, aquela noite tinha o cheiro de terra recém-cultivada e de plantas crescendo.

Era quase meia-noite quando ela chegou a Rose. A cidade estava quase às escuras, pois a prefeitura não podia mais se dar ao luxo de manter as luzes das ruas acesas durante a noite inteira. “Veja o lado bom. Pelo menos não seremos alvo de um ataque aéreo”, era a triste piada que os moradores contavam. Nenhum piloto conseguiria enxergar a cidade em meio à enorme escuridão. A bem da verdade, Rose já havia sido arrasada pela economia.

– Quer ganhar dinheiro? – brincavam os engraçadinhos sobre a situação de cidades do interior como Rose. – Então venda tapumes para os comerciantes que estão fechando suas lojas.

Surpreendentemente, o museu de Belle era um dos poucos negócios que prosperavam no condado, um fato que “só evidenciava como as coisas estão indo mal por aqui”, Chase não parava de repetir. Mas Rose ainda contava com uma escola, onde Jody iria começar a trabalhar a partir de agosto.

Ela pensava nisso enquanto dirigia devagar pela rua de Billy Crosby. Viu que uma viatura da polícia estava parada em uma das esquinas e que outro

carro se posicionava na outra extremidade, exatamente como o xerife dissera ao seu avô.

Emparelhou com um dos veículos e falou com o policial:

– Oi, Ray.

Era um velho amigo de Meryl.

– Jody? O que você está fazendo na rua a esta hora?

– Só queria conferir se você estava fazendo seu trabalho.

Sorriu para que ele entendesse que se tratava de uma brincadeira. Jody não sabia o que o xerife havia dito aos seus homens sobre a tensa conversa que tivera com os Linder naquela noite.

– Dispersamos o pessoal faz tempo.

– Fico feliz.

Ele a encarou com um olhar de curiosidade.

– Achei que você não estivesse preocupada com isso.

– Eu me preocupo com o que acontece a três quarteirões da minha casa. E não quero que ninguém se machuque nem seja preso por causa de Billy.

– Não vamos prender ninguém, pode ficar tranquila.

Jody levantou o queixo na direção da casa do vaqueiro.

– E quanto aos fundos da residência? – perguntou ela.

– O que é que tem?

– O beco que fica nos fundos. Não é meio vulnerável?

Ray olhou naquela direção.

– Se ele estiver nervoso, que fique acordado vigiando – disse o policial com uma ponta de mau humor. – Assim como eu estou fazendo – acrescentou.

– E esta cidadã aqui lhe dá os parabéns por isso, Ray.

O policial relaxou e sorriu para Jody.

– E essa cidadã por acaso tem café fresco?

– Não, mas aposto que ela pode arrumar.

– Não, eu estava só brincando. Vá para casa, Jody. Vai ser uma noite tranquila em Rose, perfeita para dormir.

Ela se despediu e foi até sua casa. Estacionou a picape nos fundos e começou a caminhar até o Restaurante Bailey. Desde o jantar ela sentia necessidade de conversar sobre sua família com alguém.

Jody entrou naquele ambiente escuro pela segunda vez em menos de 24 horas. O volume da música continuava no máximo e a mesa de sinuca estava cheia de homens à sua volta. Bailey já tinha encerrado o expediente na cozinha, portanto havia poucos clientes no lugar. Jody se sentou novamente em uma das banquetas do balcão. Quando o dono do estabelecimento se aproximou, ela disse:

– Deixei meu carro em casa e vim andando até aqui. Você pode me servir aquela cerveja agora?

– Com uma fatia de limão, como sua mãe pedia?

Bailey havia dito aquilo antes, então ela resolveu aceitar.

– Sim.

O homem deu um leve sorriso e Jody percebeu que ele estava cansado ao se abaixar para pegar a cerveja na geladeira embaixo do balcão. Talvez o que ela ia lhe perguntar o animasse um pouco.

– Bailey, eu nunca o confundiria com um padre.

Ele pegou um copo em uma prateleira e tirou uma fatia de limão da geladeira.

– É bom saber.

– E, pelo que sei, você não é advogado nem psiquiatra.

– Aonde você quer chegar? – perguntou ele, abrindo a garrafa da bebida.

Ele a observou pegar o copo, incliná-lo e despejar a cerveja. Em seguida ela passou a fatia de limão na borda, jogou-a dentro do copo e tomou um gole. Então, disse:

– Estava pensando em você.

Tomou outro gole na esperança de que aquilo a relaxasse. O copo estava bastante gelado e a cerveja tinha um sabor doce e amargo.

– Fiquei pensando que venho aqui desde pequena e nunca ouvi você fazer fofoca sobre ninguém.

Bailey olhava para ela com uma expressão impassível, mas Jody conseguia enxergar uma ponta de orgulho em seus olhos.

– O que me faz acreditar – continuou ela após limpar os lábios com um guardanapo – que posso perguntar algo que vai ficar só entre nós.

Ele franziu a testa.

– Don Phelps foi à fazenda agora à noite – falou Jody. – Minha família disse que tudo que está acontecendo agora é resultado de uma investigação desonesta por parte dele – prosseguiu e, ao ver que Bailey não dizia nada, o pressionou um pouco: – Então o que você acha disso?

O proprietário do restaurante deu de ombros.

– Acho que ele conduziu uma investigação desonesta.

– Que droga – ela deixou escapar e tomou outro gole. – Você acha mesmo?

– Bem, acho. Não foi o que o governador disse?

– Acho que foi, mas...

– Você *acha*? Mas foi o que *ele* disse! E, por mais que eu respeite seu avô e sua família, acho que eles tiveram muita petulância de acusar Don Phelps de tudo que está acontecendo.

Parecia que Bailey não ia parar de falar, mas Jody reuniu coragem e perguntou:

– Por quê, Bailey?

Ele suspirou e se apoiou no balcão com as mãos bem abertas.

– Ouça, seu avô é o maior proprietário de terras de Henderson, certo? Todo mundo acha que ele tem um tesouro enterrado no jardim. Ninguém é mais respeitado do que ele e Annabelle. Eles são os mais ricos, portanto são os mais poderosos e influentes, certo? Você sabe que isso é verdade. Só que certa noite o filho mais velho deles, que por acaso era um rapaz de quem todo mundo gostava, é assassinado e aquelas pessoas poderosas e influentes acusam Billy Crosby. Elas *acreditam* que foi ele, têm *certeza* de que foi ele. Não estão mentindo. Realmente acreditam e esperam que ele seja preso, julgado e condenado.

Bailey respirou fundo e se afastou alguns centímetros do balcão, mas voltou a se aproximar a ponto de Jody perceber os cabelinhos brancos que saíam de seu nariz. Ele apoiou o antebraço gordo na borda de metal, dando as costas para dois clientes que queriam pedir mais cerveja.

– Digamos que você fosse o xerife deste condado, no qual os Linder são uma espécie de realeza. E você é um sujeito comum, um cara que foi eleito xerife porque sempre quis ligar uma sirene e dirigir um carro em alta velocidade. Você não sabe absolutamente nada sobre investigação de homicídios. Se você fosse esse homem, o que faria?

– Acharia e prenderia Billy Crosby – respondeu ela com relutância.

– Perderia tempo investigando outra pessoa?

– Acho que não.

– Você não pode achar, Jody. É sim ou não! Você daria ouvidos a alguém que dissesse que outra pessoa poderia ter cometido aquele crime?

Ela demorou a responder. Então o próprio Bailey disse:

– Não daria, acredite em mim!

– Está dizendo que meu avô ou algum parente meu disse ao xerife que ignorasse as outras provas? – perguntou ela.

– Não, não estou dizendo isso, Jody. Não sei se eles fizeram isso ou não, mas, conhecendo seus avós, acho que não fizeram. Mas eu sei que nem seria necessário. Don Phelps talvez não seja um gênio, mas também não é burro. Havia um clima, uma pressa em julgar, e ele fez o que podia fazer.

O proprietário do restaurante fez uma rápida pausa para coçar o nariz e depois continuou:

– Mas vou lhe dizer uma coisa: na minha opinião, é bom que Don tenha feito isso. Se ele não tivesse levado Billy para a cadeia naquela manhã, coisas piores teriam acontecido em Rose. As pessoas arrastariam Billy para fora de casa e o espancariam até a morte. Portanto, não culpo Don pelo que ele fez e acho que sua família também não deveria culpá-lo, porque foram eles que armaram aquela situação para ele.

– Armaram? – perguntou Jody, chocada com aquela palavra. – Bailey, você está dizendo que eles agiram de propósito?

– Não. Muito provavelmente eles agiram movidos por uma dor profunda. Eles achavam que tinham razão, porém o resultado foi o mesmo.

– Ou seja, o homem errado foi para a prisão?

Bailey deu de ombros novamente.

– Eu acho que Billy Crosby devia ir para a cadeia.

Jody, que abaixou a cabeça para esconder suas emoções, tomou um gole da cerveja amarga. Quando levantou o rosto, ela disse:

– Existe uma falha na sua lógica, Bailey.

– Qual?

– Se não foi Billy quem matou meu pai, então foi outra pessoa mais perigosa do que ele.

– Foram aqueles estranhos que seu pai parou na estrada no dia anterior.

– Então nunca os pegaremos nem saberemos se foram eles?

Pela primeira vez os olhos daquele homem mostraram simpatia.

– Provavelmente não, Jody. Talvez seja melhor você aceitar esse fato – disse Bailey, puxando pelos braços a garçonete, que se esgueirava por trás dele para pegar algumas garrafas. – Sylvia pode explicar o que quero dizer.

A garçonete, mais velha do que o proprietário do restaurante, perguntou:

– Explicar o quê?

– Fale daquele dia em que você estava na padaria.

– Ah, querida – disse ela olhando para Jody –, tem certeza de que quer ouvir essa história?

– Ela quer – insistiu Bailey antes que Jody pudesse dizer qualquer coisa.

Sylvia, que tinha cabelos grisalhos mas ainda estava em forma, encostou-se no balcão e começou a falar:

– Eu trabalhava como garçonete na padaria. Você se lembra de mim?

Jody balançou a cabeça. Na sua mente, Sylvia estava ligada apenas ao Bailey.

– Bem, eu trabalhava naquele sábado quando o coitado do Sam Carpenter entrou correndo. Ele gritava sem parar: “Onde está Hugh Linder? Onde está Hugh Linder?” Em seguida disse que Billy Crosby tinha matado seu pai.

– E como as pessoas reagiram? – Bailey a instigou.

– Ué, ficaram chocadas! – respondeu Sylvia, levantando as mãos com uma expressão de surpresa. – As pessoas choravam e gritavam. Nossa vontade era ir atrás daquele canalha e linchá-lo.

– Viu? É o que eu estava dizendo – interrompeu Bailey, liberando Sylvia para voltar ao trabalho. – Ainda bem que Don Phelps agiu daquela maneira. Se ele é responsável por ter mandado o homem errado para a prisão, então nós somos também, pois ninguém sugeriu que talvez estivéssemos cometendo um erro. Eu contribuí dizendo que Billy estava bêbado. Todo mundo concordou com a prisão dele, pois acreditávamos que havia sido Billy. Ninguém se importava com ele, além de não quisermos nos indispor com seus avós.

Bailey se afastou para atender uns clientes. Jody aproveitou para tomar metade da cerveja e percebeu que não queria beber mais. Ela estava bastante desorientada com os acontecimentos daquele dia. Quando Bailey voltou, ela disse:

– Mas por que minha família foi tão dura com o xerife?

Era impossível não perceber o olhar de compreensão dele.

– Ah, minha jovem, pense bem. Pense no seu avô e no tipo de pessoa que ele é. Como ele vai se perdoar se admitir que mandou o homem errado para a prisão? – ponderou Bailey, pegando um pano úmido e começando a limpar o balcão em volta do copo dela. – Quando você não quer enxergar seus próprios erros, é mais fácil encontrar um bode expiatório.

Jody ficou em silêncio, esforçando-se para manter suas emoções sob controle. Então disse:

– Obrigada por ser tão franco comigo, Bailey.

Ele deu de ombros.

– É assim que devemos ser na maior parte do tempo.

Suas últimas palavras antes de Jody partir soaram como um alerta:

– Cuidado com Billy. Quer tenha sido ele ou não, isso não o torna menos perigoso. Ele não valia grande coisa ao ir para a cadeia. Agora, então, ele está pior ainda. Ele veio aqui hoje e acho que você não gostaria de encontrá-lo a uma hora destas.

– Não se preocupe, Bailey. Não vai acontecer nada comigo – disse ela, pagando a cerveja.

Era uma hora da manhã quando Jody pisou na calçada em que na tarde anterior ela dera de cara com o homem que durante toda a sua vida ela tinha acreditado que fora o assassino de seu pai e talvez de sua mãe. A jovem deu um suspiro profundo, sentindo-se sufocada pelas palavras que escutara dentro do restaurante. Será que sua família havia mandado o homem certo para a prisão?

Era impossível associar a palavra “inocente” a Billy Crosby, então ela se contentou com a frase de Byron George: “Ele não é culpado.” Será que os Linder levaram embora o marido de Valentine e pai de Collin e o trancafiaram por 23 anos dentro de uma prisão de segurança máxima porque ligaram os pontos de várias provas circunstanciais e as usaram conforme sua vontade?

A hipótese era tão assustadora que Jody se sentiu enjoada. Olhou para cima e viu a lua brilhar em um céu azul-escuro sem nuvens. Enxergou as constelações da Ursa Maior e de Órion. O ar de junho estava fresco na medida certa, já que era possível andar na rua sem casaco. Ela percebeu que ainda usava a velha echarpe. Será que ela havia tomado banho com aquilo? Jody riu. Desamarrou a faixa da cabeça e a olhou por uns segundos. *A quem você pertenceu?* De qualquer maneira, não era de sua mãe. Jody a jogou na lata de lixo da calçada e ajeitou os cabelos com os dedos.

Nunca vou saber o que aconteceu com ela. Aquele pensamento tinha a intensidade de uma punhalada no coração. *Preciso me conformar.* Os saltos de suas botas batendo na calçada era o único som que ela ouvia, sem falar de alguns caminhões que esporadicamente passavam pela estrada ao longe, da música que escapava por baixo de alguma porta e do crocitar intermitente de uma coruja. Jody enfiou as mãos nos bolsos da calça e arqueou os ombros como se estivesse se protegendo de um vento frio.

No último quarteirão do centro, ela olhou para a direita e viu outra viatura próxima à quadra onde ficava a residência de Billy Crosby. Como

não queria voltar para casa, Jody traçou uma diagonal naquela direção. Atravessou alguns jardins para se aproximar do quarteirão de Crosby. Quando estava diante da casa dele, sentou-se no meio-fio, onde nenhum dos policiais poderia vê-la. Não sabia ao certo por que tinha ido até ali, talvez fosse uma necessidade de olhar sem medo para a casa de um homem contra o qual sua própria família talvez tivesse cometido um grande erro.

A residência de Billy estava completamente escura, sem uma única luz da varanda acesa. A rua, o quarteirão e a cidade eram um breu só, por causa da noite e dos cortes no orçamento municipal. Rose era uma cidade que ia para a cama cedo. Pouquíssimas casas, e nenhuma delas naquele lado da quadra, tinham luzes acesas em seu interior, embora algumas varandas estivessem iluminadas. A escuridão era tamanha que Jody achou que poderia se sentar no meio da rua sem que os policiais a enxergassem.

Ela deduziu que as luzes na casa de Billy estivessem apagadas porque a família não queria chamar atenção, especialmente depois dos problemas enfrentados naquela noite. *Como será que é lá dentro, ela pensou. Será que eles estão dormindo? Como será para Valentine ter o marido em casa depois de 20 anos? Billy tem um sono pesado ou se mexe muito? Será que Collin...*

Com um sobressalto, Jody percebeu que não era a única pessoa na calçada. Seu coração pulou dentro do peito ao notar que aquilo que ela havia confundido com uma sombra era um homem sentado no meio-fio com os joelhos afastados e as mãos penduradas entre eles.

Jody teve a sensação de que o vulto a observava. Collin Crosby então ficou em pé, usando as mãos para se levantar, e caminhou até ela. O rapaz usava calções de basquete, uma camiseta larga sem mangas, tênis de cano alto e meias abaixadas até os tornozelos. Parecia que ele havia acabado de jogar uma partida de basquete, mas ela achou improvável, já que o rapaz não tinha nenhum amigo em Rose.

Jody permaneceu sentada, esperando que ele desse meia-volta e fosse embora. Mas o rapaz continuou se aproximando, falando alguma coisa em voz baixa.

– Está tudo bem? – perguntou Collin Crosby, como se ele fosse o homem mais sensato do universo e não alguém cuja casa tinha sido apedrejada naquela mesma noite.

Ela viu o momento em que o rapaz reconheceu quem estava sentado ali no escuro.

– Ah... – balbuciou ele, parando a cerca de dois metros dela. – Eu não sabia que era você – acrescentou, pigarreando. – O que está fazendo aqui, Jody?

Ela tentou articular uma resposta:

– É... Estou tentando entender as coisas.

– Que coisas?

– Se seu pai matou o meu ou não.

Collin levantou as sobrancelhas.

– Eu não sabia que você tinha dúvidas. Não foi o que pareceu ontem à tarde.

– Eu não tinha. Mas o governador disse que eu deveria ter. Red Bosch falou o mesmo. Segundo ele, seu pai estava muito bêbado, o que foi confirmado por Bailey. Mas é difícil acreditar nisso porque cresci odiando seu pai e com medo dele.

– Eu também.

– O quê? – perguntou Jody, levantando-se surpresa e limpando a calça. – O que você disse, Collin?

Ele virou a cabeça e olhou na direção da viatura de Ray, que estava parada na extremidade da quadra. Voltando-se para Jody, falou:

– Billy também me dá medo, sempre me deu. Quando voltava para casa bêbado, eu ficava acordado a noite inteira para vigiá-lo.

– Por quê?

– Porque ele poderia bater na minha mãe.

– Meu Deus, Collin! Ele batia em você também?

Ele deu de ombros sem responder.

– Então por que você fez isso por ele, Collin? *Por quê?*

– Quer dizer, além do fato de não devermos condenar pessoas a menos que elas sejam culpadas dos crimes dos quais foram acusadas?

– *Existe* algo além disso?

– Existe, sim.

O rosto de Collin parecia triste e ele a olhou com uma expressão curiosa, como se tentasse prever como ela reagiria ao que ele iria dizer.

– Eu sempre soube que não foi ele, Jody. A noite em que seu pai morreu foi uma daquelas noites que passei acordado, vigiando Billy.

O coração de Jody pulava dentro do peito. Ela percebeu que Collin chamava o pai pelo nome, como se evitasse usar a palavra “pai”.

– Naquela noite ele desmaiou no sofá e eu o fiquei vigiando do corredor. Quando ele se levantou para ir ao banheiro, eu o segui, como já havia feito várias outras vezes. Ele foi até o quintal e deitou na rede. Achei que ele fosse cair no chão. Se ele tivesse caído, eu não o teria ajudado. Mas ele deitou e começou a roncar. Eu me sentei na varanda dos fundos e o vigiei até o sol raiar. Em nenhum momento ele saiu de lá, Jody. Billy não foi a lugar algum. Ele não foi à sua casa nem atacou seus pais. Eu sempre soube disso porque fiquei de olho nele a noite inteira.

Jody nunca sentira tantos calafrios em sua vida.

– Quantos anos você tinha? Sete? Talvez você tenha dormido sem perceber.

– Não, eu não dormi. Eu me sentia responsável pela vida da minha mãe. Não podia pegar no sono.

Ela estava tão confusa e desorientada que não conseguia falar. Sua voz saiu como se tivesse passado por um triturador.

– Por que você não disse nada...

– Eu disse, mas ninguém acreditou em mim, só minha mãe e Red. Eu e minha mãe procuramos o xerife e ele fez um sermão dizendo que ela não devia obrigar o filho a mentir. Foi horrível.

Um arrepio fez com que ele sacudisse os ombros e desviasse o olhar para onde estava a outra viatura policial.

– Depois disso, ela não quis que eu contasse para mais ninguém – prosseguiu Collin, virando-se para Jody. – As pessoas se perguntam por que ela continuou casada com meu pai, não é?

Ela anuiu com a cabeça.

– Você sabia que as pessoas acham que ela está saindo com Byron George, da mercearia? – Ele bufou. – É tudo imaginação daquele homem. Para minha mãe, ele é apenas o patrão dela.

– Por que sua mãe continuou com seu pai, Collin?

– Porque ela o amava e sabe que ele não matou ninguém. Ela se sente culpada e sempre achou que ele fosse mudar – disse ele, balançando a cabeça. – Ele nunca vai mudar. É o que ela está vendo agora. Os dois já andaram brigando. Minha mãe se recusou a deixá-lo entrar no quarto hoje e eu acho que ele a teria agredido se eu não estivesse perto.

Jody levou as mãos até a boca.

– Ironia do destino, não é? – disse Collin em tom amargurado.

Ela queria se aproximar dele, segurar suas mãos para consolá-lo, mas desistiu da ideia. Preferiu escutar o que ele ainda tinha a dizer.

– Ele está dormindo na rede novamente, como costumava fazer. Só que desta vez ele sequer tem a desculpa da bebedeira. Não conseguimos evitar que Billy tomasse umas cervejas no Bailey, mas me recusei a comprar outras para ele beber em casa. Agora ele não passa de um filho da mãe sóbrio. *Você* viu ontem como ele é. Assim que minha mãe autorizar, vou expulsá-lo daqui. Acho que vai ser logo de manhã.

Jody engoliu em seco.

– Então você achou que tinha de tirá-lo da prisão porque...

– Porque senão eu passaria o resto da vida com a *certeza* de que meu pai havia sido condenado por engano e que eu não tinha feito nada a respeito. E porque minha mãe também saberia.

– Você me lembra meu avô.

Ele olhou para ela com desconfiança.

– Por quê?

– Você e ele têm princípios. Mas isso às vezes magoa as pessoas.

Collin ficou surpreso com aquela resposta, mas disse:

– Sinto muito se a magoei hoje.

– Não faz diferença... – disse ela com um riso amargo. Mas ficou envergonhada pelo tom de autocomiseração.

Jody abaixou a cabeça para não precisar encará-lo. Embora tenha visto os pés de Collin recuando alguns centímetros, ela ficou surpresa ao sentir o calor do corpo dele bem próximo. O terreno era inclinado e Jody estava um pouco mais alta do que ele, fazendo com que seus rostos não ficassem na mesma altura. De alguma maneira, a gravidade a empurrou para perto de Collin e a neta dos Linder se viu encostada no filho de Billy Crosby.

Os dois se abraçaram e ele encostou o queixo no alto da cabeça de Jody, enquanto ela sentia o perfume de sua pele. Ficaram naquela posição por alguns minutos, sem dizer nada, como se aquela fosse a única oportunidade que eles teriam de se abraçar. Houve um momento em que Jody achou que Collin tivesse beijado seus cabelos. Ela estremeceu e se agarrou ainda mais ao corpo dele, sentindo-se mais segura do que nunca e desejando retribuir aquele sentimento profundo.

Aquela sensação era tão maravilhosa que ela teve vontade de chorar. Jody olhou mais uma vez para o rosto de Collin e então os dois se afastaram. Ela se virou e começou a andar. Não ouviu o rapaz fazer o mesmo, concluindo que ele a observava. Não querendo abandoná-lo, Jody se virou novamente para ver se Collin ainda estava lá e então percebeu a expressão de horror em seu rosto, que espelhava o dela, ao ouvirem o som de um tiro que vinha da casa de Billy Crosby. Aquele estampido não foi acompanhado por nenhum outro barulho ou grito. Apenas um único disparo que atravessou a noite como se tivesse rompido a barreira do som.

Os dois começaram a correr em direção à casa até que Collin se virou e disse:

– Não, por favor! Fique aqui. Não quero me preocupar com você. – E acrescentou: – Sempre a amei, Jody.

Atordoada por aquela última frase e pelo disparo, ela parou e se escondeu ao lado do carro, observando Collin Crosby correr para casa, com suas

pernas compridas avançando sobre a calçada, a rua e o quintal mais rapidamente do que as viaturas. Jody sentiu um aperto no coração quando o rapaz abriu a porta e desapareceu lá dentro, rezando pela segurança dele. Em seguida viu Ray e o outro oficial pararem os carros no meio da rua, as luzes se acendendo nas casas vizinhas, os dois policiais avançando com cuidado com as armas em punho.

Collin então saiu novamente da casa. Jody se levantou. O rapaz passou correndo pelos policiais como se eles não existissem.

– Há alguém ferido? – gritou Ray. – O que está acontecendo lá dentro?

Sem responder, ele foi até Jody e a encarou. Ela perguntou com a voz trêmula:

– Seu pai...

– Não foi Billy – Collin a interrompeu, o rosto devastado pela emoção. – Foi minha mãe.

Chocada para dizer qualquer coisa, Jody apenas olhou para ele.

– Ele a matou com um tiro à queima-roupa no rosto. Pegou o carro dela e foi embora.

– Mas não vi carro nenhum... – gaguejou ela.

– O carro dela estava parado nos fundos.

O rapaz levou as duas mãos ao rosto e começou a chorar.

– A culpa é minha, Jody. Eu devia tê-lo deixado lá.

Jody estendeu os braços para segurar os ombros trêmulos de Collin, mas ele se afastou sem olhar para trás e andou até os policiais, que ainda estavam com as armas apontadas para a frente, sem saber que Billy Crosby continuava vivo após matar a esposa, que tinha esperado o marido todos aqueles anos em vão.

Em choque, Jody observou a cena por mais alguns minutos até se dar conta de que sua presença ali era inútil. Deu meia-volta e começou a andar em direção à sua casa. Sua vontade era correr, fugir, ir para o mais longe possível de Rose com Collin ao seu lado. Contudo, resignou-se a entrar na velha picape, voltar à fazenda e contar tudo à sua família antes que ela soubesse por meio de outra pessoa.

NÃO PASSAVA DAS DUAS da madrugada. Jody dirigia a picape em alta velocidade. Aproveitando que todos os policiais tinham coisas mais importantes a fazer do que persegui-la, naquele momento ela ignorava todos os limites de velocidade. Os faróis altos iluminavam cercas, vacas adormecidas, brotos de soja e girassóis que ficavam para trás em um piscar de olhos enquanto ela voava pelas curvas e retas com uma destreza decorrente da familiaridade com aquela estrada, o que era fundamental, pois ao se aproximar do portão da fazenda ela já não se lembrava de como havia chegado até ali. O trajeto se resumia a um borrão em sua mente.

Jody se recordava apenas do rosto de Collin ao falar da mãe, de seus braços fortes, de sua tristeza e de sua declaração de amor. Tentou se lembrar da aparência de Valentine no dia anterior, mas havia uma lacuna em sua mente. Jody se recordava apenas de Billy e seu filho. Sentiu-se triste e culpada ao perceber que tinha ignorado uma mulher que ela nunca veria novamente. Se tivesse o dom de voltar no tempo, entraria naquela casa e puxaria Valentine pelos braços: “Fuja daqui! Fuja daqui agora!”

Ao cruzar o portão da fazenda, Jody passou voando pela casa de Red Bosch. Percebeu que a porta da garagem estava totalmente abaixada e ficou surpresa. Como não era sua a picape ali escondida, só podia ser a de outra mulher. *Ele não perdeu tempo*, ela pensou ao deixar a casa do vaqueiro para trás.

Red parecia ter entendido o recado e seguido adiante. Jody sentiu alívio por aquele relacionamento ter acabado de maneira tranquila. Afinal, toda a sua tristeza estava direcionada para Valentine. Esperava que Red e sua nova amiga dormissem até mais tarde para postergar o momento da descoberta.

Jody tinha esperança de achar os avós e os tios acordados e já sabendo da notícia, mas encontrou o avô sozinho na cozinha, iluminado apenas pela chama do fogão. Ele estava tateando as sombras e acabou derrubando o pó

de café na pia. O primeiro instinto da jovem foi contar a novidade, mas ela se segurou.

– Pode deixar, vovô – disse ela, acendendo a luz e correndo até ele. – Eu cuido disso.

Hugh Senior piscou devido à claridade repentina e sorriu para a neta.

– Meu café é melhor do que o seu.

– Por que todo mundo diz isso?

– Porque é verdade?

– Bem, pelo menos não sou tão bagunceira.

Ele riu, virou-se e foi sentar-se à mesa da cozinha.

Ele ainda não está sabendo de nada, ela pensou, observando-o pelas costas.

– O que você está fazendo de pé a esta hora, vovô?

– Não estava conseguindo dormir. Mas e você? Por que está entrando de mansinho pela porta dos fundos?

– Não viu meu recado?

Ela se virou e tentou sorrir para ele, mas Jody ficou com o coração apertado ao ver os movimentos lentos do avô. Era um homem grande, porém seu corpo não fora concebido para vários anos de trabalho pesado. Se Hugh Senior ainda não soubesse dos últimos acontecimentos, Jody iria contá-los depois, para não estragar o resto da noite do avô. Além disso, ela teria mais tempo de se acalmar e dizer as coisas da maneira que ele gostava que a neta fizesse.

– Você está se sentindo bem, vovô?

Ele se jogou em uma cadeira e pôs o braço sobre a mesa como se precisasse do apoio de uma superfície firme.

– Estou bem. São apenas as dores e os incômodos de sempre. Mas tudo melhora quando o sol nasce. Sou como um cachorro velho, preciso do calor do sol para seguir adiante. Você foi inteligente em estudar para ser professora, e não uma fazendeira como o resto de nós.

– Sempre serei uma vaqueira, vovô.

– Está no seu sangue. Só não deixe que isso acabe com sua saúde.

Ela levantou a perna que havia fraturado anos antes, quando levou um tombo de um cavalo.

– Tarde demais.

Ele riu, então suspirou e se recostou na cadeira, fazendo-a ranger.

– Alguém mais está acordado? – perguntou ela, continuando a conversa.

– Eles já se levantaram e saíram.

Ela olhou para o avô.

– Chase e Bobby?

– Eles foram para casa.

– No meio da noite?

– Há pouco mais de uma hora. Eu me levantei para tomar café com eles.

– Então eles também estavam sem sono? – perguntou ela, mas o avô não respondeu. – E a vovó?

– Ela se levantou para se despedir deles, mas depois voltou para a cama.

– Eu acordei todo mundo? Será que foi porque eu saí?

– Você saiu?

Ela olhou rapidamente para o avô e viu que seus olhos azuis estavam brilhando. Assim que terminou de lavar as mãos sujas de pó de café, Jody se virou para encará-lo.

– Vovô, o senhor não está sabendo?

Ele franziu a testa.

– O quê?

– Aconteceu uma coisa em Rose meia hora atrás – disse ela, forçando-se a conter as emoções. – Uma pessoa foi morta a tiros.

Hugh Senior ficou boquiaberto e se inclinou para a frente.

– Quem?

– Valentine.

– Ah, não! – O velho homem parecia triste ao ouvir a notícia. – Que coisa horrível. Não queria ter de ouvir isso. Eles o prenderam?

– Se o prenderam?

– Aquele... – A vontade de Hugh Senior era dizer “canalha” ou “desgraçado”, mas, diante da neta, escolheu outra palavra – assassino!

- Ainda não o prenderam. Billy pegou o carro dela e fugiu.
 - Bem, acho que isso põe fim àquela conversa idiota sobre ele não ter matado seu pai.
 - Será?
 - Claro! – Ele deu um tapa que sacudiu a mesa e depois repetiu o que a filha havia dito no jantar. – Esse é o tipo de homem que ele é.
- Jody preferiu não tomar café com o avô. Serviu-lhe uma xícara e subiu até seu quarto, onde adormeceu sobre as cobertas.

JODY NÃO CONSEGUIA ACREDITAR que o relógio marcava duas e meia da tarde quando abriu os olhos. Por isso, levantou-se às pressas e correu para tomar banho. Após se vestir, desceu com a intenção de pedir desculpas por dormir até tarde. Mas o rosto de Annabelle dizia que ela estava preocupada com questões mais sérias do que uma neta preguiçosa.

Jody correu para dar um beijo no rosto da avó.

- Por que a senhora me deixou dormir até esta hora?
- Achei que você estava precisando.
- Já soube da Valentine?
- Claro. Aquela pobre criança.
- Qual? Ela ou o filho?
- Os dois.
- Já o prenderam, vovó?
- Ainda não. As pessoas estão morrendo de medo. Todo mundo está trancando as portas e pegando suas armas, agindo como se ele fosse invadir suas casas. Na minha opinião, ele já fugiu para longe daqui – disse Annabelle, olhando a neta dos pés à cabeça. – Você está com uma cara ótima. Suba e ponha umas roupas velhas, querida. Red ainda não apareceu e

estamos tentando dar conta das tarefas dele. Não faço ideia de onde aquele rapaz se meteu. Ele falou alguma coisa para você?

Deve ser alguma mulher, Jody pensou, lembrando-se da garagem fechada.

– Talvez tio Chase ou tio Bobby o tenham mandado a algum lugar e se esquecido de nos avisar.

– Foi o que eu disse a seu avô. Agora vá se trocar.

– O que vamos fazer?

– Sua tarefa favorita.

Jody suspirou enquanto se virava para subir novamente.

– Ninguém jamais chegou perto dela – comentou Annabelle enquanto trabalhava com a neta no celeiro no meio da tarde, depois de soltar os cavalos no pasto.

As duas usavam camisas de manga comprida, luvas e calças jeans presas dentro das botas de borracha próprias para limpar os estábulos, tarefa que Red geralmente executava. Na adolescência, Jody tinha aprendido o significado da palavra “teimosia” ao insistir em calçar botas de couro durante a limpeza das baias dos cavalos. O resultado foram as solas corroídas pela urina dos animais.

Continuando a falar sobre a natureza tranquila de Valentine, Annabelle acrescentou:

– Nunca ouvi falar que ela tivesse algum amigo próximo, a não ser talvez Byron, da mercearia.

– O filho era muito ligado a ela – disse Jody de maneira incisiva.

– Ah, querida – Annabelle estava triste. – Tenho certeza que sim.

As duas limpavam o esterco acumulado desde o dia anterior e forravam o chão com palha nova. Avó e neta tinham colocado os recipientes com a comida e a água no gramado, abrindo espaço para poderem trabalhar. Olhando com curiosidade para a neta antes de voltar a atenção ao seu forcado, Annabelle mergulhou os cinco dentes do instrumento no leito dos cavalos e depois jogou o esterco e a palha suja no carrinho de mão ao seu lado.

– Vovó, ele me disse que sempre odiou o pai.

Annabelle abaixou novamente o forçado.

– Ele disse isso?

Jody assentiu com a cabeça.

– Disse que precisava vigiá-lo sempre que ele bebia para ter certeza de que não machucaria Valentine. Collin falou que estava de olho no pai na noite em que tudo aconteceu e que portanto sabe que não foi Billy. Eu disse que talvez ele tenha dormido, mas ele jura que não. Red falou que Billy estava muito bêbado para ir até a casa dos meus pais. Bailey confirmou.

– Meu Deus! – Annabelle parecia assustada. – Quando você ouviu tudo isso?

– Ontem – respondeu Jody, omitindo a parte do restaurante.

– Quando Collin disse isso a você? Foi quando você o encontrou no Bailey ontem?

– Não. Mais tarde. Entre aquele encontro e o momento em que a mãe dele foi morta.

Jody percebeu que a avó a encarava.

– Fui até lá espiar a casa, vovó. Ontem à noite depois que saí daqui. Eu não tinha intenção de falar com Collin, mas ele estava na rua e veio falar comigo.

– Ele era apenas um menino.

– Red e Bailey não eram.

Nervosa, ela esperou o que a avó tinha a lhe dizer, porém Annabelle mudou de assunto.

– Sua mãe nunca faria isto aqui.

Jody não disse nada por uns segundos, mas em seguida comentou:

– Isso não me torna melhor do que ela.

– Acho que torna, sim.

A jovem encostou a pá na parede.

– Tio Chase acha que, se ela estivesse viva, seria mais sensata.

– Talvez ele tenha razão.

Annabelle parecia prestes a dizer alguma coisa, mas se calou.

– O quê?

A avó olhou para cima.

– Como assim, “o quê”?

– A senhora ia falar algo. O que era?

– Ah... – Annabelle parou de limpar a sujeira dos cavalos. – Eu ia dizer que, se fosse seu tio Bobby a falar isso, eu atribuiria isso à paixão que ele tinha por ela.

– Tio Bobby gostava da minha mãe?

– Gostava. Encontrei uma foto de Laurie no bolso de uma calça dele pouco antes de ela desaparecer, mas demorei um tempo até ligar os pontos. Acho que a dor pelo desaparecimento dela foi um dos motivos para ele se alistar no Exército. Ele estava apaixonado, algo que não acontecia com seu tio Chase. Portanto estou mais propensa a acreditar na opinião dele.

– Achei que fosse o contrário.

– Por quê?

– Porque tio Chase é muito bonito e as mulheres são doidas por ele.

– Bem, talvez seja por isso, já que ele tinha várias garotas.

– Coitado do tio Bobby.

– Mas ele não poderia ter se apaixonado pela própria cunhada! – disse Annabelle indignada, amenizando em seguida seu tom de revolta: – Acho que ele não pôde evitar. Sua mãe era realmente linda, mas... Bem, vamos voltar ao trabalho.

– O quê? A senhora fez a mesma coisa de novo. Começou a falar e parou. O que foi?

– Nada. É verdade, não era nada.

– Por favor, vovó. Por favor, fale, seja lá o que for.

Annabelle começou a tirar o cabelo do rosto, mas se lembrou de que estava com as luvas imundas e abaixou as mãos.

– Eu só ia dizer... – Ela hesitou e Jody viu que a avó não queria verbalizar aquele pensamento. – Eu ia dizer que sua mãe era tão bonita quanto desonesta.

– O quê?

– Sei que não é fácil ouvir isso e eu sinto muito, mas a verdade é que ela nos roubou, querida. Uma pequena quantia destinada a pagar as contas da fazenda. Encontramos as provas depois que ela sumiu. Tenho certeza de que seu pai sabia e estava preocupado com esse fato e com ela. Eu estava aflita pelos dois sem saber qual era a causa. Detesto imaginar que ela tenha deixado seu pai daquele jeito. Nunca a perdoei por isso. Portanto não sei se seu tio Chase tem razão. Talvez ela mudasse, amadurecesse e se tornasse uma pessoa melhor. Quero pensar que teria sido assim. E espero que você ache o mesmo.

Elas terminaram o trabalho em meio a um silêncio incômodo. A certa altura, Annabelle disse com uma voz arrependida, que também tinha um tom de acusação:

- Você queria que eu falasse.
- Fico feliz por isso. Bem, feliz talvez não seja a palavra.
- Mas você quis a verdade.

Jody assentiu com a cabeça e fingiu que era a poeira da palha que a estava fazendo tirar uma das luvas e coçar os olhos para enxugar as lágrimas. A avó, fungando como se também estivesse incomodada com a poeira, não tentou reconfortá-la, preferindo deixá-la sozinha para digerir a informação de que sua mãe, sua mimada e convencida mãe, havia cometido deslizes.

Nada mais foi dito a respeito de Collin Crosby. Jody passou o resto da tarde trabalhando e pensando nele. Balançou a cabeça, sentindo-se sozinha e triste pelo rapaz. Mas era impossível acontecer algo entre eles dois. A violência que manchava a relação entre as duas famílias os afastava. *Eu tenho de parar de pensar em Collin e ficar longe dele. Essa é a melhor maneira de ajudá-lo.*

Quatro horas depois, Jody descobriria que não era a única pessoa determinada a ajudar Collin Crosby. Quando o telefone da fazenda tocou após o jantar, ela viu o nome dele no identificador de chamadas. Atendeu correndo:

– Só um minutinho – falou Jody, atravessando a varanda e indo até o quintal com o telefone sem fio na mão. – Collin – continuou ela –, como você...

O rapaz não a deixou falar nada.

– Jody, preciso lhe dizer uma coisa que ninguém está disposto a ouvir.

O rapaz não perguntou como ela estava. Simplesmente disparou a falar como se não tivesse tempo. Jody se agarrou ao fone, desejando que Collin estivesse ali ao seu lado.

– Se você não pode falar, ouça o que tenho a dizer. Acho que não foi Billy quem matou minha mãe. Meia hora depois do crime, eu pensei: “Onde ele arrumou o revólver?” Não havia nenhuma arma na casa, no meu carro nem no carro da minha mãe.

– Ela não poderia estar escondida?

– Poderia, sim, mas a casa é pequena e durante todos esses anos revirei cada canto do porão e do sótão. Juro que não havia arma nenhuma. E ele não trouxe uma da prisão. Jody, a única maneira de Billy ter conseguido um revólver era alguém lhe ter entregado pelos fundos.

– E isso não aconteceu?

– Claro que não!

– Não sei o que dizer. Por que alguém iria querer matar sua... Ah!

Jody então se deu conta de que aquilo era exatamente o que alguém faria para incriminar Billy.

– Meu Deus, Collin! Não sei o que dizer.

– Pelo menos você não disse que era conversa-fiada minha.

– Eu nunca diria isso. Onde você está?

– Em um hotel em Henderson, esperando para ver o que vai acontecer.

– Você sabe onde seu pai está?

– Não. Se eu soubesse, diria a eles.

– Embora você ache que não foi ele?

– Do jeito que ele deve estar furioso, tenho medo do que ele possa fazer. Ele não tem dinheiro e o carro da minha mãe estava com pouca gasolina.

Billy não é um sujeito esperto, apenas um homem forte que sempre se meteu em encrencas.

– Como posso ajudá-lo, Collin?

Ele ficou calado por alguns segundos.

– Eu não deveria ter ligado. Devo estar parecendo um possuído, mas acho que é isso que sou há muitos anos.

– Tudo bem – disse ela carinhosamente. – Nós dois somos meio loucos.

– Liguei para você porque eu precisava – justificou Collin, fazendo uma pausa. – Eu estava falando sério ontem à noite, Jody. Espere um minuto, estou recebendo outra chamada – disse em seguida. – É melhor eu atender, pode ser Billy.

Collin desligou. Jody olhou para o visor do fone e decorou o número dele. Talvez ela nunca fosse ligar, mas aquilo a fazia se sentir melhor. Jody se virou e viu o avô caminhando em sua direção. Apertou o telefone contra o peito, desejando que ele não perguntasse quem havia ligado. Mas Hugh Senior se limitou a dizer:

– Você pode ir até a casa do Red, Jody? Liguei várias vezes e sempre cai na secretária eletrônica. Estou cansado dessa história de ele não dizer onde está. Telefonei para Chase e Bobby e nenhum deles sabe de nada. Não faço ideia do que está acontecendo.

– Claro, vovô.

– Acho que vou com você para dar uma lição nele.

– Não, não, fique aqui. Pode deixar comigo.

Jody achava aquela situação engraçada. No dia anterior ela evitara que sua família a flagrasse com Red na cama, ao passo que agora tentava evitar que eles o vissem com outra mulher. Ao imaginar a constrangedora situação de bater à porta do ex-amante, ela pensou: *Seja ela quem for, é melhor que valha a pena.*

A RESIDÊNCIA DO VAQUEIRO ficava a 200 metros de distância em um declive que a deixava fora do campo de visão da casa da fazenda, o que proporcionava relativa privacidade às duas famílias. Quando Jody era criança, a avó costumava mandar a neta correr até a caixa de correio que ficava perto da casa do empregado.

Agora ela andava naquela mesma direção, repassando na cabeça uma lista de mulheres solteiras que ela conhecia e imaginando qual delas poderia estar ali. Pensar nos novos casos amorosos de Red era menos doloroso do que relembrar o telefonema de Collin.

A noite estava linda e fresca. Já havia escurecido e era possível ver as estrelas no céu. Jody tinha uma lanterna para iluminar o caminho, mas ela permanecia desligada. A casa de Red surgiu à frente e a jovem parou para observá-la. O portão da garagem ainda estava abaixado.

Ela iria se aproximar e tocar a campainha. Caso a mulher atendesse a porta, Jody perguntaria, com um ar inocente, se poderia falar com ele. Tocou a campainha e depois bateu à porta. Ninguém respondeu, embora a televisão estivesse aos berros na sala. Tocou mais uma vez e bateu com força, dando ao casal tempo de se vestir, se aquele fosse o problema. Depois de esperar alguns minutos, Jody deu a volta na lateral da casa e foi até a garagem. A cadela do empregado da fazenda estava diante do portão fechado.

Ela não fez carinho na vira-lata que Red chamava de Sarnenta. Era uma mistura de labrador com husky siberiano que o vaqueiro havia encontrado na estrada. Sarnenta não era braba, mas tampouco se mostrava amigável. A cadela forte e de olhos claros estava na frente do portão da garagem observando Jody.

– Está com fome, garota?

Red não costumava se esquecer de alimentar os animais, fossem eles bois ou cachorros. Jody viu um balde velho encostado à parede e o colocou

embaixo da janela do portão. Subiu e olhou através do vidro embaçado. A amiga de Red tinha um Ford Taurus vermelho que parecia familiar a Jody.

Onde eu já vi este carro? Desceu do balde e foi até a porta dos fundos. Com exceção da luz que vinha do interior da casa, o quintal de Red estava mergulhado no escuro, então ela acendeu a lanterna e começou a andar com cuidado, prestando atenção para não tropeçar em uma mangueira ou em outro objeto no caminho.

Ao se aproximar dos degraus da entrada, Jody percebeu Sarnenta ao seu lado. Os pelos do pescoço da cadela estavam arrepiados, como se ela não gostasse de quem estava lá dentro, emitindo um rosnado baixo. Jody notou que a proteção de tela estava fechada, mas a porta se encontrava escancarada.

Puxou a porta de tela esperando que estivesse trancada, mas não estava. Ela nunca tinha visto aquela porta aberta. Aborrecida por aquela falta de responsabilidade, Jody gritou:

– Red! Você está em casa?

A cadela entrou junto e Jody fechou a porta. Depois de reparar nos pelos arrepiados do animal, Jody disse:

– Vá encontrá-lo, garota!

Sarnenta atravessou a cozinha e entrou na sala de estar, onde fez uma pausa para farejar as coisas. A televisão estava tão alta que Jody achou que a cadela recuaria, mas nada impediu que o animal avançasse. A jovem acompanhou Sarnenta, que correu para o pequeno corredor que levava até os quartos e entrou no cômodo onde Red dormia. A cadela começou a latir e a uivar.

Jody entrou correndo no quarto do vaqueiro e gritou quando viu o que Sarnenta havia encontrado: Red Bosch estava deitado de bruços na cama, sozinho, com as costas ensanguentadas, dilaceradas pelo tiro que o matou. No momento em que percebeu que ele estava morto, ela também se lembrou de onde tinha visto o Ford Taurus.

Era o carro de Valentine Crosby, que Billy roubara na noite anterior. Ela então levantou a cabeça e viu o grande armário de armas que ficava em uma

parede no quarto de Red, notando que a porta de vidro estava quebrada. Se Billy Crosby não tinha uma arma quando sua esposa foi assassinada, aquela situação havia mudado.

Jody não tinha tempo de chorar nem de pensar em qualquer coisa. Seguiu seu instinto de sobrevivência, que era uma das poucas coisas que sobravam de suas reservas emocionais e físicas. Ela não ligou para o xerife nem para os avós. Seus dedos começaram a teclar o número que ela havia decorado alguns minutos antes. Ao sair como um zumbi daquele quarto, passar pela sala e chegar até a porta da casa, ela ouviu o sinal de chamada tocar uma vez antes que ele atendesse.

– Collin, estou na casa de Red Bosch. Ele está morto!

Antes que o rapaz pudesse dizer qualquer coisa, ela acrescentou enquanto abria a porta:

– Acho que seu pai agora tem uma arma e, como o carro da sua mãe e a picape de Red estão aqui, acredito que Billy não esteja muito longe.

Ao fechar a porta atrás de si, Jody ouviu Collin dizer seu nome novamente. De repente, ela sentiu uma mão agarrar seu braço. A jovem gritou enquanto o celular caía e ela se virava para dar de cara com Billy Crosby. Gritou mais uma vez ao perceber um revólver na outra mão dele.

– Cale a boca! – ordenou ele.

Billy puxou Jody, que por pouco não caiu no chão. Tropeçando pelo caminho, ela foi arrastada até a picape de Red, sendo jogada no banco do passageiro enquanto ele assumia a direção. Jody podia sentir o cheiro de bebida em seu hálito. Ouviu a cadela de Red pulando na porta do carro e latindo furiosamente. Sem fôlego, Jody reuniu forças para gritar com aquele homem:

– Você matou *Red*! Ele *acreditava* em você. Ele foi visitá-lo na *prisão*!

– Uma vez, ele só foi uma vez. Onde ele esteve durante todos esses anos?

– Mas Red... – seu grito era angustiado. – Ele era um homem bom, um *homem bom*!

– Red não queria me dar as armas dele.

– Por isso você o matou?

– Eu precisava delas!

Horrorizada, ela se recostou no banco do carro. De repente Jody se deu conta de que o fato de Billy não ter matado seus pais não o tornava um homem bom.

– Red – sussurrou ela ainda em choque.

– Cale a boca!

– Desta vez foi você, não foi?

Ele se virou para olhá-la na cabine escura.

– Mas qual é o problema? Depois de um tempo você se cansa de ser acusado e punido pelo que não fez. Então por que não fazer? Quando era jovem, eu não passava de um delinquentezinho imbecil. Sabe o que quero dizer? Eu fazia coisas como dirigir bêbado e cortar o arame das cercas. Grande coisa! Você pega 90 dias por essas besteiras!

O ex-empregado dos Linder parecia fora de si, falando cada vez mais alto:

– Mas quanto tempo eu peguei? Quarenta anos! Eu era um delinquente cumprindo a sentença de um assassino. Isso é justo? Eu estava sendo punido no lugar de outro cara, que foi mais esperto e mais malvado do que eu. A cela onde eu estava era *dele*, a gororoba que eu comia era *dele*. Eles me deram a *vida dele* e tiraram a minha. E onde ele está? Levando a minha vida? Casado, talvez? Com filhos? Empregado? Se eu pudesse, mataria esse sujeito.

Ele estava com as chaves do carro de Red. Elas brilharam sob a luz do painel quando ele virou a ignição. Enquanto pisava no acelerador e começava a se movimentar pela estrada de terra com os faróis apagados, ele disse:

– Eles tiraram tudo de mim. Vamos ver se eles vão gostar quando eu tirar tudo deles.

ERA TUDO O QUE ela podia fazer para continuar respirando e evitar que ele puxasse o gatilho. Não sabia dizer até que ponto ele estava sóbrio ou tinha controle sobre os próprios atos. Mas, a julgar pela confiança e a velocidade com que ele dirigia e pela maneira como desviava repetidamente o carro para não cair na vala ao lado da estrada de acesso à fazenda, Jody tinha quase certeza de que ele estava bêbado. Red guardava várias garrafas de cerveja e uísque em casa, que deveriam ter sido uma tentação para Billy.

Ele disparou a falar, virando-se com frequência para Jody.

– Eu era jovem e eles tiraram *tudo* de mim. Tiraram aqueles *anos* todos de mim. Eu tinha mulher e filho e eles me roubaram Val e Collin. Tinha um emprego e seu avô ia me despedir, deixando-me sem nada.

Ele cuspi algumas frases, enquanto outras eram pronunciadas com um ódio arrastado.

– Eles me fizeram parecer culpado por coisas que nunca fiz. Não matei seu pai! Nunca fiz nada com sua mãe! Hugh-Jay era legal, mas Laurie não valia porcaria nenhuma. Por que eu ia me meter com ela? Nunca fiz nada daquilo. E agora eles mataram Valentine e deram um jeito de me incriminar. Por que eles fazem isso comigo?

Ele encarou Jody, tirando os olhos da estrada e fazendo a picape guinar perigosamente para a esquerda. Billy corrigiu a direção a tempo, mas não conseguiu evitar que sua passageira se chocasse contra a porta.

– Por quê? Por que eles fizeram isso? Eles arruinaram minha vida. Agora não tenho mais nada. De que adianta estar fora da prisão? Minha mulher está morta e meu filho me odeia. Não posso nem voltar para casa! Eles querem me colocar de novo atrás das grades. É questão de tempo. Mas eu não vou voltar. Eles vão ter de me matar e eu não estou nem aí. A vida é uma bosta. *Minha* vida é uma bosta! Então vou fazer com que a vida deles também seja uma grande bosta. Eles tiraram tudo o que eu tinha? Bem, a hora deles chegou e vou tirar a coisa mais preciosa do seu avô.

Jody odiou-se por acreditar naquele homem. Não queria sentir uma única migalha de compaixão, não queria compreender o motivo de sua fúria, ter de pensar: *Como eu me sentiria no lugar dele? O que eu faria?* Mas ela continuava pensando: *Ele é o pai de Collin. O pai dele.* Collin talvez odiasse aquele homem tanto quanto ela, mas dedicara sua vida a dar uma nova chance a ele.

Uma voz dentro de Jody dizia que ela atacasse Billy, o machucasse, matasse aquele homem se necessário. Outra voz ordenava que ela o perdoasse, que sentisse pena dele. “Lembre-se de que você é a vítima”, a frase de Chase martelava em sua cabeça. Mas não havia apenas uma vítima e a resposta que ela dera ao tio fora ainda mais verdadeira: ela não havia sido criada para ser uma vítima e não se sentia como uma.

– Eles achavam que havia sido você – disse ela.

– Não importa o que eles achavam, importa o que fizeram! De qualquer maneira, alguém sabia que não tinha sido eu, não é?

Ao se aproximar da casa dos Linder, ele diminuiu a velocidade da picape e de seu discurso raivoso. Quase em silêncio, eles pararam a 20 metros da varanda e o vaqueiro pôs o carro em ponto morto. Agarrando o braço de Jody, Billy a puxou por cima do banco, tirando-a do carro pela porta do motorista. O corpo da jovem foi arrastado pela grama por alguns metros até ele colocá-la de pé.

Ele se posicionou atrás dela, encostando a arma em suas costas. Empurrou-a em direção à casa. Jody viu que havia luzes acesas nos dois andares da residência. *Onde estão os cachorros?* Àquela hora da noite eles gostavam de passear pelos pastos à procura de coiotes, direcionando os novilhos para perto de suas mães caso encontrassem algum deles acordado. Ela implorou mentalmente aos animais: *Voltem para seus lugares!* Jody estava na companhia de um predador mais perigoso do que qualquer coiote, cuja mais precisa semelhança seria com um lobo raivoso que estava prestes a atacar.

– Pare! – ordenou Billy.

Ela o ouviu meter a mão em um dos bolsos da calça, de onde tirou um pequeno invólucro que tinha cheiro de tabaco.

– Pegue um cigarro.

Jody alcançou o maço, tirou um cigarro com os dedos trêmulos e o segurou por cima dos ombros até que ele o pegasse.

– Agora acenda! – disse ele, entregando-lhe uma caixa de fósforos.

Ela acendeu o cigarro para ele, inspirando a fumaça que Billy soltou em seguida. Os dois ficaram em silêncio enquanto ele fumava. Jody estava com uma sensação de que o vaqueiro não tinha nenhum plano. Ele ia improvisando à medida que avançava naquele seu jogo. O fato de ele não saber o que estava fazendo só piorava as coisas, tornando-o mais imprevisível e perigoso.

Billy jogou o cigarro na grama seca e em poucos segundos algumas folhas começaram a pegar fogo. Ela instintivamente apagou a pequena chama com os pés. Ele a puxou pelo ombro e apertou ainda mais o revólver contra suas costas.

– Não se mexa! – ordenou. – A grama pegou fogo? Não é um espetáculo bonito? – acrescentou com prazer, como se fosse um garoto que descobre um novo brinquedo.

Pôs novamente a caixa de fósforos na mão de Jody.

– Mexa-se. E acenda mais um cigarro para mim.

Ela começou a andar e, sob as ordens de Billy, jogou um fósforo aceso na grama. O vaqueiro apertou a arma em suas costas e ela repetiu o gesto. Aos poucos eles se aproximavam da casa, provocando pequenos incêndios enquanto as chamas cresciam atrás deles. Ela rezava para que o fogo não saísse de controle ao mesmo tempo que torcia para que a claridade despertasse a atenção do avô dentro de casa. Jody imaginava Annabelle olhando pela janela e franzindo a testa ao perceber aquele estranho brilho alaranjado. Visualizava a avó preocupada, chamando o marido. Se eles vissem os dois na frente da casa, poderiam ligar para a polícia. Ou fugir pelos fundos.

Não venham até aqui fora, pelo amor de Deus! Obviamente aquela seria a atitude mais plausível. Eles sairiam pela porta e ficariam na linha de fogo de Billy. Jody pularia em cima do vaqueiro se aquilo acontecesse, mesmo correndo o risco de tomar um tiro. Ela apenas esperava não morrer imediatamente, mas estava disposta a fazer o que fosse necessário para proteger as duas pessoas a quem ela devia tudo o que tinha.

Jody não quis pensar em como seria a vida dos avós se eles a perdessem. Mas os dois eram inteligentes e provavelmente estariam escondidos. Ela então resolveu falar com Billy:

– Sei que você não matou meu pai.

– Não matei mesmo! – A resposta não veio com o tom de surpresa que ela esperava.

Ela tentou novamente:

– Sei que você não tem nada a ver com o desaparecimento da minha mãe, assim como não foi o responsável pela morte de Valentine.

Jody tinha dúvida se ele acreditava naquilo, mas apostou na certeza de Collin de que o pai não era culpado. Não disse nada sobre Red. Se até poucas horas atrás Billy não era culpado de nenhum crime, naquele momento uma morte pesava em suas costas. Mas o objetivo era evitar que ele se tornasse culpado de novos crimes.

– Collin tirou você da prisão uma vez e vai fazer o mesmo novamente.

– Agora é tarde!

Jody ficou desesperada. O vaqueiro havia selado o próprio destino ao matar Red. Ele não tinha nada a perder.

Ao ouvir um estalo e sentir um calor, ela virou a cabeça para dar uma olhada nos focos de incêndio. A imagem a deixou apavorada. Seu maior temor havia se tornado realidade. As chamas avançavam sobre a grama seca, tornando-se mais quentes e maiores. Em pouco tempo o fogo os alcançaria.

Será que ele não pensou nisso? Ele não sabia que o fogo podia nos alcançar antes de chegarmos até a casa?

Jody estava prestes a gritar com Billy quando viu uma coisa ainda mais assustadora caminhando lentamente na direção deles através de uma

abertura nas chamas, que já chegavam à cintura. *Vovô!* Enorme, com o rosto repleto de ódio e os cabelos brancos brilhando à luz do fogo, ele surgiu como uma miragem, uma figura do Antigo Testamento, segurando uma espingarda em uma de suas mãos gigantescas.

Como ele chegou até aqui? Por onde vovô passou?

Com o coração pulando no peito, ela continuou a andar ao lado de Billy. Ao ouvir o que Jody achava que fosse um galho sendo pisado, ela tropeçou para distrair o vaqueiro. Aquilo os fez diminuir o ritmo, então ele pressionou com mais força a arma de Red contra seu corpo. Jody tropeçou de propósito e se jogou no chão, saindo das linhas de tiro de Billy e de seu avô. Caída na grama que logo estaria em chamas, ela se encolheu e rezou por sua salvação.

– Que diabos... – foram as palavras de Billy antes de o cano da espingarda de Hugh Senior bater na mão que ele segurava a arma, fazendo o revólver voar longe e empurrando o vaqueiro para o lado.

Ele gritou de dor e caiu de joelhos. No chão, Jody se esticou para pegar o revólver, o que também tentou fazer Billy. Ela estava quase alcançando a arma quando ouviu o avô dizer:

– Fique parado, Billy, ou vou arrancar sua cabeça com um tiro.

Naquele momento, ela se perguntou se o vaqueiro de fato preferiria morrer a voltar à prisão. *Vamos descobrir isso agora, Collin. Sinto muito por seu pai.* A mão esquerda de Billy também estava a centímetros do revólver. Jody esticou o braço e pegou a arma, vendo o vaqueiro retrair a mão e ficar parado. Com o dedo no gatilho, ela se levantou e foi para o lado do avô, mantendo Billy na mira.

– Eu cuido disto – disse Hugh Senior enquanto pressionava o rosto de seu ex-empregado com o cano da espingarda. – Sua avó está no celeiro. Nós a estávamos esperando lá. Diga a ela que agora está tudo terminado. Vocês duas podem apagar o fogo enquanto eu espero o xerife. Desta vez não haverá nenhum problema com as provas.

– Como vocês sabiam? – perguntou ela antes de seguir até o celeiro.

O avô não tirava os olhos do homem no chão.

– Recebemos um telefonema do filho de Billy.

37

DUAS NOITES DEPOIS, Jody se viu caminhando até Collin, que estava de pé ao lado do carro dele na entrada de Testament Rocks. Billy tinha voltado para a cadeia, acusado de tantos crimes, que, quando fosse condenado por algum deles, a questão de culpa ou inocência no assassinato do pai de Jody não faria mais diferença. Billy Crosby ia de qualquer maneira passar o resto da vida atrás das grades.

– Vamos dar uma caminhada – disse ela. – Está tudo bem com você?

Ele assentiu e segurou a mão dela.

– Tudo bem na fazenda? – perguntou ele.

– Sim. Eu e minha avó apagamos o incêndio com uma mangueira e umas lonas que estavam no celeiro. Logo, logo a grama cresce de novo.

Collin parou e virou Jody para poder examiná-la.

– E você, ficou muito machucada?

Ela estava com hematomas por baixo da calça e da camisa de manga comprida, e várias partes de seu corpo doíam tanto que Jody tinha de se movimentar com cuidado.

– Vou ficar bem. Melhor do que se você não tivesse ligado para meus avós.

– Fiquei apavorado quando a ouvi gritando pelo telefone. Sinto muito, Jody.

– A culpa não foi sua – disse ela, percebendo como ele estava triste. – Ainda que algumas pessoas não acreditem.

– É – respondeu ele em um tom de voz que deixava nítida sua angústia. – Sua família...

– ...ainda acredita que seu pai matou meus pais. E o culpam pela morte de Red porque foi você quem tirou Billy da cadeia.

Ao mencionar o nome de Red, Jody sentiu um nó na garganta e foi obrigada a olhar para baixo a fim de esconder as lágrimas que escorriam por seu rosto.

– Duvido que isso vá mudar – disse Collin.

Jody o encarou. Ao ver os olhos dela marejados, ele a abraçou carinhosamente. Quando a sentiu se encolher em seus braços, o rapaz a soltou.

– Talvez não tenhamos outra chance de ficar juntos, Collin. Não posso abandonar minha família. Mas não consigo suportar a ideia de nunca amar você.

Voltaram caminhando até o carro dele. Como dois adolescentes, Collin e Jody fizeram amor no banco traseiro. Depois eles riram, choraram e se despediram. Horas mais tarde, Jody voltou para casa e Collin seguiu até Topeka.

Ela dormiu no pequeno quarto de hóspedes no final do corredor do segundo andar, o cômodo no qual ninguém de sua família entrava. Deitou-se na cama do quarto onde seu pai fora assassinado. Jody passou a noite inteira pensando em como sua vida era pautada pela palavra “nunca”.

Nunca vou ficar com Collin. Nunca vamos saber quem matou meu pai. Nunca vou saber o que aconteceu com minha mãe.

38

3 de setembro de 1986

LAURIE CHEGOU AO SEGUNDO andar e tirou os dedos do corrimão. Olhou para trás e viu que a água da chuva havia pingado de seu corpo, molhando todo o chão. *Opa!*, ela pensou, sentindo-se ligeiramente embriagada. *Mas*

daqui a pouco já está seco. Estava agitada por ter corrido debaixo do temporal e se encontrar sozinha com seu belo cunhado.

Chase saiu do quarto de hóspedes com uma muda de roupas secas nas mãos. Ele as enrolara em toalhas para evitar que ficassem molhadas pela chuva.

– Você vai ficar bem sozinha? – perguntou ele.

– Vou ficar ótima – respondeu ela, um pouco tonta. – Ótima, Chase.

Ele inclinou a cabeça e sorriu.

– Acho que você está bêbada.

– Talvez – disse ela, dando um sorrisinho. – Você está?

– Não. Aquela confusão com Billy cortou meu barato.

– Ele é um idiota.

– É. Mas, voltando ao assunto, e se faltar luz?

– Ah, eu já vou estar dormindo. E tenho velas no armário da cozinha.

Ele arqueou as sobrancelhas, aproximando-se da cunhada.

– Posso fazer companhia a você.

– É melhor você ir embora antes que seu pai apareça.

Os dois riram. Ela adorava provocar o cunhado e as pessoas percebiam que Chase retribuía a brincadeira, mas Laurie já tinha compreendido que eles nunca passariam daquilo, pois, por mais impetuoso que ele fosse, havia certas coisas que seu cunhado nunca faria. Ter um caso com a mulher de um de seus irmãos era uma delas.

Laurie achava que, ao contrário das aparências, ele era o filho mais parecido com o pai, e que seu “estilo playboy” não passava de um disfarce para os princípios rígidos que ele mantinha: trabalhar, respeitar os mais velhos e não se meter em encrencas.

Hugh-Jay era mais indulgente. Além disso, não havia sido Chase quem abandonara a universidade, e sim Bobby. As pessoas em Rose desejavam que, entre os filhos de Hugh Senior, fosse Chase quem tivesse conquistado o coração de Laurie, mas ele sempre a respeitara. Ela sabia que isso não tinha acontecido porque Chase percebera que Hugh-Jay gostava dela.

– Durma bem – disse ele, descendo a escada de dois em dois degraus.

– Boa noite, Chase – Laurie cantarolou e riu porque seu cunhado se afastava como se estivesse com medo dela.

Ela pensou em chamá-lo de volta e atrasar sua partida, mas Laurie estava sóbria a ponto de reconhecer que aquela seria uma péssima ideia: ele resistiria à provocação da cunhada, que ficaria morrendo de vergonha. Sem falar que, por mais que aquela família a perturbasse, ela gostava de ser uma Linder. Gostava, por exemplo, de ganhar de presente uma viagem para um hotel sofisticado no Colorado.

Antes de ouvir a porta dos fundos bater, ela já estava se desvencilhando das roupas molhadas, baixando o zíper do short, tirando a camiseta, desabotoando o sutiã e jogando tudo no chão enquanto dançava em círculos rumo ao banheiro da suíte. Entrou no chuveiro e deixou a água cair sobre seu corpo. As pessoas diziam que era perigoso tomar banho durante uma tempestade, mas Laurie não estava preocupada. Sua vida parecia ser à prova de qualquer tipo de acidentes.

Ao sair do boxe, ela não se secou. Havia molhado a escada ao subir, então a molharia ao descer. Era uma sensação maravilhosa ter a casa só para ela. No alto da escada, Laurie percebeu que a casa estava completamente às escuras. Apertou o interruptor e nada aconteceu. Enquanto estivera no banheiro, onde havia acendido uma vela aromática em vez das luzes e aberto as venezianas para que a iluminação da rua entrasse, a energia elétrica tinha acabado.

Sentiu um desejo enorme de caminhar nua pela casa. Deu alguns passos na direção da escada e achou agradável andar sem roupas, sentindo o contato de uma coxa com a outra e os braços encostando no próprio corpo. Ela se olhou e aprovou o que viu.

Quantos homens e rapazes não desejavam ver e tocar o que ela estava vendo e tocando naquele momento? Desde criança ela sempre teve consciência do olhar dos homens, que era acompanhado de um arrepio que sentia em algumas partes do corpo. Dobrou o braço direito, levantou-o em direção à boca e o lambeu, sentindo gosto de mel. *É este o sabor que os homens sentem na minha pele*, ela pensou com orgulho.

Riu e começou a descer a escada. A bebida dera asas a suas imaginações e agora ela pensava em seu outro cunhado. Laurie achava Bobby patético. *Será que Bobby acha que eu nunca percebi o jeito como ele olha para mim?* Ficou se perguntando se o marido não notava os olhares dos irmãos para ela.

Laurie queria que Hugh-Jay percebesse aquilo, porque o ciúme poderia deixá-lo mais disposto a agradá-la, mas ela estava com tanta raiva do marido que não se importava com o que ele pensava quando ela paquerava outros homens.

Como ele pode acusar a própria esposa de roubo? Não era roubo, e sim um acerto de contas. Ela estava tornando as coisas mais justas, subtraindo uma quantia irrisória do dinheiro da fazenda do Colorado.

– Tenho esse direito – disse ela em voz alta ao colocar os pés no piso frio do primeiro andar.

Laurie achava os Linder avarentos. Se eles fossem generosos, ela não precisaria forrar sua conta bancária com aqueles *trocados* ridículos, uns poucos dólares com que ela comprava alguns mimos ou deixava sua filha ainda mais bonita para que as pessoas pudessem admirá-la. Além disso, Laurie estava fazendo o trabalho que Hugh-Jay deveria fazer mas para o qual não tinha a menor aptidão, portanto a quantia que ela retirava era apenas um *salário*, a remuneração que os Linder, mesquinhos, não lhe pagavam.

– Eles me devem.

A três quilômetros dali, na varanda de uma casa de fazenda abandonada onde ele observava a chuva havia algumas horas, Hugh-Jay finalmente decidiu o que iria fazer. Ele tinha ido até ali após ter visto a mãe e a filha em Rose.

Ao se despedir delas, ele se censurara por ter virado à direita na frente do carro da mãe, em vez de dobrar à esquerda, para que ela acreditasse que o filho ia pegar a estrada para o Colorado. Ele tentou se convencer de que aquilo não tinha importância. Annabelle deduziria que Hugh-Jay precisava comprar algumas coisas antes de sair da cidade e nunca suspeitaria de que ele não viajaria.

Então ele virou à direita e seguiu até sair de Rose. Oito quilômetros depois, ele armou a seta e entrou em uma estrada que dava em uma fazenda que tinha falido alguns meses antes e ainda não encontrara comprador.

Ficou deprimido ao ver a vegetação alta em diversas partes da propriedade. Tinha pena do fazendeiro que perdera seu patrimônio e cujos pertences haviam sido leiloados diante de toda a família. *A agricultura é uma atividade difícil*, Hugh-Jay pensou enquanto estacionava sua picape ao lado da casa abandonada. *Mas não tão difícil quanto meu casamento.*

Desceu do carro e andou até a varanda. A madeira rangeu sob suas botas. Hugh-Jay passou a mão em uma tábua e sentiu a superfície áspera da tinta que estava descascando, ao mesmo tempo que aspirava o cheiro de terra que subia da umidade embaixo dos degraus quebrados.

Ele conhecia as pessoas que moraram ali. As crianças costumavam brincar na varanda e no quintal, preenchendo o ambiente com suas risadas e com o choro por seus joelhos esfolados. Hugh-Jay poderia jurar que ainda conseguia ouvir uma delas gritando pela mãe. Sentiu um aperto no coração ao pensar que, se não desse um jeito de consertar o buraco que se abria em seu casamento, talvez sua casa também fosse assombrada pelos sons de uma família que não existia mais.

Ele estava sentado e empurrava o balanço da varanda com a bota. Tinha uma decisão difícil a tomar e não sabia o que fazer. Seu pai queria que ele verificasse a honestidade do administrador da fazenda do Colorado, mas Hugh-Jay sabia que aquilo não era necessário. Não havia nada de errado com a honestidade, a ética e a moral daquele homem, ou seja lá qual fosse o nome que se dava quando uma pessoa não pega algo que não lhe pertence.

O administrador nem fazia ideia de que faltava alguma coisa. Quando o homem mandou as contas, estava tudo em ordem. Os problemas só começaram a aparecer assim que as planilhas começaram a sair da casa de Hugh-Jay. Por detestar o trabalho administrativo, ele pedira ajuda à esposa, que gradualmente vinha assumindo a responsabilidade pelas tarefas que cabiam a ele fazer.

Os dois ficaram felizes ao descobrir que Laurie tinha aptidão para aquele trabalho. Embora ela reclamasse, Hugh-Jay achava que a esposa se orgulhava em ser melhor naquela tarefa do que ele. Ele também sentiu alívio por se livrar de um trabalho que acabaria malfeito. Estava ansioso para contar ao pai que ele e a esposa haviam se tornado um time, mas não imaginava que ela acharia uma maneira de desviar dinheiro. Aquilo foi um choque para Hugh-Jay.

Ele ficava enjoado sempre que pensava na questão. Abordara delicadamente o assunto dois dias antes e Laurie tinha ficado furiosa, acusando-o de achar que ela fosse uma ladra. Hugh-Jay sabia que a briga fora um dos motivos para ele ter reagido de forma exagerada aos estranhos que jogaram o cigarro pela janela do carro na estrada e também para ter torcido o nariz à visita do irmão a Laurie naquela manhã. Como não conseguia brigar com ela, acabava descontando em outras pessoas.

Laurie ainda estava furiosa com o marido. Fora por esse motivo que ele chegara de surpresa em casa na hora do almoço. Hugh-Jay desejava fazer as pazes com a esposa, mostrar que ainda a amava, mas não esperava que ela ficasse com tanta raiva de sua aparição inesperada. *Não funcionou*, ele pensou com uma ponta de tristeza.

Hugh-Jay teria sorte se Laurie não o obrigasse a dormir no sofá da sala. Ele podia ir até o Colorado e pôr a culpa no administrador, mas não era de seu feitio incriminar pessoas inocentes. Restavam duas opções, já que seu pai não ia ficar satisfeito até que o problema fosse resolvido e o ladrão, revelado. O rombo nas contas era tamanho que não dava simplesmente para colocar a culpa na falta de habilidade de Hugh-Jay com os números. Portanto, só havia a opção de dizer a verdade, o que significava que Hugh Senior jamais perdoaria a nora nem voltaria a olhar para ela da mesma maneira. Annabelle também não aliviaria a barra de Laurie e, para piorar a situação, os dois já não gostavam muito da esposa de Hugh-Jay. E, se ele optasse por essa solução, Laurie nunca o perdoaria.

Havia uma última opção: o próprio Hugh-Jay assumir a culpa. Contudo, se fizesse isso, o pai nunca mais confiaria nele. Hugh Senior tinha princípios

bem definidos e a honestidade era um deles. À medida que a tarde avançava, a chuva dava os primeiros sinais de sua chegada. Hugh-Jay parou o movimento do balanço, se inclinou e pôs a cabeça entre as mãos. Estava angustiado. Afinal, tinha uma difícil decisão a tomar: perder o amor da esposa ou o respeito do pai.

– É tão pouco dinheiro! – gritara Laurie com ele. – Quem se importa? Por que você está criando tanto caso?

Era realmente uma quantia pequena em comparação ao faturamento da fazenda. Mas, aos olhos de seu pai, roubar dez centavos era tão grave quanto roubar mil dólares. Aquela era uma questão importante para Hugh Senior, um indício de falta de caráter, talvez não tão grave quanto cortar uma cerca, mas ainda assim um indício de desonestidade. Ele perdoaria uma mulher que roubasse para saciar a fome, porém não admitiria que uma mulher que já tinha tudo na vida fizesse aquilo.

Hugh-Jay ficou sentado na varanda enquanto a chuva engrossava e a noite caía. Por volta das onze e meia, quando as estradas já estavam inundadas, ele reuniu coragem para fazer o que tinha decidido. Se tivesse de escolher entre o respeito dos pais e o amor da esposa, ele optaria pela esposa a fim de manter sua pequena família unida. Pediu a Deus que seus pais encontrassem uma maneira de perdoá-lo.

Correu debaixo de chuva até sua picape. Ia contar a Laurie que assumiria a culpa se ela promettesse não repetir aquele erro novamente. Em seguida iria encarar Hugh Senior e contar sua mentira, pela qual ele passaria o resto da vida tentando recuperar a confiança do pai. Aquela decisão pesava em suas costas, mas o amor por Jody exigia que a mãe dela fosse inocentada.

Hugh-Jay voltou à cidade sem perceber o dilúvio que se abatia sobre Rose.

Assim que Hugh-Jay passou diante do Hotel Rose e dobrou em direção à sua casa, Chase abriu a porta do quarto, que Bobby havia deixado encostada. Ao entrar no cômodo escuro, ele viu o irmão sentado perto da janela, tomando cerveja e observando a chuva.

– Por que você demorou? – perguntou Bobby mal-humorado.

– Do que está falando? Eu não demorei! Só fui pegar roupas secas. Tome, trouxe umas peças para você também. Não posso acreditar que está sentado aí todo encharcado.

Chase jogou uma camisa e uma calça para Bobby, que as aparou com a mão esquerda, fazendo-as cair no chão.

Chase começou a tirar as roupas molhadas.

– Vi Hugh-Jay passar de carro há alguns minutos – disse Bobby.

– Impossível. Ele está no Colorado a esta hora.

– Não, não está. Acabei de ver a picape dele.

Um raio caiu naquele momento, acompanhado por um trovão tão forte que eles tiveram de esperar para retomar a conversa.

– Tem certeza?

– Claro que tenho. Acha que eu não conheço a picape dele?

– Você falou com papai?

– Por que eu falaria? Se Hugh-Jay não pegou a estrada, papai não pode fazer nada a respeito.

– É verdade. E ele pode ir dormir em casa.

Bobby tomou um demorado gole de cerveja.

– Laurie está bem?

– Está. Por que não estaria? Um pouco bêbada. E você também não está?

– Cale a boca!

Chase se virou e foi para a cama, deixando o irmão caçula sentado ao lado da janela, olhando a chuva até pegar no sono. Um trovão os acordou alguns minutos depois, assim como acordou Hugh Senior a duas portas de distância.

Ao descer a escada, Laurie deixou as pontas dos dedos deslizarem pela parede, abrindo os braços como se estivesse prestes a alçar voo. Quando chegou ao primeiro andar, ela foi andando até a sala, tocando os objetos, passando a mão na parte superior das cadeiras e tamborilando com as unhas na lombada dos livros nas estantes. Deitou-se em um dos sofás e ficou olhando pela janela a chuva que caía, abrindo as pernas como se esperasse

uma penetração, imaginando-se fazendo amor em meio à tempestade, naquele cômodo, naquele sofá, na escuridão iluminada pelos raios.

Levantou-se e foi até a janela, nua e invisível para o mundo. Atravessou lentamente o vestíbulo, passou pelo armário de nogueira, parando para se admirar demoradamente no espelho, virando-se de lado, ficando de costas para ver cada ângulo de si mesma, tentando observar seu corpo como os homens faziam, voluptuosa e sensual, uma mulher a ser acariciada, paparicada e adorada.

Suspirou com satisfação e voltou a andar, passando pela porta de vaivém, entrando na cozinha e indo até a pia, colocando os dedos embaixo da água corrente e depois bebendo devagar aquele líquido gelado, respirando entre cada gole. Trovões explodiam do lado de fora e os relâmpagos intermitentes iluminavam o mundo além das janelas.

Sentia-se segura dentro daquela casa enorme, protegida pela tempestade. No entanto, seu desejo era ir embora. Não seria para sempre, mas por um momento, o instante arrebatador no qual ela sentia o trovão percorrer seu corpo. Queria sair correndo nua debaixo da chuva e deixar que a tempestade a encharcasse, relampejasse à sua volta, e então continuaria em sua fuga até se distanciar de Rose, de seu casamento, de sua vida, afastando-se da filha por um tempo.

– Ou talvez eu nunca volte – ousou dizer a si mesma, apoiando o copo na bancada.

Laurie ouviu um barulho na varanda da cozinha. Ela se retesou ao lado da pia e prestou atenção, mas não correu para se vestir. Ouviu então a porta se abrir às suas costas, o barulho da tempestade invadindo o cômodo, mas sumindo de repente com o estrondo da porta se fechando.

Agarrou-se à beira da pia e fechou os olhos. A chuva era tão barulhenta que ela não conseguiu ouvir os passos em sua direção. O primeiro sinal daquela estranha presença às suas costas foram os braços que a envolveram e as mãos que seguraram seus seios.

Ela arfou e se encostou nele.

– Achei que você estaria com Belle – murmurou ela enquanto as mãos de Meryl desciam por seu corpo. – Por que você não está com Belle?

– Porque só posso ficar com ela depois que nos casarmos – disse o melhor amigo do marido de Laurie assim que ela se virou para olhá-lo. – Porque fiquei quase louco ao recusá-la quando ela me implorou para transarmos agora há pouco. Porque você, sua sacana, me ligou e disse que Hugh-Jay não estaria aqui hoje à noite. Porque talvez demore até termos uma nova chance como esta.

– O quê? – ela brincou. – Não é porque você me ama?

– Não – respondeu ele, inclinando-se para beijá-la. – É porque eu a desejo e você me deseja.

Ela sempre o desejara, desde os tempos que ele era magro e atlético. Os dois tinham sido eleitos o rei e a rainha do baile da escola quando ele estava no terceiro ano do ensino médio e ela, no primeiro. Mas para Laurie Meryl não passava de uma diversão prazerosa, e vice-versa. Ambos almejavam tirar a sorte grande, casar-se com um Linder, e às vezes até se convenciam de que amavam Hugh-Jay e Belle.

– Você estacionou nos fundos?

– Deixei meu carro no escritório e vim a pé.

Meryl estava encharcado.

– Andando? – ela sorriu. – Você está realmente a fim!

– Veja como você me deixa louco – ele brincou, fazendo com que os dois começassem a rir.

– O que está esperando? – Ela olhou para ele com ar provocador.

Abrindo apenas o zíper da calça jeans, Meryl a levantou e a penetrou, com Laurie apoiada contra a pia, o metal da bancada ferindo sua pele. Depois ele a levou até o andar de cima, derrubando uma cadeira pelo caminho. Ela tomou a dianteira e o puxou até o pequeno quarto de hóspedes no final do corredor, onde eles sempre transavam a fim de não deixar vestígios na suíte. Hugh-Jay nunca suspeitara de que sua mulher e seu futuro cunhado tinham um caso.

– Você se sente culpado? – perguntou ela enquanto ele a penetrava novamente.

Hugh-Jay nunca falava durante o sexo. Fazer amor com Laurie era um ritual sagrado para ele. Aquilo a irritava tanto que ela fazia de tudo para terminar logo. O sexo devia ser divertido, e não uma celebração religiosa.

– Não, não me sinto culpado. Você se sente? – perguntou ele. – Afinal, nós gostamos dos Linder.

– Eu sei. A propósito, você quer viajar comigo?

– O quê?

Ele começou a rir no meio do ato sexual, e Laurie adorou aquilo. Ela gostava do fato de os dois não levarem aquele caso a sério. Suas costas estavam esfoladas e o ponto ferido pela quina da pia estava ardendo, mas a dor lhe agradava, como se fosse uma medalha de mérito sexual, igual aos machucados dos tempos de escola.

– Para onde? – perguntou ele.

– Para o Hotel Broadmain, no Colorado.

Meryl riu novamente.

– Você quer dizer Broadmoor?

– Isso! Annabelle vai me dar de presente cinco diárias.

Os três dias haviam se tornado cinco.

– Sozinha? Sem Hugh-Jay?

– Ahã! Você pode ir. Eles nunca descobririam.

– Por que ela faria isso?

– Porque ela me ama – Laurie sorriu.

– Como todo mundo – disse ele, penetrando-a tão fundo que ela gritou.

Ainda que Meryl fosse um advogado com um belo futuro pela frente, Laurie achava que havia feito a coisa certa ao se casar com Hugh-Jay. Talvez ela conseguisse várias coisas casando-se com Meryl, mas certamente não chegariam aos pés do que ela e seus filhos conquistariam ao lado de um Linder. Da mesma maneira, o advogado teria mais a ganhar unindo-se à filha única de Hugh Senior e Annabelle. Ele seria o advogado dos negócios

da família, recomendado a amigos e conhecidos. O futuro dele, assim como o dela, estava garantido.

Desde que Hugh-Jay esquecesse aquela questão do dinheiro.

– Pense a respeito – murmurou ela, referindo-se à viagem.

– Você está brincando? A partir de agora eu só vou conseguir pensar nisso.

Ela riu e deu uns gemidos para excitá-lo, o que o fez se empenhar ainda mais no que estava fazendo. Meryl prendeu os pulsos de Laurie sobre a cabeça dela, fazendo-os bater com força na cabeceira. Ela fingia que queria se libertar, contorcendo-se, o que aumentava ainda mais o desejo dele. Meryl disse que ela era a mulher mais sensual do mundo, que nenhuma outra era tão boa de cama quanto ela. Sempre que ele a estivesse olhando, onde quer que fosse, na igreja, na casa dos sogros ou até no altar de seu próprio casamento, ela poderia ter certeza de que aquele seria o único pensamento na mente de Meryl. Ao ouvir isso, ela se entregou de vez ao amante.

APESAR DA TEMPESTADE, ou talvez por estar tão preocupado e ansioso a ponto de ter se esquecido da chuva, Hugh-Jay fez uma rápida parada no Bailey para beber uma cerveja e comer um hambúrguer antes de ir para casa. No restaurante, ele tomou conhecimento da discussão que quase virou uma briga entre Billy Crosby e seus irmãos. Soube da tentativa de agressão do vaqueiro contra Laurie e de como Billy tinha sido posto para fora debaixo de chuva. Também ouviu que seu pai e seus irmãos estavam no hotel, que Belle tinha ido passar a noite no museu e que Chase havia levado Laurie para casa.

Ficou mais alguns minutos para tomar outra cerveja e se inteirou de tudo o que acontecera naquela noite. Quando saiu, o pouco de tolerância que ele

tinha em relação a Billy Crosby havia desaparecido. Estava com tanta raiva de Billy que seria capaz de matá-lo.

Correu debaixo do temporal, entrou na picape mais uma vez e foi para casa, passando pelo hotel onde os homens de sua família estavam hospedados. Quando perguntassem na manhã seguinte por que ele não viajara, ele diria que saíra tarde e que a tempestade havia interditado a estrada. Esperava conseguir dizer essa mentira, ainda que sua mãe o considerasse um péssimo mentiroso.

Estacionou atrás da casa e correu até a varanda dos fundos com a cabeça abaixada para se proteger da chuva, enxergando apenas o chão à sua frente. Foi quando percebeu marcas de botas na lama. Pela profundidade e o espaçamento entre as pegadas, algum homem passara por ali apressado. Na varanda, Hugh-Jay tirou as botas enlameadas e as meias, que formaram uma enorme poça no chão. Procurou os sapatos responsáveis pelas marcas do quintal, mas não os encontrou. Talvez Laurie não tivesse aberto a porta e a pessoa acabara desistindo. Olhou para trás a fim de ver se as pegadas seguiam em outra direção, mas estava muito escuro para enxergar qualquer coisa.

Entrou em casa descalço e molhado. Um raio iluminou a cozinha, revelando um quadro que o deixou atônito. Havia uma cadeira caída junto à mesa. Um chapéu que ele conhecia, com uma aba enrolada e escura, estava no chão, como se tivesse caído da cabeça do dono e sido esmagado durante uma briga. *O chapéu de Billy*. No momento em que o viu, Hugh-Jay entrou em pânico e pensou na mulher. O vaqueiro estava bêbado, furioso e já havia tentado atacá-la no Bailey.

Levantou o rosto em direção ao teto, com o coração aos pulos e os ouvidos atentos. Tirou a capa de chuva e seguiu para sala. Queria gritar o nome da esposa, mas achou melhor ficar em silêncio. *E se Billy estiver armado?*

Desesperado para encontrar Laurie e com medo do que o vaqueiro poderia estar fazendo com sua esposa, Hugh-Jay caminhou até seu escritório no térreo e foi direto até o armário onde as armas ficavam escondidas. A

chave estava na fechadura. Pegou um revólver de cano comprido. Era uma arma de mira precisa e fácil manuseio. Com o revólver apontado à sua frente, ele atravessou o corredor, dando-se conta de que o barulho da tempestade abafaria qualquer som emitido nos dois andares da casa.

E se Billy não a levou lá para cima?

Examinou rapidamente os cômodos do primeiro andar, xingando em voz baixa cada quarto que era vistoriado. Subiu a escada e verificou os cômodos de cima. A suíte, o quarto de Jody e o banheiro. Faltava apenas o quarto de hóspedes no final do corredor. Movido pelo ódio que corria em suas veias, ele percorreu o corredor em uma fração de segundo, entrando no cômodo e enxergando dois vultos na cama. A raiva que ele sentia arrancou um grito do fundo de suas entranhas:

– Billy! Saia de cima dela!

O casal sobre o colchão não reconheceu aquela voz áspera e furiosa que parecia de um homem fora de controle. Laurie, ao ver o vulto na soleira da porta, deu um grito. Meryl, que saiu rapidamente de cima dela, percebeu que aquela figura tinha uma arma nas mãos e pulou em cima dela. Enquanto rolavam pelo chão, Hugh-Jay apontou a arma para o homem que ele ainda achava que fosse Billy Crosby, mas este empurrou o revólver. A arma disparou, atingindo o abdômen de Hugh-Jay, que caiu de costas sobre o carpete.

Ensurdecido pelo barulho e horrorizado pelo clarão do disparo, Meryl ficou com aquela cena gravada em sua memória. Apenas quando Laurie começou a gritar o nome de Hugh-Jay, ele percebeu de quem era o sangue que o cobria.

– Meu Deus! – gritou ele. – Ah, meu Deus!

Sem ter o que fazer, Meryl Tapper observou seu amigo morrer sobre o carpete.

VESTIDO, MERYL FICOU UM longo tempo debaixo do chuveiro, segurando pelos braços Laurie, que, nua, gritava e chorava sem parar. A água limpava o sangue de Hugh-Jay de seu rosto, de seu cabelo, de seu pescoço e de suas roupas. Os braços de Laurie estavam manchados de rosa por causa das mãos ensanguentadas de Meryl e dos respingos de sangue que a atingiram. Seus lábios estavam sujos e ela ficou aterrorizada ao sentir o gosto de sangue na boca. Depois de 15 minutos debaixo d'água, ele a enrolou em uma toalha.

– O que vamos fazer? – gritou Laurie, tremendo e soluçando. – O que nós vamos fazer?

Como se ainda estivesse na faculdade, Meryl começou a repassar os fatos do crime que tinha acabado de ocorrer. Os telefones não funcionavam, portanto eles não podiam ligar para o xerife nem pedir socorro. Hugh-Jay havia morrido rapidamente em função da hemorragia que eles não conseguiram estancar. Os dois podiam ir de carro a Henderson City e dizer o que tinha acontecido, e era possível que eles...

– O que nós podemos fazer? – perguntou Meryl a si mesmo, desesperado.

Ele se obrigou a continuar pensando. Mesmo se contassem a verdade, que eles não reconheceram o sujeito que entrara no quarto escuro, os dois continuariam responsáveis pela morte de Hugh-Jay, ainda que alguém achasse que eles não tiveram a intenção de matá-lo. Mas quantas pessoas acreditariam naquilo? Quantas achariam que havia sido um acidente?

Quase ninguém, Meryl pensou, sentindo vontade de vomitar. E os Linder... *Ah, meu Deus, os Linder!*

– Eu não podia estar aqui – disse ele finalmente a Laurie. – Eu não estive aqui, ouviu?

– E quanto a mim? – gritou ela.

– Você precisa ir embora!

– Embora? Mas...

– Você precisa fugir de Rose. Assim as pessoas vão achar que você foi raptada.

– O quê?

Ela olhou para Meryl como se ele estivesse louco.

– Laurie, precisamos tirá-la daqui. Dar a impressão de que alguém arrombou a casa, estuprou-a, sequestrou-a e matou Hugh-Jay quando ele tentou protegê-la.

– Não posso fazer isso! – berrou ela em desespero. – Para onde eu iria?

– Vamos dar um jeito. Vou levá-la para algum lugar e depois pensamos nisso.

– Mas só se você for comigo!

– O quê?

– Meryl, vamos embora juntos! Vai dar tudo certo!

– De jeito nenhum. As coisas não vão dar certo se fizermos isso. Preciso voltar ao meu escritório e fingir que passei a noite lá depois de deixar Belle. Você precisa ir embora para um lugar onde ninguém possa encontrá-la. Se eles a acharem um dia, você diz que foi raptada.

– Não posso fazer isso!

– Pode, sim. Agora vá se vestir. Não leve nada. Nem sua bolsa.

– Eu não quero, Meryl!

– Você prefere ser acusada de homicídio?

– O quê? Mas nós só...

– Você pode provar? Eles vão querer provas e não temos nada.

– Podíamos dizer que ele se matou.

– Porque ele nos encontrou na cama? Não, acho que também não queremos isso.

– Meryl, eu não posso fazer o que você está mandando. Não posso!

– Vá se vestir. O que você precisar, depois eu levo.

Como ela se recusou a sair do lugar, ele correu até o quarto e pegou a primeira roupa que viu: um vestido amarelo. Meryl voltou e o enfiou pela cabeça de Laurie, puxando-o para ajeitá-lo. Em seguida pegou-a no colo e a carregou para fora antes de lembrar que estava a pé.

– Fique quieta – disse ele, temendo que algum vizinho que estivesse passando pela rua pudesse ouvi-los. Com medo de ser vista por alguém, ela aceitou o plano de Meryl e sugeriu que ele usasse a picape de Billy Crosby, que estava estacionada nos fundos da casa.

Com a chuva castigando o teto do carro, Meryl levou Laurie até Testament Rocks, passando por estradas secundárias que tornavam a viagem ainda mais perigosa. Atravessaram arroios e córregos nos quais a água cobria os pneus. Em um momento de tensão, o carro atolou, obrigando Meryl a fazer várias manobras para tirá-lo da poça de lama.

– Por que você veio para cá? – gritou Laurie quando ele estacionou a picape.

Os limpadores de para-brisa revelavam imagens rápidas das grandes formações rochosas que se erguiam na paisagem escura.

– Porque mais ninguém vai estar aqui no meio de uma tempestade.

– E se você atolar no caminho até a cidade ou quanto voltar para me buscar?

– Não vou atolar. Você viu como eu consegui sair?

– Você não pode me deixar aqui sozinha!

– Preciso voltar e dar um jeito na sua casa antes que a tempestade passe – disse ele.

Meryl não conseguia pensar direito com Laurie gritando em seus ouvidos.

– Fique debaixo daquela rocha ali. Vai dar tudo certo. Espere por mim.

– Como se eu tivesse outra opção!

– Assim que eu terminar de limpar tudo, eu volto e damos um jeito.

Ao ver que ela não se mexia, Meryl saiu do carro, deu a volta até o lado do passageiro, abriu a porta e a puxou. Ela soluçava e gritava algo sobre chuva, Hugh-Jay e Jody, socando-o enquanto era carregada até o lugar onde ele queria que ela ficasse.

– Laurie, nossas vidas dependem disto. Juro que vou voltar para pegá-la!

Ela se agarrou ao amante, que a afastou com um empurrão. Laurie ainda tentou correr atrás dele, mas Meryl foi mais rápido. Ele a deixou em pé no

meio da escuridão, em companhia da tempestade furiosa e das enormes rochas.

Quando Meryl arrancou com o carro, Laurie ficou tão desesperada que começou a escalar uma das enormes formações rochosas, de onde conseguiu ver as lanternas da picape se afastando.

Ela estava a 15 metros de altura quando sentiu os sapatos escorregarem. Laurie ainda tentou se agarrar a alguma coisa, mas se desequilibrou e caiu, aterrissando sobre as rochas que estavam ali havia milhares de anos.

41

SANGRANDO E COM FRATURAS pelo corpo, Laurie ficou caída durante um tempo que ela não soube determinar. Quando recobrava a consciência, percebia o cheiro da própria urina molhando o vestido, sentia o gosto de terra, cerveja e ketchup na boca, ouvia o vento açoitando seus cabelos e uivando nas rochas e enxergava enormes nuvens correndo para o leste. No entanto, ela logo voltava a desmaiar.

De início ela ficou apavorada por estar ali indefesa, deitada de costas, com medo de se afogar com a chuva que caía em seu rosto. Os trovões sacudiam o chão embaixo de seu corpo, fazendo-a tremer involuntariamente. Os raios iluminavam aquela paisagem assustadora, transformando as rochas ao seu redor em pavorosos fantasmas.

Mas a primeira tempestade passou e ela se viu sob um céu límpido, de um azul-escuro profundo que a deixou com lágrimas nos olhos. Se fosse possível encontrar algum consolo naquela situação, Laurie achava que era aquela imagem deslumbrante.

Não fazia ideia de que o mundo podia ser tão bonito. Sempre achou a paisagem de Rose sem graça e não entendia quando as pessoas falavam com entusiasmo das belezas daquela região, de seus famosos monumentos rochosos, de seus horizontes infinitos e de suas nuvens maravilhosas.

Naquele momento se deu conta de que aquele lugar era divino. Tudo parecia mágico sob a luz da lua e das estrelas, que varria as rochas como ondas, alternando suas cores de laranja-claro para dourado, branco, prateado, preto e dourado novamente.

Aquele lugar tinha a aparência de uma paisagem de conto de fadas, mas com um final que estava longe de ser feliz. Ela se imaginou como uma princesa, muito bonita e delicada para a pequena cidade em que vivia. Hugh-Jay interpretava o papel de príncipe e a casa de Rose era o castelo onde eles viveriam felizes para sempre cercados por seus muros de pedra.

Naquele instante, Laurie achou que as rochas pareciam cobertas por delicados tons pastel que ficariam lindos em um vestido. Ela *nunca* havia notado beleza igual no mundo.

Se Laurie pudesse mexer os braços, tocaria a lua e as estrelas que brilhavam de uma forma que ela nunca vira antes. Uma lembrança dos tempos de escola a fez ficar com lágrimas nos olhos: “Do Missouri até a divisa com o Colorado, a altitude do Kansas se eleva em 750 metros.” *Que professor disse isso?* Ela não conseguia se lembrar e até aquele dia nunca dera importância àquele fato. Mas agora a lembrança era como um cavalheiro gentil que se oferece para fazer companhia em meio à solidão. *Obrigada*, ela disse mentalmente ao professor perdido em sua memória.

– Obrigada – ela repetiu para saborear aquela palavra em seus lábios.

Mas aquela recordação fez com que Laurie percebesse que estava deitada com a cabeça mais baixa do que os pés. *Ah, meu Deus!* O mundo voltou à posição horizontal e ela parou de se preocupar com a ideia de morrer asfixiada pelo próprio vômito.

Olhou para cima e se sentiu mais uma vez hipnotizada pelo céu, envolvida pela paisagem que no passado lhe parecia tão árida e morta. *Como nunca percebi esta beleza antes?* As formações rochosas de 30 metros de altura que se erguiam à sua volta assemelhavam-se a criaturas vivas que a protegiam com seu rosto pontiagudo e frio. *Por que vocês me deixaram cair?*, ela perguntou, triste mas sem querer culpá-las pelo que lhe havia acontecido.

As pessoas em Rose se orgulhavam de Testament Rocks. Estudiosos do mundo inteiro iam até ali analisar o solo e procurar fósseis. No entanto, Laurie passara a vida inteira dizendo que aquelas esculturas da natureza eram uma grande bobagem. Havia uma esfinge e um castelo bem perto dela. Mais para baixo, era possível encontrar torres, pirâmides e águias feitas de pedra.

Contudo, aquelas mesmas rochas haviam deixado seus pés escorregarem, suas mãos tatearem o ar, fazendo-a mergulhar na escuridão, caindo como um pássaro de asas quebradas, um anjo em uma espiral descendente rumo à Terra.

Não sou um anjo, Laurie pensou ao encarar as pedras ao seu redor. Mas tinha a impressão de que elas já sabiam daquele fato. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. No passado, aquele seria um choro de autocomiseração. Mas, naquele momento, ela chorava por sua pequena Jody.

Em nome de sua filha de três anos ela tentou resistir à dor. Seu desejo era se levantar e sair correndo, mas aquilo era impossível. “Por favor”, ela suplicou a quem quer que a estivesse ouvindo, “cuidem da minha menina.”

Laurie queria que a filha soubesse que a mãe lutara para viver. Faróis semelhantes a duas pequenas luas logo apareceriam se Meryl tivesse dito a verdade, mas ela não acreditava que uma luz tão fraca chegaria a tempo de salvá-la.

MERYL VOLTOU A ROSE e seguiu até a casa de Hugh-Jay e Laurie. As botas de seu ex-futuro cunhado estavam no lugar de sempre, ao lado da porta dos fundos, e ele as deixou lá. As primeiras coisas que viu ao entrar na cozinha foram a capa de chuva de Hugh-Jay, um chapéu de palha e uma cadeira caída no chão.

Meryl não mexeu em nada, mas se lembrou de que o chapéu pertencia a Billy Crosby. Foi até a pia onde havia feito sexo com Laurie e procurou algo que pudesse incriminá-lo. Viu a pequena mancha de sangue de Laurie na borda da bancada e achou melhor não limpá-la. O que quer que ele tivesse feito, o xerife poderia simplesmente chegar à conclusão de que havia sido Billy.

Se tivesse tido a oportunidade, o vaqueiro teria feito aquilo. Mas o advogado da família Linder sabia que havia digitais suas em alguns cômodos. O problema podia ser resolvido com uma flanela e um lustramóveis no quarto e um detergente e uma esponja no banheiro.

Olhou para o relógio e para a tempestade que caía. Parecia que tão cedo a chuva não daria trégua. Havia tempo suficiente para fazer o que fosse necessário. Sua única preocupação era o que Laurie tanto temia: que uma inundação o impedisse de voltar até Testament Rocks. Mas ele não iria abandoná-la à própria sorte.

Meryl tinha tempo, porém não podia se dar ao luxo de desperdiçá-lo. Primeiro lavou o banheiro, procurando fios de cabelo no boxe, removendo o sangue que estava seco. Se Billy tivesse cometido aquele ato, era de esperar que ele também usasse o chuveiro para limpar qualquer vestígio.

Havia pegadas sujas de sangue no carpete do corredor. Meryl correu até o porão, pegou uma garrafa de água sanitária e passou um pano encharcado no chão, esfregando as marcas de pés até que elas desaparecessem. O segundo andar ficou fedendo a cloro. No entanto, era melhor aquele cheiro do que os outros que estavam sendo encobertos.

Meryl havia dito que levaria algumas coisas para Laurie. Mas teriam de ser coisas novas, pois nada seria retirado daquela casa. Afinal, ela precisaria de uma nova identidade. Ficou nervoso ao pensar em tudo o que eles teriam de fazer para não serem incriminados.

Deixou o pensamento negativo de lado, pois precisava limpar o quarto. Arrancou os lençóis do colchão, já que tinha medo de que houvesse fibras capilares presas a eles. Uma coisa era seus cabelos serem encontrados em qualquer cômodo da casa, outra bem diferente eram pelos púbicos e

manchas de sêmen dele serem detectados em um lençol. Limpou todas as superfícies, sem se preocupar apenas com os objetos que ele havia tocado ou encostado.

Ajeitou a arma na mão de Hugh-Jay para que as pessoas achassem que o primogênito dos Linder havia tirado a própria vida, o que resolvia o problema das impressões digitais. Se não chegassem à conclusão precipitada de que Billy Crosby o assassinara, elas talvez pensassem que Hugh-Jay havia se suicidado. Mas, ao se afastar e ver os sinais de luta no quarto, além de todos os indícios na cozinha, Meryl achou que ninguém iria acreditar naquela hipótese.

Enquanto pensava nesses detalhes, ele andava em volta do corpo de seu melhor amigo. Será que eles realmente haviam sido grandes amigos? Eram mais como irmãos, criados por duas famílias diferentes e que se uniram em uma única família, melhor.

As pessoas sabiam que Meryl gostava de Hugh-Jay e esperariam que ele ficasse arrasado com a morte do amigo. Por incrível que pudesse parecer, ele estava muito triste com o que tinha acontecido. Além disso, a pessoa acusada de ter matado Hugh-Jay seria odiada por toda a cidade. Portanto, Meryl precisava garantir a própria inocência.

Ficou preocupado com o impacto que aquela noite teria pelo resto de sua vida. Afastou o pensamento rapidamente de sua cabeça, pois se tudo corresse bem ele teria tempo suficiente para recompensar os Linder e a filha de Hugh-Jay da melhor maneira possível: tomando conta deles e de seus negócios.

– Sinto muito, companheiro – disse ele ao terminar a faxina. – Não era nossa intenção.

Pegou os lençóis e as fronhas e os levou para o andar de baixo, sabendo que as marcas de suas meias molhadas secariam antes do amanhecer. Enfiou a roupa de cama em um saco de lixo e o levou para a picape de Billy, ainda sem saber o destino que daria àquilo. Meryl se preocuparia com aquele problema mais tarde, pois precisava pegar Laurie antes que as estradas fossem bloqueadas pela chuva.

Em pé na escuridão, ele olhou pela última vez aquela casa, que naquele momento parecia uma grande lápide fincada na terra. *Será que eu limpei toda a sujeira?* Inseguro, entrou novamente na mansão e verificou cada aposento à procura de detalhes que pudessem ter passado despercebidos, e sentiu um frio na espinha ao ver sua gravata caída no chão do quarto de hóspedes. Ele a jogara longe quando tirou a roupa para ir para a cama com Laurie. Nervoso, Meryl a enfiou no bolso do paletó.

Desceu correndo a escada e verificou os cômodos do primeiro andar, usando os nós dos dedos para apertar as trancas das portas externas, esperando que aquilo tornasse mais difícil e demorada a entrada de qualquer pessoa ali.

Laurie estava morta quando Meryl a encontrou e não foi difícil entender o motivo. Uma grande tira de seu vestido havia ficado presa em uma pedra pontiaguda na formação que ela aparentemente tentara escalar. Ele achava que ela devia ter caído de um lugar alto, mas no fim das contas aquilo facilitava bastante sua vida. Meryl precisava se livrar do corpo, da picape de Billy e dos lençóis para então voltar correndo para Rose, deitar na própria cama e esperar a ligação com a terrível notícia.

O corpo de Laurie, sem as roupas, teve como destino uma vala de dejetos de um curral abandonado em uma cidade vizinha. O carro, com o vestido amarelo enfiado dentro de uma sacola que Meryl encontrou no interior do veículo, foi deixado em um córrego.

Desesperado e com medo de o dia nascer, Meryl pegou o saco com a roupa de cama e o levou de volta a Rose. Sentiu-se ridículo fazendo aquilo. Ele havia conseguido se livrar de um corpo e de uma picape enorme, mas não sabia o que fazer com dois lençóis e duas fronhas. Não quis jogá-los na vala do curral com medo de que não afundassem nem quis deixá-los na picape. Ao voltar a pé para casa, como se desafiasse os raios que caíam por todos os lados, Meryl começou a rir por causa daquele último dilema. Parecia algo tolo diante de tudo o que ele fizera nas últimas horas.

Quando acordou pela manhã com o telefone tocando, ele se lembrou dos lençóis escondidos debaixo de sua cama. Estava com medo de lavá-los porque Belle podia vê-los. Também não queria levá-los ao aterro sanitário de Rose ou simplesmente colocá-los na lixeira de casa. Meryl sabia que estava sendo paranoico com algo que aparentemente era simples, mas todo o seu pavor estava concentrado naquela maldita roupa de cama.

Depois de esvaziar uma caixa de papelão, Meryl dobrou os lençóis, colocou-os lá dentro e fechou a tampa. Encontrou um rolo de fita adesiva na escrivaninha e o usou para cobrir completamente a caixa, o que tornaria quase impossível achar um espaço para cortá-la com tesoura. Pediu que Belle a guardasse no porão do museu com a desculpa de que os arquivos pessoais de um cliente ficariam mais seguros em um lugar que no passado abrigara um banco.

Um dia, quando a morte de Hugh-Jay e o desaparecimento de Laurie fossem uma triste lembrança na mente das pessoas, ele pegaria a caixa e a destruiria. Mas, se ele se esquecesse, era provável que o tecido úmido mofasse e se esfarelasse dentro da caixa, deixando Meryl livre de qualquer prova contra ele. Sem falar que a análise de fibras capilares era uma ciência inexata, que poderia ser questionada por um bom advogado de defesa.

Ao encontrar uma solução para seu último problema, o advogado correu para consolar a futura esposa e a família dela naquele momento tão difícil. Meryl encontrou sua absolvição na frase que ele não parava de repetir: “Não foi um crime, foi uma grande tragédia.”

JODY DECIDIU JOGAR FORA sua coleção de mochilas durante as férias de inverno da Escola do Condado de Henderson. Ela esperava que aquele gesto colocasse um ponto final na obsessão que a acompanhava desde a infância. Precisou de dois dias para examinar todas as bolsas, verificando cada item guardado e decidindo se havia algo que valesse a pena manter ou doar para caridade.

Colocou quase tudo em sacos plásticos e os levou ao aterro sanitário de Rose. Pensou em limpar as mochilas e oferecê-las à escola na qual ela lecionava, mas nenhuma criança iria querer usar aquelas bolsas: elas estavam velhas, rasgadas, sujas e fora de moda. Mas havia alguns objetos interessantes dentro delas e Jody queria mostrá-los à sua tia Belle, que poderia aproveitar algum deles para seu museu.

Hugh Senior acabou reconhecendo que estava enganado em relação ao Museu Histórico de Rose.

– Achei que fosse apenas um hobby de Belle – ele admitia abertamente às pessoas, chegando a ser indelicado em seus comentários: – Achei que estivesse jogando dinheiro fora só para que ela fingisse ter um emprego.

Mas Hugh Senior havia se enganado e ficava feliz em reconhecer seu erro. Jody achava incrível que, durante um período em que todos os negócios na cidade estavam falindo, o museu de sua tia estivesse prosperando. Belle era uma curadora que sabia escolher as peças certas e organizava exposições que faziam sucesso em todo o condado de Henderson.

Os textos de Belle eram requisitados pelas grandes publicações do gênero. A única filha de Hugh Senior e Annabelle se tornou o que Meryl chamava de “a garota das consultas”. Historiadores, arqueólogos, geólogos, paleontólogos, escritores, fotógrafos e documentaristas a consultavam sobre as atrações históricas da região, sem falar dos ônibus repletos de estudantes que iam até Rose para visitar Testament Rocks e o museu.

Os estudiosos que chegavam à cidade contribuía para a economia local: comiam na única padaria de Rose e compravam garrafas d’água e protetor solar na mercearia de Byron George. Alguns deles chegavam a ser

convidados para jantar e andar a cavalo na fazenda High Rock. Hugh Senior tinha orgulho de ter recebido o Prêmio Nobel chinês, que adorou o molho de carne preparado por Annabelle.

Jody adorava visitar Belle no museu. Ao se desfazer de sua coleção de mochilas, ela separou alguns objetos que talvez interessassem à tia.

– Onde você arrumou isso tudo? – perguntou Belle à sobrinha.

– Em Testament Rocks. São coisas que eu vi por acaso e peguei.

– Por acaso? – disse ela, olhando com desconfiança para os objetos de Jody.

A tia era uma mulher grande, havia puxado à família do pai, apresentando poucas características da mãe. Ao longo dos anos, sua habilidade na cozinha ajudara a alargar sua cintura.

– Como você fazia na infância?

– Talvez.

– Eu não sabia que você ainda fazia isso.

– Fazia, mas agora não faço mais.

– Humm – Belle resmungou desconfiada. – Estou vendo que a maior parte é lixo – disse ela após inspecionar os primeiros objetos que a sobrinha pôs sobre a bancada de vidro.

– O que *não* é lixo?

– Isto – respondeu Belle, segurando um pedaço de madeira velha. – E isto aqui – um medalhão sem corrente, mas com uma foto antiga de uma menina – e mais isto – uma dobradiça de metal que podia ter feito parte de uma escrivaninha. – Já houve uma escola com uma única sala de aula em Testament Rocks. Foi destruída por um tornado em 1882. A professora e os seis alunos morreram. Acho que estas coisas podem ser daquela época.

– Elas estavam no mesmo local.

Jody achara os objetos na superfície da formação rochosa.

– É mesmo? Então a probabilidade é grande.

Jody ficou emocionada com o medalhão, que poderia ter pertencido à professora ou a uma das crianças.

– Vai exibi-los no museu, tia Belle?

A tia não respondeu. Estava examinando o segundo lote de objetos que a sobrinha espalhou sobre a bancada. Quando finalmente falou, a voz de Belle estava embargada e ela não olhava para Jody.

– Onde você encontrou isto? – Belle segurava na palma da mão uma pequena peça de metal.

– Em Testament Rocks, como todas as outras coisas. Lembra quando perguntei se minha mãe tinha algum amuleto? Pensei que pudesse ser isso.

– Isto não é um amuleto – retrucou Belle com voz ríspida. Ela se virou, mostrando um fecho circular na parte de trás do objeto. – Isto serve para prender uma gravata.

O “amuleto” era uma fivela de prata com a forma de um cavalo empinado.

Jody pegou-a de volta das mãos de Belle e examinou com atenção o objeto, notando que a tia tremia sem parar.

– Isto aqui é uma inscrição? M.T. M.T.? Meryl Tapper? Tia Belle, isto era do tio Meryl?

– Era – respondeu Belle em um sussurro, finalmente encarando a sobrinha. Seus olhos estavam marejados e ela parecia assustada.

– Jody, eu dei isso a ele no Dia dos Namorados daquele ano...

– Daquele ano?

– Em 1986, ano em que seus pais... – Ela não conseguiu terminar a frase. – A última vez que o vi usá-la foi na noite em que eles morreram. Ele me disse no dia seguinte que a havia perdido. Nunca mais o vi usar isso. Jody, se ele o perdeu em Testament Rocks naquela noite...

De repente, Belle saiu correndo de trás do balcão. Com o coração pulando dentro do peito e recusando-se a acreditar no que tinha acabado de ouvir, Jody saiu em disparada atrás da tia. Desceu as escadas e foi até o depósito onde Belle guardava caixas com objetos que ela ganhava, comprava e encontrava.

Como uma mulher enlouquecida, Belle puxava as caixas, derrubando as pilhas organizadas, abrindo caminho até chegar à última fileira. Alcançou uma caixa que estava debaixo de outras nove. Aquela parecia diferente de

todas as outras. Não era um recipiente que ela costumava usar, mas uma caixa de papelão utilizada por escritórios de advocacia para guardar documentos. Jody tinha visto outras iguais àquela no escritório do tio Meryl.

– Pegue a tesoura! – ordenou Belle, apontando para uma mesa.

Jody pegou a tesoura e a entregou à tia, que cortou a fita adesiva passada ao redor da caixa como se o conteúdo fosse o tesouro mais valioso do universo. Depois de arrancar a fita, Belle levantou a tampa.

Jody viu o que parecia ser um tecido podre, mas Belle enxergou algo que a fez cair de joelhos, urrando e chorando. Assustada, Jody se agachou ao lado da tia e pôs a mão em seu ombro, mas Belle se esquivou.

– Tia Belle, o que é isso dentro da caixa?

– Lençóis – a tia soluçou. – Os lençóis da cama que ficava no quarto onde seu pai morreu. Meryl me pediu para guardar esta caixa na manhã seguinte ao crime. Disse que eram arquivos de um cliente e que eles ficariam mais seguros guardados aqui – ela revelou, exclamando em seguida uma coisa que chocou a sobrinha: – Desgraçada! Desgraçada! Desgraçada! Eu a via olhar para ele, mas como ela fazia isso com todos os homens eu não liguei! Eu devia ter desconfiado! Eu devia ter desconfiado!

Tirou da caixa os lençóis imundos e o que pareciam ser fronhas, e disse a segunda coisa que assustou a sobrinha:

– Por que ele não destruiu tudo isto? Por que ele deixou isto aqui?

Jody se levantou e se afastou, horrorizada.

– Tio Meryl matou meu pai? – Ela começou a gritar cada vez mais alto até que Belle a segurou, tentando fazê-la parar. Mas Jody continuava a berrar: – O que ele fez com minha mãe? O que ele fez com minha mãe?

Meryl talvez não confessasse, mesmo quando confrontado com a incontestável prova de DNA dos fios de cabelo remanescentes que o xerife entregou para os peritos, uma vez que as manchas de sêmen nos lençóis já não serviam para análise. Talvez ele se declarasse inocente e fosse a julgamento.

Afinal, não havia nenhuma outra prova que o ligasse aos assassinatos e o fato de ele ter feito sexo com Laurie Linder não provava que ele tinha matado o marido dela. Com base em acontecimentos passados e presentes, sua defesa ainda poderia criar outro argumento contra Billy Crosby para suscitar dúvidas no júri.

Jody e seu avô foram visitar Meryl na cadeia. Hugh Senior sentou-se à sua frente e o observou sem falar nada. Jody implorou que o tio lhe dissesse onde sua mãe estava. Ela acharia mais tarde que foi o olhar do avô que fez aquele homem abrir a boca, mas, ainda assim, não falou diretamente com ele.

Meryl contou toda a verdade ao xerife, dizendo que se sentia incomodado de dizer à sobrinha que havia jogado o corpo de sua mãe na vala de dejetos de um curral. Jody concluiu que ele não confessara por piedade, mas por vergonha. Depois disso, ele acabou admitindo que havia matado Valentine.

– Não houve homicídio, foi apenas um acidente – insistiu ele com o xerife e com todas as pessoas que o quisessem ouvir, como se nunca tivesse tido intenção de matar ninguém.

Meryl repetiu essa afirmação durante um tempo, mas acabou confessando que matara Valentine para forçar o xerife a começar uma nova investigação de homicídio, tirando o foco do caso reaberto por Collin Crosby, que poderia incriminá-lo no fim das contas.

– As mortes de Hugh-Jay e Laurie – Meryl protestou, com sua indignação típica de advogado – também foram acidentais. Foi uma terrível tragédia. Hugh-Jay era meu melhor amigo, era um irmão para mim. Eu devo tudo aos Linder.

Duas semanas após sua prisão, Meryl Tapper sofreu um ataque cardíaco. O peso que ele ganhara ao longo dos anos – que em nada lembrava o rapaz elegante que era desejado por todas as mulheres de Rose – contribuiu para acabar com sua vida. A família Linder sentiu um grande alívio com aquela morte repentina. Depois de toda a confusão causada por Billy, nem Bobby nem Chase pensavam mais em vingança.

– VOVÓ – DISSE JODY depois de contar como tinha sido seu dia –, preciso lhe perguntar uma coisa.

Três meses após a morte de Meryl, elas estavam na cozinha da casa de pedra porque seus tios e primos se encontravam em Rose e alguns deles gostavam de fazer companhia a Jody. Annabelle cozinhava naquela noite, o que era um privilégio para a jovem professora que tinha acabado de chegar em casa depois de um dia de trabalho.

Naquela noite de inverno, Jody se sentia cansada e orgulhosa ao mesmo tempo. Uma de suas alunas mais tímidas respondera a uma pergunta sua naquela tarde.

– A senhora se lembra do que me disse a respeito de Collin Crosby?

Annabelle, que estava descascando batatas, parou e olhou para a neta, que percebeu que a avó não se lembrava.

– A senhora me disse para ser gentil com ele.

– Ah...

A avó voltou ao trabalho, mas em ritmo mais lento. O peso da culpa que ela e o marido sentiam por ter acusado erroneamente Billy, por ter acolhido o assassino do filho e pela morte de Red era quase insuportável. Era algo que os envelhecera e os tornara mais humildes, fazendo deles duas pessoas mais conformadas e tristes, mais clementes com os outros, embora não consigo mesmos.

Hugh Senior começou a apresentar lapsos de memória, achando algumas vezes que Billy havia cometido todos aqueles crimes e o odiando do fundo de seu coração. Depois de um tempo, ele se lembrava horrorizado do que realmente havia acontecido.

Jody sabia que a única coisa que podia fazer por eles era continuar a amá-los.

Ela perguntou gentilmente à sua avó:

– O que a senhora acha dele agora?

Annabelle soltou o descascador de batatas e olhou pela janela em cima da pia.

– Eu me sinto muito culpada, meu amor.

– Mais alguma coisa?

– Grata também. Ele salvou sua vida ao ligar para nós quando aquele canalha colocava sua vida em perigo.

– Talvez devamos convidá-lo para jantar uma noite.

– O quê?

Annabelle se virou tão rápido que acabou derrubando da bancada uma batata, que rolou em direção aos pés de Jody. Ela a pegou, sentiu o cheiro de terra e a pôs sobre a mesa. Antes do Natal, ela havia pintado a mesa e as cadeiras de azul.

– Jody, não podemos fazer isso. Seria constrangedor para todos. Na verdade, seria terrível. Ele não viria, de qualquer maneira, mas não posso culpá-lo por isso. Tenho certeza de que ele não quer saber da gente.

Jody engoliu em seco, porém se arriscou a dizer:

– Ele quer saber de mim, vovó.

Os joelhos de Annabelle cederam e Jody se levantou para ajudá-la, mas a avó se agarrou à pia e reassumiu sua postura elegante de sempre.

– Não, não é uma boa ideia, querida. Muitas coisas... Coisas de mais...

Chase entrava na cozinha naquele momento.

– O que não é uma boa ideia?

– Collin Crosby – disse Annabelle em tom perplexo.

– E eu – completou Jody.

Chase ficou imóvel, o que a fez se lembrar do momento em que sua tia reconheceu a fivela de prata. O coração de Jody disparou enquanto ela esperava pelo comentário impiedoso do tio.

– Você está saindo com ele?

– Estou.

– Desde quando?

– Há um tempinho, tio Chase.

– Aquelas viagens que você fez para encontrar uns amigos...

– Sim, eu me encontrava com ele!

Ele a ficou olhando sem dizer nada.

– Quando isso tudo começou?

– Quando éramos crianças. Sempre rolou uma atração entre nós dois.

Jody olhou para o tio e para a avó. Eles não sabiam que ela e Collin conversavam bastante, percebendo como suas vidas se cruzavam pelos mais variados motivos, procurando e encontrando no outro uma compreensão que não encontravam em ninguém. Ela respirou fundo.

– Eu não achava que isso fosse possível para mim nem para ele. Sei que coisas ruins podem acontecer em nossas vidas, assim como acontecem na vida de qualquer pessoa, mas... – disse ela quase chorando. – É a mão de Collin que eu quero segurar nos momentos difíceis. Um dos motivos pelos quais ele lutou para tirar o pai da prisão foi acreditar no princípio da justiça. Ele sempre soube que o pai era inocente. Ele acreditava que aquela era a única maneira de provocar uma nova investigação. E Collin desejava reabrir o caso porque ele achava que eu acabaria descobrindo o que havia acontecido com minha mãe.

Quando Jody viu a avó e o tio franzindo a testa como se não entendessem o que ela estava dizendo, ela respirou fundo, imaginando-se montada em um cavalo e preparando-se para saltar um último obstáculo.

– Ele fez aquilo por *mim* – disse ela, encerrando o que tinha a dizer.

Chase olhou para a mãe, que devolveu o olhar.

– Bem, não vejo por que ele não deveria vir jantar aqui, desde que ele não se importe em sentar à mesma mesa que nós.

Ela mal podia acreditar no que ouvia.

– Acho que vocês dois não batem muito bem da cabeça. Mas, se vocês querem essa união, quem sou eu para impedi-la? – sentenciou Chase, enquanto Annabelle o olhava boquiaberta. – Frango – disse ele em seguida, sugerindo o cardápio do jantar. – Se não gostar de seu frango frito, mãe, o rapaz não serve para esta família. Se ele gostar, da próxima vez eu faço um belo churrasco.

Chase saiu da cozinha, levando consigo a gratidão da sobrinha. Mas voltou em seguida e disse baixinho:

– Não se preocupe: se ele não quiser minha presença, eu ficarei longe.

Jody achou que aquela fora a coisa mais sensata que seu tio lhe dissera em toda a sua vida.

– Todos nós vamos nos acostumar uns com os outros – retrucou ela.

– Acho que ele deve nos odiar.

– Ele não é assim, tio Chase.

Ele apertou os olhos, como se estivesse avaliando a capacidade da sobrinha de julgar coisas daquele tipo.

– Vou ficar de olho – disse ele ao sair novamente da cozinha, mas voltando outra vez para falar mais uma coisa para a mãe: – Precisamos de um novo advogado na família.

Não deixava de ser uma piada, ainda que fosse triste e sem graça.

Annabelle estava com lágrimas nos olhos.

– Acho que você vai acabar se mudando para Topeka, minha querida.

– Mas eu só estou sugerindo um jantar, vovó. Não estamos nos casando!

– Por enquanto, não é? – a avó completou enquanto pegava novamente o descascador de batatas.

– E eu ainda tenho um ano letivo inteiro pela frente, está lembrada?

– Há escolas em Topeka – retrucou Chase, sem ajudar muito.

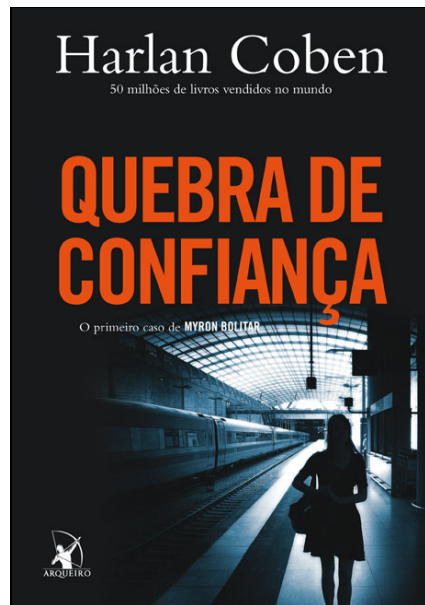
– Que não fica tão longe daqui – acrescentou Jody rapidamente.

Ela se levantou, foi até a avó e a abraçou. As duas mulheres ficaram naquela posição até Chase sair da cozinha e a água das batatas começar a ferver.

Agradecimentos

A QUANTIDADE DE PALAVRAS de um romance não é suficiente para expressar minha gratidão à minha editora Linda Marrow. Agradeço do fundo de meu coração a quatro pessoas que foram importantes para que eu escrevesse este livro: Dana Isaacson, Sally Goldenbaum, Donald Maass e Randy Russell. Dedico todo o meu amor ao meu filho, Nick Pickard, especialista em arame farpado e mães escritoras, e à minha mãe, Mary Wolfe, que sabe como ninguém o momento certo de preparar uma sopa e prefere não perguntar como anda o ritmo do trabalho. Sopa é o melhor estímulo para escrever. Obrigada à minha tranquila e solidária agente, Meredith Bernstein, e aos meus amigos na internet e no mundo real. Um agradecimento especial aos maravilhosos bibliotecários da “minha” biblioteca, a Central Resource Library, do condado de Johnson, no Kansas. Sou grata também à população do condado de Gove, que me deixou “roubar” suas famosas Monument Rocks e transportá-las até um condado imaginário no Kansas.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



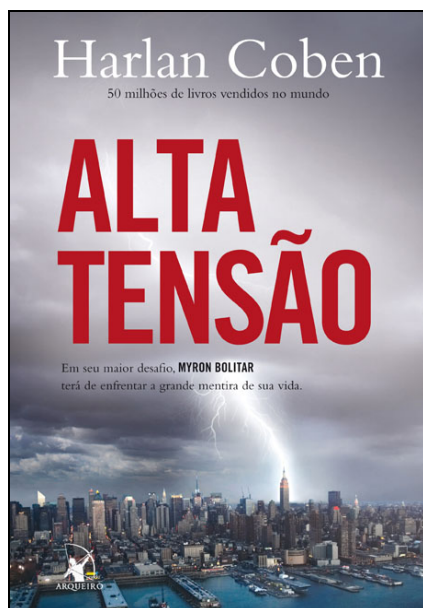
Quebra de confiança
Harlan Coben

Este é um momento importante na carreira de Myron Bolitar. Depois de agenciar alguns atletas pouco conhecidos, ele agora é o empresário de Christian Steele, a maior promessa do futebol americano de todos os tempos. Talentoso, bonito, centrado e carismático, tudo indica que o rapaz também poderá arrematar milhões em contratos de publicidade.

Mas, ao mesmo tempo que vive o auge na carreira, Christian enfrenta um drama na vida pessoal. Um ano e meio atrás, sua noiva, Kathy Culver, desapareceu subitamente e, exceto pelos fortes indícios de que tenha sofrido uma agressão sexual, a polícia não conseguiu descobrir nada sobre sua última noite no campus da Universidade Reston.

Prestes a ser contratado em uma negociação que pode ser a maior de todos os tempos em sua categoria, Christian recebe o exemplar de uma revista que traz a foto de Kathy em um anúncio de disque sexo. Além disso, o caso acaba de ganhar mais um ingrediente de terror: três dias atrás, Adam Culver, pai dela, foi morto em um assalto bastante suspeito.

Agora, com a ajuda de Win, seu melhor amigo, Myron tentará impedir que as notícias sobre a ex-noiva de Christian atrapalhem a carreira do rapaz e irá em busca da verdade – doa a quem doer.



Alta tensão
Harlan Coben

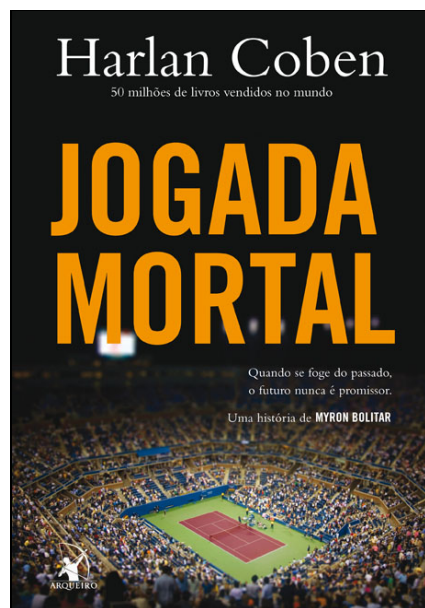
Uma mensagem anônima deixada no Facebook da ex-estrela do tênis Suzze T põe em dúvida a paternidade de seu filho. Grávida de oito meses, ela pede a ajuda de seu agente e amigo Myron Bolitar para descobrir o responsável por essa intriga e trazer de volta seu marido, o astro do rock Lex Ryder, que saiu de casa depois de ler o texto.

Descobrir o paradeiro de Lex não é tarefa difícil para um ex-agente do FBI. Mas, na mesma boate onde o encontra, Myron é surpreendido ao ver Kitty, a mulher que fugiu com seu irmão, Brad, e o afastou para sempre da família.

Tentando ajudar a amiga e reencontrar o irmão mais novo, Myron se vê preso numa rede de segredos obscuros que põe em risco as pessoas que ele mais ama. Agora só a verdade poderá salvá-las. Mas, para que ela prevaleça, nenhuma mentira pode restar – seja ela de Suzze, Lex, Kitty ou do próprio Myron.

Nessa premiada história, Harlan Coben mais uma vez consegue construir uma trama envolvente, que fala de fama, ganância e rivalidade e surpreende por seu toque humano.

Na aventura mais difícil de Myron Bolitar, seu passado vem à tona e, junto com ele, feridas que jamais se fecharão.



Jogada Mortal
Harlan Coben

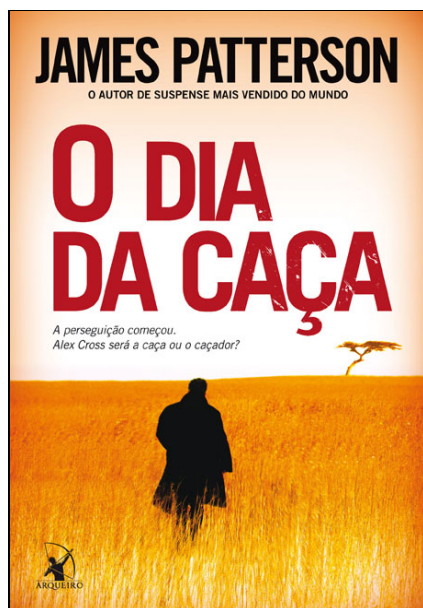
Aos 16 anos, Valerie Simpson já era finalista do Aberto de Tênis da França. Depois de brilhar nos circuitos internacionais do esporte, de repente tudo mudou. A jovem ficou reclusa e deixou de lado as competições de alto nível.

Seis anos depois, ela está disposta a retomar a carreira e procura Myron Bolitar para ser seu agente. Para ele – que já agencia Duane Richwood, cotado para vencer seu primeiro Grand Slam –, essa é uma ótima oportunidade. Mas seus planos têm fim quando Valerie é morta e Duane se torna o principal suspeito do assassinato.

Apesar de o rapaz estar em quadra na hora do crime, algo parece não se encaixar na história que conta à polícia. Ele garante não conhecer Valerie, mas seu número de telefone estava na agenda da jovem.

Insatisfeito com o rumo das investigações policiais, Myron sai em busca da verdade. E descobre que, além de prováveis ligações que a moça fez para Duane de um telefone público, há um passado de dor e mentiras que talvez leve ao verdadeiro motivo do crime.

Agora, com a ajuda do excêntrico Windsor Horne Lockwood III e da ex-profissional de luta livre Esperanza Diaz, Myron enfrentará inimigos poderosos que tentam a todo custo impedir que a verdade venha à tona.



O dia da caça
(Série Alex Cross)
James Patterson

Alex Cross perdeu os pais quando tinha 10 anos e então mudou-se para Washington, D.C., para viver com a avó, Nana Mama. É com a ajuda dela que cria os três filhos desde que sua primeira esposa, Maria, morreu baleada num caso nunca solucionado.

Com uma longa e bem-sucedida carreira na polícia, o detetive, que é também ph.D. em psicologia, mantém um consultório particular e presta serviços ao Departamento de Crimes Hediondos da Polícia Metropolitana.

Em *O dia da caça*, Cross se vê diante de um dos piores crimes com que já se deparou: uma família inteira foi morta dentro de casa. O cenário não deixa dúvida quanto à crueldade dos assassinos – corpos esquartejados, móveis revirados, janelas e vidros estilhaçados.

Ao descobrir que uma das vítimas foi sua namorada na faculdade, Cross toma o caso como pessoal e se dispõe a pegar o assassino custe o que custar.

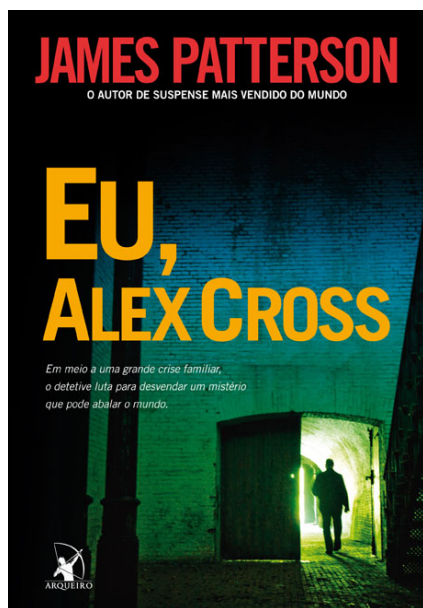
Com a ajuda de sua atual namorada, a detetive Brianna Stone, ele começa as investigações e é levado ao submundo de Washington. O que descobre é pior do que imaginava: os responsáveis por tamanha atrocidade são adolescentes – meninos, na verdade.

Quando outro crime com os mesmos traços de barbárie vitima mais uma família inteira, dando indícios de que o assassino viajou para a África, Cross não hesita nem por um instante. Apesar dos protestos de Bree e de Nana Mama, ele parte para a Nigéria em busca de justiça.

Ao chegar lá, percebe que as coisas não serão nada fáceis. Capturado, espancado e desprotegido, logo descobre que o criminoso – conhecido apenas como Tiger – não está sozinho. Na verdade, ele conta com a ajuda de pessoas muito poderosas e influentes.

Diante de uma conspiração que ultrapassa fronteiras, Alex Cross trava uma batalha pessoal contra a corrupção. No entanto, quando não se sabe mais quem são os mocinhos e quem são os bandidos, ninguém está em segurança.

Com um ritmo eletrizante, *O dia da caça* é uma aventura de tirar o fôlego e deixa claro por que James Patterson é o autor de suspense mais lido do mundo.



Eu, Alex Cross
(Série Alex Cross)
James Patterson

Alex Cross está comemorando seu aniversário com a família e os amigos quando toca o telefone. Seria apenas mais uma ligação inconveniente de trabalho não fosse a notícia bombástica: Caroline Cross, sobrinha do detetive, foi brutalmente assassinada.

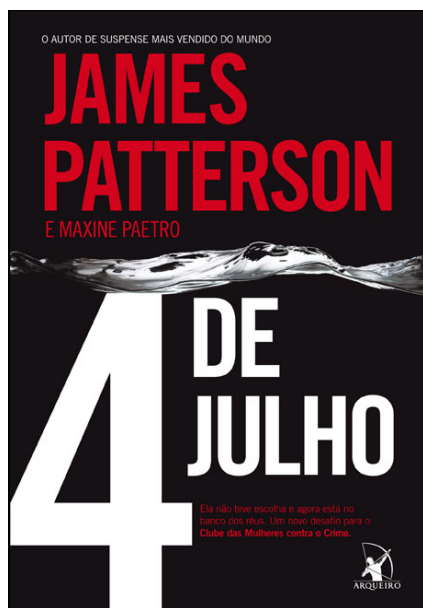
Com o apoio de sua namorada, a detetive Brianna Stone, Cross se lança às investigações, determinado a encontrar e punir os responsáveis pela morte da sobrinha. A primeira coisa que ele descobre é desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

É assim que chega ao Blacksmith Farms, um clube privativo de altíssimo luxo na Virgínia. Um dos clientes mais assíduos é um misterioso homem conhecido apenas como Zeus. Ele mantém exclusivamente para si a suíte VIP do clube, que custa a partir de 20 mil dólares a diária. Quem poderia bancar um luxo daqueles?

Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar que está envolvido em algo muito maior do que havia imaginado.

Cross terá que trabalhar sozinho e às escondidas para encontrar os assassinos de sua sobrinha e evitar que um grande caso de acobertamento impeça que seja feita justiça.



4 de julho
(Série Clube das Mulheres contra o Crime)
James Patterson

Lindsay Boxer é uma policial exemplar. Chefe do Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco, a tenente recebeu várias medalhas e menções honrosas durante seus 10 anos de serviço.

Ao fim de um cansativo dia de trabalho, Lindsay se encontra com Claire Washburn e Cindy Thomas num bar. As três amigas compõem o Clube das Mulheres contra o Crime, grupo que tenta solucionar os casos ocorridos na cidade.

Após alguns drinques, a tenente recebe uma ligação do inspetor Warren Jacobi. Ele acaba de localizar um veículo suspeito, visto na cena de um crime. Em poucos minutos Lindsay está no carro de Jacobi, cruzando a cidade na cola de um Mercedes preto.

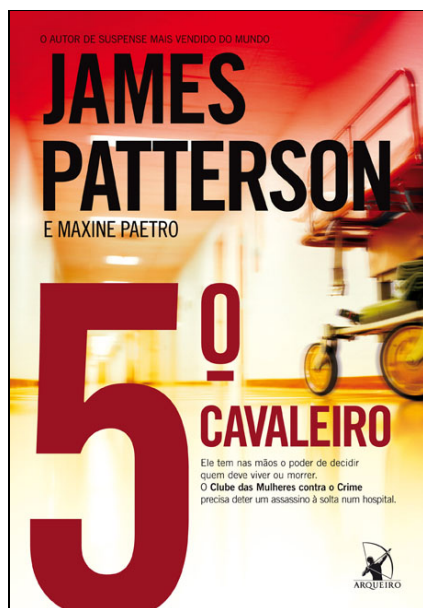
Depois de uma longa perseguição, a abordagem policial acaba fugindo do controle. Os dois adolescentes que estavam no carro reagem, descarregando

suas armas contra a dupla de policiais. A tenente atira em legítima defesa, mas o resultado é uma menina morta e um garoto tetraplégico.

Lindsay é acusada, entre outras coisas, de má conduta profissional e se vê num lugar que nunca imaginaria ocupar: o banco dos réus. Será o fim do Clube das Mulheres contra o Crime? A jovem advogada Yuki Castellano conseguirá provar a inocência da tenente?

Enquanto aguarda o julgamento, Lindsay decide passar uma temporada em Half Moon Bay. Mas a pacata cidade vem sendo palco de crimes brutais e a polícia parece não fazer nada. Mesmo de licença e fora de sua jurisdição, a tenente resolve investigar os assassinatos, com a ajuda de Claire e Cindy. Para sua surpresa, ela encontra ligações entre aquelas mortes e um caso ocorrido 10 anos antes, que ainda é uma mancha em sua carreira.

O Clube das Mulheres contra o Crime é uma das melhores séries de suspense de todos os tempos. Escrito de maneira ágil e envolvente, *4 de Julho* comprova por que os livros de James Patterson sempre chegam ao topo das listas de mais vendidos nos países onde são publicados.



5º cavaleiro
(Série Clube das Mulheres contra o Crime)
James Patterson

No meio da madrugada, Jessica Falk acorda em desespero, sentindo uma forte dor no peito. Lembra que está internada e tenta pedir ajuda, mas a campainha de emergência escorrega de seus dedos. Ao olhar para o lado, percebe um vulto se movendo nas sombras. Estica o braço num pedido de socorro, porém sua visão fica turva e o ar se recusa a chegar a seus pulmões.

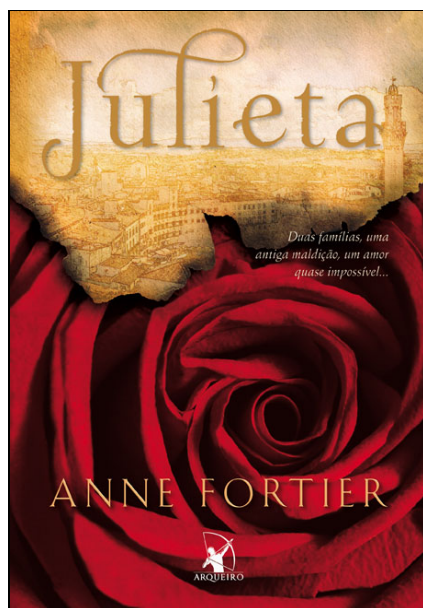
Com uma das melhores equipes de profissionais do país, o Hospital Municipal de São Francisco não sabe responder à incômoda pergunta levantada na manhã seguinte à morte de Jessica: como aquela jovem paciente pôde ter falecido se seu quadro era estável e em breve ela receberia alta?

A situação é ainda mais grave porque, nos últimos tempos, 20 pessoas internadas ali perderam a vida de maneira suspeita.

O caso vai parar na Justiça, tendo a famosa advogada Maureen O'Mara como representante das famílias das vítimas. O processo contra o hospital

acaba mobilizando São Francisco e despertando o interesse do Clube das Mulheres contra o Crime, grupo de quatro amigas que se dedicam a desvendar os mais instigantes casos da cidade.

Yuki Castellano – a mais nova integrante do Clube, que reúne a tenente Lindsay Boxer, Claire Washburn e Cindy Thomas – vive um drama pessoal: sua mãe está internada na UTI do centro médico e, ao que tudo indica, corre um sério risco, pois há suspeitas de que um maníaco à solta pelos corredores se acha no direito de decidir quem deve viver ou morrer.



Julieta
Anne Fortier

Julie Jacobs é uma moça reservada e solitária. Ainda criança, perdeu os pais num terrível acidente de carro e foi criada por sua tia-avó Rose. Durante toda a vida, Julie teve problemas de relacionamento com Janice, sua insuportável irmã gêmea, e a pessoa de quem se sentia mais próxima era Umberto, o fiel mordomo de Rose.

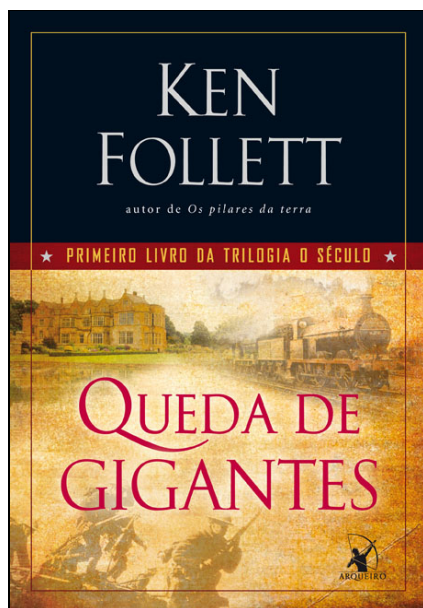
É ele que vai ao seu encontro para dar a triste notícia da morte da tia e lhe entrega uma carta com uma revelação bombástica: seu verdadeiro nome é Giulietta Tolomei. A carta diz também que, antes de morrer, sua mãe descobrira um antigo tesouro de família e, ao que parece, algo muito valioso ainda está escondido em Siena.

Embora descrente, Julie viaja para sua cidade natal a fim de recuperar a herança da mãe. Ao chegar lá, encontra apenas objetos velhos, aparentemente sem valor. Ela também conhece algumas pessoas, quase todas adoráveis, com exceção de Alessandro, de quem desgosta de cara.

Lendo um velho diário que encontrou entre os pertences da mãe, Julie descobre que sua família, os Tolomei, tem uma antiga inimizade com os Salimbeni e que essa rixa provocara uma tragédia que atravessou os séculos – e que Shakespeare tornou mundialmente famosa ao escrever *Romeu e Julieta*.

Quanto mais fundo ela mergulha na história de seus ancestrais, Romeo e Giulietta – e de sua própria família –, e quanto mais perto chega do tesouro supostamente deixado pela mãe, maiores são os riscos que a cercam.

Pouco a pouco Julie, ou Giulietta, vai perceber que, nessa cidade, passado e presente parecem indissociáveis. E que nem sempre se pode ter certeza de quem é ou não confiável.



Queda de gigantes
Ken Follett

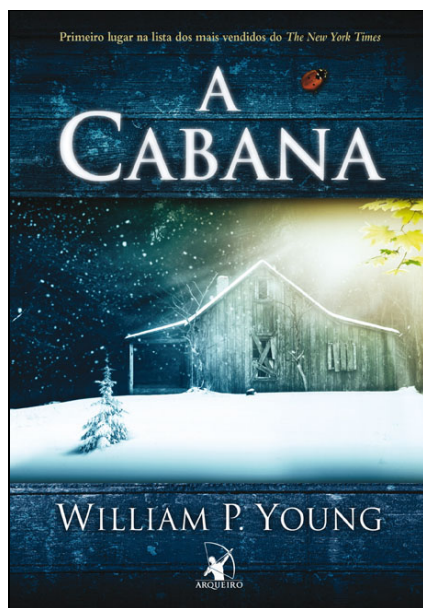
Cinco famílias, cinco países e cinco destinos marcados por um período dramático da história. *Queda de gigantes*, o primeiro volume da trilogia “O Século”, do consagrado Ken Follett, começa no despertar do século XX, quando ventos de mudança ameaçam o frágil equilíbrio de forças existente – as potências da Europa estão prestes a entrar em guerra, os trabalhadores não aguentam mais ser explorados pela aristocracia e as mulheres clamam por seus direitos.

De maneira brilhante, Follett constrói sua trama entrelaçando as vidas de personagens fictícios e reais, como o rei Jorge V, o Kaiser Guilherme, o presidente Woodrow Wilson, o parlamentar Winston Churchill e os revolucionários Lênin e Trótski. O resultado é uma envolvente lição de história, contada da perspectiva das pessoas comuns, que lutaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, ajudaram a fazer a Revolução Russa e tornaram real o sonho do sufrágio feminino.

Ao descrever a saga de famílias de diferentes origens – uma inglesa, uma galesa, uma russa, uma americana e uma alemã –, o autor apresenta os fatos sob os mais diversos pontos de vista. Na Grã-Bretanha, o destino dos Williams, uma família de mineradores de Gales do Sul, acaba irremediavelmente ligado por amor e ódio ao dos aristocráticos Fitzherberts, proprietários da mina de carvão onde Billy Williams vai trabalhar aos 13 anos e donos da bela mansão em que sua irmã, Ethel, é governanta.

Na Rússia, dois irmãos órfãos, Grigori e Lev Peshkov, seguem rumos opostos em busca de um futuro melhor. Um deles vai atrás do sonho americano e o outro se junta à revolução bolchevique. A guerra interfere na vida de todos. O alemão Walter von Ulrich tem que se separar de seu amor, lady Maud, e ainda lutar contra o irmão dela, o conde Fitz. Nem mesmo o americano Gus Dewar, o assessor do presidente Wilson que sempre trabalhou pela paz, escapa dos horrores da frente de batalha.

Enquanto a ação se desloca entre Londres, São Petersburgo, Washington, Paris e Berlim, *Queda de gigantes* retrata um mundo em rápida transformação, que nunca mais será o mesmo. O século XX está apenas começando.



A cabana
William P. Young

Durante uma viagem que deveria ser repleta de diversão e alegria, uma tragédia marca para sempre a vida da família de Mack Allens: sua filha mais nova, Missy, desaparece misteriosamente. Depois de exaustivas investigações, indícios de que ela teria sido assassinada são encontrados numa velha cabana.

Imerso numa dor profunda e paralisante, Mack entrega-se à Grande Tristeza, um estado de torpor, ausência e raiva que, mesmo após quatro anos do desaparecimento da menina, insiste em não diminuir.

Um dia, porém, ele recebe um estranho bilhete, assinado por Deus, convidando-o para um encontro na cabana abandonada. Cheio de dúvidas, mas procurando um meio de aplacar seu sofrimento, Mack atende ao chamado e volta ao cenário de seu pesadelo.

Chegando lá, sua vida dá uma nova reviravolta. Deus, Jesus e o Espírito Santo estão à sua espera para um “acerto de contas” e, com imensa benevolência, travam com Mack surpreendentes conversas sobre vida,

morte, dor, perdão, fé, amor e redenção, fazendo-o compreender alguns dos episódios mais tristes de sua história.

Intenso, sensível e profundamente transformador, esse livro vai fazer você refletir sobre o poder de Deus, a grandeza de seu amor por nós e o sentido de todo o sofrimento que precisamos enfrentar ao longo da vida

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br